

Universidade de Brasília
Instituto de Humanidades
Departamento de História
Programa de Pós-graduação em História
Área de concentração: História e Historiografia das Idéias

Sob o céu das valquírias:
as concepções de heroísmo e honra dos pilotos de
caça na Grande Guerra (1914-18)

Delmo de Oliveira Arguelhes

Maio de 2008

Universidade de Brasília
Instituto de Humanidades
Departamento de História
Programa de Pós-graduação em História
Área de concentração: História e Historiografia das Idéias

Sob o céu das valquírias:
as concepções de heroísmo e honra dos pilotos de
caça na Grande Guerra (1914-18)

Delmo de Oliveira Arguelhes

Tese apresentada como exigência final
do doutorado em andamento sob a
orientação da professora doutora Sonia
Maria Siqueira de Lacerda e co-
orientação do professor doutor João
Ferreira

Maio de 2008

SUMÁRIO

Resumo	v
<i>Abstract</i>	vi
<i>Résumé</i>	vii
Agradecimentos	viii
Sobre guerras e heróis	001
I – A era dos ases	022
II – Tradições heróicas	073
III – A cavalaria morreu...	131
IV – Circo voador	191
V – Os poucos	245
<i>Coda</i>	294
Anexos	299
Fontes	313
Índice	335

Sob a história, a memória e o esquecimento.

Sob a memória e o esquecimento, a vida.

Mas escrever a vida é outra história.

Inacabamento.

Paul Ricœur

Com muito afeto, respeito e admiração, esta tese é dedicada a:

Generalleutnant Adolf Galland (1912-1996). Ás de 104 vitórias. Combateu nos céus da Espanha, França, Inglaterra e Alemanha.

Professor João Pedro Mendes (1937-2000). Ás do pensamento. Filólogo, filósofo, doutor em letras clássicas e pós-doutor em retórica medieval.

Sandra, minha companheira. Leitora sagaz e crítica implacável.

Luiza, minha filha. Alegria da minha vida.

Resumo

Sob o céu das valquírias ocupa-se das concepções de heroísmo, honra e cavalheirismo expressas nas autobiografias de quatro ases da Grande Guerra: Manfred von Richthofen, Ernst Udet, Edward Mannoock e William Bishop. Concepções similares, contidas em grandes obras literárias da Antigüidade, do Medievo e do Romantismo europeu, foram examinadas com o objetivo de estabelecer suas permanências e ressignificações nos relatos desses pilotos.

Abstract

Sob o céu das valquírias (Beneath the Valkyries' sky) dwells upon the conceptions of heroism, honour and chivalrousness expressed in the autobiographies of four aces from the Great War: Manfred von Richthofen, Ernst Udet, Edward Mannock and William Bishop. Similar conceptions, enclosed in great literary works from Antiquity, Middle Ages and European Romanticism were examined with the purpose of establishing the remaining and revisited meaningfulnesses in the pilot reports.

Résumé

Sob o céu das valquírias (Sous le ciel des Walkyries) concerne les conceptions d'héroïsme, d'honneur et de noblesse exprimées dans les autobiographies de quatre as de la Grande Guerre: Manfred von Richthofen, Ernst Udet, Edward Mannock et William Bishop. Des conceptions similaires contenues dans de grandes œuvres littéraires de l'Antiquité, du Moyen Age et du Romantisme européen ont été analysées dans le but d'établir ce qui est permanent et ce qui est signification revue dans les récits des pilotes.

Agradecimentos:

Esta tese, desenvolvida e redigida nos últimos nove anos, só se tornou possível graças à ajuda e apoio de:

Sonia Lacerda, minha orientadora. Especialista em Antigüidade e século XVIII, teve a coragem de aceitar me guiar, num tema que além de complexo, é centrado no século XX. Exerceu a função com segurança, maestria, competência e rigor, impedindo que eu me perdesse no meio de tantas informações, ou ficasse me exibindo.

João Ferreira, especialista em filosofia medieval, filologia e teoria literária. Aposentado desde 1996, aceitou o fardo da co-orientação. A única coisa comparável à sua notável erudição é sua gigantesca bondade e generosidade.

Sandra, minha companheira. Leu os originais e fez observações fundamentais. Sempre presente, providenciou o apoio moral e material que tanto necessitei. Luiza, minha filha, ajudou muito não quebrando o meu computador, não sumindo com os originais, não rabiscando os meus livros e não rasgando as minhas anotações.

Carmen Lícia, medievalista e colega no UniCEUB. Além de contribuir com várias leituras e sugestões, apóia a minha carreira acadêmica e profissional há mais de 15 anos.

Professores da UnB: José Flávio Sombra Saraiva, Geralda Aparecida, José Otávio Nogueira e Anna Vicentini.

Minha professora de alemão, *Frau* Traute Angelica Hittel. Sua ajuda foi fundamental para o quarto capítulo.

Adhemar, livreiro excepcional. Se nem ele conseguisse localizar uma edição rara, ninguém mais poderia.

Andréa “Polaca” Modtkowski. Minha grande amiga e porto seguro para os momentos de desespero durante o doutorado.

Meus amigos Hermano Matos, Marcelo “Zeca” José Domingos, Ligia Malcher, Lídia, Tânia Siqueira, Ludmila Lima, Américo Lyra, Guilherme Assis de Almeida, André Lopes, Rodrigo Falcão, Lúcio “Acaba logo essa merda!” Castelo Branco. Vocês me apoiaram muito.

Meus alunos e colegas professores do UniCEUB, UniEURO e Alvorada pelo estímulo constante.

At least, but not last, os ases da Grande Guerra, cujas aventuras e escritos não apenas inspiraram, mas alimentaram esta tese: Manfred von Richthofen, Ernst Udet, Werner Voss, Edouard von Schleich, Lothar von Richthofen, Oswald Boelcke, Max Immelmann, René Fonck, Georges Guynemer, Charles

Nungesser, Roland Garros, Eduard Pégoud, Edward Mannoock, William Bishop, Albert Ball, Lanoe G. Hawker.

Se o leitor encontrar algo útil nessas páginas, é um débito direto com todas essas pessoas. Os erros, incorreções e demais deslizes são, naturalmente, de minha inteira responsabilidade.

Sobre guerras e heróis

*Que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus crânios e devorou
seus cérebros e imaginação? Moloch! Solidão! Sujeira! Fealdade!
Latas de lixo e dólares inatingíveis! Crianças berrando sob as
escadarias! Garotos soluçando nos exércitos! Velhos chorando nos
parques!*

*Moloch! Moloch! Pesadelo de Moloch! Moloch o mal amado!
Moloch mental! Moloch o pesado juiz dos homens!*

Allen Ginsberg, Uivo.

A guerra: conceitos e variação no Ocidente

A guerra é um dos problemas cruciais da humanidade. Mesmo nos períodos de paz, sua presença é sentida. Se a guerra é analisada sob os vários pontos de vista teóricos e empíricos, a paz é definida como a ausência de conflito. Em outras palavras, a paz não é apenas um conceito dependente do de guerra, outrossim, é um fenômeno posterior à guerra. Definir conceitos negativamente é um problema largamente conhecido. Mas ainda assim fica exposta de modo claro a precedência teórica da guerra sobre a paz.

A guerra implica ações interdependentes de forças antagônicas, onde o comportamento do outro é um elemento fundamental.¹ Na Europa moderna, a arte da guerra foi largamente influenciada pelas concepções do general prussiano Carl von Clausewitz (1780-1831) que definiu, *a priori*, a atividade bélica como a imposição da própria vontade a outrem, por meio da violência.² Mais do que conquistar territórios ou destruir formações adversárias, o fundamental para atingir a vitória na guerra, segundo ele, é desarmar o inimigo; persuadi-lo da vantagem de render-se, em vez de continuar resistindo. Outra definição clausewitziana, muito mais notória e complementar à primeira, caracteriza a guerra como continuação das relações políticas por outros meios.³ A guerra é o meio, enquanto a intenção política é o fim. Não se concebe o meio independentemente do fim.⁴ A violência bélica é aplicada mediante os instrumentos de luta que são as armas.⁵

A guerra é uma das atividades humanas mais antigas e constantes, mas assumiu os mais diversos significados entre os vários grupamentos sociais de

¹ Cf. Clemente Ancona. 'Guerra'. Em *Enciclopédia Einaudi – volume 14: Estado / guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1989, p. 349.

² Carl von Clausewitz. *Da guerra*. Brasília / São Paulo: Edunb / Martins Fontes, 1979, p. 73.

³ *Ibidem*, p. 87.

⁴ *Ibidem*, p. 88.

⁵ As armas podem assumir as mais diversas formas e usos. Consideraremos aqui armas como instrumentos fabricados exclusivamente para luta, tanto ofensiva como defensiva. Cf. Clemente Ancona. 'Armas'. Em *op. cit.*, pp. 330-47.

épocas e locais distintos. Percebemos uma tradição bélica européia, desenvolvida da Antigüidade clássica à atualidade. Denominamos esta tradição *guerra ocidental*.⁶

Ao estudar a guerra, Jean-Baptiste Duroselle se prende a um estilo característico: a divisão e classificação de todos os fatores que influenciam de uma maneira ou de outra. Ao pensar sobre a valoração da guerra, cinco posturas possíveis são listadas, do extremo belicista (*guerra fresca e jovial*) até ao extremo pacifista (*guerra totalmente condenada*) passando pelas gradações da *guerra nobre, aceita e condenada-exceto-em-caso-de-defesa*. A intensidade do conflito também merece maior atenção do autor. A distinção entre guerra limitada e total diz respeito não apenas à alocação de recursos materiais e humanos, mas à própria condução da guerra,

⁶ Enxergamos o surgimento da *guerra ocidental* nos exércitos das *pólis* helênicas durante a primeira metade do I milênio a.C.. Desenvolveu-se exclusivamente em solo europeu até o século XVI, quando foi transferida para o Novo Mundo, juntamente com outras instituições européias. Até 1945, os europeus mantiveram a hegemonia na arte da guerra.

Entre esses dois balizamentos, pode-se dividir a Guerra Ocidental em cinco fases. No período que vai do I milênio a.C. até o século IV d.C., predominou a infantaria. Do século IV até o século XIV, prevaleceu a cavalaria. Do século XIV até a Revolução Francesa, a introdução da pólvora na Europa dominou o panorama dos conflitos guerreiros. Da Revolução Francesa até a guerra de 1914, o alistamento universal tornou-se regra. De 1914 até 1945 a guerra foi total. Desde 1945, a introdução de artefatos termonucleares suscitou a guerra limitada.

Nestes períodos distintos, mantiveram-se estruturas de longa duração, como a cadeia de comando, composta pelo membro superior e seus subordinados, em qualquer nível de complexidade que os exércitos apresentem - corpos, divisões, pelotões ou unidades - e os grupos logísticos, que fornecem o suporte necessário à manutenção dos soldados no campo de batalha, que utilizam armamento constantemente aprimorado.

Finalmente, este termo não é inédito; foi também utilizado pelo historiador militar Victor Davis Hanson, em *Porque o Ocidente venceu: massacre e cultura – da Grécia Antiga ao Vietnã*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, além de outras obras. É coincidente com nossa delimitação; contudo, Hanson busca comparar o modo guerreiro ocidental com os demais, apontando a superioridade do primeiro. Segundo Hanson, as bases desse estilo de luta “foram bem estabelecidas na Antigüidade clássica” (p. 29), no âmbito político – relacionando assim o civismo com “a organização, a disciplina, a disposição, a flexibilidade e o comando” (p. 42) das tropas ocidentais. Na nossa definição, não buscamos comparações com outros modos de guerrear, mas antes centramos nas peculiaridades próprias da *guerra ocidental*.

com regras tácitas ou como empreendimento de destruição selvagem sem limites, promovido pelos beligerantes.⁷

A guerra total foi, entre outras razões, responsável pela solidificação de um sentimento pacifista, que já existia antes de 1914, mas só encontrou respaldo após a carnificina da Grande Guerra, responsável pela morte de 20 milhões de seres humanos. A grande preocupação dos pacifistas é o delineamento de um método para se extinguir a guerra. A partir dessa preocupação, autores como Gaston Bouthoul e Kenneth Waltz lançaram estudos sobre a guerra. Waltz afirma que não existe vitória na guerra, apenas graus variados de derrota.⁸ Assim como Nbert Elias,⁹ Waltz observa que as guerras assolam a humanidade do mesmo modo que enchentes, terremotos e furacões: como uma força avassaladora da natureza. Contudo, a guerra é um fenômeno da humanidade, que a mesma se mostra incapaz de erradicar. Duroselle lançou uma conclusão sem esperanças: “uma guerra origina outras e (...) a paz definitiva é uma ilusão.”¹⁰

Além dos aspectos políticos, econômicos, técnicos e tático-estratégicos, a guerra também envolve importantes elementos culturais. A esse respeito, Johan

⁷ Cf. Jean-Baptiste Duroselle. *Todo império perecerá – teoria das relações internacionais*. Brasília / São Paulo: Edunb / Imprensa Oficial do Estado, 2000, pp. 315-45.

⁸ Kenneth Waltz. *O homem, o estado e a guerra – uma análise teórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 03.

⁹ Nbert Elias. *A condição humana – considerações sobre a evolução da humanidade, por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1985)*. Lisboa: DIFEL, 1991, p. 14.

¹⁰ Jean-Baptiste Duroselle, *op. cit.*, p. 345.

Huizinga, em *Homo ludens*, estabeleceu conexões entre a guerra e o jogo, sendo este definido como

uma atividade voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, [o jogo é] dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.¹¹

A luta travada de acordo com regras explícitas e tácitas, na qual os antagonistas se reconhecem como iguais, possui um caráter inegavelmente lúdico. As alusões aos jogos como combates e combates como jogos são antigas e numerosas.¹² Ao tratar das causas das guerras, Huizinga se interessa menos pelas motivações políticas e econômicas do que pelo “orgulho e o desejo de glória e prestígio e de todas as pompas de superioridade.”¹³

Para esse autor, a prática da guerra total ergue uma barreira entre o *bellum* e o *ludens*. Desaparecendo as limitações, a guerra torna-se um ato destrutivo em larga escala. A guerra ocidental sempre se encontrou dividida entre a tradição e a

¹¹ Johan Huizinga. *Homo ludens – o jogo como elemento da cultura*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 33.

¹² “No segundo Livro de Samuel [II Livro dos Reis] (II, 14), Abner diz a Joab: ‘que agora os jovens se ergam e joguem perante nós. (Reg. II, 2-14: *Surgant pueri et ludant coram nobis*) E vieram doze de cada lado, e agarrou cada um deles seu companheiro pela cabeça, e cada um deles enterrou sua espada no flanco de seu companheiro, de modo que caíam juntos. E o lugar ficou conhecido como Campo dos Fortes.’ (...) a tradução *ludant* é impecável: que joguem.” *Ibidem*, p. 47.

¹³ *Ibidem*, p. 103.

modernidade; entre o combate honrado e o pragmático. Contudo, o pragmatismo sempre esteve em vantagem. Entre um combate honrado, em igualdade de condições, e um massacre empreendido por armas avançadas, este último torna-se o preferido. As falanges formadas por hoplitas ocuparam o lugar dos heróis homéricos, na Hélade; os exércitos dos nascentes Estados modernos – que utilizavam armas de longo, médio e curto alcance e se compunham de grupamentos interdependentes – suplantaram a cavalaria medieval.

Em nome da eficiência, os guerreiros individuais foram substituídos por soldados que atuam coletivamente; as milícias foram trocadas por exércitos regulares. Adam Smith enxerga nesse processo uma demanda do avanço das sociedades civilizadas: técnicas bélicas mais apuradas, aliadas à complexidade cada vez maior dos meios produtivos. São necessários mais soldados – apartados da sociedade para cumprir essa função específica – e soldados de reserva, os quais, em caso de necessidade como uma guerra generalizada, podem ser convocados e integrados ao corpo bélico profissional.¹⁴

Na tradição literária ocidental, inaugurada por Homero, a guerra se associa intimamente ao heroísmo e o guerreiro perfeito é, por excelência, a figura que encarna o herói. Agraciar com medalhas e outros prêmios os soldados que se distinguem por um desempenho bélico que vai além do simples cumprimento do

¹⁴ Adam Smith. ‘Os gastos com a defesa’. Em *A riqueza das nações: investigação sobre a sua natureza e suas causas – volume II*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 176.

dever foi, tradicionalmente, uma maneira de alimentar essa associação. Uma das definições mais comuns de heroísmo, desde a Grécia antiga, refere-se a feitos guerreiros extraordinários, praticados por aqueles que “procuravam e mereciam honra”.¹⁵ Na mitologia germânica, os guerreiros que tombavam em combate mereciam uma honra indelével. As valquírias, figuras femininas que montavam cavalos alados, recolhiam esses combatentes e os levavam para o paraíso germânico, o Valhala. Lá eles compartilhavam a mesa de banquetes com Odin por toda a eternidade.

A ilusão de que a guerra de 1914-1918 seria divertida, edificante e rápida, foi desfeita nas trincheiras. As batalhas do Somme, de Verdun e Ypres revelaram-se como gigantescos massacres, sem qualquer resultado decisivo. À custa de milhões de mortos, avançavam-se apenas alguns metros de terreno. Não era possível conceber atuações heróicas diante do morticínio das trincheiras. Em contrapartida, um novo armamento, que levou a um novo tipo de combate, possibilitou reinventar o combate individual heróico. A aviação de caça estimulou a imaginação do público, ao recriar um heroísmo que se julgava perdido. Portanto, enquanto os combates de infantaria enterraram o heroísmo e a honra, os *dogfights*¹⁶ a ressuscitaram.

¹⁵ C. Maurice Bowra. *Heroic poetry*. London: Macmillan, 1952, p. 01.

¹⁶ *Dogfight* (literalmente luta de cães) designa um combate aéreo aproximado, entre dois aviões de caça, marcado por curvas violentas, ascensões e mergulhos. Assim os pilotos tentavam assegurar uma posição vantajosa para alvejar o adversário.

A Grande Guerra

A humanidade, durante o século XIX, assistiu a um salto tecnológico impressionante, que somente seria superado no século seguinte. No campo bélico, a situação não foi diferente. O estilo de luta inaugurado por Napoleão Bonaparte exigia exércitos numerosos; a melhoria das armas requeria o mesmo. Os fuzis e canhões carregados pela culatra e o advento das metralhadoras aumentaram geometricamente a cadência de tiro dos combatentes. Os transportes ferroviários e as novidades dos meios de comunicações, como o telégrafo, incorporaram a guerra ao cotidiano dos soldados e dos civis, à medida que os jornais se dedicavam à cobertura dos conflitos, notadamente a partir da Guerra da Criméia (1853-4). O combate ao analfabetismo, levado a cabo pela expansão de redes públicas de ensino nos Estados europeus, com a intenção de formar cidadãos, teve como conseqüências o aumento do público leitor e o surgimento da opinião pública, além de importante papel de construção de uma consciência nacional.

Em contraposição às guerras dos séculos XV-XVIII, toda a estrutura dos Estados e as populações se envolveriam nos conflitos futuros. Napoleão já

adiantara esse aspecto, ao tentar utilizar o embargo econômico como arma. O século XIX foi o período de gestação da guerra total.

O ultimato feito por Viena à Sérvia, seguido da declaração de guerra, motivou a mobilização parcial russa. A Alemanha manifestou apoio total ao seu aliado austro-húngaro; a França, representada em Moscou pelo embaixador Paléologue, apoiou totalmente o Czar, que decretou a mobilização geral, motivando a mobilização geral germânica e a conseqüente declaração de guerra, no dia 1º de agosto de 1914. Ante a mobilização geral franco-britânica, foi declarada guerra à França, no dia 3, por Berlim. Quando os alemães iniciaram o ataque através da Bélgica, a Inglaterra entrou em combate. Era o início da Grande Guerra.¹⁷

Desde a deflagração do conflito, até hoje, discutem-se acaloradamente as causas da guerra, com grande ênfase sobre quem teria sido o culpado. As máquinas de propagandas de ambos os lados afirmavam que era uma guerra defensiva que estava sendo travada. A civilização encontrava-se sob ataque da barbárie. O Tratado de Versalhes, em 1919, imputou toda a culpa da guerra aos alemães, segundo o artigo 231. A essa versão oficial dos vencedores, seguiu-se um intenso debate historiográfico. Uns confirmavam a culpa alemã, outros responsabilizavam os russos, outros os franceses e outras versões ainda culpavam

¹⁷ Preferimos a expressão Grande Guerra, ao invés de Primeira Guerra Mundial, pois foi a designação utilizada até 1939. Só quando se iniciou outra guerra mundial, a de 1914-1918 passou a ser chamada de primeira.

o sistema internacional da época. Para Lênin, foi apenas um conflito de imperialismos, que levou os proletários dos países beligerantes a se assassinarem mutuamente na frente de batalha.

Marc Ferro, Pierre Renouvin, René Girault e Jean-Baptiste Duroselle – entre outros historiadores - dividem a responsabilidade do conflito entre todos os protagonistas, tanto os que desejavam uma guerra localizada rápida quanto os que se abstiveram de tomar qualquer medida para assegurar a paz.¹⁸ Até mesmo os membros da Internacional comunista – preocupados, num primeiro momento em evitar a guerra – viram-se envolvidos pelas querelas nacionais e, em pouco tempo, alistaram-se nos respectivos exércitos. Duroselle enxergou “um mecanismo mais forte do que os homens”¹⁹ posto em ação. O sistema de alianças dos Estados europeus, somado aos interesses político-econômicos, a sentimentos nacionalistas e outros aspectos da mentalidade coletiva, havia levado um problema diplomático nos Bálcãs a se transformar numa guerra de enormes proporções. Podemos afirmar que todos os envolvidos desejavam a guerra; não apenas os Estados, mas também as populações. Quando as mobilizações gerais foram anunciadas, ocorreram celebrações populares em Londres, Paris e Berlim. A sensação geral era que o conflito seria uma grande festa.

¹⁸ Marc Ferro. *História da Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Edições 70, 1992, pp. 71-81.

¹⁹ Jean-Baptiste Duroselle. *A Europa de 1815 aos nossos dias – vida política e relações internacionais*. 2ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985, p. 197.

Barbara Tuchman, na sua renomada obra, *Canhões de agosto*, tece uma trama histórica interessante.²⁰ Concentrando a narrativa nos personagens, desenvolve a tese de que o mês de agosto de 1914 determinou toda a condução da guerra nos quatro anos seguintes. O *Kaiser* Wilhelm II é retratado como um adolescente mimado. O jovem Moltke, chefe do Estado-Maior alemão em 1914, ganhou ares de personagem trágico; devendo executar o Plano Schlieffen e conduzir os exércitos teutônicos ao triunfo, viu-se envolvido por um destino que não desejava. Joffre, o generalíssimo francês, preferia enxergar menos a realidade à sua volta do que suas fantasias – o que quase permitiu o triunfo germânico. Sir John French, comandante britânico, preferia a retirada cautelosa ao combate. A interação entre esses e outros personagens definiu o rumo dos acontecimentos, na argumentação da autora. O resultado final foi uma armadilha engendrada naquele mês de agosto, “da qual não havia, e não há, saída.”²¹

Modris Eksteins, em sua *A sagração da primavera*, relacionou a modernidade artística do século XX diretamente com a Grande Guerra. O sacrifício das virgens, da obra homônima de Stravinsky, é comparado ao massacre da juventude européia nas trincheiras. No prefácio, o historiador canadense afirma que “quase toda a história da guerra é escrita com um foco estreito sobre generais, tanques e políticos, (...) pouca atenção é dada ao moral e à motivação

²⁰ Barbara Tuchman. *Canhões de agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

²¹ *Ibidem*, p. 510.

dos soldados comuns numa tentativa de avaliar, em termos amplos e comparativos, a relação entre guerra e cultura.”²² O autor cita, brevemente, que os aviadores constituíram uma aristocracia alada, que cuidou da ressurreição do combate singular – que havia desaparecido nos combates terrestres.²³

Ao refletir sobre a questão dos massacres da Grande Guerra, John Keegan, por sua vez, recorre às bases mentais, do nacionalismo e do pensamento clausewitiano, e às materiais do exército revolucionário francês e napoleônico. Keegan tece uma série de críticas ao pensamento de Clausewitz.²⁴ Em contraste com o pensamento de Maquiavel, que teria se limitado a aconselhar aos governantes – e pretendentes ao poder – a construção de exércitos estatais eficientes, Clausewitz é classificado como megalomaniaco, já que propunha “verdades inescapáveis”.²⁵ Neste ponto, também, faltou a Keegan uma leitura mais cuidadosa de *Vom Kriege*, pois Clausewitz recusou-se a fornecer qualquer receita de vitória. Ao reconhecer o comportamento do outro como um dado fundamental, o general prussiano demonstrava não conceber a guerra como uma atividade mecânica e previsível. Para Clausewitz, a guerra é o reino do perigo,

²² Modris Eksteins. *A sacração da primavera – a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 13.

²³ *Ibidem*, p. 338.

²⁴ A principal e mais recorrente crítica de Keegan ao longo das páginas de *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, é a insistência que a guerra, antes de ser um fato político, é um elemento cultural, pois surgiu muito antes do aparecimento dos Estados organizados. Somos obrigados a questionar então: o que significa política para John Keegan? Essa crítica carece de qualquer base sólida.

²⁵ *Ibidem*, pp. 356 *et seq.*

dados todos os fatores imprevisíveis que nela podem intervir.²⁶ Pode-se planejar o início de uma guerra; é impossível saber de antemão qual será seu desfecho. Não se pode atribuir os massacres das trincheiras em 1914-18 ao pensamento dele.

Keegan vê as origens da guerra total na organização militar francesa pós-1789. Entre a queda de Louis XVI e a invasão da Rússia, em 1812, o exército francês passou de uma força apartada da sociedade e limitada – Keegan lembra que, durante o século XVIII, exércitos de 100 mil homens eram considerados grandes – a um contingente superior a um milhão de soldados, espalhados de Madri a Moscou. Para atingir tal dimensão não bastou o recrutamento universal; foi necessária a montagem de uma estrutura concebida como a ‘nação em armas’, além de “um clima cultural”²⁷ propício, no qual se encaixava o nacionalismo. Este podia predispor o conjunto da população a sustentar uma luta contínua, a expensas de grandes sacrifícios.

O furor nacionalista que arrebatava as populações européias em julho/agosto de 1914, contudo, não resistiu aos massacres dos campos de batalha. Antes dessa guerra, baixas em combate aconteciam mais por doenças do que nos recontros. Por outro lado, a melhoria das condições de alimentação e saúde na Europa aumentara a expectativa de vida das populações. Esse dado “fez

²⁶ Cf. Carl von Clausewitz, *op. cit.*, p. 106.

²⁷ John Keegan, *op. cit.*, pp. 359-66.

a lista de baixas de 1914-18 mais difícil de suportar.”²⁸ No final do conflito, alemães, franceses e ingleses suportaram muito mais do que poderiam, não só em mortes, como também em racionamentos de artigos de primeira e segunda necessidade, desvio dos parques industriais para o esforço de guerra e esfacelamento das estruturas familiares, entre outros desdobramentos.

²⁸ *Idem.*

Tradições heróicas: permanências e atualizações

É ponto pacífico na historiografia que a Grande Guerra funcionou como um divisor de águas entre os séculos XIX e XX. Também é pacífico que inaugurou um novo estilo de guerra, sem paralelo nas baixas terríveis que impôs tanto às tropas quanto às populações civis. Todavia, contrastando com as carnificinas e os sofrimentos extremos, no *front* e fora dele, a atuação dos pilotos de caça no conflito suscitou um imaginário de heroísmo, referido a valores ligados às noções de honra e cavalheirismo.²⁹

O presente trabalho é um estudo das imagens de heroísmo e valores correlacionados, que permeiam os relatos das experiências de guerra de alguns pilotos de caça participantes do conflito de 1914-1918. Consideram-se tais imagens e valores como apropriações ressignificadas de tradições heróicas

²⁹ Os relatos de guerra de alguns desses pilotos estão repletos de passagens que evidenciam a impregnação desse imaginário. Para exemplificar, menciono dois episódios retirados da autobiografia do alemão Ernst Udet. No primeiro, o combate entre ele e o francês Georges Guynemer, Udet reconheceu a superioridade do oponente, mas este pôs fim à luta, ao perceber que as metralhadoras do avião inimigo estavam travadas; não querendo aproveitar-se de um adversário valoroso em dificuldades, Guynemer retirou-se do *dogfight*. O segundo teve lugar na festa que a esquadrilha de Udet ofereceu a um piloto inglês capturado, antes que este fosse enviado a um campo de prisioneiros. Quando o inglês foi ao banheiro, situado na parte externa dos alojamentos, alguns alemães mostraram a intenção de segui-lo para evitar que fugisse. Contudo, foram repreendidos pelos companheiros, que consideraram tal ato uma descortesia com o convidado. E este voltou, desculpando-se pela demora. Ver Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*. Berlin Verlag Ulstein, 1937, pp. 58-60; 72-5.

oriundas da Antigüidade e do medievo, fixadas e veiculadas no continente europeu principalmente pela literatura. Operada continuamente ao longo dos séculos, a reelaboração desses elementos tomou maior impulso no âmbito do movimento romântico, que desde o início do século XIX se espalhou pela Europa. Nosso estudo dos ideais heróicos dos ases da aviação na Grande Guerra abrange, por conseguinte, o exame dos modelos que os inspiraram, bem como dos contextos socioculturais que propiciaram sua atualização.

No tocante à ressignificação de elementos heróicos, o instrumental da história conceitual (*Begriffsgeschichte*) proposta pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006).³⁰ Se a linguagem não é estanque, nem passiva, os conceitos são situados historicamente, existindo neles uma multiplicidade de significados. Eles variam de modo sincrônico e diacrônico.

Tradição é um conceito chave da investigação empreendida. Por tradição – do verbo latino *tradere*: transmitir, dar por herança, entre outros significados – entendemos não a simples passagem de um legado cultural de geração a geração, mas um processo de recepção ativo. Seguiu-se a orientação de Lacerda e Kirschner, de acordo com a qual

³⁰ Cf. Reinhart Koselleck. 'História dos conceitos e história social'. Em *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC Rio, 2006, pp. 97-118.

tradição não se confunde com pura conservação ou continuidade de valores imutáveis; deve, antes, conceber-se como movimento de reatualização constante, como sucessão de atos de ressignificação que garantem a atualidade dos bens culturais recebidos do passado.³¹

Além disso, como destaca Peter Burke, cada sociedade, assim como os indivíduos, seleciona os acontecimentos, valores e tradições a serem retidos na memória, determinando também a maneira como devem ser rememorados.³² Essa observação se aplica ao nosso tema na medida em que, se o Romantismo disseminou na Europa novamente o gosto pelas sagas heróicas e pelos romances de cavalaria, o grau e o modo de absorção dos paradigmas fornecidos por essa literatura variou segundo as particularidades socioculturais e as circunstâncias de cada país. Como se verá, por exemplo, a Alemanha de Bismarck ofereceu terreno especialmente propício à penetração de um *éthos* heróico e cavaleiresco, que impregnou sobretudo a formação de sua juventude militar.

Ao abordarmos o universo mental dos pilotos da Grande Guerra, não podemos ignorar que foi essa mesma guerra o grande marco de ruptura em tradições oitocentistas.³³ Assim, não é exagero dizer esses combatentes eram homens do século XIX, empenhados em formas de luta que já eram, ou estavam

³¹ Sonia Lacerda & Tereza Kirschner. "Tradição intelectual e espaço historiográfico ou por que dar atenção aos textos clássicos?". Em Marcos Antônio Lopes (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17.

³² Peter Burke. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 69-89.

³³ Ver, a propósito, Arno J. Mayer. *A força da tradição: a persistência do antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

se tornando, do século XX. Um dos aspectos de sua mentalidade que evidenciam esse pertencimento a duas épocas é o apego a valores guerreiros tipicamente românticos.

O Romantismo foi essencialmente um movimento cultural do século XIX, apesar da sabida dificuldade de estabelecer seus limites cronológicos. Além disso, abrangeu uma grande diversidade de configurações, nas distintas regiões européias. Não obstante, em toda parte manifestou algumas tendências comuns, que permitem referi-lo como movimento geral. Uma de suas características mais marcantes é a valorização do sentimento, em contraste com certo racionalismo triunfante no pensamento ocidental até então.

No que diz respeito ao nosso tema, outra dessas constantes é o sentimento designado pelo termo alemão *Sehnsucht*. Sem equivalente na língua portuguesa, o termo expressa nostalgia de algo distante, no tempo e no espaço, e inatingível.³⁴ Não satisfeito com o entendimento de realidade à sua volta, o romântico desenvolveu um gosto pelo exótico e pelo excêntrico. A nostalgia romântica evocava uma Idade Média idealizada. Os personagens medievais – o cavaleiro, a donzela, o bardo – foram revalorizados a partir da segunda metade do século XVIII, e não só pelos literatos, mas também por ‘antiquários’ e historiadores.³⁵ O

³⁴ Vítor Manuel de Aguiar e Silva. *Teoria da literatura*. 8ª edição. Coimbra: Almedina, 1996, p. 545.

³⁵ Vejam-se, entre outros, Paul von Tiegheim. *Le pré-romantisme: études d'histoire littéraire européenne*. Paris: F. Rieder et Cie, 1924, 3 v; e Lionel Gossman. *Medievalism and the ideologies of the*

romance de cavalaria, em voga nos séculos XIII a XVI, inspirou obras românticas de enorme sucesso, como as de Walter Scott. A recuperação da poesia oral da alta Idade Média, a exemplo dos épicos *Beowulf* (anglo-saxão) e *Kalevala* (finlandês), das baladas heróicas gaélicas (Irlanda e Escócia) e das sagas dinamarquesas, tornou-se uma febre no clima pré-romântico dito ‘primitivista’. Em suma, o chamado *gothic revival* foi um poderoso impulsor do Romantismo.

O nacionalismo moderno – ressignificado a partir da Revolução Francesa, um aspecto que não podemos negligenciar ao pensarmos a Grande Guerra de 1914-18 – foi tributário, em grande medida, do Romantismo. As conexões entre ambos, por demais extensas para serem demonstradas aqui, serão estudadas no capítulo III.

Em meados do século XIX, Thomas Carlyle delineou em *Os Heróis*³⁶ uma filosofia da história baseada exclusivamente nas biografias dos grandes homens. Objeto de severas e justificadas críticas, o pensamento de Carlyle, no entanto, correspondia muito bem ao *Zeitgeist*.

A chamada escola histórica metódica francesa – para citarmos uma das mais notórias do século XIX – de Monod, Seignobos e Langlois, adotava uma perspectiva cientificista, pretendendo fazer a descrição exata e imparcial dos fatos. Todavia, exaltava a nacionalidade e os ditos grandes vultos da pátria, numa

Enlightenment: the world and work of La Curne de Sainte-Palaye. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1968.

³⁶ Thomas Carlyle, *On Heroes, Hero-workship, and the heroic in History*, 1841 [edição brasileira: *Os heróis e o culto dos heróis*. São Paulo: Cultura Moderna, s/d].

clara confluência com a proposta de Carlyle. Os Estados europeus apropriaram-se das idéias nacionalistas com objetivos claros – como, por exemplo, a formação de ‘bons cidadãos’, isto é, obedientes aos mesmos Estados. Assim a história científica, dos metódicos e de Ranke, era imprescindível no encaminhamento daquele projeto.

Desenvolvemos o tema em cinco capítulos. O primeiro versa sobre o início da Grande Guerra, a introdução e desenvolvimento dos combates aéreos. A nova arma marcou profundamente as concepções dos estrategistas quanto o que o futuro poderia reservar para a arte da guerra. Também se destaca aí a identificação dos pilotos de caça com o ideal heróico.

No segundo capítulo, examinam-se as fontes inspiradoras desse ideal de heroísmo, localizadas em tradições literárias constituídas da Antigüidade à baixa Idade Média. Consideraram-se como os repositórios mais importantes das tradições em causa a *Ilíada*, o *Beowulf* e o ciclo arturiano.

A ponte entre os modelos de heroísmo antigos e medievos e a mentalidade dos pilotos da Grande Guerra é estabelecida no terceiro capítulo, que aborda a ressignificação romântica do heroísmo e da honra e a permanência da aristocracia ao longo do século XIX. Nesse processo, um ponto relevante são as versões do nacionalismo no Oitocentos.

Os dois últimos capítulos são dedicados à discussão daquelas percepções dos aviadores combatentes que, a nosso ver, atualizavam (ou se afastavam) de um

éthos heróico, transpondo-o para o combate aéreo. Escolhemos quatro pilotos, dois alemães e dois que serviram à aviação britânica (um inglês e um canadense). Os quatro figuram entre os cinco maiores ases, em número de abates, do conflito.

O quarto capítulo trata, após breves considerações metodológicas, de *Der rote Kampfflieger*, de Manfred von Richthofen, publicado pela primeira vez em 1917, e de *Mein Fliegerleben*, de Ernst Udet, publicado em 1935. O quinto capítulo, por fim, versa sobre *The personal diary*, de Edward Mannoock, inédito até 1966, e *Winged warfare*, publicado por William Bishop no início de 1918.

Os relatos de experiências dos pilotos dão testemunho não apenas do enraizamento dos códigos de honra e heroísmo na mentalidade de uma juventude guerreira *fin de siècle*. Também deixam transparecer as tensões e contradições dessa mentalidade, frente às exigências de uma guerra que veio romper tantas tradições culturais e sociais.

I – A era dos ases

A Grande Guerra, em cujo começo tantas coisas começaram, que ainda mal pararam de começar.

Thomas Mann, A montanha mágica.

A guerra implode o mundo europeu

O que – ou quem – causou a Grande Guerra de 1914-1918? Como um cadáver que se recusa a morrer, esta questão arrasta-se há quase um século. Inúmeros motivos foram creditados ao conflito desde 1914 até a atualidade. O discurso dos antagonistas se assemelhava, ao alegar a defesa do modo de vida nacional contra a barbárie do inimigo. Fosse a proteção da *Kultur* teutônica das hordas eslavas ou da *civilité française* ante os hunos germânicos. Na propaganda praticada durante a guerra, sempre ao adversário eram aplicados epítetos pejorativos.

O Tratado de Versalhes, firmado em 1919, atribuía no artigo 231 toda a responsabilidade da guerra ao militarismo alemão. Outras explicações diversas seguiram-se a essa, tentando identificar como motor do conflito a partilha do

continente africano pelas metrópoles européias ou então uma disputa generalizada entre as potências, que só poderia ser resolvida pelas armas. A maior parte dos manuais historiográficos oferece uma lista com os objetivos de cada potência envolvida: os alemães queriam expandir-se política e economicamente pelo continente, superando os ingleses; a Grã-Bretanha, do alto do seu isolamento, desejava coibir a competição germânica; a França exigia a vingança pela humilhante derrota na guerra franco-prussiana de 1870-1 e a reconquista da Alsácia-Lorena, anexada pelo nascente *Kaiserreich*; os russos, paladinos do pan-eslavismo, estavam ansiosos para avançar pelos Bálcãs; o império Austro-Húngaro, alvo do mesmo pan-eslavismo, almejava conter a Rússia e principalmente a Sérvia, a qual, apoiada pelos russos, levantava a bandeira da causa eslava e exercia grande atração junto a algumas populações subjugadas pela monarquia dual. Esta breve lista apenas arrola alguns objetivos políticos imediatos, não acrescenta nada sobre os motivos da guerra. Afinal, nenhum argumento poderia responder satisfatoriamente à pergunta que se repete há tanto tempo: *quem é o culpado pela Grande Guerra?*

Essa espécie de questionamento guarda um problema fundamental. Parte do pressuposto da existência de uma causa única ou principal para a guerra, e mesmo, por extensão, para qualquer fato histórico. Isso significa uma história assentada sobre causas e conseqüências, que se desenrola de modo linear e objetivo. A tessitura histórica é muito mais profunda e complexa. As linhas

históricas entretecem-se numa trama densa, como bem observou Paul Veyne.¹ A história é composta por tramas, e as tramas específicas – seja a Revolução Francesa, a batalha de Waterloo, a expansão marítima europeia dos séculos XV e XVI ou a guerra de 1914-18 – assemelham-se a uma mancha de Rorschach: podem ser percebidas de modo diverso. A vã procura por nexos causais, os quais se pretendem objetivos, conduz, no limite, a buscar os mesmos até a Pré-história. Esse movimento, espécie de progresso invertido, não passa de uma narrativa teleológica, um *regressus ad infinitum*.² Estabelecendo um círculo vicioso, parte de pressuposições falhas, com resultados igualmente insustentáveis.

Podemos afirmar, no entanto, que em 1914, quem não desejava a guerra nada fez de efetivo para impedi-la. A chamada crise de 1914 limita-se no período que vai do assassinato do arquiduque austro-húngaro em Sarajevo, em junho, à decretação das hostilidades, antecedida da mobilização geral da Rússia, Alemanha, França e Grã-Bretanha, no final de julho e início de agosto. A partir desse marco, todos aceitaram a guerra sem hesitação. Sobre a paz sufocante passariam os cães de guerra, para renovar os espíritos degradados e acomodados.

Podemos listar alguns fatos que precederam a Grande Guerra, sem cair em contradição, pois descrever tais acontecimentos é bem diferente de procurar as causas do conflito.

¹ Paul Veyne. *Comment on écrit l'histoire*. Paris: Seuil, 1978, pp. 35-42.

² Cf. Reinhart Koselleck. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto / Eduerj, 1999, p. 11.

Na seqüência da fundação do Império Alemão, em 1871, o chanceler Otto von Bismarck procurou apaziguar os ânimos franceses, exaltados pela derrota na guerra Franco-Prussiana. O grande símbolo dessa derrota foi a anexação germânica da Alsácia-Lorena. Por um lado, Bismarck forneceu aos franceses total apoio para incorporar colônias na África, por outro, isolou a França militarmente no continente, impedindo-a de firmar alianças com outras potências. O Tratado de Resseguro, renovado periodicamente entre Alemanha e Rússia, era uma peça chave nessa estratégia.

A subida ao trono do *Kaiser* Wilhem II marcou um ponto de inflexão na política externa alemã. Bismarck foi demitido e o novo *Kaiser* tomou diversas medidas consideradas agressivas ao longo do reinado, como o envio de belonaves ao Marrocos, num claro desafio à França, em 1905, ou o incremento da construção de navios para a *Kriegesmarine* (marinha de guerra). Quando os britânicos perceberam isso, também ampliaram a produção de vasos de guerra para a *Home Fleet* (frota doméstica), iniciando-se assim uma corrida armamentista naval. Em 1890, o *Kaiser* não renovou o Tratado de Resseguro com os russos. Dois anos depois, os governos francês e russo formalizaram uma aliança militar.

A aliança franco-russa era uma ameaça considerável para a segurança alemã. Num eventual conflito contra um dos dois aliados, a Alemanha seria obrigada a enfrentar o outro numa frente oposta. O medo de uma guerra em duas frentes tornou-se a principal preocupação do general chefe do Estado-

Maior alemão entre 1891 e 1906, o conde Alfred von Schlieffen. Num raro consenso, todos os autores são unânimes em afirmar que a única preocupação de Schlieffen era a guerra; não tinha interesse nas artes, na economia, na sociedade, na vida doméstica ou em qualquer outro assunto que não fosse relacionado ao ofício militar.

Uma guerra em duas frentes contra duas potências é uma situação que qualquer Estado deve evitar, por motivos óbvios. A conduta usual nessa situação é tentar liquidar, do modo mais rápido possível, um dos adversários e, então, voltar-se contra o outro. A Rússia não poderia ser o primeiro alvo. Quando eram invadidos, os russos retraíam as forças, sem deixar quaisquer suprimentos para os invasores, e esperavam pela chegada do maior herói nacional, o general Inverno. Foi o frio intenso que derrotou Napoleão, no século XIX, e Carlos V da Suécia, no século XVII. Portanto, a Rússia teria que ser enfrentada após a vitória contra a França. Schlieffen estimou, com base em intrincados cálculos, que as forças russas demorariam cerca de seis semanas a mais do que as alemãs para estarem prontas para o combate. Os franceses teriam que ser varridos pelos germânicos nesse prazo.

Como derrotar um país em seis semanas? Como já preconizava Clausewitz, o objetivo da guerra é o desarmamento do inimigo, visando à imposição da vontade sobre o mesmo, por meio da força. Invasão e ocupação do território não conduzem necessariamente à vitória. Esta é obtida por um lado ao

convencer o adversário que a rendição é preferível à resistência. Este axioma parece simplório. Clausewitz nos lembra que a guerra é uma coisa simples, contudo a coisa simples sempre é complicada.³

A invasão direta do solo francês, a partir da Alsácia-Lorena, exporia os flancos alemães a contra-ataques pelo norte e pelo sul; as forças teutônicas entrariam na assim chamada *máquina de moer carne*. A resposta para aquela questão seria, então, a fabricação de uma armadilha, armadilha tão gigantesca que tralaria todo o exército francês. Schlieffen encontrou a armadilha ideal no maior repositório de modelos de conduta bélica, a história militar.⁴

A batalha de Canas, ocorrida na segunda Guerra Púnica (216 a.C.), figura até hoje como uma das mais exemplares da arte militar. Aníbal, comandante cartaginês, enfraqueceu o centro do exército e fortaleceu os flancos. Ante o ataque romano, o centro recuou e os legionários romanos avançaram, logo se encontraram cercados e dizimados. Registra-se que, de uma força original de 70 mil homens, 50 mil pereceram. Schlieffen planejou algo semelhante, porém numa escala muito maior.

³ Carl von Clausewitz. *Da guerra*. Brasília / São Paulo: Edunb / Martins Fontes, 1979, p. 129.

⁴ É oportuno, neste ponto, levantar as distinções entre a história da guerra e a história militar. A primeira, ligada à historiografia acadêmica e profissional, deve-se ocupar do estudo das diversas avaliações da guerra, em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. A segunda, estudada nas academias militares, assenta-se numa base pedagógica. Procura analisar por que as campanhas militares vitoriosas funcionaram e por que as derrotadas falharam. Um tipo de questionamento comum na história militar, que obviamente não cabe na história da guerra, é: o que saiu errado, e como poderia ter sido feito corretamente?

O plano Schlieffen consistia em oito exércitos dispostos para o combate:⁵ um postado na Prússia Oriental, para conter a vanguarda russa; dois na Alsácia-Lorena, que deveriam recuar, servindo de isca para as tropas francesas; cinco alocados mais ao norte, que deveriam cruzar a Bélgica, num amplo movimento de arco (“que o último homem à direita esbarre com o cotovelo no canal”),⁶ os quais cortariam a retaguarda dos franceses e os aniquilariam.

Nesse plano meticuloso, o general, que se dizia seguidor de Clausewitz, desviou-se de dois grandes princípios do mestre. Ao afirmar que “a guerra é uma continuação das relações políticas, uma aplicação destas por outros meios”,⁷ Clausewitz sustentava que os objetivos políticos são superiores aos militares. Dentre os diversos meios (diplomáticos, comerciais, financeiros ou culturais, para citar alguns) de que o homem de Estado pode lançar mão, figura a guerra. Racionalmente, os meios subordinam-se aos fins, portanto os planos militares de um Estado moderno minimamente organizado devem submeter-se aos objetivos políticos do mesmo. O Plano Schlieffen não fornecia margem de manobra para outras situações de emergência do Império Alemão; em caso de guerra, a França deveria ser atacada, em preparação para uma campanha contra a Rússia.

⁵ De modo geral, as tropas são agrupadas em unidades, que se juntam para formar pelotões, que formam batalhões, que formam regimentos, que formam divisões, que formam corpos e, por fim, formam exércitos.

⁶ Frase atribuída a Schlieffen. *Apud* Barbara Tuchman. *Os canhões de agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, pp. 29-30.

⁷ Carl von Clausewitz, *op. cit.*, p. 87.

Clausewitz também dedicou parte de seus escritos à questão da fricção.⁸ A fricção é justamente o conjunto de imprevistos que fogem ao controle do planejamento. Sendo a guerra a colisão de duas forças vivas, e não simples ação sobre uma massa inerte, qualquer guerra é contaminada pela inevitável fricção. O único remédio para os males da fricção sobre o exército é o treinamento. Schlieffen acreditou que seria capaz de prever todos os imprevistos – o que caracteriza certo grau de ingenuidade –, planejando todas as variáveis dentro de um esquema rígido, no qual não havia lugar para o imprevisto. O general chegou até a calcular o peso que os eixos dos vagões dos trens exerceriam sobre as pontes ferroviárias, durante as operações logísticas, a fim de não forçar os limites estruturais das mesmas.

A estratégia francesa para 1914 foi denominada Plano XVII, o qual nem de longe se comparava ao congênere teutônico, nos quesitos organização e planejamento; apenas apontava diretrizes gerais. Em suma, o plano seria o seguinte: os exércitos franceses avançariam pela Alsácia-Lorena com força total; o patriotismo fervoroso dos soldados franceses os faria derrotar as forças alemãs. Não era um plano militar, mas um arrazoado de expectativas excessivamente otimistas e fantasiosas.

⁸ *Ibidem*, pp. 129-31.

Os russos confiavam na força dos números. Calculava-se que, em caso de mobilização geral, poderiam colocar em combate mais de 6.500.000 homens.⁹ A quantidade, assim, venceria a qualidade das forças germânicas. Entretanto, seria preciso mais do que números para que os russos superassem as deficiências das próprias forças armadas em 1914. O perfil do ministro da guerra russo, general Sukhomlinov, traçado por Barbara Tuchman, não era nada positivo. Às vésperas do conflito, o general orgulhava-se do fato de haver mais de 25 anos que não lia livro algum. Era notório pela preguiça, corrupção, falta de caráter e de inteligência. Punia qualquer subordinado que ousasse propor idéias novas ou demonstrasse zelo pelo serviço.¹⁰

Como Sukhomlinov acreditava que uma carga de cavalaria fosse superior a qualquer arma de fogo, a quantidade de fuzis do exército russo não era suficiente para equipar a infantaria; e ainda as poucas fábricas de munição não eram capazes de abastecer a demanda das armas existentes. Os soldados armados tinham que economizar munição na hora do combate. Muitos soldados russos foram para a linha de frente desarmados. Esperavam que alguém morresse para lhe tomar o fuzil.

A Grã-Bretanha confiava a defesa do território à *Home Fleet*. A última invasão bem sucedida das ilhas britânicas acontecera no século XI, em 1066,

⁹ Cf. Barbara Tuchman, *op. cit.*, p. 66.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 71-4.

executada pelo duque normando Guilherme, o Bastardo. As tentativas seguintes redundaram em fracassos gigantescos, como a derrota da Invencível Armada de Felipe II, no século XVI e a derrota da frota napoleônica em Trafalgar, no início do XIX.

Desse modo, a Grã-Bretanha possuía um imenso poderio naval, enquanto as forças terrestres eram reduzidas. Apenas em 1914 o alistamento obrigatório foi introduzido. Os planos militares de Londres foram desenvolvidos em conjunto com Paris. Para chegar a tal acerto, foi necessário superar ódios e desconfianças seculares, que remontavam à guerra dos Cem Anos. Esta superação só foi possível graças à ameaça maior, o Império Alemão.

Mesmo assim, o acordo militar anglo-francês não era consistente. Além do caráter secreto, ainda em julho de 1914 os franceses não tinham certeza se ele realmente existia. Barbara Tuchman afirmou que os acordos militares redigidos em Downing Street eram obras primas de elipses. Os britânicos eram mestres em afirmar algo, sem realmente dizer coisa alguma.¹¹ No entanto, quando não era mais possível recuar, ficou acertado o envio da *British Expeditionary Force* (BEF) ao continente. A função da BEF seria proteger o flanco esquerdo dos exércitos franceses. O comandante da força britânica, o general *sir* John French, no entanto, agiu com cautela extremada, ou seja, recuou ante o combate, até a batalha do Marne, em setembro de 1914. O grande medo de French era a

¹¹ *Ibidem*, pp. 63 *et seq.*

iminência de uma derrota francesa para os germânicos, que tragasse as tropas sob o seu comando.

A já mencionada crise de 1914 transcorreu num período de pouco mais de um mês, entre 28 de junho e 04 de agosto. O herdeiro do trono austro-húngaro, o arquiduque Franz Ferdinand, resolveu visitar a capital da Bósnia-Hezergovina, Sarajevo. A Bósnia havia sido incorporada ao império em 1909, e parte da população eslava local rejeitava resolutamente esse arranjo político. Os assessores do arquiduque, além de insistirem nessa peculiaridade, também o alertaram que o dia da visita, 28 de junho, só piorava a situação, pois evocava o mesmo dia e mês do ano de 1389, quando os turcos seljúcidas arrasaram as tropas sérvias na batalha de Sarajevo. A comemoração de uma derrota pode assumir formas muito mais perigosas do que um simples desfile. Afinal, para os descontentes a visita foi interpretada como um ato de provocação, uma afronta que não poderia ser ignorada, além de ser uma ótima oportunidade de promover uma demonstração de força.

Ficamos na dúvida se Ferdinand era obcecado ou inconseqüente. Talvez fosse um misto dos dois. A recepção ao herdeiro imperial foi feita com um atentado a bomba, que fracassou. Mesmo assim, ele insistiu em prosseguir com a visita. Já a segunda tentativa, bem sucedida, foi executada por Gravillo Prinzip,

membro do grupo terrorista¹² sérvio Mão Negra. O arquiduque e a esposa morreram em decorrência dos ferimentos infligidos pela arma de Prinzip.

A notícia do assassinato de Franz Ferdinand não causou grande comoção na casa real austro-húngara. O império nem chegou a decretar luto oficial. “Fizeram-se ao príncipe herdeiro exéquias de ‘terceira classe’ (...): Viena continuou Viena e a música não parou de tocar.”¹³ O sucessor dinástico era visto pela casa real, pelo governo e pelos comandantes militares como um grande inconveniente. Era acusado de ser *liberal demais*. Seja qual for o sentido desse conceito empregado nessa ocasião, uma coisa é certa: longe de ser um elogio, era uma séria detração. Apesar desse quase alívio, Viena não poderia deixar de tomar uma atitude decidida diante de um atentado dessa natureza. Outrossim, era a grande oportunidade para esmagar o incômodo que a Sérvia causava ao império dual. Essa medida teria que ser aplicada com mão de ferro.

A Sérvia acalentava um projeto expansionista pelos Bálcãs, utilizando o mote do pan-eslavismo, como já havia ficado claro nas duas guerras balcânicas (1912-13). Isto excitava os sentimentos nacionalistas de alguns povos incorporados ao império dual. O Mão Negra era subsidiado pelo governo – via serviço secreto –, mas agia com ampla liberdade além fronteiras. Por outro lado,

¹² Terror e terrorismo sempre foram conceitos variáveis, como qualquer conceito histórico. Após o *11 de setembro*, a polissemia desses termos apenas aumentou. Empregamos o conceito de grupo terrorista, nesta passagem específica, no sentido de uma organização, com fins políticos definidos, que, para atingir esses determinados fins, utiliza a violência para intimidar e desmoralizar o adversário, seja por bombas ou por assassinatos políticos.

¹³ Marc Ferro. *História da Primeira Guerra Mundial – 1914-1918*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 72.

o Estado sérvio procurava não forçar em demasia os limites, temendo, num caso hipotético, porém verossímil, uma reação violenta austríaca, simultânea a uma passiva russa. Antes da desastrosa visita de Franz Ferdinand a Sarajevo, o próprio embaixador sérvio em Viena tentou avisar o governo austro-húngaro sobre o perigo de tal empreendimento, sem obter sucesso. Desse modo, é difícil precisar o grau de envolvimento da Sérvia no atentado. Está no limbo entre dois extremos: ordens diretas do governo ou uma ação independente, à revelia do mesmo.

O plano de ataque da Áustria-Hungria, no aspecto político, partia de duas demandas. A primeira era o apoio alemão, para salvaguardá-los de um ataque dos russos, pois estes eram aliados dos sérvios. A segunda demanda era a imposição de um ultimato a Belgrado. Este deveria conter exigências inaceitáveis, cuja recusa justificaria a declaração de guerra perante o resto do continente europeu, atribuindo a culpa do conflito à Sérvia.

Em cinco de julho, o *Kaiser* Wilhelm II e o chanceler (primeiro-ministro) alemão Theobald von Bethmann-Hollweg forneceram carta branca aos austríacos. A única advertência germânica era para não haver atrasos. Quanto mais cedo fosse desfechado o ataque, melhor. Entre 07 e 19 de julho, ocorreram diversas reuniões no gabinete austro-húngaro, sob a liderança do ministro dos negócios estrangeiros, conde Leopold von Berchtold, para chegar a uma versão satisfatória do ultimato. O artigo sexto atingiria o objetivo do documento:

o governo sérvio devia comprometer-se a dissolver as sociedades que se dedicassem à propaganda política e a “aceitar a presença junto dele de funcionários austro-húngaros que participariam na supressão do movimento subversivo.” Este ponto (...) colocava praticamente a administração do país sob a tutela da Áustria.¹⁴

Entrementes, um acontecimento em São Petersburgo atrasou o envio das demandas austríacas. O presidente francês, Raymond Poincaré, visitou o *czar* Nicolau II, entre os dias 16 e 23 de julho. O encontro dos dois chefes de Estado, que eram aliados, poderia suscitar reações que nem os alemães, nem o império dual desejavam. Nesse momento, a grande preocupação dos dois governos era assegurar que o conflito que se desdobraria nos Bálcãs ficaria limitado à região. O ultimato só foi entregue em Belgrado no dia 23, às 18:00h, horário local – logo após o retorno de Poincaré à França. O governo sérvio estava obrigado, pelo documento, a emitir uma resposta até 48 horas após o recebimento.

Não era possível contatar Poincaré, que estava viajando de navio, para coordenar as ações franco-russas imediatamente, tal como foi planejado pelos austríacos ao atrasarem a entrega do documento. No entanto, o embaixador francês na Rússia, Maurice Paléologue, supriu essa dificuldade sem maiores problemas, ao assegurar ao *czar* total apoio para correr em defesa da Sérvia. Provavelmente essa possibilidade já havia sido discutida previamente com o

¹⁴ Marc Ferro, *op. cit.*, p. 75.

presidente. Fica difícil imaginar um embaixador com tamanha autonomia decisória.

Findo o prazo, em 25 de julho, os sérvios declararam aceitar todos os termos do ultimato, à exceção do já citado item seis. Como isso já era esperado, os diplomatas austríacos romperam as relações diplomáticas e deixaram o país no mesmo dia. Nesse momento, as intenções do império dual estavam ficando cada vez mais claras. Do ponto de vista teutônico, a guerra teria que ser declarada antes que alguma potência decidisse intermediar o conflito que se desenhava. Do lado da *Entente Cordiale*, os estados-maiores já se reuniam e se dispunham para o combate. No mesmo dia Nicolau II ordenou, com o aval de Paléologue, a mobilização parcial dos exércitos russos. Em 26 de julho, Bethmann-Hollweg advertiu Paris, Londres e São Petersburgo de que a mobilização russa seria considerada uma ameaça à segurança alemã, mesmo que fosse apenas dirigida à Áustria-Hungria.

No dia 28, os austríacos declararam guerra à Sérvia, a qual havia decretado também a mobilização no dia anterior. A França preparou-se para mobilizar também, após tomar conhecimento e aprovar a mobilização total russa, que estava sendo preparada discretamente. No dia 29, Berlim solicitou esclarecimentos do governo inglês sobre o posicionamento do país na eventualidade de uma guerra. Em 30 de julho, os russos anunciaram oficialmente a mobilização geral, e os austro-húngaros fizeram o mesmo. Diante desse quadro,

e das respostas evasivas de Londres, e da aliança russa com Paris, o *Kaiser* proclamou o *Kriegesgefahrzustand* (estado eminente de perigo de guerra). Berlim ainda despachou ultimatoss a São Petersburgo e a Paris, em 31 de Julho.

No dia primeiro de agosto, pressionados pelos cronogramas do Estado-maior e pelos acontecimentos que visivelmente saíram, e ainda estavam saindo, do controle, o Império Alemão decretou a mobilização geral. O Plano Schlieffen estava prestes a ser executado. Ainda no mesmo dia, Londres ordenou, sem causar alarde, a mobilização da *Home Fleet*, que tomou posições no canal da Mancha. Em dois de agosto, Paris decretou oficialmente a mobilização geral e pressionou os britânicos para que fizessem o mesmo. Os alemães lançaram mais um ultimato também para Bruxelas, para que os belgas permitissem a livre passagem das tropas germânicas.

Em três de agosto, as tropas alemãs invadiram a Bélgica e Luxemburgo. Os britânicos finalmente decretaram a mobilização geral e despacharam também um ultimato a Berlim, exigindo o término de qualquer operação militar no território belga. No dia seguinte, todos esses países declararam guerra uns aos outros. De um lado a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, do outro a Sérvia, império Russo, França e Grã-Bretanha. O período dos subterfúgios havia se encerrado. Os italianos também integravam a aliança germânica, mas convenientemente a romperam e decretaram neutralidade. Esta seria mantida até

1915, quando os italianos passaram para o lado da *Entente*, contra a Tríplice Aliança.

Depois de ler e reler os relatos e enumerar as seqüências factuais da crise de 1914, uma palavra salta aos olhos, mais do que o resto: o *medo*. A impressão suscitada pelas narrativas é de que, mais do que o desejo de sobrepujar os outros Estados, expandir o poderio além-fronteiras, adquirir territórios, atingir objetivos políticos imediatos ou simplesmente vencer uma guerra, os homens de Estado tinham medo. Temor de serem atacados primeiro; de os outros Estados ampliarem zonas de influência ou os próprios territórios, às custas dos governantes mais fracos ou indecisos; de perder uma grande oportunidade ou, para utilizar uma expressão cara aos militantes de esquerda, de perder o *trem da história*. Talvez esses homens de Estado tivessem imaginado como os grandes vultos das histórias nacionais responderiam a esse conjunto de acontecimentos simultâneos. Como agiriam Carlos Magno, Napoleão, Frederico o Grande, Ivã o Terrível ou a rainha Vitória? Eles teriam atuado com precisão e tranqüilidade ou ficado cheios de dúvidas? Ao atravessar o Rubicão, Julius César não teria hesitado ao menos um instante?

“E com voz de monarca nestas plagas soltará com alarma os cães da guerra”.¹⁵ Ao pavor sobreveio o alívio. O alívio da execução das ordens que

¹⁵ William Shakespeare. *Julio César*. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2001, Ato III, Cena I, versos 294-5.

puseram a máquina bélica em movimento. A sorte seria jogada na batalha. Quando ficou claro para todos os governos envolvidos que não era mais possível recuar, os planos dos estados-maiores foram postos em execução. Os principais grupamentos militares colocados em combate e respectivos comandantes eram os seguintes:

Império Alemão

Chefe do Estado-Maior: Helmut von Moltke, o jovem
I Exército: Alexander von Kluck
II Exército: Karl von Bülow
III Exército: Friedrich von Hausen
IV Exército: *Herzog* (duque) Albrecht von Württemberg
V Exército: *Kronprinz* (príncipe herdeiro) Frederich-Wilhelm
VI Exército: *Prinz* Rupprecht von Bayern
VII Exército: Josias von Heeringen
VIII Exército: Max von Prittwitz

República Francesa

Chefe do Quartel General Geral: Joseph Joffre
I Exército: Auguste Dubail
II Exército: Édouard Noël de Castlenau
III Exército: Charles Ruffey
IV Exército: Armand Langle de Cary
V Exército: Charles Larenzac
Exército da Alsácia: Paul Marie Cesar Gerald Pau
Exército da Lorena: Michel Maunoury

Grã-Bretanha

Força Expedicionária Britânica: *sir* John French

Império Russo

I Exército: Pavel Rennenkampf

II Exército: Alexander Samsonov

A aplicação do Plano Schlieffen dispôs os cinco primeiros exércitos alemães, do norte para o sul, marchando sobre o território belga e a floresta das Ardenas. Os exércitos VI e VII ocuparam a Alsácia-Lorena para servirem de chamariz. A passagem de von Kluck pela Bélgica semeou o terror entre a população local. O general acreditava na força do exemplo; diante de qualquer ataque aos soldados germânicos nas cidades ocupadas – real ou imaginado –, as retaliações recaíam sobre os civis. O avanço foi gradual. As baixas estavam dentro do previsto.

Joffre ordenou que os comandantes subordinados avançassem a qualquer custo. Quando os relatórios mostraram os alemães bem mais ao norte do que o esperado, enxergou isso como uma grande vantagem e reafirmou as ordens. No entanto, o generalíssimo francês estimava as forças opositoras em, no máximo, 600 mil homens. Assim, a ofensiva partiria os alemães ao meio. Ele ignorava que os sete exércitos germânicos perfaziam na verdade 1.400.000 soldados. Mais do que o dobro da projeção.

O peso da arremetida alemã recaiu sobre o 5º exército francês, sob o comando do general Larenzac. Contrariando ordens superiores, Larenzac decidiu

pela retirada, seguindo sua própria avaliação, que ao cumprirem aquelas ordens suas tropas seriam dizimadas pelo inimigo, superiores tanto em número quanto em treinamento. Essa decisão teve desdobramentos maiores. O extermínio do centro francês abriria uma brecha mortal. O recuo, no entanto, fez com que os outros comandantes também recuassem, aliviando assim a pressão. Isso provavelmente salvou a *Entente*. Entretanto, Larenzac foi demitido por Joffre, que preferia punir um bode expiatório a admitir os próprios erros.¹⁶

Entretanto, do outro lado, o Plano Schlieffen foi modificado mais uma vez. Desde a posse do jovem Moltke, o plano fora revisto em alguns detalhes, sem ter os pressupostos gerais questionados. Impressionado pelas conquistas dos cinco primeiros exércitos teutônicos, o príncipe Ruprecht implorou ao alto comando uma autorização para que ele e von Heeringen avançassem, e não mais servissem de chamariz para os franceses. Toda a concepção original alterou-se com esse movimento. Ao invés de os franceses entrarem numa *porta giratória* que os levaria à aniquilação, foram empurrados para trás.

O recuo foi contínuo até o início de setembro. Von Kluck decidiu não cercar Paris, conforme o planejado, e convergiu à esquerda em direção ao sul.

¹⁶ A narrativa apresentada aqui se baseia em Barbara Tuchman. Acerca desse episódio, Marc Ferro – provavelmente imbuído de sentimentos nacionalistas e influenciado pelo antigo mestre Pierre Renouvin (historiador e ex-combatente da Grande Guerra) – traça um relato muito mais favorável de Joffre, afirmando, inclusive, que a retirada foi ordenada pelo generalíssimo, e não iniciativa de Larenzac. Ao final, Ferro não explica satisfatoriamente a saída do comandante do 5º exército francês. Para um confronto entre as versões, ver: Marc Ferro, *op. cit.*, pp. 88-95; Barbara Tuchman, *op. cit.*, pp. 431 *et seq.* Para uma terceira versão: John Keegan. *Agosto de 1914: irrompe a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Renes, 1978, pp. 112 *et seq.*

Esta manobra expôs todo o flanco alemão a um ataque originado na própria capital francesa. O avanço germânico havia perdido o fôlego. Era o momento do contra-ataque.

Entre 05 e 10 de setembro aconteceu a batalha do Marne, também denominada por ingleses e franceses Milagre do Marne. Este chamado milagre foi interpretado como vitória pela historiografia ocidental. Marc Ferro apresenta-a como incontestável.¹⁷ Fosse uma vitória e tão grandiosa assim, a guerra teria chegado ao fim. Uma observação mais atenta dessa batalha a revela como nada mais do que um empate. Os franceses atacaram com vigor e até a BEF, em fuga desde o início, juntou-se à ofensiva. Entretanto, os germânicos foram detidos, mas não expulsos. Continuaram controlando o lado francês da fronteira e quase toda a Bélgica. Após o Marne principiou-se a corrida até o canal. Executando esforços combinados de defesa e ataque, ambos os lados na frente ocidental construíram trincheiras, simultaneamente às tentativas, fracassadas, de flanquear o inimigo. Assim começou a fase da guerra de posições, que duraria até 1918.

Apesar de todo o despreparo, desorganização, lentidão e corrupção, a vanguarda do exército russo foi posta em marcha contra os alemães, respondendo às insistências francesas, quatro semanas antes do previsto por Schlieffen. A estrutura logística era extremamente deficiente e não havia nem

¹⁷ Marc Ferro. *op. cit.*, p. 94. Keegan também a qualifica de milagre; *op. cit.*, p. 138.

códigos criptografados para o envio de mensagens entre os comandantes,¹⁸ o que era quase um determinante para o desastre. O objetivo imediato de Rennenkampf e Samsonov era flanquear, cortar a retirada e exterminar as forças alemãs do VIII exército.

Entre 17 e 20 de agosto ocorreu a batalha de Gumbinnen. Foi desfechado um ataque vigoroso pelo exército de Rennenkampf. O comandante do VIII, Prittwitz, ficou entre confuso e assustado, mais isto que aquilo. O comandante de um corpo, Hermann von François, conseguiu repelir os russos, enquanto os soldados do outro corpo, sob o comando de August von Mackensen, fugiram desordenadamente, fornecendo ao outro lado a impressão de vitória decisiva. Ao analisar esse quadro, Prittwitz preferiu fugir, aterrorizado por imaginar os cossacos avançando para o oeste do rio Vístula. Essa atitude do general quer nos parecer alarmista em demasia e muito precipitada. O alto comando não ficou nem um pouco satisfeito:

Moltke ficou consternado. Esse era o resultado de deixar aquele gorducho idiota comandar o Oitavo exército (...). Entregar a Prússia Oriental seria sofrer uma tremenda derrota moral (...). Pior ainda: se os russos atravessassem o Vístula, ameaçariam não apenas Berlim mas também o flanco austríaco e até mesmo Viena.¹⁹

¹⁸ Barbara Tuchman, *op.cit.*, p. 245.

¹⁹ *Ibidem*, p. 257.

A solução encontrada por Moltke foi destituir Prittwitz e nomear em seu lugar o general Paul von Hindenburg, que carregou consigo o general de estado-maior Erich Ludendorff. Os dois generais – auxiliados pelo coronel Max Hoffmann, executivo de estado-maior do VIII – conseguiram acalmar os ânimos e consertar a situação. A batalha seguinte, entre 26 e 29 de agosto, foi travada em local próximo a Tannenberg. Rennenkampf deliciava-se com as notícias dos alemães em fuga, relaxando e comemorando ao invés de tentar desfechar um golpe decisivo. Ignorava o fato de que os germânicos já haviam se reorganizado e estavam marchando contra Samsonov, bem mais ao sul. Graças às mensagens interceptadas, Ludendorff sabia que poderia atacar o 2º exército russo sem a interferência do 1º. O VI corpo do exército de Samsonov localizou as forças de Mackensen. Tendo como certo que eles ainda estavam fugindo, adiantaram a marcha para o golpe de misericórdia. Eles descobriram, tarde demais, que o corpo alemão já estava reagrupado e partindo para o ataque.²⁰ Ao tentar cercar os germânicos, Samsonov se viu cercado e, depois de combates intensos, dizimado.

Rennenkampf foi vencido na batalha seguinte a Tannenberg, a dos Lagos da Masúria. Desesperado com a amplitude da derrota, o general abandonou os comandados e fugiu para o território russo. A vergonha de tal atitude derrubou também o superior, general Ivan Jilinsky, comandante militar de Varsóvia. Em

²⁰ *Ibidem*, pp. 344 *et seq.*

pouco mais de um mês, toda a vanguarda russa que havia penetrado no território alemão, a despeito da superioridade numérica, fora destruída.

No ocidente, as batalhas nas trincheiras converteram-se em escoadouros de sangue. A natureza do combate obrigava a todas as ofensivas serem frontais, o que só favorecia a defesa. Assim, a título de exemplo, podemos citar duas batalhas consecutivas: primeiro, a batalha de Verdun, entre 21 de fevereiro e 11 de julho de 1916, vitimou 281 mil alemães e 315 mil franceses; a seguinte, batalha do Somme, ocorrida entre 1º de julho e 18 de novembro, vitimou 500 mil alemães e 620 mil ingleses e franceses. Apenas nestas duas batalhas morreram mais de um milhão e setecentos mil homens, para avançar oito quilômetros num ponto, doze em outro e ficar estagnado em outras partes da frente.

Para desfazer o impasse das trincheiras, tentaram-se novas táticas e armas. O lançamento da frente de Gallipoli por ingleses e australianos, no Império Otomano, deveria abrir uma brecha no flanco sul da Aliança. No entanto, redundou novamente em combate de trincheiras. Além de não resolver, ampliou o problema original. A estratégia, nomeada como usura, foi que acabou prevalecendo, por falta total de opções. Era fazer o inimigo sangrar até a morte.

Algumas esperanças foram depositadas em novidades bélicas. Os gases venenosos causaram traumas sem precedentes. Dentre outros tipos, havia o mostarda, que espalhava queimaduras profundas em toda pele da vítima, ou o fogsênio, absorvido por inalação, que transformava os pulmões numa geléia

gordurosa; esta escorria pelos órgãos internos. O uso generalizado dos gases não trouxe vantagens decisivas de quaisquer espécies a nenhum dos lados. Só aumentou ainda mais a miséria dos soldados nas trincheiras. A lembrança terrível dos gases perdurou para além do conflito. Foram proibidos internacionalmente na década de 1920 e, durante a guerra de 1939-45, ambos os lados antagônicos não os utilizaram por medo de retaliações na mesma medida. Era o equilíbrio do terror. Os carros blindados, desenvolvidos por franceses e ingleses, foram poucos e chegaram tarde demais.²¹ O equipamento que mais inovou o conflito foi o avião.

²¹ Os carros de combate blindados, popularmente designados tanques, foram subutilizados até 1918. A grande potencialidade dos mesmos foi explorada teoricamente numa obra de um militar alemão, Heinz Guderian, intitulada *Achtung Panzer!* [atenção, blindados!] publicada em 1937.

Viver para voar, voar para viver

O avião foi inventado na década imediatamente anterior à Grande Guerra. Um grande número de entusiastas contribuiu para desenvolver o aparelho, principalmente para o esporte. Uns poucos visionários enxergavam muitas possibilidades para o futuro daquela nova máquina, inclusive como equipamento militar. No entanto, até agosto de 1914, apenas uns poucos generais consideravam a utilidade dos aviões para o reconhecimento. A maioria não acreditava nem nessa possibilidade. Afirmavam que qualquer ser humano que voasse a grande velocidade provavelmente morreria sufocado.

O papel da observação, por si só, tem uma importância fundamental na guerra, ao permitir o acompanhamento dos movimentos adversários atrás das linhas de combate. Balões de observação, estáticos, já eram utilizados, fornecendo assim uma visão privilegiada do teatro de operações. A vantagem do avião era justamente penetrar no espaço aéreo inimigo e obter informações sobre movimentação de tropas e localização de baterias de artilharia.

Os primeiros aviões de observação eram compostos por dois tripulantes, um piloto e um observador, que fotografava a região. A manobra de von Kluck, a conversão para o sul do I exército germânico, às portas de Paris, que precedeu a

batalha do Marne, só foi percebida pelos franceses por meio das fotografias aéreas.

Os aviões entre 1914 e 1918 eram lentos e frágeis. Entre os primeiros, as únicas estruturas metálicas estavam presentes nos motores. O resto era composto por ripas de madeira recobertas com lonas. Até o final de 1917 as tripulações não utilizavam pára quedas. E em 1918 somente os alemães adotaram esse dispositivo. Essas circunstâncias tornavam o cotidiano dos tripulantes algo extremamente arriscado.

Nos princípios do conflito, os aviadores adversários até trocavam cumprimentos quando se encontravam nos céus. Com o desenrolar das operações, as saudações foram substituídas por insultos, gestos obscenos e, finalmente, por pistolas e carabinas. Tão importante quanto fotografar os movimentos do outro lado, seria impedir o inimigo de fazer o mesmo.

Os pilotos que tentavam derrubar os adversários enfrentavam muitas dificuldades. Os que carregavam pistolas e fuzis tinham que emparelhar os aviões com os inimigos e, à queima-roupa, trocar tiros. Os que montavam metralhadoras na carlinga do observador, além de perder velocidade devido ao peso da arma – os frágeis aeroplanos voavam a 90 e 140 km/h –, tinham que disparar pelas laterais das aeronaves, pois na frente havia a hélice e atrás, o leme. Isso dificultava sobremaneira a mira. Além disso, o adversário não era estático, nem indefeso. Na busca de uma posição ideal para atirar, e não sofrer retaliações,

os pilotos buscavam sempre se posicionar em relação ao alvo no chamado ponto cego. Este impossibilitaria o revide. Com tal dinâmica de combate, os enfrentamentos aéreos ganharam na época o nome de *dogfight* (luta de cães). Simultaneamente, alguns aviões observadores também passaram a carregar pequenas bombas. Se, durante a observação, fosse encontrado algum alvo relevante, o observador jogava manualmente os petardos. Para bombardeios mais intensos, os alemães utilizavam, no início, os zepelins. Apesar de lentos, voavam a grande altitude, dificultando o abate pela aviação inimiga.

Voar e manobrar, mirar e atingir pode parecer uma equação de simples resolução. Entretanto, a prática demonstrou que era algo assaz complicado e trabalhoso. Efetuar disparos pela lateral de um avião, em vôo, na direção de outro avião também em movimento, consumia tempo e munição em demasia. As primeiras experiências demonstraram que o ideal seria empregar uma aeronave que disparasse frontalmente. Na direção onde o piloto estaria navegando seria feita a mira. Nos aviões tratores,²² a hélice impedia a instalação de metralhadoras à frente, pois os projéteis atingiriam a mesma. Já os impulsores não tinham essa limitação; contudo o desempenho destes – velocidade, ascensão, curvas e mergulho – era muito inferior ao dos tratores.

²² O avião trator possui o motor na parte dianteira, proporcionando o efeito de tração. Em contraposição, havia também o avião impulsor, cujo motor, localizado na parte traseira, empurrava a aeronave.

Como atirar através da hélice? Essa questão, formulada no início de 1915, era fundamental para a nascente aviação de caça. O avião de caça, aeronave especializada em destruir outros aviões, surgiu diretamente das demandas da Grande Guerra. Essa assertiva pode ser feita sem grandes problemas; afinal desenvolvimentos técnicos são bem diferentes de processos históricos, apesar de estarem inseridos nos mesmos.

A solução francesa foi adaptar um *monoplace* monoplano²³ Morane-Saulnier tipo L, popularmente conhecido como Parasol. Nas lâminas da hélice, à altura dos canos da metralhadora, foram montadas placas de aço para desviar os projéteis, a fim de que as mesmas não fossem danificadas pelos disparos. Essa modificação foi feita a pedido do piloto francês Roland Garros (1888-1918). Garros já era um piloto famoso desde antes o início da Grande Guerra. Havia participado de várias competições no período de paz, granjeando fama e reconhecimento. A montagem daquele aparato foi feita pelos irmãos Morane e o engenheiro Saulnier. Entre 1º e 18 de abril de 1915, Garros derrubou pelo menos três aviões germânicos, graças ao novo equipamento, tornando-se a primeira estrela dos combates aéreos.

²³ *Monoplace* é o avião de um ocupante, diferente do *biplace*, de dois tripulantes. O monoplano possui um plano de asas. Além desse, há os biplanos e os triplanos.

Outro famoso esportista aéreo francês, Adolphe Pégoud, conseguiu abater seis aviões no mesmo ano. A imprensa francesa o aclamou como ás da aviação.²⁴ Esse termo local designava antes de 1914 as estrelas dos esportes; após Pégoud passou a significar um piloto que havia abatido muitos aviões. Logo, estabeleceu-se tacitamente que mereceria o título quem atingisse a marca de pelo menos cinco vitórias.²⁵ A vitória – expressa em inglês como *kill* – remete ao abate de alguma aeronave. Apesar desse começo promissor, Garros aterrou do lado alemão da frente de combate, ao ter o motor atingido. Foi capturado antes que pudesse atear fogo ao aparelho. Ficou preso até janeiro de 1918, quando conseguiu fugir da prisão. Reintegrado no serviço aéreo francês, morreu em combate. O avião dele caiu em chamas. Pégoud morreu em agosto de 1915, ao perseguir o que seria sua sétima vítima.

O Parasol de Garros foi enviado para a análise do engenheiro holandês Anthony Fokker, que trabalhava para a aviação alemã. Fokker não apenas avaliou o mecanismo como simplório, mas também como perigoso. As placas defletoras poderiam ricochetear os projéteis tanto para longe, como para o motor ou, ainda pior, para o corpo do piloto. Para solucionar tal problema, ele o equiparou ao menino que tenta lançar pedras no moinho, evitando as pás do mesmo.²⁶ Assim

²⁴ Cf. Tom Crouch. *Asas – uma história da aviação: das pipas à era espacial*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 175.

²⁵ Cf. Bill Gunston *et alii*. *The encyclopedia of air warfare*. London: Spring Books / Salamander Book, 1975, pp. 21-2; 35.

²⁶ Cf. John E. Johnson. *Guerra no ar*. Porto Alegre: Globo, 1966, p. 15.

Fokker desenvolveu o mecanismo interruptor, o qual travava a metralhadora no exato momento em que as pás da hélice estavam na linha de tiro. O aparato, então, ordenava os disparos nos intervalos da hélice.

Fokker montou o mecanismo junto a uma metralhadora Parabellum no *monoplace* Fokker E1. A letra E significava *Eindecker* (monoplano). Este foi o primeiro avião de caça realmente eficiente; havia equacionado os problemas levantados até então. Mas as demandas da guerra não eram estáticas. Os desenvolvimentos técnicos de um lado provocavam os do outro lado, sucessivamente.

Construído o novo avião, era necessário um teste em combate real. Por ser um civil holandês, Fokker recusou-se a executar tal teste.²⁷ Um dos voluntários foi o *Hauptmann* (capitão) Oswald Boelcke, que já havia abatido dois aviões, junto com o observador. Boelcke mostrou que, em mãos habilidosas – além dele mesmo, Max Immelmann e Kurt Student – o Fokker E1 poderia desenvolver todo seu potencial mortífero. Entre 1915 e 1916, enquanto o *Eindecker* não possuía rivais à altura, perdurou um período de terror entre ingleses e franceses, o chamado flagelo Fokker.

²⁷ Segundo a literatura sobre o episódio, Fokker chegou até a voar, com uniforme de tenente alemão. Mas ao mirar um adversário, abandonou a luta sem disparar nenhum tiro, “nauseado por toda aquela história” [*idem*]. Mas em outra ocasião, o mesmo engenheiro enojado da guerra fez pose para foto junto do Barão Vermelho e de uma vítima recente daquele ás alemão (ver apêndice).

Apesar do pioneirismo, Student obteve o reconhecimento público durante a II Guerra Mundial, como general dos paraquedistas alemães. Immelmann, conhecido como a Águia de Lille, conseguiu 15 vitórias até o momento da morte, em 28 de junho de 1916. A manobra mais conhecida desse piloto era a Curva Immelmann. Consistia num mergulho, subida rápida, rolagem e novo mergulho, atirando sobre o adversário, e repetindo a manobra. Assim como outros ases, a morte de Immelmann foi cercada por declarações propagandísticas. O serviço aéreo germânico atribuiu-a a um defeito estrutural da aeronave. Anthony Fokker, temendo pela própria reputação, negou. Os britânicos afirmaram que a derrubada do piloto foi devida à mira de um artilheiro de um F.E. 2, cabo John Walter. Apesar desta avalanche de versões, a maior parte dos autores tende a dar crédito ao defeito estrutural como causa da morte de Immelmann.

Oswald Boelcke merece um destaque muito maior. Visionário, teorizou sobre as técnicas do combate aéreo. Ainda hoje, tudo que existe em termos de táticas de *dogfight* foi concebido por Boelcke. O piloto alemão afirmava que a aproximação sempre deveria ser feita por trás, de preferência com o sol às costas, para que o adversário não pudesse localizar o agressor. O piloto de caça também deveria controlar a altitude, de modo a garantir o máximo de vantagens na hora do ataque; buscar proteção nas nuvens, para evitar contato visual e nunca voar em linha reta, para não ser presa fácil de outro caçador. Conforme está redigido na *Encyclopedia of air warfare*:

É impossível superestimar a importância de Boelcke na história do combate aéreo. À parte a marca impressionante de 40 vitórias e o agraciamento com a maior condecoração germânica, a *Pour le mérite*, Boelcke deve também receber os créditos pela formulação das regras de combate aéreo, e por ter arquitetado o emprego correto das unidades [de caça] em ação.²⁸

Paralelamente aos franceses e ingleses, que passaram a adotar formações de aeronaves em *escadrilles* e *squadrons*, Boelcke inventou as *Jagdstaffeln* (esquadrilhas de caça), geralmente mencionadas pela abreviatura *Jasta*. Ele mesmo recebeu o comando da *Jasta 2*. Mais do que uma unidade de combate, era uma escola de combates aéreos. Escolhendo criteriosamente os pilotos – inclusive recrutando alguns da frente oriental –, Boelcke pôs em prática suas teorizações prévias. Dentre os pupilos de Boelcke estava o *Leutnant* (2º tenente) Manfred *Freiherr* (barão) von Richthofen, o qual viria a ser conhecido como Barão Vermelho. O mestre, no entanto, não viveu o bastante para assistir ao pleno desenvolvimento do sistema de *Jastas*. Morreu em 28 de outubro de 1916, numa colisão com um piloto do próprio esquadrão, Erwin Böhme.

O flagelo Fokker acabou em 1915. Em 1917, outro episódio dramático foi o Abril Sangrento, em que mais de 300 pilotos e observadores do RFC (*Royal Flying Corps* – Corpo aéreo real britânico) morreram em combate contra os alemães. Ambos os lados revezavam-se na supremacia.

²⁸ Bill Gunston *et alii. op. cit.*, p. 36.

Ingleses e franceses não tardaram a copiar o mecanismo interruptor de Anthony Fokker, a despeito de todo o cuidado germânico. Novos biplanos entraram em operação, como o Nieuport 11 (também conhecido como Bébé) e 17 franceses. Os ingleses ainda insistiam com impulsores, como o Airco de Havilland 2. Voando neste modelo, o ás britânico Lanoe G. Hawker tornou-se a 11ª vítima de Manfred von Richthofen. Ainda em 1916, o RFC adotou o Sopwith Pup e o Royal Aircraft Factory SE.5, tratores biplanos de grande eficiência. Dada a dinâmica da guerra, os alemães já haviam colocado em serviço os Albatrozes *mark D* (*Doppeldecker* – biplano), dotados de duas metralhadoras sincronizadas Spandau.

Entre as vitórias de Garros e Pégoud, o flagelo Fokker, e o final do conflito situa-se o período chamado *Era dos ases*, em que os pilotos de caça tentavam, além de superar os adversários e permanecer vivos, superar as marcas uns dos outros. A imprensa noticiava não apenas as vitórias dos pilotos nacionais ou coligados, mas igualmente as dos inimigos. Daí a importância das notícias de morte de um ás inimigo por um nacional, quanto da negação quando ocorria o oposto. Foi esse embate propagandístico que alimentou as polêmicas sobre as mortes de Max Immelmann, Albert Ball, Georges Guynemer e Manfred von Richthofen.

A propaganda acerca dos feitos dos pilotos era intensa, notadamente entre franceses e alemães. Na Alemanha, havia os cartões postais *Sanke*; fotos dos ases

uniformizados e portando condecorações. Quando Lothar von Richthofen, irmão do Barão Vermelho, posou para tal publicação, ainda não havia ganho a *Pour le mérite*. Após o anúncio da entrega da comenda ao piloto, o fotógrafo não poderia fazer uma nova sessão de fotos, por razões práticas. A solução encontrada foi desenhar a medalha no negativo, garantindo assim a continuidade das vendas.

No auge da fama, Manfred von Richthofen se recusava a autografar as próprias fotografias. Certa vez, depois de assinar cinquenta cópias a pedido de uma pessoa, ele flagrou a mesma vendendo as imagens na esquina, a bom preço.²⁹ Ao examinar a carteira de um francês abatido, já morto, Ernst Udet encontrou um recorte de um jornal local, com a foto dele mesmo. Embaixo, havia a inscrição: “Ás dos ases boche [outro nome pejorativo para alemão], que substituiu Richthofen e suplantou Fonck [um ás francês]: 40 vitórias!”³⁰ Ele havia matado um admirador.

Apesar da ênfase no individual, a caça era uma atividade a ser desenvolvida em equipe, como o próprio Boelcke já insistia. As patrulhas deveriam ser minimamente compostas por quatro aparelhos, dois líderes e dois alas. Os primeiros atacavam e os últimos protegiam a retaguarda. Porém, os ases solitários faziam muito mais sucesso aos olhos do público. Richthofen chegou a

²⁹ Cf. Peter Kilduff. *Richthofen: beyond the legend of the Red Baron*. New York: John Wiley & Sons, 1993, p. 118.

³⁰ Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*. Berlin: Verlag Ullstein, 1937, Bild 36.

aperfeiçoar os preceitos do mestre, criando o *Jagdgeschwader* (esquadrão de caça) 1. Garantia assim a superioridade aérea no teatro de operações. Esse esquadrão foi formado com a junção das *Jastas* 04, 06, 10 e 11. Ficou popularmente conhecido como o Circo Voador, devido ao esquema de cores chamativas dos aviões.

Os aviadores não se preocupavam em camuflar as aeronaves. Além das marcas nacionais – os britânicos usavam um alvo redondo nas cores azul-branco-vermelho; os franceses também usavam um alvo em vermelho-branco-azul; os alemães pintavam uma cruz de malta preta –, havia os símbolos do esquadrão e, no caso dos ases, os símbolos pessoais. O Barão Vermelho utilizou uma série de aviões com esquemas de cores diferentes, sendo o mais conhecido o Fokker Dr (*Dreidecker* – triplano) I, pintado todo de vermelho com o leme branco. Ernst Udet usava um avião todo vermelho com o nome da Esposa, Lo, seguido de uma exclamação.

Dentre os franceses, Georges Guynemer voava num avião branco, onde se lia *Vieux Charles*. Charles Nungesser também utilizava uma aeronave branca, que continha um desenho funesto: um coração preto que circundava uma caveira com dois ossos cruzados, um caixão e um par de velas. Os ingleses dificilmente marcavam o avião pessoalmente. Esse sistema de cores chamativas possuía duas vantagens: primeiro evitava que os pilotos fossem atingidos pela própria *flak*³¹ ou

³¹ *Flak* é abreviatura de *Flugzeugabwehrkanone*, artilharia anti-aérea.

atacados pelos companheiros. Segundo, os ases poderiam se reconhecer mutuamente nos céus e empreender duelos memoráveis.

Tabela 1: ases com maior número de abates:³²

Nacionalidade	Nome e posto	Vitórias
Alemanha	<i>Rittmeister</i> Manfred <i>Freiherr</i> von Richthofen	80
Alemanha	<i>Oberleutnant</i> Ernst Udet	62
Alemanha	<i>Oberleutnant</i> Erich Löwenhardt	53
Grã-Bretanha	<i>Major</i> Edward Mannock	73
Grã-Bretanha	<i>Lieutenant-Colonel</i> William Bishop	72
Grã-Bretanha	<i>Lieutenant-Colonel</i> Raymond Collinshaw	60
França	<i>Capitaine</i> René Paul Fonck	75
França	<i>Capitaine</i> Georges Guynemer	54
França	<i>Lieutenant</i> Charles Nungesser	45
Rússia	<i>Staff-Captain</i> A. A. Kazakov	17
Rússia	<i>Captain</i> P. V. d'Argueeff	15
Rússia	<i>Lieutenant-Comander</i> A. P. Serversky	13
Estados Unidos	<i>Captain</i> Edward V. Rickenbacker	26
Estados Unidos	<i>Second-Lieutenant</i> Frank Luke Jr.	21
Estados Unidos	<i>Major</i> Raoul Lufbery	17

³² Cf. *Ibidem*, pp. 36-42.

Um caso à parte foi o piloto alemão Fritz Kempf, que garantiu a imortalidade não pelos feitos, mas pela autopromoção. Caçador medíocre, abateu apenas três aviões durante a guerra. Entretanto, a decoração do aeroplano de Kempf abriu-lhe um espaço em quase toda a bibliografia sobre a aviação de 1914-1918. Seu Fokker Dr. I tinha o sobrenome na primeira asa, a inicial do mesmo na lateral e, na segunda asa, a pergunta: *Kennscht mi noch* (Já me conhece)?

Havia, no âmbito das esquadrilhas, um debate sobre métodos de caçada. O que seria melhor: ataque direto e calculado ou manobras acrobáticas? Dos partidários da primeira posição, destacam-se os alemães Oswald Boelcke, Manfred von Richthofen e os ingleses Edward Mannoock e James McCudden. Richthofen desprezava as acrobacias. Afirmava que serviam apenas para impressionar os civis. Seria uma total perda de tempo. A única função do piloto de caça era exterminar a oposição aérea.³³ As manobras de vôo teriam que ser pautadas pelo pragmatismo. Muito mais importante do que aqueles ‘truques’, seriam uma boa pontaria e bom posicionamento. McCudden resumiu isso em 1918: “bom vôo nunca matou um huno ainda.”³⁴

Adeptos das manobras sofisticadas eram os alemães Ernst Udet, Werner Voss e o francês Georges Guynemer. Voss, judeu alemão, possuía uma habilidade incomum ao manche. Abateu 48 aviões até a morrer, em 23 de

³³ Cf. Manfred von Richthofen. *Der rote Kampfflieger*. 2^{es} edition. Berlin: Verlag Ullstein, 1933, pp. 122-4.

³⁴ *Apud* Denis Winter. *The first of the few: fighter pilots of the First World War*. Athens: The University of Georgia Press, 1983, p. 134.

setembro de 1917. A morte dele é referida como um dos *dogfights* mais impressionantes do conflito. Combateu sozinho toda uma formação britânica. McCudden, testemunha e parte ativa na luta, não conteve a admiração:

Agora o triplano alemão estava no meio da nossa formação, e seu manuseio era maravilhoso ao olhar. O piloto parecia atirar em todos nós simultaneamente, e apesar de ficar atrás dele uma segunda vez, eu mal podia ficar por um segundo. Seus movimentos eram tão rápidos e incertos que nenhum de nós podia tê-lo na mira (...).

Eu fui o único piloto que testemunhou a queda do triplano; mesmo Rhys-Davids, que finalmente o abateu, não viu o fim. (...)

Enquanto viver, nunca esquecerei minha admiração por aquele piloto alemão, que sozinho lutou contra sete de nós por dez minutos, e também pôs algumas balas em todas as nossas máquinas. Seu vôo era maravilhoso, sua coragem magnífica, e em minha opinião ele é o mais bravo aviador alemão que eu tive o privilégio de ver voando. (...)

No dia seguinte, nós tivemos uma ligação da ala (de caça) dizendo que o piloto morto (...) era Werner Voss. (...)

Rhys-Davids (...) disse para mim: 'Oh, se eu pudesse ter trazido ele para baixo vivo'.³⁵

Neste excerto, estão presentes todos os elementos clássicos da narrativa de um combate aéreo: habilidade, persistência, coragem e a admiração pelo adversário.

No final, o contraste entre a alegria de ter derrubado alguém tão habilidoso e o pesar por ele não ter sobrevivido.

³⁵ James McCudden. 'Death of an ace: the shooting down of Werner Voss, western front, 23 september 1917'. Em Jon E. Lewis (editor). *The mammoth book of eyewitness World War I*. New York: Carroll & Graf, 2003, pp. 322-3.

Georges Guynemer não apenas possuía uma habilidade superlativa no vôo. Também conseguia posicionar-se de forma que sempre antecipava os movimentos adversários. Quase não era possível surpreendê-lo. Isso foi constatado por Ernst Udet (vide capítulo IV). Também foi testemunhado pelo piloto inglês Cecil Lewis:

Eu era considerado um dos melhores pilotos do Esquadrão 56, então, quando Guynemer me desafiou para um combate simulado sobre o campo de vôo, eu aceitei com avidez. Sabia que nossas máquinas se equiparavam e julguei que minha própria habilidade de vôo me daria vantagem sobre o francês. Mas logo descobri o contrário. (...) Se eu fosse um inimigo estaria morto cinco vezes no primeiro minuto. O que eu fizesse – giro, meia-rolagem, mergulho, ascensão – era o que ele fazia como se estivesse sendo rebocado por mim.³⁶

Após tudo isso, quer parecer que a acrobacia era fundamental. No entanto, os ases com maiores escores eram os adeptos do vôo pragmático. Para ser um bom piloto, provavelmente seria necessária uma mistura dos dois, além de muita sorte.

Nesse ambiente, apartado dos duros combates nas trincheiras, apesar de também violento, desenvolveu-se certo clima de camaradagem e respeito mútuo entre os pilotos de ambos os lados – obviamente, dentro dos limites que o próprio conflito impunha. Dois conceitos foram extensamente evocados: heroísmo e cavalheirismo. Salvo exceções pontuais, o clima de opinião entre os

³⁶ *Apud* Denis Winter, *op. cit.*, p. 135.

pilotos adversários era que, não fosse a guerra, todos poderiam ser grandes camaradas.

Criou-se a tradição de festejar os pilotos capturados com vida e enterrar os falecidos com plenas honras militares. Antes de o prisioneiro ser enviado a um campo de internação, o esquadrão que o derrubou lhe fazia uma grande festa. Nessa celebração o prisioneiro não era prisioneiro, era o convidado especial. Trocavam-se experiências, impressões e amabilidades.

Ao fazer prisioneiro o 1º tenente inglês Reece, o alemão Eduard *Ritter* (cavaleiro) von Schleich – conhecido pela alcunha de Cavaleiro Negro, 35 vitórias –, o convidou para uma partida de tênis no campo do *Staffel*.³⁷ Também era comum às esquadrilhas trocarem correspondências. Estas cartas, arremessadas dentro de garrafas pelos aviões, serviam para comunicar a morte ou captura de pilotos; pedir informações sobre desaparecidos além da linha de frente e, até, para desafiar determinados pilotos a duelos aéreos. Numa certa carta, lia-se o seguinte:

Para o Corpo Aéreo Britânico:

Em 4 de setembro, eu perdi [de vista] o meu amigo Fritz Frech. Ele caiu entre Vimy e Lievin. Seus respeitáveis e desafortunados pais imploram a vocês qualquer notícia do seu destino. Ele está morto? Em qual lugar [o corpo] repousa? Por favor, lancem várias cartas para que possamos achar uma. Agradecendo antecipadamente, seu amigo

³⁷ *Ibidem*, p. 170.

K. L.

P.S.: se for possível, mande uma carta a seus pais: Mr. Frech, Königsberg *i. Pr. Vord Vorstadt*. 48/52.³⁸

Durante os combates aéreos, não havia tréguas, o objetivo era liquidar o oponente. Em terra, geralmente, os pilotos reconheciam-se uns aos outros como adversários de igual valor. A citação a seguir exemplifica essa cortesia:

Recomendava-se aos pilotos do RFC que, se tivessem a infelicidade de ser abatidos atrás das linhas dos *boches*, procurassem sempre incendiar as suas máquinas. Um jovem piloto, que um Fokker forçara a aterrar, foi capturado antes que tivesse tempo de por fogo ao aparelho e seu captor, um aviador alemão, notando a grande ansiedade do inglês, lhe disse:

- Vou levá-lo de carro ao nosso cassino, para almoçarmos. Não se preocupe com a sua máquina. Já temos dúzias desses velhos BE. Depois do almoço volto aqui e o queimo para o senhor.³⁹

Ainda assim, para o autor do relato, John E. ‘Johnny’ Johnson – ás britânico da Segunda Guerra Mundial e vice-brigadeiro do ar –, a existência de um cavalheirismo no ar, entre 1914 e 1918, é um tremendo exagero. Não passa de mito: “esse gesto (...) era simplesmente uma prova de boa educação.”⁴⁰ O código de conduta cavalheiresco pode ser concebido sem cortesia, educação ou

³⁸ *Apud* Denis Winter, *op. cit.*, p. 170.

³⁹ J.E. Johnson, *op. cit.*, p. 22.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 41.

modos civilizados? Mesmo deixando o desenvolvimento dessa questão para os próximos capítulos, podemos adiantar uma resposta taxativa: não.

Outrossim, podemos afirmar que esse código de conduta não passa necessariamente pelo binômio violência/não-violência, mas principalmente pelo reconhecimento do outro como um igual. Apenas esse aspecto já diferencia a guerra aérea de 1914-18 dos conflitos do início do século XXI, em que os prisioneiros não possuem sequer o *status* de seres humanos. Basta pensar nos talibãs mantidos em cativeiro em Guantánamo.

À primeira vista, as mortes entre os pilotos militares na Grande Guerra parecem insignificantes. Apoiado em fontes oficiais, Denis Winter calculou o número de 9.000 mortos ou desaparecidos de todos os serviços aéreos. “Os 20.000 que morreram no primeiro dia da ofensiva de 1916 no Somme fazem os 9.000 mortos em quatro anos parecerem uma bagatela.”⁴¹ Entretanto, esses números ficam melhor dimensionados quando o autor mostra que, no dia do armistício, haviam apenas 5.182 pilotos em serviço na frente ocidental.

O índice de mortes, tendo em vista a proporcionalidade, foi consistente com os das tropas terrestres. O piloto britânico Arthur Gould Lee calcula, nas suas memórias, a média de vida de um piloto de caça na frente ocidental, em 1916, em aproximadamente três semanas. Com os diversos ritmos do combate,

⁴¹ Denis Winter, *op. cit.*, p. 153.

essa razão de perdas variava. Durante o Abril Sangrento de 1917, o RFC estimava a média de vida dos pilotos de caça em horas de vôo: dezessete e meia.⁴²

Na visão dos pilotos, a morte dos companheiros, dos inimigos e do próprio devir, que não era nem um pouco animadora. Estatisticamente, o próximo a morrer poderia ser ele mesmo. Daí o senso de presente, tão vivo nas memórias de guerra.⁴³ Ver o sol nascer mais uma vez já podia ser considerado uma grande vitória.

As reuniões nas cantinas dos oficiais (*mess*, em inglês), ao final de um dia de trabalho, podiam ser terrivelmente sombrias. Era o momento de saber quem conseguiu voltar, e quem não conseguiu, da última missão de combate. Alguns, como o norte-americano Edward Rickenbacker, tentaram contornar o problema pelo distanciamento: “eu endureci o meu coração contra um tipo íntimo de amizade com meus camaradas.”⁴⁴ Em boa parte das vezes, nem se perguntava sobre os ausentes. O silêncio dizia tudo.

Em relação aos inimigos, alguns até sentiam satisfação com suas mortes. Outros, contudo, não conseguiam esquecer que o adversário morto era, também, um ser humano. Assim como o matador, ele chegara a ter anseios e projetos de vida; tinha parentes e amigos que sentiriam a perda. Albert Ball, ás britânico com 44 vitórias, expressou algo semelhante numa de suas últimas cartas: “Eu odeio

⁴² *Ibidem*, pp. 153-6.

⁴³ Cf. *Ibidem*, p. 166.

⁴⁴ *Apud* Denis Winter, *op. cit.*, p. 157.

este jogo; estou cansado de sempre viver matando e realmente estou começando a me sentir como um assassino.”⁴⁵

A divulgação feita pela imprensa concentrava-se intensamente no papel heróico desempenhado pelos pilotos, tanto nas habilidades de combate quanto no sacrifício em nome da pátria. Em 1917, foi impresso em Paris o panfleto *Guynemer: un héros de France*. Era uma homenagem apologética ao piloto, morto em 11 de setembro daquele ano. A morte de Georges Guynemer tem, pelo menos, duas versões: os franceses afirmam que ele desapareceu, caindo provavelmente em decorrência de um defeito mecânico, tendo sido visto pela última vez ao entrar numa nuvem; os alemães afirmaram que foi abatido por eles.

Nesse panfleto estão presentes, de maneira indissociável, a propaganda oficial francesa e a concepção metódica da história. Os historiadores franceses da chamada ‘escola metódica’, a exemplo de Monod, Seignobos e Langlois, preconizavam uma história precisa, exata e imparcial. A narrativa histórica deveria se ocupar dos fatos políticos, com ênfase na nação e nos heróis nacionais. O pretense rigor científico dessa escola, no entanto já pressupunha as construções teleológicas nacionais.

O prefácio redigido pelo general Pétain expõe os objetivos da publicação: “esta brochura é muito modesta: ela presta-se ao relato dos fatos. Mas os fatos são eloqüentes, e sua simples exposição basta para glorificar o homem e fazer

⁴⁵ *Apud* Denis Winter, *op. cit.*, p. 173.

passar seu nome para a História.”⁴⁶ Para os ‘metódicos’, assim como para os todos os positivistas, a historiografia deveria tão somente relatar a verdade. Se os fatos falam por si, então a análise, a imaginação e a filosofia apenas distorcem a verdade. No caso de Guynemer, Pétain afirma que os fatos não somente diziam a verdade, mas eles eram tão grandiosos que por si mesmos elevavam o jovem capitão ao panteão dos heróis nacionais.

Na breve biografia do piloto, o escritor, anônimo, desejou evidenciar que a grandeza do piloto era ancestral, remontava à Alta Idade Média.

O nome Guynemer figura na *Canção de Rolando*. Um cavaleiro Guynemer se bateu na Terra Santa sob Bauduínio de Flandres, no ano de 1097, na época da primeira Cruzada. Um outro cavaleiro Guynemer estava entre os nomes dos signatários do tratado de Guérande, o qual, em 1365, pôs fim à guerra de sucessão da Bretanha. Durante o primeiro Império, três Guynemer, três irmãos, serviram às forças armadas (...).⁴⁷

A habilidade do jovem Georges, assim, não se deveria ao acaso. Havia uma longa linhagem de guerreiros Guynemer ao longo dos séculos. Estes tinham servido aos reis medievos, lutado por Jerusalém e ainda apoiado a Revolução, mesmo que apenas sob Bonaparte. A família Guynemer, em suma, prestava serviços à França desde o império de Carlos Magno até o império de Napoleão. Mas eles não eram

⁴⁶ General Pétain. ‘Préface’. Em Jean Cussac (éditeur). *Guynemer: un héros de France*. Paris: Jean Cussac Imprimeur, 1917, fl. 06.

⁴⁷ *Guynemer*, fl. 07.

relacionados à luta entre jacobinos e girondinos, e sim apenas aos esforços de união nacional, contra as ameaças externas. Na guerra sucessória da Bretanha, durante o século XIV, o cavaleiro Guynemer aparece na celebração da paz, remetendo, uma vez mais, à união. Com a pátria em perigo, eles sempre se apresentavam ao combate.

A pintura, estampada na brochura, representando uma vitória aérea de Guynemer (figura 1), possui uma riqueza de detalhes ímpar. No primeiro plano, o Nieuport 11 branco domina o cenário. Além da inscrição pessoal, *Le Vieux Charles*, há o símbolo da unidade aérea: uma cegonha em vôo, da *Escadrille des Cigognes*. Guynemer está em pé, no *cockpit*, comemorando o êxito. Sua vítima, um Fokker *Eindecker*, soltando fumaça, cai em direção ao solo. O piloto alemão, se ainda não morreu, morrerá em breve. Na parte superior, a verdadeira luta. Guynemer acabou de vencer uma batalha aérea, mas a guerra entre o bem e o mal se desenrola no firmamento – tal qual um arquétipo platônico. No lado direito, o certo, de branco, Marianne. Do lado errado, esquerdo, de preto, a águia imperial alemã. Marianne estrangula a águia. O braço delicado, porém forte e musculoso, agarrou o pescoço daquele ser pernicioso. Não o soltará até que o serviço esteja completo. Mas a França também sofre nessa luta. A águia lacerou o braço de Marianne, que sangra, mas mesmo assim, o destino da ave já está selado. Com a outra mão, Marianne protege os seios. Mesmo no auge da luta, as virtudes



Figura 1: A vitória de Guynemer

francesas devem ser protegidas. O inimigo não pode vislumbrá-las. Os seios desnudos de Marianne, nas representações da Revolução Francesa, remetem à liberdade, e esta é o grande patrimônio a ser salvaguardado do barbarismo teutônico.

A representação da morte de Guynemer (figura 2), não é menos rica em detalhes. A cena alude à escultura *Pietà*, de Michelangelo. Guynemer, como Cristo, jaz no colo de Marianne, que se inclina para beijar-lhe a fronte. Os três anos de lutas extenuantes acabaram, e agora o herói pode repousar num local merecido, embrulhado no manto cívico sagrado, o pavilhão tricolor francês. A Vitória lhe segura as pernas, prestando uma última homenagem. O fatídico vôo o alça à imortalidade. “Ele legou ao soldado francês uma lembrança imperecível que excita o espírito de sacrifício e das mais nobres emulações.”⁴⁸

Guerreiro eficiente, detentor de 54 vitórias, ele era mais poderoso ainda como instrumento de propaganda. Mostrava à população civil as vitórias, enquanto os exércitos terrestres estavam atolados na lama das trincheiras. A divulgação dos feitos heróicos dos pilotos estimulava os jovens a se alistarem, e o povo a produzir materiais bélicos e suportar as vicissitudes dos racionamentos. Todos deveriam cumprir uma cota de sacrifícios. Nos discursos de ambos os lados era ressaltado o caráter cavalheiresco e heróico da aviação de caça. Cartões postais e fotografias nos jornais dos ases espalhavam essa imagem.

⁴⁸ *Guynemer*, fl. 05.



Figura 2: A morte de Guynemer

O trauma das batalhas das trincheiras liquidou a ilusão de uma guerra fresca e jovial. Ao se lançar um olhar sobre a carnificina em terra, perguntava-se: onde foi parar o combate heróico? Não existem mais mortes heróicas? Em se tratando de combate e morte heróicos, a imagem mais comum da tradição ocidental é a do combate singular, duelístico, como entre Aquiles e Heitor ao redor dos muros de Tróia. Criou-se um consenso, segundo o qual as trincheiras de 1914-1918 haviam liquidado o heroísmo, enquanto os combates aéreos o reinventaram.

II – Tradições heróicas

Os combatentes [da Grande Guerra] foram gaseados, torpedeados, bombardeados por artilharia invisível, ou ceifados à toa por metralhadoras de aparência débil; era difícil ter uma morte heróica. (...).

Houve, porém, uma exceção de monta. No meio da tormentosa matança impessoal, surgiu uma arma de proporções tão cavalheirescas que havia de servir de contraponto a toda a luta e assim ilustrar a durabilidade e capacidade regeneradora do código guerreiro, mesmo nas circunstâncias mais adversas. Com efeito, acima da sordidez da frente ocidental, pelejando no limiar de um sonho, os novos cavaleiros do ar acorreram a bater-se em duelo, reinserindo um elemento de combate intra-específico que muito razoável teria sido julgar perdido para sempre. Assim, o aperfeiçoamento do avião de combate demonstrou que a tecnologia avançada não era simplesmente incompatível com os pressupostos tradicionais da guerra e das armas.

Robert O'Connell, História da guerra.

A memória de Aquiles

Ideal cavalheiresco, honra, glória, bravura e morte heróica. Estes valores são comumente associados às atividades que os pilotos de caça desempenharam na Grande Guerra de 1914-18. Tanto os escritos da época, quanto os

subseqüentes mostram esse fato como inconteste. O argumento de que os pilotos de caça eram os verdadeiros herdeiros da tradição da cavalaria é reforçado quando aqueles são comparados aos combatentes terrestres. A Grande Guerra inaugurou um novo estilo de luta, a guerra total. Não foram apenas as forças armadas que se defrontaram ao longo da contenda, mas populações inteiras. O Estado, a sociedade civil e a indústria voltaram-se exclusivamente para sustentar o esforço de guerra. A junção dos meios nacionais com os avanços tecnológicos produziu cifras ainda hoje aterradoras: 20 milhões de seres humanos (mais da metade eram civis) mortos até novembro de 1918; índices de baixas de 350% nos exércitos envolvidos desde o princípio da luta. À primeira vista, este número pode parecer estranho, pois 100% já equivalem à totalidade dos combatentes. Entretanto, devemos lembrar que, graças ao alistamento obrigatório praticado desde a Revolução Francesa, os soldados mortos ou incapacitados podiam ser repostos ao longo do confronto. No último ano da Grande Guerra, o exército alemão contava com soldados de 13 e 14 anos de idade, pois os jovens alemães entre 15 e 21 anos estavam, na grande maioria, mortos.

A identificação dos pilotos de caça com a cavalaria medieval, aceita tacitamente, é a base para a afirmação de que os pilotos de caça de 1914-18 seriam os cavaleiros do século XX. No entanto, como podemos validar essa declaração? Em outras palavras, em que medida é possível perceber nos pilotos de caça da Grande Guerra a resignificação das virtudes cavaleirescas

medievais? Para responder a uma indagação de tamanha complexidade é necessário refletir sobre os conceitos das virtudes cavaleirescas, as quais se assentavam, sobretudo, nas noções de *honra*, *coragem*, *autodisciplina* e *heroísmo*; estas noções relacionam-se fundamentalmente com a idéia de nobreza.

Para aprofundarmos o estudo dos conceitos de honra, heroísmo, nobreza e demais correlatos, começaremos pelos primórdios da literatura ocidental: a poesia épica homérica, onde encontraremos as primeiras expressões desses conceitos.

Ao se tratar do poeta grego Homero, dispomos menos de informações sólidas do que de diversos questionamentos, os quais provavelmente jamais serão respondidos. Não se conhecem, a título de exemplo, informações biográficas precisas acerca do poeta. Há uma tradição que indica que ele teria nascido na ilha de Quios e vivido na Jônia, durante o século VIII a.C. Homero seria um *aoidós*, um contador e cantor de histórias heróicas e mitológicas para auditórios nobres. A forma de composição e recitação dos *aoidói*, já demonstrada por volta da década de 1930 pelo antropólogo norte-americano Milmann Parry, depende do conhecimento, tanto pelo *aoidós* quanto do público, de fórmulas narrativas específicas. A repetição das fórmulas era um aspecto fundamental da técnica de composição em verso, bem como da assimilação pelo público, pois acompanhar uma seqüência de acontecimentos, em versos que não seguem o idioma coloquial, mas a métrica, e recitada ao longo de dias e noites não é uma tarefa

fácil. Mais difícil ainda seria para o *aidós* memorizar eventos e versos sobre os mesmos, para recitar por um longo período sem qualquer suporte. Essas fórmulas narrativas tornavam possível a criação improvisada simultaneamente à audição dos poemas, marcando as pausas e facilitando a metrificação da narrativa poética. O *aidós* costurava diversos temas heróicos num novo plano narrativo. As tradições da sociedade eram recriadas a partir dos versos épicos. A *poíesis* (fabricação) dava-se a partir da matéria-prima da memória coletiva. Cada apresentação de um *aidós*, apesar de usar elementos familiares, era sempre inédita.

No canto VIII da *Odisséia* está relatada a recepção de Ulisses por Alcínoo, rei dos feácios. A descrição do *aidós* poderia aplicar-se ao próprio Homero:

Conduz Pontonoo o vate aceito à Musa,
que o cegou, mas lhe deu canto suave
e do bem e do mal entendimento;
num trono o põe de prata cravejado,
numa coluna o encosta, e lhe pendura
sobre a cabeça em prego a doce lira
e de a tomar indica-lhe a maneira; (...)
Expulsa a fome e a sede, a Musa instiga
o poeta a cantar guerreiro canto,
cuja fama às estrelas se exalta:
a rixa era de Ulisses e de Aquiles (...)¹

¹ Homero. *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Edusp, 2000, VIII 44-57.

As representações do poeta épico grego o mostravam, quase invariavelmente, cego. A cegueira tinha um significado simbólico: poeta inspirado, o *aoiódos* cantava a visão da Musa. A inspiração lhe permitia tornar presentes os grandes feitos do passado heróico, que só a deusa testemunhara. Por isso, as epopéias homéricas iniciavam com a invocação à Musa.

Moses Finley destaca como único fato certo sobre Homero que “era o nome de um homem, não o equivalente grego de ‘anônimo’.”² Dentre os raros consensos existentes, há a estimativa de que entre a redação da *Iliada* e a da *Odisséia* houve um intervalo de, pelo menos, meio século. Este elemento sugere a impossibilidade de que os dois poemas épicos pertençam a um mesmo autor. Contudo, por falta de evidências conclusivas, e como nosso objetivo é outro, faremos referência ao mesmo Homero como o autor da *Iliada* e da *Odisséia*. Esses modelos heróicos independem de fundamentos factuais, pois foram validados pela tradição épica ao longo dos séculos. Dentre as centenas de obras literárias escritas na antiga Hélade, poucas sobreviveram até a atualidade. Os pergaminhos e papiros, apesar de mais resistentes do que o papel, também têm limites de duração. A conservação das obras gregas foi feita através das cópias manuscritas, constantes, através dos séculos. Entretanto, apenas uma minoria sobreviveu. Finley sugere uma espécie de darwinismo literário, pelo qual só as obras mais apreciadas sobreviveram, por serem consideradas dignas de serem copiadas:

² Moses Finley. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Editorial Presença, 1982, p. 13.

não é difícil mostrar quão pouco sobreviveu a este *processo de filtragem* [grifo nosso]. Conhecemos os nomes de alguns cento e cinqüenta autores gregos de tragédia, porém, à parte alguns fragmentos citados aqui e ali por autores e antologistas gregos ou romanos posteriores, apenas nos restam as peças de três, [todos] atenienses do século V a.C. Mas não é tudo. Ésquilo escreveu oitenta e duas peças e delas apenas temos sete completas; Sófocles teria escrito 123, das quais apenas existem sete; e podemos ler dezenove das noventa e duas de Eurípedes.³

Dentre os papiros gregos sobreviventes, a grande maioria era justamente cópias da *Iliada* e da *Odisséia*, ou comentários delas: “na luta pela sobrevivência literária, Homero não teve rival”.⁴

A redação da *Iliada* situa-se nos primórdios do que hoje denominamos a escrita grega clássica. Adaptação do alfabeto fenício, cujos signos designavam conceitos,⁵ os gregos transformaram os caracteres originais em fonemas, subtraídos de sentido, adaptando-os à linguagem de origem indo-européia. Estima-se que esse processo ocorreu entre os anos 1.000 e 750 a.C. A elaboração do poema situa-se no século VIII a.C. Já os acontecimentos descritos, os quais compõem um episódio da Guerra de Tróia, estariam situados por volta de 1.200 a.C.

³ *Ibidem*, p. 18.

⁴ *Ibidem*, p. 19.

⁵ “Aleph, um boi; bet, uma casa: (...) alfa, beta etc.” *Ibidem*, p. 17.

A historicidade da Guerra de Tróia suscita também diversas controvérsias. Após o anúncio grandiloqüente de Schliemann, sobre a descoberta do sítio de Tróia, no fim do século XIX, arqueólogos empreenderam um estudo mais profundo. Foram descobertas, no local, diversas cidades sobrepostas ao longo das eras, o que levantou uma série de dúvidas. Uma delas foi de que os restos de Tróia VII, que corresponde cronologicamente à data tradicional da guerra homérica, não passava de uma aldeia, incapaz de resistir a um cerco de uma década. Todavia, estudos arqueológicos recentes mostraram que a sétima Tróia possuía outro perímetro de muros, mais extensos e grossos. Ao redor desses muros foram encontradas pontas de lanças e de flechas de bronze, em grande quantidade; isso configura o cenário de uma ou de diversas batalhas de grande envergadura. Mas tentar avançar além desses indícios seria mera especulação. Como afirma Pierre-Vidal Naquet, para encontrarmos Aquiles, Ulisses, Heitor, Diomedes e os demais heróis, não devemos escavar o sítio de Tróia, e sim ler a *Iliada*.⁶ Os versos desta traduzem, em larga medida, os primeiros conceitos gregos conhecidos de honra, coragem e heroísmo. Sucessivas gerações de leitores e ouvintes entraram em contato com essas idéias e as reinterpretaram ao longo dos séculos. É este o ponto que importa fixar.

A *Iliada* não é o relato completo da guerra de Tróia. A narrativa homérica concentra-se no tema da cólera do melhor dos aqueus, começando com a

⁶ Pierre Vidal-Naquet. *O mundo de Homero*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 25.

contenda entre Aquiles e Agamêmnon e encerrando-se com o funeral do herói troiano Heitor. Mesmo nos cantos em que Aquiles não está presente, o ódio deste se faz sentir; até a ação dos deuses se desenrola a partir da fúria do herói ultrajado. O verso inicial da *Iliada* antecipa a trama que será desvelada pelo poeta: “Canta-me a cólera – ó deusa – funesta de Aquiles Pélide”.⁷

Ao ver confiscada por Agamêmnon sua prerrogativa (*gêras*), representada pela escrava Briseide, Aquiles retirou-se dos combates, determinado a voltar apenas se os aqueus lhe implorassem de joelhos. Mesmos as grandes compensações oferecidas pelo comandante supremo não mudaram a resolução de Aquiles.⁸ O que ele almejava era a reparação da honra, maculada pela usurpação do *gêras* que o distinguia dentre todos os heróis aqueus. Toda a riqueza do mundo não poderia substituir sua honra (*timê*) ferida.

Aquiles mudou de idéia após a morte do grande amigo Pátroclo, nas mãos de Heitor. A dor advinda da morte do companheiro superou o ressentimento suscitado pela ofensa sofrida. O guerreiro aceitou as ofertas de Agamêmnon e retomou a luta contra os troianos. Quando Aquiles e Heitor se encontraram, o

⁷ Homero. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, I 1.

⁸ “Trípodes sete, sem uso de fogo, dez áureos talentos, vinte caldeiras brilhantes e doze cavalos robustos, acostumados a prêmios ganhar, campeões de corrida. (...) Dou-lhe, outrossim, sete escravas prendadas, trazidas de Lesbo, (...) a estas, a filha de Crises [Briseide], ainda, acrescento, que lhe tirara, fazendo, aqui mesmo, uma jura solene, de nunca ter ao seu leito subido, nem com ela deitado (...). Isso darei desde já; mas se os deuses eternos, um dia me permitirem tomar a cidade altanada de Príamo, (...) vinte mulheres troianas, pode ele apartar (...). Seja meu genro (...). Sete cidades também lhe darei, populosas e belas.” *Iliada*, IX 122-49.

segundo fugiu de medo. Os dois heróis correram em volta da cidade sitiada três vezes – apesar do epíteto homérico *pés ligeiros*, Aquiles não era o mais rápido. Após Zeus pesar na balança a sorte (*moira*) de Heitor, a qual mostrava que o fim deste estava próximo, o rei dos deuses permitiu que Atena o detivesse para que Aquiles o matasse. Não satisfeito com a morte de Heitor, o herói grego impôs toda sorte de ultrajes ao corpo do adversário. Finalmente, o rei troiano Príamo, pai de Heitor, implorou a Aquiles que lhe restituísse o corpo. Então, emocionado, o melhor dos aqueus atendeu ao pedido; corrigindo pela clemência sua conduta imprópria para com os despojos de outro herói. Na defesa da própria honra, Aquiles foi às últimas conseqüências. A epopéia conclui com a reconciliação do personagem principal consigo mesmo, ao pôr fim à ira e devolver os restos mortais de Heitor.

A leitura da *Iliada* faz emergir diversos conceitos fundamentais para a compreensão da dimensão heróica entre os helenos. Chamamos a atenção para a polissemia do termo herói na poesia épica. Varia desde a acepção de seres incomuns, dotados de força sobre-humana, até à de sinônimo de *áristos*. O poema homérico retrata, quase que exclusivamente, a aristocracia. Homero construiu os personagens por contraste. O único plebeu da narrativa, Tércites, é descrito como o mais feio entre os sitiados da cidade de Príamo: baixo, careca, manco e narigudo. Já os heróis eram altos, hirsutos, musculosos e belos. Aos nobres chefes guerreiros cabe chamar *kaloi tē kai agathoi* (belos e bons); aos plebeus,

kakoi (feios, maus). Estes não servem nem para o conselho, nem para o combate, atividades reservadas aos ‘melhores’.

A concepção de heroísmo na Antigüidade, e principalmente em Homero, está ligada inexoravelmente à idéia de nobreza. Em termos conceituais, os bem-nascidos consideram-se superiores à plebe pelo fato de serem naturalmente virtuosos. Na língua grega, a palavra que expressa a idéia de virtude é *areté*, base de *aristeía*, substantivo que evoca os feitos excepcionais daqueles que excedem todos em valentia, destreza e vigor. As significações de *aristeía* remetem ao modelo homérico de heroísmo. Em suma, *areté* significa a excelência dos humanos – não de todos, apenas dos *áristoi* – que realizam ações extraordinárias e que têm posições de honra na sociedade. O homem comum não possui *areté*.

À virtude aristocrática liga-se o conceito de *timé*. Segundo Aristóteles, a medida natural da *areté* é a *timé*.⁹ Os aristocratas eram considerados naturalmente honrados. Cabia a eles zelar para que a mesma se mantivesse intacta. Se um *áristos* fosse reduzido à escravidão, Zeus lhe retiraria metade da *areté*.¹⁰ A honra nobiliárquica, portanto, não era invariável. Tinha que ser constantemente reafirmada, ampliada e defendida, pois

em toda a sociedade primitiva que seja saudável, baseada na vida tribal de guerreiros e nobres, floresce um ideal de cavalaria e conduta cavalheiresca, quer

⁹ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. 3ª edição. Brasília: Edunb, 2001, 1123b.

¹⁰ Werner Jaeger. *Paidéia – a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 26.

seja na Grécia ou na Arábia, no Japão ou na Europa cristã da Idade Média. E o ideal viril de virtude está sempre ligado à convicção de que a honra para ser válida, deve ser publicamente reconhecida, sendo este reconhecimento, se necessário, imposto pela força.¹¹

O historiador holandês Johan Huizinga aborda um ponto fundamental: a honra é um bem social. É honrado apenas aquele que é reconhecido como tal pelos pares. Para Huizinga, a formação das castas aristocráticas tem seu início na esfera lúdica. Para que os nobres demonstrem sua superioridade, devem submeter-se a uma série de provas agonísticas, sejam torneios, batalhas ou duelos. A prática duelística, exclusiva dos aristocratas, está inevitavelmente unida ao conceito de ordálio. Este pressupõe que o resultado de um combate ou de uma competição seja influenciado pelos deuses. O antagonista que está com a justiça recebe os favores divinos para vencer. Logo, o vencedor sempre tem razão.¹² Nas sociedades aristocráticas, quando um nobre tinha a honra maculada, ou estava em conflito com um igual, uma das práticas usuais para resolver a querela era o duelo.¹³ A honra só se lavava com sangue.

Aos conceitos de virtude e bondade, envolvidos em *areté*, o cristianismo associou, séculos depois, significações bem distintas das da mentalidade helênica

¹¹ Johan Huizinga. *Homo ludens – o jogo como elemento da cultura*. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999, p. 73.

¹² *Ibidem*, p. 93.

¹³ Na Hélade homérica, a justiça, no tocante a casos de homicídios, era exclusividade da família da vítima. Na Idade Média cristã, na Europa, a nobreza empreendia as guerras privadas para resolver pendências entre os iguais.

na época homérica. Virtude e bondade na *Iliada* remetem ao dever, mas também à força e à destreza em combate. Todavia, isso não implica que o herói helênico seja um praticante da violência pela violência. A força incomum concedia privilégios, mas também cobrava obrigações. A exortação de Sarpédon a Glauco, combatentes do lado dos troianos, serve como ilustração deste binômio direitos/deveres:

‘Ouve-me Glauco: por que somos ambos honrados na Lícia
com os primeiros lugares nas festas, assados e vinhos
sempre abundante [sic], e os do povo nos vêem como a deuses eternos?
Deram-nos junto das margens do Xanto, também, um terreno,
próprio, igualmente, para uso do arado e cultivo de frutas.
Por isso tudo nos cumpre ocupar na vanguarda dos Lícios
o posto de honra e estar sempre onde a luta exigir mais esforço
para que possa dizer qualquer Lício de forte armadura:
‘Sem grandes títulos de honra não é que na Lícia governam
os nossos reis, e consomem vitelas vistosas, bebendo
vinho de doce paladar. É bem grande o vigor que demonstram,
quando na frente dos nossos guerreiros o inimigo [sic] acometem’.
Ah, caro amigo, se, acaso, escapando da guerra terrível,
livres ficássemos sempre da triste velhice e da Morte,
não me verias, por certo, a lutar na dianteira dos nossos,
nem te faria ingressar nas batalhas que aos homens dão glória.
Mas, ao invés disso, cercados estamos por muitos perigos
e pela Morte, da qual escapar ninguém pode ou eximir-se.
Vamos, portanto, a dar glória a qualquer, ou de alguém recebê-la’.
Não volta Glauco dali, pós ouvir-lhe o discurso; obedece;

e ambos se põem a guiar as fileiras compactas dos Lícios.¹⁴

Como se vê, os primeiros nos banquetes e nas divisões dos saques também tinham que ser os primeiros a combater. Afinal de contas, o campo de batalha era o palco por excelência onde o indivíduo conquistava a *timé* e aumentava a sua *areté*. Ao prêmio obtido pela vitória nos recontros também se chamava *aristéia*: o herói sempre espera o reconhecimento devido pelos pares. A *aristéia*, além disso, trazia o *kléos*, termo que significava tanto glória quanto a narrativa que a celebrava.¹⁵ O *kléos* originado no combate é individual e hierárquico. No episódio da admoestação a Glauco, Sarpédon trata da glória a ser concedida ou recebida de outrem. O *kléos* não era repartido, e sim conquistado de modo singular, entre heróis altamente competitivos. Estavam sempre empenhados em superar uns aos outros, em busca das *timái* e do *kléos*. As repreensões feitas ao longo do poema – que se referem, quase que exclusivamente, à falta de vontade de lutar que alguns personagens demonstram em certos episódios – estavam ligadas ao termo *aidós* (vergonha). A censura pública afeta diretamente a honra, pois esta também é pública. O elogio e a repreensão são públicos. O herói homérico tem o direito de exigir que os pares reconheçam as vitórias conquistadas. Em outra passagem da *Iliada*, o mesmo Glauco, ao encontrar-se com Diomedes, proclama:

¹⁴ *Iliada*, XII 310-330.

¹⁵ A tradução literal do termo *kléos* é ‘aquilo que foi ouvido’; a ligação com a idéia de glória vem do fato de que as narrativas épicas referiam-se principalmente aos feitos gloriosos. Cf. Gregory Nagy. *The best of the achaeans – concepts of the hero in archaic greek poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991, pp. 15-7.

tenho orgulho de filho chamar-me de Hipóloco,
que me mandou para Tróia sagrada, insistindo comigo
ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-me,
sem desonrar a linhagem dos nossos.¹⁶

O *áristos* sabia que sua preeminência natural deveria ser sempre acrescida de feitos extraordinários ao longo da vida, mantendo assim uma tradição ancestral. A linhagem aristocrática necessitava de uma sucessão constante de *aristéias*. Heitor desejava que o filho reinasse em Tróia pela força e, sempre que retornasse à cidade, coberto de sangue dos inimigos, fosse reconhecido por todos como mais valente do que o pai.¹⁷ Reinar pela força é quase uma redundância no mundo homérico; ou o rei é *bom* e *virtuoso* o bastante, ou então não reina. Homero usou epítetos que remetem aos ancestrais, em princípio, como recurso métrico. Aquiles, filho de Peleu é designado Pélida; Agamêmnon, filho de Atreu, Átrida; Ulisses, filho de Laertes, Laértida; Zeus, filho de Cronos, Crônida. Todavia, estas fórmulas não aparecem apenas para facilitar a composição. Podemos enxergar também sob esse prisma a importância da confirmação da *areté* patrilinear. Heitor desejou que o filho não apenas mantivesse a tradição heróica dele, mas a ampliasse ainda mais.

¹⁶ *Ilíada*, VI 206-9.

¹⁷ *Ilíada*, VI 476-482; Moses Finley. *op. cit.*, p. 27.

Os prêmios disputados pelos guerreiros da epopéia podem ser divididos em dois grupos, diferentes entre si pela importância. A primeira categoria de prêmios, inferior à segunda, é de ordem material. Além do reconhecimento público, ao herói é atribuído o *gêras*, distinção palpável. Nos banquetes, os melhores pedaços de carne eram ofertados aos deuses e, em seguida, distribuídos entre os heróis, por ordem de importância. Quando da conquista de uma cidade, a partilha do produto do saque – escravas, escravos, cavalos, carros de guerra, metais e pedras preciosas – era prerrogativa dos chefes. Sutilmente distinto do *gêras* é o troféu que o herói obtém em combate ou no *ágon* – termo que encerra a idéia de competição ou ritual competitivo, de fundo solene ou religioso. Enquanto o *gêras* se recebia segundo critérios estabelecidos, o troféu era conquistado pelo esforço direto do herói, fosse o prêmio de um *ágon*, fossem as armas de um adversário vencido. Os troféus e os *gêrai* constituíam atributos materiais da *timé*.

O troféu é o sinal exterior da vitória do herói. Daí a importância de se despojar o antagonista vencido da armadura e das armas. Quando Pátroclo foi morto, portando o equipamento de Aquiles, iniciou-se uma luta acirrada, em torno do corpo, pela magnífica panóplia – fabricada por Hefestos. A exibição do troféu servia para mostrar o valor do combatente. Os troféus dos guerreiros homéricos tinham outro aspecto crucial. Além do simbolismo da força e da destreza, possuíam também um valor intrínseco. Não eram medalhas, conchas ou

palmas, mas ouro, pedras preciosas, cidades inteiras, cavalos e escravas belas e jovens.¹⁸

A segunda categoria de prêmios é o reconhecimento público do herói. Nesta partição existe, além do *kléos*, a suprema honraria, a *bela morte*. Para o pensamento grego, o único ser mortal que existia era o homem. Todos os demais seres – afora os deuses –, pelo fato de não possuírem personalidade, só existiam como membros de uma espécie; eram, portanto, biologicamente imortais. Já o homem, possuidor de uma consciência individual, não se perde no conjunto da espécie. Contudo, o indivíduo morre. A morte chega para todos os humanos, independentemente do caráter, posição social ou etnia: “morre da mesma maneira o inativo e o esforçado guerreiro”.¹⁹ O único acesso do ser humano à imortalidade seria através das ações. As ações extraordinárias dos heróis são lembradas pelos pósteros. Uma das preocupações de Heródoto ao redigir a *História* foi justamente essa, que as gerações futuras não se esquecessem dos feitos dos antepassados gregos e dos bárbaros, e louvassem essas ações ao longo do tempo.

Faz parte dessa concepção a idéia de *bela morte*. Esta ocorre em combate heróico, principalmente na flor da idade; para os velhos, covardes e homens comuns, a morte sempre é feia. Na arenga de Sarpédon a Glauco, a bela morte é

¹⁸ Moses Finley. *op. cit.*, pp. 113 *et seq.*

¹⁹ *Ilíada*, IX 320.

invocada. A morte alcança todos os homens, portanto os heróis têm que morrer de modo diferente dos homens ordinários. Como a vida é a única coisa que o vivente perde em definitivo, tornam-se dignos de admiração aqueles que escolheram arriscá-la, jogando constantemente no campo de combate. O homem pode tentar agarrar-se à vida com todas as forças, desonrando-se neste processo, e, no máximo, conseguindo adiar por algum tempo o inevitável. Ou então pode escolher colocar a vida em risco, executando *aristéias* constantes até atingir o supremo *kléos*, a *bela morte*. Quando Aquiles encontrou Licáon, um dos filhos de Príamo, pela segunda vez, Licáon suplicou de joelhos, tentando conservar sua vida, mesmo que fosse covardemente. Na resposta de Aquiles, a oposição entre a bela morte e a morte feia fica patente:

Morre, também, caro amigo, por que lastimares-te tanto?
Não morreu Pátroclo, herói do que tu muito mais importante?
Vê como sou bem formado e de grande estatura; provenho
de genitor valoroso; uma deusa imortal me deu vida.
Fica sabendo, no entanto, que a Morte já me anda no encalço
não está longe o momento, no meio do dia, ou seja isso
pela manhã ou de tarde, em que a vida alguém venha tirar-me
seja com lança, de perto, ou com seta que do arco dispare.²⁰

²⁰ *Ilíada*, XXI 106-13.

Todos morrem, do mais glorioso ao mais vil dos homens. Contudo, a atitude perante a expiração do sopro vital serve como mais um indício daquilo que separa os heróis dos homens comuns.

Licáon desceu para o Hades e Aquiles o seguiu, tempos depois. Contudo, dentre ambos, somente o Pélide obteve glória imperecível, pois, desafiando a morte todo o tempo, tornou-se o *áristos akhaiôn*, o melhor dos aqueus.

Todos esses valores morais, sinais de virilidade, signos materiais da vitória e desejo da glória imperecível nos conduzem ao termo *tò kalón*, noção estética que reunia os significados de belo, bom e virtuoso. Este ideal estético tornou-se um valor a ser perseguido, um ideal pedagógico,²¹ não apenas da aristocracia helênica, mas também da nobreza européia, séculos mais tarde.

²¹ Cf. Werner Jaeger. *op. cit.*, pp. 24 *et seq.*

Beowulf, o justo

A Europa do I milênio da era Cristã ficou marcada por deslocamentos populacionais de grandes proporções. Protagonizado por povos mais violentos ou menos aguerridos, esse amplo movimento migratório foi denominado pela historiografia *Invasões Bárbaras*. Desde a decadência do Império Romano do Ocidente, os povos bárbaros, principalmente os germânicos, já imigravam em número considerável para o interior do mundo romano. Outros grupamentos, no entanto, realizavam apenas incursões para saquear o que quer que encontrassem pela frente. Naturalmente, essas expedições de saque também provocavam o deslocamento de tribos, que buscavam um mínimo de segurança sob a égide de Roma. Essa transumância foi constante até o século X, avançando pela alta Idade Média européia, incluindo-se aí, dentre tantas, a expansão muçulmana – contida pelos francos em 732, na batalha de Poitiers – e as últimas vagas invasoras, advindas do leste e do norte, respectivamente de magiares e normandos.

Um dos mais antigos escritos acerca dos povos germânicos foi elaborado, ao final do I século da era Cristã, pelo romano Cornélio Tácito (56 – c. 117). Tácito redigiu *Germania*, num estilo modernamente qualificado como etnografia, abordando o espaço geográfico ocupado por esse povo, suas estruturas sociais,

costumes jurídico-militares e práticas culturais. A partir do século XVI, os alemães liam avidamente essa obra. Entre os séculos XIX e XX, o livro tornou-se uma das pedras angulares para a construção do nacionalismo germânico.

Tratando-se de uma proto-etnografia, uma questão a ser levantada, em primeiro lugar, é a da alteridade. Que olhar Tácito lançou sobre o objeto? Segundo Harold Mattingly, o enfoque do autor move-se desde a crítica moral à própria sociedade romana até as preocupações políticas, militares e estratégicas do império.²² No limiar da era Cristã, os germânicos descritos por Tácito ocupavam a região que ia da península da Jutlândia até o rio Danúbio, e entre os rios Reno e Vístula.

A moral sexual seria muito rígida. Os raros casos de adultérios eram punidos com grande rigor, e da mulher esperava-se que se casasse virgem. A mulher deveria amar o marido “não por ele mesmo, mas como incorporação do matrimônio.”²³ Os dotes, oferecidos pelo homem à mulher, eram cavalos de batalha, escudos, espadas ou lanças. A esposa também presenteava o marido com armas, selando assim a união, a ser mantida tanto na guerra quanto na paz.

A grande tarefa da mulher no lar era a criação dos filhos, alimentando-os no peito, sem delegar qualquer função específica a ninguém. Assim que os meninos transitavam para a vida adulta, e eram considerados capazes e

²² Harold Mattingly. ‘Germania, the book’. Em Cornélio Tácito. *The Agricola and The Germania*. Translated by Harold Mattingly. London: Penguin Books, 1970, pp. 24-30.

²³ *Germania*, XIX.

responsáveis, recebiam, diante de uma assembléia regular, um escudo e uma lança. Era a marca do varão adulto e livre: qualquer assunto, público ou privado, era debatido e resolvido por homens em armas. Mesmo nas assembléias, todos estavam sempre armados. Nas piras funerárias, as armas acompanhavam o guerreiro falecido. Às vezes, o cavalo de batalha juntava-se ao antigo dono. Apenas as mulheres podiam expressar publicamente o pesar pelo morto; os homens, não.

Parte considerável da justiça germânica pertencia à esfera privada, assim como a de outros povos indo-europeus – notadamente os gregos do período homérico. Enquanto as acusações de traição, deserção, covardia, preguiça ou sodomia eram julgadas em assembléias de homens livres, os assassinatos e disputas materiais eram assuntos das famílias.²⁴ Os herdeiros naturalmente estavam obrigados a manterem os vínculos de amizade e as rixas dos parentes. Mas tais rixas não eram eternas. Um homicídio poderia ser indenizado pelo pagamento de algumas cabeças de gado ou de ovelhas à família da vítima. As demais disputas resolviam-se por meio de banquetes, onde o clima de camaradagem, aliado às bebidas alcoólicas, contribuía para arrefecer os ânimos.

²⁴ Nos casos de traição e deserção, a pena era o enforcamento numa árvore; nos casos de covardia, preguiça e sodomia a punição era o afogamento num lamaçal. *Germania*, XII.

Tácito observou que, enquanto os germânicos se alimentavam frugalmente, as bebedeiras eram excessivas.²⁵

Nessa sociedade guerreira, a força era extremamente valorizada. Os reis assumiam o posto pelo nascimento nobre, mas governavam pela força, que deveria ser constantemente provada perante o corpo social; afinal, a honra nunca é estabelecida por si mesma. Poucos eventos seriam mais desastrosos para um rei germânico do que ser superado em coragem pelos seus comandados, em combate; outro desastre semelhante seria o grupo guerreiro não se igualar à coragem do chefe. Também, se um guerreiro sobrevivesse a um recontro, e o rei não, este viveria para sempre em desgraça; a solução para esse sofrimento era o suicídio imediato. “Os chefes lutavam pela vitória, os seguidores pelo chefe.”²⁶

Os chefes guerreiros (reis) germânicos andavam sempre acompanhados por um grupo de companheiros fiéis, tanto na guerra quanto na paz. O chefe fornecia abrigo, alimentos, vestimentas e armas para os membros da tropa. Tácito denominou essa instituição germânica *comitatus*. Na relação entre líder e *comes* (seguidor, companheiro), pesava a necessidade de o rei de ostentar um numeroso séqüito de guerreiros valorosos; quanto mais e melhores, tanto maior seria o prestígio do líder. Entre os *comites*, havia competição pela estima do chefe,

²⁵ *Germania*, XXIII.

²⁶ *Germania*, XIV.

competição que ampliava ainda mais a honra deste. Por extensão, essa honra recaía sobre os companheiros.

O termo latino *comites* tem afinidade com a palavra germânica *gadraubts*, que significa companheiro de armas, camarada ou quem partilha o mesmo pão.²⁷ Já o grupamento de combate, o exército, adotava as designações *harjis* (gótico), *hari* (alemão antigo), *herr* (islandês antigo), equivalentes ao alemão atual *Heer*. Estes termos relacionam-se com o verbo alemão *beeren* (devastar).²⁸ A concepção de exército dos germanos, portanto, estava bem distante da das falanges gregas ou dos primórdios da legião romana, cujo princípio era a igualdade dos combatentes. Não havia todo o sentido cívico da participação do cidadão na guerra. O soldado germânico seguia o líder em campanhas predatórias.

A relação líder – seguidor, assentada no conceito de fidelidade, era crucial na mentalidade germânica. Nos primórdios do século XX, o etimólogo H. Osthoff apresentou uma sedutora tese acerca do conceito de fidelidade (*Treue*) na língua alemã. Segundo ele, tal conceito deriva da palavra carvalho (*Eiche*), a árvore dura por excelência; ser fiel, portanto, seria ser sólido como um carvalho.²⁹ Esta leitura filológica não era apenas um exercício de erudição. Era muito mais uma declaração política e propaganda nacionalista. Émile Benveniste, porém,

²⁷ Cf. Émile Benveniste. *O vocabulário das instituições indo-européias – volume I: economia, parentesco, sociedade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995, pp. 110-1.

²⁸ *Ibidem*, pp. 111-3.

²⁹ H. Osthoff. ‘Eich und Treue’. Em *Etymologica Parerga*. *Apud ibidem*, p. 105.

demonstrou que a relação é inversa, pois a palavra que designava o carvalho era posterior à noção de firmeza.³⁰

O que seria a fidelidade pessoal? Benveniste a define como “a ligação que se estabelece entre um homem que detém a autoridade e aquele que lhe é submisso, por compromisso pessoal”.³¹ O termo latino *fides* liga-se ao grego *peithomai* (obedecer), que é anterior a *peithein* (persuadir). *Fides* também se presta a ser traduzido como confiança ou crédito.³² Assim, Benveniste relaciona a fidelidade a um crédito, o qual tem dupla possessão: alguém possui a confiança de outrem. Dado o caráter hierárquico da relação baseada na *fides*, a honra do seguidor dependia totalmente da fidelidade ao chefe, a quem ele devia servir e obedecer sem restrições.

Outra instituição descrita por Tácito que chama a nossa atenção é a hospitalidade, comum a todos os povos indo-europeus. Os germânicos recebiam hóspedes com todas as pompas, cuidando para que não lhes faltasse nem alimento – que deveria ser o melhor da residência – nem entretenimento.

³⁰ O carvalho é uma árvore originária da Europa centro-oriental. Os germanos, que migraram tardiamente para aquela região, só travaram contato com essa árvore após o desenvolvimento do conceito de fidelidade. Benveniste argumenta com o caso da língua grega, em que *dóru* [árvore] evoluiu para madeira e, posteriormente, para lança. Outro termo correlato, *dryis* [forte, resistente] referiu-se, num primeiro momento, a qualquer árvore e, finalmente em Homero, ao carvalho, a árvore por excelência. Na língua grega e nas germânicas, há uma diferenciação tardia para árvore/carvalho, como pode ser notado no inglês moderno: *tree/oak* e no alemão atual: *Baum/ Eiche*. O sentido da fidelidade alemã (*Treue*) vem do indo-europeu *drū* – origem do *dryis* grego, enquanto o sentido de árvore foi-se particularizando até nomear o carvalho. Cf. Émile Benveniste, *op. cit.*, pp. 105-8.

³¹ *Ibidem*, p. 104.

³² *Ibidem*, pp. 115-6.

Quando se encerrava a estadia, o senhor da casa acompanhava o hóspede até a residência do próximo anfitrião.³³

A hospitalidade implica uma reciprocidade de dons. Benveniste a comparou com o *potlatch*. De maneira geral, o *potlatch* é uma competição de desperdício. No interior de uma tribo, uma família convida outra para uma festa, na qual dissipa seus próprios bens. O que não for gasto na confraternização, é presenteado aos convidados. Estes, por sua vez, ficam obrigados a fazer uma festa semelhante, onde, no mínimo, se gaste tanto quanto os anfitriões originais, os quais, naturalmente, são convidados.³⁴

No canto VI da *Ilíada*, Glauco e Diomedes reconhecem-se presos à obrigação de hospitalidade, por laços de família. Em conseqüência, desistem de travar combate entre si e trocam solenemente suas armas. Homero afirma que isso foi loucura, pois as armas de Glauco, de ouro, valiam muito mais do que as de Diomedes, de bronze.³⁵ No entanto, Glauco mostrou-se superior a Diomedes, pois o viés agonístico tanto da hospitalidade, quanto do *potlatch* indica como vencedor aquele que doa ou despense mais. Entre os homens unidos por esses laços, também seus descendentes estarão presos a tal rede de obrigações e deleites. Isso vale tanto para os antigos helenos, quanto para os germanos.

³³ *Germania*, XXI.

³⁴ Apesar do fenômeno do *potlatch* ter sido observado na Melanésia, manifestações análogas são assinaláveis no mundo inteiro. São exemplos o *Kula*, descrito por Malinowski no Pacífico, ou o *Mu'aqara* – cuja tradução literal do árabe é rivalizar em glória cortando as patas dos camelos – ou mesmo as festas de casamento ocidentais. Cf. Johan Huizinga. *op. cit.*, pp. 66 *et seq.*

³⁵ *Ilíada*, VI 116-240.

A fidelidade e a hospitalidade formavam uma complexa teia de relações, unindo indivíduos e respectivos parentes, associados e dependentes. No centro dessa rede, estava a honra. A intersecção da fidelidade e da hospitalidade revela aspectos da honra que não podemos ignorar. A fidelidade constrói relações verticais e a hospitalidade, horizontais. Do mesmo modo que é desonroso recusar a hospitalidade a outrem, também o é não ser fiel ao chefe guerreiro.

O poema épico anglo-saxão³⁶ *Beowulf* – de autoria anônima, escrito entre os séculos VII e VIII – abarca, além do tema do herói que supera as provas de força que lhe são apresentadas, a fidelidade e a hospitalidade. Perdido por alguns séculos, foi descoberto em 1705 e, mais de um século depois, a partir de 1815, sucessivamente publicado, em inglês, dinamarquês, alemão e também nas línguas latinas, ganhando diversas edições críticas.

A poesia germânica do período era composta por meio de aliteraões.³⁷ A aliteração, como também a rima, exige um vocabulário extremamente vasto, embora os temas da poesia épica germânica se limitassem a batalhas, reis, heróis e banquetes. Os germânicos setentrionais desenvolveram uma forma peculiar de metáforas compostas: as *Kenningar*.³⁸ Ao invés de redigir simplesmente ‘o navio

³⁶ Os termos anglo-saxão e inglês antigo são sinônimos. Optamos por utilizar o primeiro ao invés do segundo, pois este último guarda uma concepção teleológica: seria a língua que, um dia, se tornaria o inglês moderno.

³⁷ Aliteração é a repetição de fonemas, em vocábulos distintos, de modo simétrico, sem necessariamente rimar; algo como: *frios frascos frísios fraturados*.

³⁸ Para uma caracterização mais desenvolvida das *Kenningar*, ver Jorge Luis Borges: ‘As *Kenningar*’. Em *História da eternidade*. Em *Obras completas – volume I*. São Paulo: Editora Globo,

singrou o mar’, o poeta escreveria: ‘o javali das ondas desfilou pelo caminho da baleia’; a batalha poderia ser descrita como assembléia de espadas ou canção de lanças. O nome do protagonista do poema é uma *Kenning*: Beowulf, lobo da abelha, significa ‘urso’. “Não mencionar diretamente as coisas era quase um dever.”³⁹

A saga relatada parece, à primeira vista, um tanto quanto simplória: o herói enfrenta um ogro, a mãe do ogro e um dragão. Entretanto, as cenas de combate são menos importantes do que as de banquetes, de entrega dos dons e dos elogios à performance dos guerreiros. O poema possui, assim, uma base realista, fornecida pela descrição dos eventos sociais e das genealogias.

O poema inicia-se com o reinado de Scyld Scefing, líder dos dinamarqueses-de-lança, que foi um bom rei.⁴⁰ Foi bom porque massacrou os inimigos, submeteu os vizinhos e fez prosperar o povo; era isso que se esperava de um rei. Um descendente de Scefing, Hrothgar, construiu um palácio esplendoroso, Heorot, para festejar e presentear seus seguidores. As *kenningar* usadas para designar um rei eram, dentre outras, *senhor dos anéis*, *doador de anéis* ou *generoso dos anéis*, já que este era o presente usual para os leais guerreiros. Assim

2000, pp. 405-20; ‘Aula N° 01’ Em *Curso de literatura inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 01-12; e, do mesmo em colaboração com Maria Esther Vázquez. *Introducción a la literatura inglesa*. Madrid: Alianza Editorial, 1999, pp. 09 *et seq.* e *Literaturas germánicas medievales*. Madrid: Alianza Editorial, 2005, pp. 18 *et seq.*

³⁹ Jorge Luis Borges. *Literaturas germánicas medievales*, p. 19.

⁴⁰ O nome deste rei varia de acordo com a tradução. Seamus Heaney o denominou Shield Sheafson; Ary Galvão, Scyld Shefing. Optamos aqui pela versão de Erick Ramalho e de Jorge Luis Borges.

como os guerreiros homéricos, os germânicos também esperavam vantagens materiais pelos serviços prestados empunhando lanças, espadas e escudos.

O ímpeto dos jovens combatentes, entretanto, não foi suficiente para evitar que um ogro, Grendel, atacasse Heorot por doze invernos consecutivos. O autor, cristão, mas influenciado naturalmente pelo bestiário popular, explica que Grendel era descendente de Caim, assassino do irmão Abel. Daí sua deformidade e desprezo pela humanidade e pelas festas humanas. A criatura era protegida por um feitiço: nenhuma arma poderia feri-lo.

Ao saber da infelicidade que se abateu sobre o reino de Hrothgar, um príncipe dos *geats* – povo que habitava o sul da atual Suécia –, Beowulf, e mais quatorze companheiros, viajaram até Heorot para liquidar o flagelo que havia se instalado por lá. Beowulf deixou as armas e a couraça de lado, para enfrentar o monstro de mãos limpas. Ele sabia que Grendel era imune a qualquer armamento; além do mais, o herói possuía, em cada braço, a força de trinta homens. O príncipe *geat* agarrou o braço do monstro e o arrancou, à altura do ombro. Grendel, ferido de morte, urrando de dor, saiu correndo do magnífico palácio, vindo a morrer no pântano. Uma nova prova de força levou o herói ao covil da bruxa, mãe do ogro. Ela habitava uma caverna que ficava no fundo daquele pântano. Vencedor das duas batalhas formidáveis, Beowulf podia retornar para casa.

A última parte do épico transcorre cinqüenta invernos depois. Já coroado rei entre os seus, Beowulf teve que enfrentar um dragão, guardião de um tesouro. Este era um motivo recorrente na mitologia nórdica. Uma *Kenning* para ouro era 'leito do dragão'.⁴¹ Quando um escravo roubou um graal áulico da caverna do tesouro, o dragão, enfurecido, passou a devastar os domínios dos *geats*. O herói enfrentou o monstro sozinho, num primeiro momento. Os seguidores do rei abandonaram o local, temendo por suas vidas. Apenas um jovem guerreiro, Wiglaf, auxiliou o doador de anéis na investida final. Apesar de matar o dragão, Beowulf foi ferido mortalmente. Wiglaf ouviu as últimas palavras do rei, que deu instruções detalhadas sobre os ritos fúnebres que desejava. Mas antes, o guerreiro tombado pede para tocar no tesouro do dragão, que agora lhe pertencia e ainda lamenta o fato de morrer sem poder usufruir de objetos tão preciosos. O poema se encerra com o enterro do herói, num grande monumento – construído especificamente para abrigar seus restos – à beira mar, para que ficasse à vista dos que trilhassem o caminho da baleia.

Apesar de toda a ação, a ênfase do poema recai no aspecto social, principalmente nos funerais, nos banquetes e nos elogios. Dois funerais delimitam a narrativa: o de Scyld Scefing, no início, e o de Beowulf, no final. O corpo de Scefing foi colocado num barco, juntamente com um grande tesouro, fruto de antigas pilhagens. Vestido com armadura, portando escudo e espada,

⁴¹ Cf. Jorge Luis Borges. *Curso de literatura inglesa*, p. 29.

este foi amarrado ao mastro de seu esquife luxuoso. Enquanto a maré leva a embarcação, os guerreiros prestam homenagens ao rei falecido, entoando cantos de lamentação.

A despeito das variações no cerimonial, a essência dos enterros reais era sempre: prestar as mais altas homenagens a um bom soberano. O próprio rei esperava homenagens constantes, durante e após a vida. Um dos traços comuns entre o heroísmo helênico e o germânico é que o herói sempre age de modo a ser louvado e admirado por seus feitos. Ao final do poema, mortalmente ferido, Beowulf dá instruções específicas a Wiglaf sobre o tratamento que desejava:

Que seja um monte por heróis (tumba mi'a) erigido, após a pira fúnebre, num promontório: monte esplêndido, um memorial em Hronesness pra ser visto por viajadores de vagas que, ao avistá-lo sob o nevoeiro, ali, do mar o chamarão Monte de Beowulf.⁴²

Nos últimos versos do poema, o autor afirma que ele era o mais bondoso, mais generoso e o mais ávido de fama. O mais forte tinha todo o direito de arrogar superioridade e exigir o reconhecimento público dessa superioridade. O cristianismo que, dentre outros preceitos, prega a humildade, ainda era novidade para os povos bárbaros germânicos antes do século IX. No entanto, percebemos que o autor introduziu alguns traços religiosos cristãos na narrativa: a filiação de

⁴² *Beowulf*. Tradução de Erick Ramalho. Belo Horizonte: Tessitura, 2007, 2802-8.

Grendel a Caim e o fato de o herói ter matado mais monstros do que homens. Quando Beowulf estava agonizante, invocando testemunho divino, concluiu que viveu uma vida justa, por não ter fomentado brigas, jurado em falso e nem ter matado nenhum parente.⁴³

Enquanto o herói grego aspirava a uma lembrança eterna, garantida pelo *kléos*, os germânicos demandavam monumentos, para que a recordação de seus feitos não dependesse apenas da memória e a visão reforçasse aquilo que seria ouvido nas elegias e nos cantares épicos; o concreto servia de testemunho das façanhas sobre-humanas.

Todavia, os monumentos não dispensavam o elogio falado. Os heróis, ansiosos pela glória imortal, também queriam ser aclamados em vida. Muitas vezes, eles próprios cantavam suas glórias. Ao chegar em Heorot, Beowulf foi desafiado verbalmente por um guerreiro local, Unferth, que relatou uma passada aposta de natação entre dois *geats*: o próprio Beowulf e Breca, que teria vencido a competição. O herói, no entanto, rebateu de imediato:

⁴³ “[I] never fomented quarrels, never swore to a lie. (...) Because of my right ways, the ruler of mankind need never blame me when the breath leaves my body for murder of kinsmen.” *Beowulf*. Translated by Seamus Heaney. New York: W.W. Norton & Company, 1999, 2738-43. Ou: “Assim, o Criador dos homens motivo não tem pra mortes de varões me imputar, quando houver vida não neste meu corpo.” *Beowulf*. Tradução de Erick Ramalho, 2741-44. Jorge Luis Borges, que nas conferências, palestras e aulas, citava passagens literárias de memória – já que estava cego desde meados da década de 50 – nos oferece uma versão assaz interessante do episódio, apesar de não corresponder exatamente ao que está escrito no poema. Contudo, o erro de Borges ficou, na nossa opinião, melhor do que o original: “e além de tudo [Beowulf] é justo. Porque quando ele morre, no fim do poema, invoca a Deus e diz que nunca, na sala de banquetes, matou nenhum parente. Isso é considerado um fato bastante extraordinário, e talvez fosse mesmo na época.” Cf. *Curso de literatura inglesa*, p. 29.

Pois, com efeito, de cerveja ébrio, Unferth, amigo meu, a aventura de Breca narraste! Sim: nado, poder de pego, superior a todos eu supôs ter, na dureza das ondas. Detínhamo-nos ao acordo de a vida aventurar, lá, naquelas ondas, jovens homens que éramos. Armados, pois, contra as baleias, ambos para o oceano fomos. Contudo, frente às vagas, ele não foi mais veloz que eu: pé a pé co'ele estive no pego – no pélogo, estivemos nós por essas cinco noites. Lá, a preamar, contudo nos apartou: as águas agitadas, a obscurante noite e o vento do norte (contenda tão cruel) nos acometiam, mais álgida borrasca – atrozetas vagas. A fúria entre os peixes se fez. Tecida à mão, a cota minha (...) no peito eu ostentava – lá, no pélogo. Firme e feroz, arrastou-me até o fundo marinho um ser inimigo – mortal. Com o fado, contudo, a meu favor, penetrei-o com a ponta da espada. Pela minha mão, portanto, as procelas da batalha, ação fazendo, arruinaram o poderoso monstro desse pélogo. Por várias e várias vezes, malignos destruidores (e assim, tão detestáveis) me estorvaram. Dura, a espada serviu-me pro que mereceram. Tais malfeitores jamais regozijaram, pois, o júbilo de me consumir em banquete, quando, eles, se sentando, fizessem círculo nas profundezas do pego. Feridos, lá, na orla (...), à luz da manhã, com o gládio meu morriam, para, nunca mais, viagem de marujos estagnar. (...) Nove monstros marinhos anulei com o meu gládio. Sob o arco do céu, não se viu luta mais acerba (noturna) nem, no mar, menos fausto homem salvo da garra inimiga com vida. Fadiga da ventura. Foram vagas, correntes e marés que colocaram-me na terra lapônia. No entanto, luta acirrada assim (horror de armas) Breca não houve de ter, nem houveste tu, com coruscante espada (...). Franco filho de Ecglaf, a ti eu falo: Terror não era pra haver (tão terrível) de Grendel, assaltante atroz, (...) se duro fosses, em combate, com és na fala.⁴⁴

⁴⁴ *Beowulf*, 530-94.

Este relato foi aplaudido entusiasticamente pela platéia. Beowulf, assim como Aquiles, demonstrou ser hábil nas palavras e nas ações, derrotando Unferth na oratória. Era direito de ele jactar-se das próprias façanhas.

Um ponto de contato com a *Ilíada* é a atenção dispensada aos banquetes no *Beowulf*. Essas refeições solenes serviam para recepcionar os hóspedes, estabelecer ou reforçar os laços de fidelidade e lealdade, homenagear os heróis e ouvir suas façanhas recentes ou mais antigas; enfim, prestavam-se a todas as espécies de ocasiões comemorativas. Acontecia também nos banquetes a audição das glórias ou desventuras de outrem. As memórias heróicas, entoadas por bardos, eram cantadas ao som das madeiras de festa, as harpas. Num dos banquetes em Heorot, o bardo local cantou a batalha de Finnsburh.⁴⁵ Tudo isso fornece alguma luz sobre a vida social germânica do período, destacando-se os ritos de lealdade ao chefe, de hospitalidade, de coragem e de jactância espalhados pela narrativa; daí a nossa afirmação de que, apesar dos ogros, dragões e monstros marinhos, o poema assenta-se sobre uma base realista.

⁴⁵ Além dessa passagem no poema, a batalha de Finnsburh foi descrita em outro fragmento – com cerca de setenta versos, anterior ao *Beowulf* –, hoje perdido, publicado no século XVIII. Os versos cantam a tragédia da rainha Hildeburh, dinamarquesa, que casou com o rei dos frísios. Numa festa, no palácio que nomeia o fragmento, o rei, que havia ordenado um ataque à comitiva de guerreiros dinamarqueses, parentes da rainha, matou o cunhado, que antes havia massacrado o filho de Hildeburh, ou seja, o próprio sobrinho.

Artur, entre o ideal e o fantástico

Aos heróis homéricos e germânicos, seguiu-se a cavalaria. Enquanto as falanges helênicas e as legiões romanas eram constituídas principalmente por infantas, os combates na Europa medieval foram, na grande maioria, de guerreiros montados a cavalo.

Do século X ao XV, a cavalaria granjeou grande importância e fama, estabelecendo-se no centro do edifício social europeu e apropriando-se “da superioridade e da excelência antes ligadas à noção de nobreza”.⁴⁶ Para sermos mais precisos, houve uma dupla conquista: a da nobreza pela cavalaria e da cavalaria pela nobreza.

Deve-se, portanto, começar pela nobreza quando se fazem considerações sobre a cavalaria. O nobre, nas atas, é qualificado como livre, pois, ao contrário dos demais indivíduos, estava isento das obrigações banais. Os documentos jurídicos mais antigos nos mostram a nobreza, verdadeiramente livre, e a cavalaria, que lhe era subordinada. O privilégio de ser nobre era legado, exclusivamente, pelo sangue e o poder nobiliárquico medieval assentava-se sobre a propriedade fundiária. Gravitando no domínio estavam os *rustici* ou *ingenui*

⁴⁶ Georges Duby. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 23.

(camponeses) e os *milites* (singular: *Miles*), que cuidavam da defesa dos interesses do senhor. Os *milites* também eram denominados *cavallarii* (cavaleiros). Qualquer ação bélica digna de nota na Europa medieva – até a guerra dos Cem Anos – era realizada sobre um cavalo.

Nas atas do condado de Namur, localizado na atual Bélgica, ao longo do século XIII, a distinção básica feita pelos redatores era entre os que estavam sujeitos a obrigações – tanto bélicas, quanto banais – e os livres. Apenas em 1280, nos documentos namurenses, deixou de existir a distinção entre *nobilis* e *miles*.⁴⁷ O termo *nobilis* passou a ser utilizado, na maioria dos casos, em relação às mulheres, enquanto os homens nobres armavam-se cavaleiros e eram designados como tais. Uma nova distinção que surgiu foi que o nobre não armado cavaleiro ocupava um lugar inferior ao do cavaleiro não-nobre. Finalmente, os cavaleiros da região também ganharam isenção dos impostos banais. Já no século XIV, bastava que um habitante fosse parente de um cavaleiro, até o sétimo grau, para que usufruísse do privilégio fiscal.⁴⁸ Encontramos, neste ponto, outro sentido, evidentemente menor, para a aristocracia medieval: “ser nobre, com efeito, era escapar ao fisco”.⁴⁹ Noutra região próxima, porém francesa, o Mâconnais, era possível verificar nos documentos oficiais, já no século XI, a ascensão da cavalaria à casta nobre. Devemos observar também que, nessas atas jurídicas,

⁴⁷ L. Génicot. *L'économie namuroise au bas Moyen Age II: les hommes, la noblesse. Apud ibidem*, pp. 03 et seq.

⁴⁸ George Duby. *op.cit.*, p. 05.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 17.

havia todo um cuidado em estabelecer precisamente a condição de um indivíduo. Era uma linguagem resistente às mudanças; só as reconhecia quando já estavam solidificadas no corpo social.⁵⁰

Como qualquer conceito, a idéia de cavalaria sofreu diversas mutações no tempo e no espaço.⁵¹ Na conferência ‘A cavalaria e o seu lugar na história’, proferida em 1925 pelo professor F. J. C. Hearnshaw, quatro sentidos para o termo foram listados.⁵² Primeiro, um grupo de guerreiros armados a cavalo; segundo, de modo abstrato, a ordem de cavalaria, enquanto código de conduta moral; terceiro, no sentido jurídico, indicando o serviço do cavaleiro na qualidade de vassalo de um senhor e, finalmente, o quarto: toda a idéia cavaleiresca da Baixa Idade Média, englobando serviço militar, código de conduta, cortesia e religião. Esses sentidos, no entanto, não abarcam todas as nuances históricas do termo. Há que observá-lo diacronicamente na Europa medieval.

Antes do século XI, os cavaleiros já eram notórios pela coragem e bravura em combate, mas também conhecidos pela rebeldia à autoridade e desprezo pela vida humana, sem qualquer traço de misericórdia ou de piedade. O cavaleiro “não era um indivíduo simpático. Ninguém gostava dele. Realmente era difícil saber por quem era ele mais detestado – se pelo rei (...), pelo Papa (...), ou pela

⁵⁰ *Ibidem*, p. 24.

⁵¹ Cf. Reinhardt Koselleck. ‘História dos conceitos e história social’. Em *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora PUC-Rio, 2006, pp. 97-118.

⁵² Publicado em Edgar Prestage (editor). *A cavalaria medieval: ensaios sobre a significação histórica e influência civilizadora do ideal cavaleiresco*. Porto: Livraria Civilização Editora, s/d, pp. 11-45.

comunidade do Terceiro Estado”.⁵³ Nas batalhas, assim que derrotava um adversário, interrompia a luta para roubar os pertences do corpo do vencido. Na paz, saqueava vilas, pequenas propriedades e mosteiros; torturava os camponeses, violentava as freiras e queimava os padres dentro das paróquias.

Hearnshaw descreveu um cavaleiro do período, sir Bevis de Hamton, que seria um pouco menos brutal do que os demais companheiros.

Era sanguinário de todo, embora fosse mais refreado e cuidadoso. A sua única atividade de tomo era o homicídio. Depois de lhe ler a história, calculei que, pondo de parte a prodigiosa e incalculável carnificina que fez juntamente com outros em quatro grandes batalhas, sozinho e por sua mão – antes de se aquietar, saciado de aventuras, em tranqüila vida doméstica –, matou mais de 650 seres humanos. Viveu com tanto perigo como um Nietzsche ou um Mussolini poderiam desejar. Mas não há lembrança de qualquer bem que fizesse ou de qualquer ideal que o inspirasse, ou de qualquer realização que levasse a cabo.⁵⁴

Com o advento das armas de fogo e outras inovações tecnológicas, matar centenas de pessoas deixou de ser tarefa difícil. Sir Bevis, ao contrário, matou-as de modo artesanal, a espada. Talvez o comedimento do guerreiro fosse semelhante – podemos especular –, ao de Beowulf, que não executou nenhum parente na sala de jantar.

⁵³ F.J.C. Hearnshaw. ‘A cavalaria e o seu lugar na história’. Em *Ibidem*, p. 14.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 16.

A ressignificação cristã da cavalaria, ocorrida entre os séculos XI e XII, deixou marcas profundas no pensamento medieval. Não apenas deu novo ordenamento à forma de combater, mas também normatizou o ingresso na ordem e o comportamento esperado de um cavaleiro; ou seja, operou um processo civilizatório, no sentido conferido a este por Norbert Elias: o refinamento dos mecanismos de controle e autocontrole dos impulsos agressivos dos indivíduos na prática das relações sociais.⁵⁵ O ideal civilizatório cavaleiresco espalhou-se pela Europa, nas altas camadas sociais, influenciando o comportamento ocidental, mesmo após a decadência da cavalaria nas batalhas.

O ingresso na ordem cavaleiresca tornou-se, também, um sacramento eclesiástico. Baseado nas antigas tradições germanas, de armar os jovens em assembleias públicas, o *adoubement* – do termo franco *dubban* (bater, aplicar) – foi fixado pela Igreja a partir do século XII.⁵⁶ Um cavaleiro poderia ser ordenado antes ou após uma batalha, seguindo um rito sumário. Em ocasiões menos urgentes, o ritual era extenso e caro – o já citado *adoubement*. Primeiro, o infante era admitido como escudeiro, para servir um cavaleiro e aprender o ofício. Quando o escudeiro era julgado apto a ser ordenado – em média aos 21 anos de idade –, era banhado ritualmente, ficando em vigília e jejum durante a noite anterior, numa igreja. No dia, fazia a confissão e, em meio a uma missa solene,

⁵⁵ Cf. Norbert Elias. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, pp. 42-4.

⁵⁶ Cf. Robert Fossier. ‘Adoubement’. Em Alain de Libera *et alli* (org.) *Dictionnaire du Moyen Âge*. 2ª edition. Paris: PUF, 2004, pp. 10-1.

recebia a indumentária do cavaleiro – túnica branca, manto vermelho, gibão preto simbolizando, respectivamente a inocência, o auto-sacrifício e a morte⁵⁷ –, além da cota de malha, da armadura e dos equipamentos de combate: lança, espada, escudo e as esporas. A lança significava a verdade, coisa reta que não se torce; vai à frente da falsidade. A espada franca é semelhante à Cruz, para o cavaleiro vencer os inimigos de Cristo; tem dois gumes para manter a cavalaria e a justiça. O escudo, que ficava entre o cavaleiro e o inimigo, era como a cavalaria colocada entre o rei e o povo. As esporas aludiam à diligência, esperteza e ânsia do cavaleiro em manter a ordem honrada.⁵⁸

Juravam professar e proteger a fé cristã, assistindo à missa todos os dias e obedecendo aos prelados; combateriam apenas outros cavaleiros, de modo honrado, em igualdade de condições; protegeriam viúvas, órfãos e indigentes; procederiam com lisura e sempre diriam a verdade; promoveriam a justiça, em colaboração com as autoridades locais e sempre levariam até o fim qualquer missão iniciada. Já o rito sumário envolvia um cavaleiro (apenas os cavaleiros podiam ordenar novos cavaleiros) e um candidato julgado digno. A espada era colocada nos ombros do postulante, depois este recebia um tapa ritual também no ombro, enquanto proferia o juramento. Estes são, porém, apenas os modelos

⁵⁷ Cf. F.J.C. Hearnshaw. *op. cit.*, pp. 33-4.

⁵⁸ Cf. Ramon Llull. *O livro da ordem de cavalaria*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Editora Giordano / Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000, V 02-11.

gerais. As cerimônias e juramentos variavam de tempos em tempos e de um lugar para o outro.

O cavaleiro via-se obrigado – em tese – a seguir um código rígido de conduta. Em tese, pois entre o *nómos* e o cotidiano existe uma larga distância. Um Guilherme Marechal estava muito longe da perfeição moral de um Galaaz ou de um Perceval. Mesmo assim Guilherme, ao lado de Godofredo de Bulhões e Tancredo de Sicília, figuram entre os cavaleiros históricos exemplares.

Ao tratarmos da cavalaria medieval, não podemos nos furtar a abordar as Cruzadas. Neste conjunto de recontros, a tensão entre tradição e inovação dentro da Guerra Ocidental fica patente. Concepções de guerra e religião foram ressignificados. Mas mesmo dentro da inovação, ainda mantinham-se algumas visões tradicionais.

No final do século XI, após – dentre outros fatores – a pregação insistente e itinerante de Pedro, o Eremita, o papa Urbano II conclamou a primeira Cruzada, em 1096, para reconquistar Jerusalém, que estava sob domínio muçulmano. Se os cavaleiros cristãos tinham prazer nas lutas e assassínios, então essa empresa seria a ideal para absorver todo o potencial violento da cavalaria. Aos cruzados foi prometido o perdão de todos os pecados. Afinal, na guerra medieval, nenhum guerreiro ia ao combate sem vantagens. Para ampliar as campanhas militares, o suserano sempre tinha que oferecer mais terras, dinheiro

ou outras vantagens aos vassalos. A garantia de salvação, fornecida pela Igreja, foi um prêmio irresistível para os cavaleiros.

A indulgência plenária era um forte atrativo, mas também uma faca de dois gumes. As Cruzadas podiam dar lugar a uma luta idealista, em que homens nobres de coração tinham a oportunidade de praticar grandes feitos, dignos da memória coletiva. O acima citado Godofredo, que aliava grande competência militar com a fé e castidade, recusou-se a ser coroado rei de Jerusalém, pois não poderia portar uma coroa de ouro na cidade onde Cristo foi coroado com espinhos. Daí afirmou que aceitava apenas o título de *Advocatus Sancti Sepulchri*.⁵⁹

Por outro lado, as campanhas dos cruzados também foram um festival de atrocidades, que os contemporâneos observaram com horror. Boemundo de Antioquia, cavaleiro de origem normanda, era um líder carismático e guerreiro audaz. Os bizantinos já consideravam os normandos astutos, ambiciosos e inescrupulosos; Boemundo era, na visão deles, um caso emblemático. O sorriso sinistro do cavaleiro causou desconfiança e desconforto para a corte de Constantinopla.⁶⁰ De fato, Boemundo usou todos os artifícios possíveis para tornar-se rei de Antioquia, em 1098, esquivando-se da Igreja de Roma e do imperador bizantino, Aleixo Comneno. O representante bizantino junto aos cruzados, Tatício, foi convencido por Boemundo a voltar para a capital imperial,

⁵⁹ Cf. Steve Runciman. *História das cruzadas – volume I: a primeira cruzada e a fundação do reino de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, pp. 259-79; René Grousset. *A epopéia das cruzadas*. Mem Martins: Europa-América, 1998, pp. 22 *et seq.*

⁶⁰ Ana Comnena, *Alexiad XIII*, X *apud* Steve Runciman. *História das cruzadas – volume I*, p. 148.

a fim de trazer mais reforços, para fazer frente aos turcos. Assim que Tatício se encaminhou para executar a tarefa, Boemundo alardeou esse ato como covardia e, deste modo, os cruzados estavam livres de qualquer obrigação com o imperador Aleixo.⁶¹ Apenas em 1107, após ser derrotado em batalha, Boemundo se submeteu ao imperador.⁶²

Durante a conquista de Jerusalém, em 1099, toda a população da cidade – judeus e muçulmanos⁶³ – foi executada pelos cruzados: corpos entulhavam as ruas. As sarjetas ficaram entupidas de sangue, para o horror geral.⁶⁴ Na cidade de Maarat an-Numan, perturbados pelas privações da fome, os cruzados apelaram para o canibalismo, cozinhando os corpos dos muçulmanos adultos em caldeiras e assando crianças no espeto.⁶⁵ Se o paraíso estava assegurado, os freios morais da Igreja eram inúteis. Hearnshaw precisou o quadro com tons dramáticos, ao abordar a I Cruzada:

Apesar do caráter sagrado da sua causa, a (...) passagem [dos cavaleiros] por Constantinopla a caminho da Terra Santa caracterizou-se por orgias e excessos,

⁶¹ Steve Runciman. *História das cruzadas – volume I*, p. 204.

⁶² Steve Runciman. *História das cruzadas – volume II*, p. 52.

⁶³ Os cristãos foram evacuados da cidade antes do cerco, pois não possuíam nenhum valor militar, já que eram proibidos de portar armas. Outrossim, também havia o risco de traição e a evacuação representava uma redução de bocas a serem alimentadas durante o cerco dos cruzados.

⁶⁴ Cf. Steve Runciman. *História das cruzadas – volume I*, pp. 257-8.

⁶⁵ Raoul de Caen *apud* Amin Maalouf. *As cruzadas vistas pelos árabes*. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2001, pp. 47 *et seq.* Ao citar esse episódio, Steve Runciman lançou um véu de piedade sobre esse ato sinistro: “o exército, em Maarat an-Numan (...) estava sofrendo com a fome. (...) O canibalismo parecia ser a única saída.” *História das cruzadas – volume I*, p. 234.

assassínios e devassidões, *vergonha não só para a sua religião, mas também para a própria humanidade* [grifo nosso]. Sem dúvida o facto [sic] de estarem garantidos com indulgência plenária para o cumprimento da empresa os incitava a ampliar indefinidamente a lista de transgressões que, segundo o contrato, deviam ficar limpas de todo.⁶⁶

Algumas ordens monásticas cristãs militarizaram-se com as Cruzadas, destacando-se os Templários, os Hospitalários e os cavaleiros Teutônicos. Um grande marco para essas ordens foi a aprovação pública de São Bernardo de Claraval, quando redigiu a obra *De laudibus novae militiae*⁶⁷ – a qual louvava o manejo cristão das armas –, a pedido do grão-mestre templário Hugo de Payns. São Bernardo também elaborou as regras da Ordem do Templo. O monge guerreiro fazia os votos de obediência, pobreza e castidade; contudo, portava armas, cota de malha e matava os inimigos da Cruz. Retomando a teorização de Santo Agostinho, a cristandade poderia praticar a guerra, desde que fosse justa. Para tanto, havia uma série de critérios a serem observados: justiça da causa ou reparação de injustiças passadas; defesa da fé cristã e desinteresse por vantagens pessoais. Naturalmente, o crivo para se atribuir essas qualidades a um conflito qualquer era, e ainda é, político. Para defender a fé, fosse lá do que fosse, era

⁶⁶ F.J.C Hearnshaw. *op. cit.*, pp. 19-20.

⁶⁷ Cf. E.F. Jacob. ‘Os começos da cavalaria medieval’. Em Edgar Prestage (editor), *op. cit.*, p. 59. Embora São Bernardo aprovasse o soldado de Cristo, não poupava críticas aos cavaleiros seculares, gananciosos de ouro e glórias. O religioso de Cluny chegou até a usar um jogo de palavras, *militia / malitia*, para denunciar essa milícia maliciosa e nada confiável.

lícito portar armas. Para fazer justiça, a força era o instrumento. Como São Bernardo afirmou,

mas os soldados de Cristo combatem seguros nas batalhas do Senhor, sem temor algum por pecar ao por-se em perigo de morte e por matar o inimigo. Para eles, morrer ou matar por Cristo não implica criminalidade alguma e reporta a uma grande glória (...) o soldado de Cristo mata com segurança de consciência e morre com mais segurança ainda.⁶⁸

O catalão Ramon Llull (c. 1232-1316) interessou-se, entre outros assuntos, pela moralidade da ordem cavaleiresca. No final do século XIII, redigiu o *Livro da ordem de cavalaria*, obra em que pretendeu evocar a era de ouro da cavalaria. Esta nunca chegou a existir. A idade de ouro é um mito recorrente em numerosas culturas. Idealiza um passado glorioso e exemplar, encaixando-o num plano teleológico: no fim dos tempos, esse passado retornaria, fazendo reinar a paz, a abundância e a justiça.⁶⁹ Esta evocação de uma era de ouro da cavalaria sugere, portanto, que a obra de Llull, para além de um simples guia de conduta moral pode ser encarado como signo de um sentimento de corrupção da ordem.

Na realidade, o que havia era uma tensão latente entre os ideais imaginados e as práticas. Até o século X não havia tensão alguma. Os cavaleiros

⁶⁸ São Bernardo. 'Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templários' Em *Obras completas de San Bernardo I*. Madrid: BAC, 1983, p. 503 *apud* Ricardo da Costa. 'Apresentação' Em Ramon Llull. *Livro da ordem de cavalaria*, p. xxx.

⁶⁹ Cf. Marie Josette Bénéjam-Bontems. 'Idade de ouro'. Em Pierre Brunel (org). *Dicionário de mitos literários*. Brasília / Rio de Janeiro: Edunb / José Olympio Editora, 1997, pp. 474-6.

comportavam-se do modo que se esperava deles: eram assassinos brutais e bandoleiros, uma grande ameaça a qualquer administração pacífica. A partir de então, apenas alguns cavaleiros iluminados tentavam seguir os preceitos da ordem. Mesmo em missões supostamente sagradas, como as Cruzadas, a grande maioria dos cavaleiros praticava atos selvagens. Não há, nestes comentários, nenhum anacronismo. Longe de julgamentos à luz da atualidade, essa era a percepção dos contemporâneos.

O *Livro* começa com o encontro de um velho cavaleiro ermitão com um escudeiro que está a caminho da própria cerimônia de sagração como cavaleiro. Após breve conversa, o ermitão descobre, com horror, que o escudeiro desconhecia os valores éticos contidos na Ordem de Cavalaria. Esses valores, expressos nas regras da ordem, estavam descritos num livro que o ermitão guardava para si mesmo. Quando o escudeiro manifesta o desejo de conhecer essas regras, o velho lhe presenteia o livro. Assim o futuro cavaleiro poderia aprendê-las e divulgá-las para outros tantos, que desejassem também ser bons cavaleiros.

A continuação do *Livro* é justamente a obra presenteada ao escudeiro. Llull descreveu a função da cavalaria, num mundo que buscava justiça e fé; o ofício do cavaleiro; o exame que o escudeiro deve fazer para se tornar cavaleiro e como se portar para receber essa honraria; a significação das armas do cavaleiro; seus costumes e a honra que deve ser sempre feita a um membro da cavalaria.

O surgimento da Cavalaria, para Llull, fora decorrência da falta de caridade, lealdade e verdade – entre outras virtudes – no mundo.⁷⁰ Portanto, o cavaleiro que realmente amasse e honrasse a ordem deveria ser um exemplo de retidão.

Ofício de cavaleiro é o fim e a intenção pelos quais foi principiada a Ordem de Cavalaria. Logo, se o cavaleiro não cumpre com o ofício de Cavalaria é contrário à sua ordem e aos princípios de Cavalaria acima ditos; pela qual contrariedade não é verdadeiro cavaleiro, mesmo sendo chamado [de] cavaleiro, e esse tal cavaleiro é mais vil que o tecelão e o trombeteiro que seguem seu ofício.⁷¹

Llull constrói a argumentação mostrando tudo aquilo que o cavaleiro honesto deve evitar. Afinal, fazer o bem, na maior parte dos casos, significa não fazer o mal. Nas exortações do autor, percebe-se que, mesmo no século XIII, a cavalaria estava muito distante do ideal traçado. Assim, o pensador catalão executa variações sobre o mesmo tema, às vezes de modo generalizado:

Se tu, cavaleiro, queres e amas muito a cavalaria, te convém esforçares para que (...) tenhas ardor de coragem e esperança contra aqueles que são contrários à Cavalaria. E se tu morres para manter a Cavalaria, então a Cavalaria está em ti

⁷⁰ Ramon Llull. *Livro da ordem de cavalaria*, I 1.

⁷¹ Ramon Llull. *Livro...*, II 1.

como aquilo que mais podes amar, servir e ter; porque em nenhum lugar estão [sic] tão agradavelmente a Cavalaria como em nobreza de coragem.⁷²

Em outras passagens, enfoca casos específicos:

Ofício de cavaleiro é manter viúvas, órfãos, homens despossuídos; porque assim como é costume e razão que os maiores ajudem a defender os menores, e os menores achem refúgio nos maiores, assim é costume da Ordem de Cavalaria que, por ser grande e honrada e poderosa, vá em socorro e ajuda daqueles que lhe estão por debaixo em honra e força.⁷³

As admoestações de Llull giram em torno do princípio de que, se a Ordem de Cavalaria é algo honorabilíssimo, então o cavaleiro deve ser exemplo de retidão moral e religiosa perante Deus e a cristandade. Não desconsidera a força física, pois recomenda os torneios para o treinamento e ampliação das habilidades e da força necessárias para o exercício do ofício. Contudo, esse aspecto é secundário. O principal é a conduta impecável que os cavaleiros deveriam manter e demonstrar.

A literatura medieval é uma fonte ainda mais importante para o estudo das noções de cavalaria, pois foi a grande difusora dos modelos cavaleirescos para os contemporâneos e os pósteros. Mesmo o *Livro* de Llull foi influenciado por esses modelos literários. O tema do ancião retirado, vivendo na floresta, retratado

⁷² Ramon Llull. *Livro...*, II 17.

⁷³ Ramon Llull. *Livro...*, II 19.

na introdução da obra, encontra-se presente no ciclo arturiano. O papel dos anciãos nesse ciclo era justamente “informar, orientar e dirigir espiritualmente os cavaleiros”.⁷⁴

O termo romance é uma derivação do advérbio latino *romanice* (à maneira dos romanos); designava primeiro, de modo generalizante, a língua vulgar do Ocidente medieval, que se distanciara do latim no medievo tardio. Durante a baixa Idade Média, passou a nomear um novo gênero literário, que “se ocupa das aventuras de um personagem, criatura de ficção, através do vário e misterioso mundo, apresentado por um carácter [*sic*] descritivo-narrativo”.⁷⁵

O gênero do romance de cavalaria foi estabelecido nesse período, e o seu paradigma é o conjunto da obra de Chrétien de Troyes. Esses romances, ao longo do século XII, salvo pontuais exceções, eram escritos em versos octossílabos, sem estrofação.⁷⁶ Apenas a partir do século XIII a prosa seria introduzida no romance. Eles estruturavam-se sobre a aventura e o amor cortês. A aventura, na obra de Troyes, tem um sentido específico: uma série de provações (a aventura não existe isoladamente) que fazem o herói progredir até um estado de perfeição exemplar.⁷⁷ O amor cortês – o termo foi cunhado *a*

⁷⁴ Heitor Megale. *A demanda do Santo Graal: das origens ao códice português*. São Paulo: Ateliê Editorial / Fapesp, 2001, p. 63.

⁷⁵ Vítor Manuel de Aguiar e Silva. *Teoria da literatura*. 8ª edição. Coimbra: Almedina, 1996, pp. 672-3.

⁷⁶ Cf. Heitor Megale. *op. cit.*, p. 34.

⁷⁷ Cf. Paul Zumthor. *Essai de poétique médiévale*, p. 361 *apud* Vítor Manuel de Aguiar e Silva. *op. cit.*, pp. 673-4, n 6.

posteriori – seria, *grosso modo*, “fundado na sublimação da dama, tal como é pintado pelos poetas líricos e romancistas dos séculos XII e XIII”.⁷⁸ Se, de um lado, a Igreja tentava impor modelos comportamentais, em que até o amor ardoroso pela própria esposa era considerado adultério,⁷⁹ os literatos insurgiram-se contra essas convenções e valorizaram o amor afetivo e carnal. Esse amor cortês, para ser concretizado, tinha, na maior parte dos casos, como grande obstáculo o esposo da mulher amada, além da reprovação social e eclesiástica. Alguns cavaleiros devotavam a vida a uma paixão, que talvez nunca deixasse de ser platônica. Já outros atingiam o objetivo, tal como Lancelote, ao desfrutar dos favores de Genevra.⁸⁰

Os escritos de Chrétien de Troyes compõem, juntamente com os de outros autores, compiladores e tradutores, a *matéria da Bretanha* – denominação do conjunto de textos que tratam do rei Artur e das aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda. Assim como Aquiles, é mais fácil localizar Artur nas páginas da *matéria* do que escavando o solo britânico.

A fonte historiográfica mais conhecida sobre Artur é a *Historia regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, que apareceu em 1136. Geoffrey narrou a subida do rei ao trono, as campanhas militares vitoriosas, os conselhos do mago

⁷⁸ Michel Pastoureau. *A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII*. São Paulo: Companhia das Letras / Círculo do Livro, 1989, p. 143.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 144.

⁸⁰ O nome da rainha, esposa do rei Artur, tem diversas variações, conforme a tradução: Gwinever, Guinevere, Ginevra, entre outros. Optamos aqui pela versão do tradutor brasileiro de *A demanda do Santo Graal* e de *A morte do rei Artur*, Heitor Megale.

Merlim e a batalha final, donde Artur retirou-se, ferido, para a ilha de Avalon. Um pouco antes, em 1125, William de Malmesbury lançara a *Gesta regum Anglorum*, no qual relatou que o sucessor do rei Vortingen, Ambrosius, pediu ajuda ao guerreiro – e não rei – Artur para combater os saxões que haviam invadido a Bretanha, por volta do ano 500. A maior vitória dos bretões sobre os invasores culminou na batalha do monte Baldon. O autor acrescentou: “este Artur é aquele sobre o qual os bretões contam ainda hoje histórias absurdas”.⁸¹ Quando da aparição retumbante de Artur no mundo das letras, as lendas sobre ele já eram bem difundidas.

Antes do século XII, os registros escritos são esparsos e não muito precisos. Redigido nos meados do século VI (c. 545), o *De excidio et conquestu Britanniae*, por Gildas, descreve a batalha de Baldon. Contudo, nesse relato, o vencedor da batalha foi Ambrosius Aurelianus. Não há referência alguma a Artur. Beda, o Venerável, autor da *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* (c. 731), acompanha Gildas ao atribuir aquela vitória ao mesmo personagem.⁸² A primeira referência escrita a Artur foi feita por Nennius, na *Historia Britonum* (c. 800):

O capítulo LVI dessa obra conta como os reis de Kent combateram o chefe saxão Otha, filho de Hengist, que os tinha atacado, e prossegue: “Era então, naquela época, que Artur lutava contra (os saxões) com os reis bretões, mas ele próprio era um chefe de guerra” (*Tunc Arthur pugnabat contra illos in illis diebus cum*

⁸¹ *Apud* Michel Zink. ‘Artur’. Em Pierre Brunel (org). *op. cit.*, p. 102.

⁸² Cf. Michel Zink, *op. cit.*, pp. 100-1.

regibus Brittonum, sed ipse erat dux bellorum). O autor enumera doze vitórias conquistadas por Artur. A oitava é a do castelo Guinnion, onde ele levava nos ombros a imagem da Virgem. A décima segunda, a mais brilhante, é a do monte Badon, onde ele sozinho mata 960 inimigos.⁸³

A tradução levanta algumas dúvidas: Artur era um rei chefiando outros reis ou um guerreiro subalterno promovido ao comando? Além disso, não é possível afirmar nem que este Artur é o mesmo glorificado posteriormente, no século XII. Podemos apenas, no limite, inferir que a tradição oral insular operou mudanças significativas entre as obras de Gildas e Monmouth.

No mesmo século da redação da *Historia regum...*, surgiram os romances arturianos de Chrétien de Troyes. A versificação das aventuras e amores do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda foi seguida, no século XIII, pelas versões em prosa. Os autores mais conhecidos eram Gauthier Map e Robert Boron. A *matéria da Bretanha* em prosa é denominada *vulgata arturiana*.

A *vulgata*, ao longo do tempo, foi copiada, adaptada, traduzida, acrescentada e resumida – não necessariamente nesta ordem, nem sempre percorrendo todos esses passos. A primeira versão comportava cinco livros, em sete tomos: *Estoire du Graal*, *Estoire de Merlin*, *Lancelot du Lac* (em três tomos), *La queste del Saint Graal* e *La mort le roi Artu* [sic].⁸⁴ O primeiro livro (também denominado posteriormente *Livro de José de Arimatéia*) trata do santo vaso desde a

⁸³ *Ibidem*, p. 101.

⁸⁴ Cf. Heitor Megale, *op. cit.*, p. 47.

crucificação até à chegada do mesmo na Grã-Bretanha. O segundo, sobre Merlim, aborda o nascimento do mago – filho de um incubo e uma mulher –, o nascimento de Artur, a ascensão deste ao trono e a instauração da Távola Redonda. O terceiro centra-se em Lancelote, o melhor cavaleiro do mundo – até ao aparecimento do filho, Galaaz. O Cavaleiro do Lago encontra-se dividido entre as aventuras, atos de caridade, defesa da Igreja, lealdade ao rei e o amor adúltero pela rainha Genevra. O quarto livro, abordando a procura do Santo Graal, opera um processo seletivo entre os cavaleiros. Apenas o melhor e mais puro, Galaaz, estava capacitado a carregar o objeto sagrado. O último volume descreve a desagregação do reino de Logres, de que Artur era o rei. A demanda do Graal havia exterminado trinta e dois cavaleiros da Távola Redonda, de um total de 150.⁸⁵ Todos em combate. Galvão, sobrinho de Artur, com a mente anuviada pelo pecado e pelo mau julgamento, matou dezoito companheiros de aventuras. A revelação dos amores entre Genevra e Lancelote precipitou o fim, selado com o arremesso da espada Excalibur no lago – de onde foi recolhida por uma mão misteriosa – e o desaparecimento do corpo de Artur, levado para a ilha de Avalon.

A miríade de versões e interpolações da *vulgata* torna a estrutura narrativa singular. O conto não possui um narrador definido, ele mesmo se conta:

⁸⁵ Apesar disso, o rol dos cavaleiros nunca chega a esse número. Heitor Megale, provavelmente o maior especialista na questão arturiana no Brasil, enumera apenas 114. Cf. Heitor Megale. ‘Apresentação’. Em *A demanda do Santo Graal*. Tradução de Heitor Megale. 2º edição. Cotia: Ateliê Editorial, 1999, pp. 18-9.

Mas ora deixa o conto de falar dele [Lancelote] aqui neste lugar, e volta a falar de Galvão e Gariete. (...)

Ora diz o conto nesta parte que Lancelote (...).

Ora diz o conto que o rei, depois que demorou com Morgana, sua irmã(...).⁸⁶

Essa auto-narração cria uma impressão explicativa assaz interessante. O redator oferece algo como um trabalho de pesquisa sobre os acontecimentos, numa confluência das tradições orais, dos escritos e da visão cristã. A escrita medieval, longe de produzir variantes, era, ela mesma, uma variação.⁸⁷ Os contos contam-se e os escritores, copiadore, compiladore e tradutore desaparecem nas páginas das obras. *A morte do rei Artur* é apresentada como uma continuação da prosa de Gautier Map, cujo autor buscava o anonimato para garantir a posteridade do texto sob um nome consagrado.⁸⁸

Depois que mestre Gautier Map pôs por escrito *As aventuras do Santo Graal*, tão longamente como lhe pareceu suficiente, o rei Henrique, seu senhor, considerou que o que ele havia feito não ficaria completo, se ele não contasse o fim daqueles de quem havia feito menção e como morreram aqueles, (...) por isso ele continuou essa última parte. E quando terminou, deu o título *A morte do rei Artur* (...). Deste modo mestre Gautier começa esta última parte.⁸⁹

⁸⁶ *A morte do rei Artur*. Tradução de Heitor Megale. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 22; 38; 62.

⁸⁷ Cf. Bernard Cerquiglini. 'Éloge de la variante'. Em *Histoire critique de la philologie*. apud Heitor Megale. 'Introdução'. Em *A morte do rei Artur*, p. 24.

⁸⁸ Heitor Megale. *A demanda ...: das origens...*, p. 49.

⁸⁹ *A morte do rei Artur*, 01.

A *matéria* transmite valores essenciais aos modelos heróicos estudados neste capítulo. Alguns, tradicionais, ressignificados; outros, novos. A lealdade, a coragem e a hospitalidade já eram observadas nos costumes germanos antigos, como descreveu Tácito. A coragem e a hospitalidade, mais ainda, são encontradas em Homero. O cavaleiro da Távola Redonda era leal – salvo alguns deslizes, motivados pelas tentações (luxúria, ira ou orgulho) – a Deus, ao rei, aos companheiros, aos laços familiares e à Cavalaria. Cumpre perceber também que tantas obrigações de lealdade muitas vezes se chocavam. Assim, a revelação do amor entre Lancelote e a rainha marcou o fim da confraria de heróis. Artur guerreou contra os descendentes do rei Bam, ancestral de Lancelote. Essa batalha precedeu a de Salaber, onde Artur enfrentaria o sobrinho / filho Morderete, fruto do intercurso do rei com a fada Morgana. No conjunto de aventuras da *Demanda do Santo Graal*, a lealdade à religião cristã é bem explícita. Há uma série de provações, pelas quais os indignos são excluídos gradativamente até restar apenas um: Galaaz, o cavaleiro perfeito, que aliava grande força e técnica de combate à retidão moral. Ele não era “dos cavaleiros andantes, que dizem que são namorados, mas é daqueles cuja vida e alegria está sempre em penitência”.⁹⁰ Arnold Hauser, ao abordar o tema da lealdade, afirma – numa concepção racionalista de causa e efeito – que as exortações a essa virtude advinham das

⁹⁰ *A demanda do Santo Graal*, 113.

traições constantes que os vassallos faziam aos suseranos.⁹¹ Daí a tentativa de coibi-las, exaltando um modelo de conduta, uma regra que não podia ser infringida sem graves punições. Admitir este ponto de vista é, a nosso ver, não apenas ignorar a tradição germânica, na qual a lealdade tinha raízes profundas, como também conceber a literatura como reflexo mecânico do social.

A hospitalidade, princípio integrante do *éthos* aristocrata, fornece um dos estratos realistas da *matéria*, como nos demais contos heróicos. Ao sair para qualquer aventura, os cavaleiros sempre encontravam abrigo nos castelos à beira do caminho. A recepção proporcionada pelo castelão seguia o rito cortês: quarto para o descanso, curativos para as feridas, banquetes e agradáveis conversações com a filha ou esposa do senhor. A presença do cavaleiro provê honra e júbilo para o anfitrião, o qual, isolado da vida da corte real, vê-se desse modo integrado à sociedade cavalheiresca.

Nesse tipo de relato de aventuras, no entanto, é comum esse fato social virar um pesadelo. Às vezes a pousada é habitada por pessoas pérfidas e maliciosas, que buscam aprisionar ou matar os heróis itinerantes, mediante dissimulação e traição, como na aventura do castelo Felão. Habitado por pagãos, o castelão capturou Galaaz, Heitor e Meraugis. Contudo, sendo Galaaz o escolhido, Deus destruiu a fortaleza, atendendo às orações do herói e os

⁹¹ Arnold Hauser. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. 206 *et seq.*

cavaleiros libertaram as donzelas prisioneiras.⁹² Noutros casos, a estadia, por qualquer motivo alheio à vontade geral, redundava em desastre. Na busca pelo santo vaso, Galaaz e Boorz foram hospedados por um mui gentil senhor, o rei Brutos. Contudo, a paixão arrebatadora da filha deste por Galaaz levou, ao invés de à consumação deste amor, ao suicídio da donzela, diante da resistência do rapaz, e à acusação de assassinato imputada aos dois convidados. Foi necessário um duelo entre Boorz e o monarca para provar a inocência dos acusados.⁹³

Quando tratamos da hospitalidade no ciclo arturiano, tocamos em uma novidade no cenário literário ocidental: a cortesia. O amor cortês implicava a submissão do cavaleiro à dama, objeto de afeição. Enquanto na *Iliada* as filhas de Crises, Briseida e Criseida, são prêmios conquistados à força, na *matéria* a conquista amorosa relaciona-se muito menos com provas físicas que com galantaria, devoção e espera paciente.

Sobre a coragem, à primeira vista, não temos novidades. Os heróis arturianos enfrentam diversos perigos. Mas a coragem dos cavaleiros é provada, na maior parte dos casos, nas aventuras. A aventura, à moda arturiana, é sensivelmente diferente das façanhas em outros cantares heróicos, pois não se trata de uma missão militar específica, mas de um encontro perigoso, no qual o cavaleiro se testa. As aventuras, na maior parte dos casos, não se inserem na

⁹² *A demanda do Santo Graal*, 496-509.

⁹³ *A demanda do Santo Graal*, 109-20.

missão principal. N' *A demanda*, os companheiros da Távola Redonda se envolvem em diversos episódios dos quais a busca pelo Graal independia, como a aventura da Besta Ladradora. O já citado castelo Felão exibia um aviso sobre a captura e a morte de quem o adentrasse. O aviso, longe de afastar os cavaleiros, servia como um atrativo irresistível para os sedentos de glória e fama.⁹⁴

Talvez o melhor exemplo dessa característica esteja contido no romance *Yvain*, de Chrétien de Troyes.⁹⁵ O cavaleiro Calogrenante procurava um teste para a própria coragem e força, quando um camponês lhe contou sobre uma fonte maravilhosa que corria sob uma árvore: ao jogar a água da fonte, com uma bacia de ouro, por sobre uma placa de esmeralda, a qual estava ao lado da árvore, ocorria uma tempestade tão forte que homem nenhum escapava vivo. O cavaleiro obviamente não resiste, faz o teste e sobrevive para contar a façanha.⁹⁶ Quando o rei Artur, Yvain e os demais cavaleiros ouvem o relato, sete anos depois, encaminham-se para o local para também se testarem. Os cavaleiros, tal como os guerreiros homéricos, tinham a pulsão de provar que cada um era o melhor, superando os outros; contudo, ao invés de o fazerem nas batalhas, buscavam esses desafios fortuitos. Em *Beowulf*, o herói participou de algo semelhante, a competição de natação com Breca. Porém foi recriminado publicamente por Unferth, pois enfrentou um grande perigo sem necessidade

⁹⁴ *A demanda do Santo Graal*, 498.

⁹⁵ Chrétien de Troyes. 'The knight with the lion (Yvain)'. Em *Arthurian romances*. Translated by William W. Kibler and Carleton W. Carroll. London: Penguin Books, 2004.

⁹⁶ *Yvain*, 227-557.

aparente, apenas pelo prazer da competição. No ciclo arturiano esse comportamento, longe de ser condenado, é muito estimulado:

O rei [Artur], porque viu que as aventuras do reino de Logres estavam tão próximas do fim, que não havia senão muito poucas, mandou realizar um torneio no campo de Wincestre, porque não queria que os companheiros deixassem de levar armas.⁹⁷

As aventuras nas narrativas do ciclo surgem como um conto de fadas, brotando do chão magicamente.⁹⁸ As maravilhas apresentadas aos cavaleiros sempre intrigam e fascinam. Já Dom Quixote, ao ir à cata de aventuras quiméricas, no início do século XVII, esbarra na vida cotidiana do período. Contudo, isso não impedia que o cavaleiro da Triste Figura enxergasse o mundano pela óptica da fantasia literária. Afinal, os romances, para ele, contavam a história heróica dos cavaleiros nos moldes rankeanos, *como realmente aconteceu*.

⁹⁷ *A morte do rei Artur*, 03.

⁹⁸ Erich Auerbach. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1998, pp. 114 *et seq.*

III – A cavalaria morreu...

*There's a sign on the wall, but she wants to be sure,
'cause you know sometimes words have two meanings.*

Led Zeppelin, Stairway to heaven.

Romantismo, gênero plural

Afirmar que Dom Quixote é um personagem romântico exemplar é tentador. Se o Romantismo, dentre diversos aspectos a ele atribuídos, foi a busca do antigo e do exótico, então o louco fidalgo de La Mancha, que tentou ser um cavaleiro andante numa época e local em que a cavalaria andante era anacrônica, possui uma nostalgia romântica por excelência. No princípio do século XIX, estudiosos como Friedrich Schlegel e Friedrich Bouterwek classificaram Cervantes como romântico, num grupo que também incluía autores como Shakespeare, Ariosto, Dante e Tasso.¹ Nessa acepção, os autores supracitados prefiguraram o movimento romântico, ao se afastarem das normas clássicas. Entretanto, enxergamos o Quixote como personagem

¹ Cf. Vítor Manuel Aguiar e Silva. *Teoria da literatura*. Lisboa: Almedina, 1996, p. 539.

romântico porque a nossa visão sobre o mesmo foi influenciada e ressignificada pelo próprio Romantismo.

O que seria, então, o Romantismo? Esta é uma pergunta que não pode ser satisfatoriamente respondida com algo menos do que um tratado. Seria mais fácil definir o que *não* foi o Romantismo, dada a multiplicidade do movimento.² É importante notar também que, apesar de nos referirmos ao romantismo no singular – por razões estéticas e práticas –, houve uma miríade de romantismos distintos. Chegou-se a afirmar que existiram tantos romantismos quanto românticos. Arnold Hauser procurou demonstrar, de um modo esquemático característico, que o romantismo alemão, de fundo *reacionário*, evoluiu de uma posição *revolucionária*; enquanto o romantismo ocidental era *liberal*, advindo de posições *monárquico-conservadoras*.³ O que há de impertinente nesta tese? Mostra-se, principalmente, uma profusão de conceitos citados com descuido: liberal, conservador, reacionário e revolucionário. A polissemia desses termos não permite que sejam arrolados de modo ligeiro. Alguns escritores afirmam que a crítica ao racionalismo das Luzes, empreendida pelo Romantismo, advinha do fato de seus principais expoentes terem sido nobres ancorados ainda em antiquados valores medievais, reagindo contra a modernidade. A lista da nobreza romântica é considerável: von Kleist, von Arnin, von Hardenberg (Novalis), von

² Cf. Franklin Le Van Baumer. *O pensamento europeu moderno volume II: séculos XIX e XX*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 25.

³ Cf. Arnold Hauser. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. 661-2.

Chamisso, Lord Byron, Shelley, de Maistre, de Chateaubriand, de Vigny e Leopardi – dentre outros.⁴ Do lado oposto, Hauser afirma que o movimento romântico era na essência burguês e que mesmo a nobreza de alguns de seus membros não alterava esse caráter, julgado por ele como primordial.⁵ O Romantismo situa-se muito além destes condicionamentos. O que questionamos é a explicação sedutora pela relação de causa-efeito. Como expressão de despontar de uma sensibilidade histórica nova, ou seja, de uma nova maneira de conceber a inscrição do homem e suas criações no tempo, o movimento romântico originou-se de uma convergência de motivações difíceis de definir sem simplificação.

Para nos adequarmos aos nossos objetivos, como não podia deixar de ser, nos limitaremos a levantar os aspectos do Romantismo que interessam ao nosso objeto de estudo. Segundo Borges, “o movimento romântico é, quem sabe, o mais importante registrado pela história da literatura, talvez porque não foi apenas um estilo literário, (...) mas um estilo vital”.⁶ Porém, até que ponto pode-se afirmar que outros estilos literários, como o barroco e o classicismo, limitaram-se exclusivamente às letras, sem envolver tendências modeladoras da cultura, em geral?

Circunscrever o início do Romantismo no tempo e no espaço seria temerário, pois a arte não cria algo do nada; este algo sempre é reinterpretado,

⁴ Vítor Manuel Aguiar e Silva, *op. cit.*, p. 550, n. 34.

⁵ Arnold Hauser, *op. cit.*, pp. 676 *et seq.*

⁶ Jorge Luis Borges. *Curso de literatura inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 155.

retrabalhado e relido. Iniciaremos, então, com o conceito de *romântico*. Derivado do advérbio latino *romanice*, relativo aos romanos, foi vertido, a partir do século XII, como *rommant*, que designava a língua vulgar em oposição ao latim culto e, a partir do século XIII, a criação literária em prosa. No século XVII apareceu o vocábulo inglês *romantic* (como os antigos romances), que qualificava paisagens, cenas ou monumentos que evocavam um passado glorioso e/ou melancólico, de fundo sentimental. Nesse mesmo século Thomas Rymer, autor de *Romantick poetry of Pulci, Bojardo and Ariosto*, usou o termo para classificar os poetas que destoavam dos cânones clássicos, abrindo caminho para as análises de Schlegel e Bouterwek. Já no século XVIII, sob os olhares iluministas, *romântico* ganhou uma conotação pejorativa, nomeando tudo aquilo que se atribuía à imaginação fantasiosa, desordenada e inacreditável; sem base racional e de gosto duvidoso.⁷

Mais para o fim do mesmo século, por outro lado, *romântico* também passou a exprimir, para alguns, a imaginação ligada aos sonhos e à alma, de fundo sentimental, que aspirava a penetrar nos aspectos mais sombrios e melancólicos da condição humana. Nessa perspectiva, enquanto a razão enxergava apenas os objetos nas imagens exteriores, o sentimento romântico ia muito além, procurando as verdades da experiência humana e tendendo ao infinito. Essa dicotomia do termo no Setecentos é muito relevante para o entendimento do Romantismo, pois este foi, entre outras coisas, uma grande

⁷ Cf. Vítor Manuel Aguiar e Silva, *op. cit.*, pp. 536 *et seq.*

crítica ao racionalismo iluminista, embora por isso mesmo ligada umbilicalmente às Luzes. Seria na dimensão invisível que os significados da vida se esconderiam, para além das aparências.

No âmbito literário o embate estabeleceu-se entre o Romantismo e o Classicismo. Neste, a estética normatizada busca o equilíbrio e a harmonia; naquele, a procura é pelo caos e pelas emoções violentas. A melhor expressão dessa antinomia é a famosa frase de Goethe: “o clássico é a saúde, o romântico é a doença”.⁸ Contra um mundo ordenado pelo racionalismo, o Romantismo se insurgiu, buscando no sonho e na imaginação a multiplicidade e as nuances da humanidade. O idealismo do filósofo germânico Fichte foi apropriado e ressignificado pelos românticos, notadamente na figura do *Eu*. Este *Eu* idealista tende para o infinito, buscando-o incessantemente. O mundo que cerca o indivíduo, formado apenas por objetos, deve ser transcendido. O *Eu* procura, sem tréguas, os significados verdadeiros, situados além das aparências, como na exortação do poeta William Blake:

Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo se
mostraria ao homem, tal como é, infinito.
Pois o homem encerrou-se em si mesmo, a ponto de ver
tudo pelas estreitas fendas de sua caverna.⁹

⁸ *Apud ibidem*, p. 541.

⁹ William Blake. ‘Uma visão memorável’. Em *O matrimônio do céu e do inferno / O livro de Thel*. Tradução de José Antônio Arantes. 4ª edição. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 37.

Uma das poucas certezas românticas era da insatisfação em relação à contemporaneidade. Essa insatisfação torna-se patente quando nos deparamos com a palavra alemã *Sehnsucht*, que pode ser aproximadamente traduzida como ânsia, nostalgia, saudade ou, como melhor se encaixa nesse contexto, insatisfação perpétua. Uma definição mais precisa para a *Sehnsucht* romântica seria “a nostalgia de algo distante, no tempo e no espaço, para que o espírito tende irresistivelmente, sabendo de antemão que lhe é impossível alcançar esse bem sonhado”.¹⁰ Deste modo, uma tradução exata desse termo o privaria de sua polissemia. O conceito encontra par em outra palavra germânica, *Weltschmerz* (dor do mundo), que demonstra uma visão pessimista da civilização moderna, retratando-a como decadente. Os românticos, atordoados e melancólicos, imersos numa realidade indesejada, buscavam refúgio no exótico ou no passado ou, melhor ainda, num passado exótico. Contudo, existiam outros românticos que pretendiam fugir em direção ao futuro, buscando alguma utopia.

O passaporte para a fuga do romântico era a imaginação. Maurice Bowra elegeu a imaginação como o principal diferencial entre os poetas românticos ingleses e seus precedentes. Para descrever a verdade das emoções, os sentimentos, seriam necessárias expedições em direção ao não-familiar (*unfamiliar*) e ao não-visto (*unseen*).¹¹ William Blake atingia essa

¹⁰ Vítor Manuel Aguiar e Silva, *op. cit.*, p. 545.

¹¹ Cf. Maurice Bowra. *The romantic imagination*. London: Oxford University Press, 1963, p. 01.

dimensão invisível, denominada por ele mesmo eternidade, sentindo-se livre para criar novos mundos:

Ver o Mundo num Grão de Areia
E o paraíso numa Flor Selvagem,
Segurar o Infinito na palma da mão
E a Eternidade numa hora.¹²

Nesses mundos imaginários, os poetas se viam capazes de vislumbrar as múltiplas experiências da condição humana e do universo, ou mesmo poderiam recriar o passado, como o poeta escocês James Macpherson (1736-96), divulgador da suposta poesia do bardo Ossian, filho de Fingal. Macpherson recolheu cantares heróicos das *Highlands*, publicando-os em 1760, num livro intitulado *Fragments of ancient poetry collected in the Highlands of Scotland, and translated from the gaelic or erse language by James Macpherson*. No ano seguinte, publicou *Fingal: ancient epic poem in six books*, atribuindo sua autoria a Ossian, um antigo poeta velho e cego, que teria vivido no século III da era Cristã. Consistiria em cantares sobre batalhas e heróis, suscitados pela contemplação das ruínas do castelo paterno.

O poema *Fingal* trata do lamento nostálgico dos tempos passados e da morte dos heróis locais na luta contra os invasores: “Também não desejamos

¹² William Blake. ‘Auguries of innocence’. Em *Poetry and prose*, p. 118. *Apud ibidem*, p. 13. A tradução desses versos de Blake é nossa; no original: “To see a World in a Grain of Sand / And a Heaven in a Wild Flower, / Hold Infinity in the palm of your hand / And Eternity in a hour.”

ser mais. Guerreiros devem cair um dia”.¹³ A divulgação de Ossian na Grã-Bretanha e na Europa animou a imaginação continental, pois Macpherson teria descoberto uma espécie de Homero escocês. Werther, personagem de Goethe, alijou o *aiodós* grego do coração e o substituiu por Ossian.¹⁴ Napoleão Bonaparte carregou consigo um exemplar de *Fingal* em todas as batalhas das quais participou – tal como Alexandre o Grande mantinha um exemplar da *Ilíada* –, até o exílio final na ilha de Santa Helena.¹⁵

Apesar do sucesso da publicação, dúvidas foram levantadas sobre a existência desses cantares heróicos e do próprio bardo. Macpherson foi acusado de ser um falsário. Intelectuais ingleses, notadamente o reputado crítico classicista Samuel Johnson – talvez incomodado com o fato de a Escócia, por ele desprezada, ter a preeminência sobre os ingleses nos cantares heróicos – exigiram ver os manuscritos originais. Contudo, Macpherson jamais os divulgou. Em determinado momento, para ganhar mais tempo, ele prometeu publicar esses originais, mas em grego.¹⁶ O que importa, porém, é que esses estados de opinião sobre Ossian estavam perpassados por uma atmosfera romântica; os poemas também prefiguravam esse mesmo clima, principalmente pela nostalgia que exalavam.

¹³ No original, lê-se: “We too shall be no more. Warriors one day must fall.” James Macpherson / Ossian. *Fingal*, 5, 349. *Apud* David Quint. *Epic and empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. New Jersey: Princeton University Press, 1993, p. 347.

¹⁴ Cf. Jorge Luis Borges, *op. cit.*, p. 164.

¹⁵ Cf. David Quint, *op. cit.*, p. 343.

¹⁶ Cf. Jorge Luis Borges, *op. cit.*, p. 166.

Como se afirmou, a insatisfação perpétua dos românticos os encaminhava à evasão. Esta evasão tomou diversos rumos, sendo um dos mais relevantes o medievalismo. As imagens então correntes da Idade Média estavam atravessadas por inúmeros preconceitos. O Renascimento e o racionalismo das Luzes enquadraram, *grosso modo*, o período como uma época de trevas, em que o desenvolvimento atingido pelo homem antigo teria se interrompido e retroagido por conta de superstições, intolerância e preconceitos – as Luzes, na verdade, desenvolveram um preconceito contra os preconceitos.¹⁷ Sob a égide romântica a mesma Idade Média foi idealizada positivamente, pois

atraía a sensibilidade e a imaginação romântica pelo pitoresco dos seus usos e costumes, pelo mistério de suas lendas e tradições, pela beleza nostálgica dos seus castelos, pelo idealismo dos seus tipos humanos mais relevantes – o cavaleiro, o monge, o cruzado...¹⁸

Contra o modernismo racionalista afinado com a nascente economia de mercado e a nova sociedade fundada nas relações impessoais, a idealização romântica promoveu os valores da solidariedade e cortesia inter-pares

¹⁷ Gadamer demonstra que a carga negativa agregada ao termo *preconceito* advém do pensamento iluminista. O preconceito (*Vorbegriff*) nada mais é do que um juízo prévio, emitido antes da análise cuidadosa do objeto em questão, podendo ser correto ou não. Ao criticar os preconceitos, os iluministas viram-se presos aos mesmos; afinal, conclui Gadamer, o preconceito é inescapável, pois é a chave de inserção do indivíduo na realidade histórica. Cf. Hans-Georg Gadamer. *Verdade e método – volume I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 354 *et seq.*

¹⁸ Vítor Manuel Aguiar e Silva, *op. cit.*, p. 550.

constitutivos do código cavaleiresco medieval. Curtius identifica o início dos estudos medievalistas com o Romantismo:

As pesquisas medievais nasceram sob o signo do Romantismo e nunca se desfizeram das marcas de sua origem. O Romantismo urdiu quadros inspirados em torno do heroísmo (*reckentum*) germânico antigo, da época dos trovadores (*Minnesang*) e da cavalaria (*Ritterzeiten*).¹⁹

Porém, no próprio âmbito do Iluminismo desenvolveram-se os estudos históricos medievais. Destacaram-se nesse campo os franceses Camille Falconet e, principalmente, Jean-Baptiste de La Curne de Saint-Palaye (1697-1781), discípulo e sucessor do primeiro.²⁰ A obra de Sainte-Palaye influenciou em grande medida os estudos históricos medievais dos séculos XVIII e XIX.

A investigação histórica, ao longo do século XVII, oscilava entre o gosto antiquário e a obsessão retórica, desprovida de bases factuais e críticas mais sólidas. Contudo, entre esse século e o seguinte, a historiografia conseguiu realizar avanços metodológicos importantes. O religioso beneditino Jean Mabillon (1632-1707) redigiu o que se tornaria também uma gigantesca contribuição aos estudos históricos: o livro *De re diplomatica*, publicado pela primeira vez em 1681. Nesta obra, Mabillon enuncia as regras para o reconhecimento da autenticidade de um texto. A autenticação de um relato é

¹⁹ Ernst Robert Curtius. *Literatura européia e Idade média latina*. São Paulo: Edusp / HUCITEC, 1996, p. 634.

²⁰ Cf. Lionel Gossman. *Medievalism and the ideologies of the enlightenment: the world and work of La Curne de Saint-Palaye*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1968, pp.163 *et seq.*

o primeiro passo da crítica histórica; o segundo – denominado crítica interna pelos historiadores metódicos do século XIX – é a heurística, que trata do sentido das palavras do autor do relato. A crítica como instrumento analítico da historiografia, *mutatis mutandi*, ganha impulso na modernidade a partir dos séculos XVII e XVIII. A argumentação histórica será validada pela crítica: “que a palavra das testemunhas não deve ser obrigatoriamente digna de crédito, os mais ingênuos dos policiais sabem bem”.²¹ Esse vislumbre possibilitou a consolidação da disciplina histórica em bases eruditas.

Os pensadores iluministas, participantes dessa renovação metodológica, concebiam a história como um meio de libertar os seres humanos da ignorância, da superstição e da rotina, revelando-os como agentes históricos criadores “deles mesmos, das suas instituições, das suas sociedades, e de todas explicações existentes ou possíveis sobre o universo”.²² Na França, a *Académie des Inscriptions* tornou-se a sede principal do novo tipo de pesquisa medievalista. Sainte-Palaye foi eleito para a mesma em 1724. Dentre os trabalhos apresentados por ele nas sessões acadêmicas de leitura chamamos a atenção para *Mémoires sur l'ancienne chevalerie*, lidas no período de 1746 a 1751. A publicação dessa obra em vários volumes constituiu-se num enorme sucesso, com seguidas edições em diversos locais do continente europeu: França,

²¹ Marc Bloch. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 89.

²² Lionel Gossman, *op. cit.*, p. 154.

Inglaterra, Estados Alemães e Polônia. Tornou-se a principal fonte sobre o assunto por mais de um século.²³

A difusão das *Mémoires* explica-se em grande parte pela preocupação com a educação de uma nova nobreza, ligada ao exercício de funções estatais. A obra era extremamente útil, fosse para o exercício dos cargos na administração real, para os *nouveaux-riches* que logravam adquirir títulos nobiliárquicos ou mesmo para orientar questões acerca de etiqueta, cortesia e recepções reais. O olhar iluminista ainda considerava válido o processo civilizatório operado pelo mundo medieval. Contudo, essa releitura da cavalaria possuía aspectos peculiares. Para Sainte-Palaye, a superioridade de seu próprio tempo era incontestável. Mesmo perdendo em termos de heroísmo e coragem, ganhava em civilidade, lei e ordem, conforto e ilustração. “A piedade supersticiosa e a sensualidade grosseira dos cavaleiros, como as descreveu na quinta *Mémoire*, eram genuinamente repulsivas a ele”.²⁴

Sainte-Palaye estruturou a obra demonstrando a importância da Cavalaria como um sistema de educação integral para a monarquia. A argumentação do autor fundamenta-se na tese de que a partir da Cavalaria foi criada a monarquia européia. Aproximava-se, assim, de algumas idéias do contemporâneo Montesquieu.²⁵ No *Espírito das leis*, Montesquieu dividia as organizações políticas em monarquias, repúblicas e tiranias, relacionando esses

²³ *Ibidem*, p. 273.

²⁴ *Ibidem*, p. 279.

²⁵ *Ibidem*, pp. 279 *et seq.*

regimes respectivamente às qualidades de honra, virtude e medo. Para o autor a monarquia era “o regime mais adequado à natureza humana, porque nele a ambição, a emulação, o desejo de sobressair não contradizem e até favorecem o Estado e a sociabilidade”.²⁶ Os dois eruditos estabeleceram um grande intercâmbio de idéias, evidenciado pela simples leitura das obras de ambos. Avançando nessa direção, Sainte-Palaye encaixou a Cavalaria numa rede conceitual ilustrada da monarquia moderna, em contraposição ao feudalismo. Ele não concebia a ordem como uma instituição essencialmente feudal.²⁷

O alcance da obra de Sainte-Palaye não pode ser ignorado. Até meados do século XIX historiadores, poetas, curiosos, racionalistas e românticos iriam figurar entre os leitores dos escritos do estudioso. Desde o historiador inglês Edward Gibbon, o qual baseou o relato sobre a Cavalaria de *Declínio e queda do Império Romano* inteiramente nas *Mémoires*, até os românticos como Thomas Gray, Thomas Percy, Coleridge, von Herder e Novalis, alimentaram-se desse trabalho.²⁸ Naturalmente as leituras dessa massa documental, empreendidas ao longo do século XIX, foram bem diversas daquelas do século anterior. A idéia de Cavalaria como instituição foi abandonada e traduzida como ideal e sentimento.²⁹

Sainte-Palaye, a despeito da imensa contribuição para os estudos medievais, “permaneceu largamente insensível a essa literatura [medieval]. Ele

²⁶ Renato Janine Ribeiro. *A etiqueta no antigo regime*. 4ª edição. São Paulo: Moderna, 1998, p. 31.

²⁷ Lionel Gossman, *op. cit.*, pp. 284, 351.

²⁸ *Ibidem*, pp. 327 *et seq.*

²⁹ *Ibidem*, p. 292.

perscrutou os manuscritos, os leu, os classificou, [mas] não os amou”.³⁰ Neste ponto reside a grande diferença entre o erudito iluminista e os românticos: na empatia com o objeto de estudo. Onde Sainte-Palaye descrevia um local estranho, selvagem e primitivo, os românticos não apenas exaltavam esse *locus*, mas sentiam-se muito à vontade.

Walter Scott (1771-1832) foi outro notório romântico leitor das *Mémoires*, concebendo a Idade Média de um modo mais imaginativo, tanto socialmente, quanto do ponto de vista da condição humana.³¹ Scott é considerado o inventor do romance histórico, o qual situa personagens e tramas ficcionais em acontecimentos presumivelmente verídicos. Além disso, constituiu uma carreira profissional literária que lhe rendeu somas financeiras consideráveis. Contudo, essa carreira não foi tão sólida assim. Em 1826, faliu. A republicação de obras antigas e a impressão de novas pagariam a dívida.³²

Dentre os trabalhos de autoria de Scott, podemos destacar *Minstrelsy of the scottish border* (1801), em que reuniu cantares populares, influenciado em grande medida pela obra de Macpherson; *Waverley* (1814), romance que tem como pano de fundo a guerra entre escoceses e ingleses em meados do século XVIII e *Ivanhoe* (1819), no qual nos deteremos com maior atenção. Bom exemplo de romance histórico e melhor ainda de *best-seller*, *Ivanhoe* trata de diversos conflitos. A moldura do romance é a luta entre o rei Ricardo Coração

³⁰ *Ibidem*, p. 170.

³¹ *Ibidem*, p. 293.

³² Cf. Leith Davis. *Acts of union: Scotland and the literary negotiation of the british nation, 1707-1830*. Stanford: Stanford University Press, 1998, p. 157.

de Leão e o príncipe João Sem Terra pelo trono inglês, ao final do século XII. A essa luta, outros conflitos foram entrelaçados pelo autor: entre saxões *ingleses* e a realeza normanda *francesa*; entre os interesses privados mesquinhos e o bem comum e entre virgens imaculadas e predadores sinistros e sedentos de luxúria.

O cenário onde o autor começa a tecer a trama é o castelo de Cedric, o Saxônio. Membro da antiga nobreza da terra, Cedric não aceitava o domínio normando de cunho francês. Scott contrasta os modos civilizados franco-normandos à aspereza saxã, assim como, em outros escritos, havia mostrado, num período posterior, a civilidade inglesa e os modos rudes escoceses, construtores da identidade nacional britânica. Nestas dicotomias, transparece, a princípio, o binômio patife civilizado e selvagem honrado. Temperamental ao extremo, Cedric sonhava restabelecer a linhagem saxã no trono inglês, a qual fora interrompida em 1066, quando Guilherme o Conquistador destronou o rei Haroldo. Para tanto, Cedric tencionava unir em casamento o descendente da realeza nativa, o indolente Athelstane de Coningsburg, com a *protégé*, a bela *lady* Rowena. A imagem dessa restauração, combinada com a obstinação e os modos rudes do nobre, o levou a expulsar de casa o próprio filho, Wilfred de Ivanhoé. Este havia ficado enamorado, e foi correspondido, pela formosa dama. Ivanhoé juntou-se ao rei Ricardo e partiu rumo à Terra Santa, para a III Cruzada.

Numa certa noite, alguns viajantes requisitaram a hospitalidade de Cedric, que não gostava de receber estranhos, mas não seria capaz de transgredir aquela importante instituição. Esses hóspedes eram o prior Aymer, religioso cisterciense, que apesar dos votos, não dispensava os prazeres da carne, da mesa, do luxo e da riqueza. Brian de Bois-Guilbert, cavaleiro templário, que do mesmo modo não respeitava as imposições monásticas. Apesar de bravo e forte, também era inescrupuloso, violento e traiçoeiro. Isaac de York, financista judeu, a quem os demais personagens referiam-se como cão infiel, usurário pérfido e patife ganancioso. E finalmente, um viajante anônimo, peregrino recentemente retornado da Palestina, que os leitores percebem imediatamente tratar-se de Ivanhoé.

Ivanhoé encarna as virtudes do cavaleiro perfeito: bravo, valente, forte e destemido diante de qualquer sacrifício. Por outro lado também era gentil, piedoso e honrado. Sempre procurava promover a justiça. Não desprezou nem xingou Isaac no banquete do castelo paterno e o salvou quando descobriu os planos de Bois-Guilbert para assaltar o judeu. Durante o torneio, sob o pseudônimo de Cavaleiro Deserdado, Ivanhoé derrotou o templário e outros nobres normandos partidários do príncipe João. Quando, ferido e exausto, estava à mercê dos tais nobres, foi salvo por um novo personagem, o Cavaleiro Negro, também facilmente identificável pelo leitor: era o rei Ricardo Coração de Leão, que havia retornado recentemente, em segredo. Scott não fazia questão de tramar um suspense duradouro e eficaz. O único espaço para

surpresa que sobra nessa obra é saber em que momentos os segredos serão revelados.

Os heróis encontraram-se também com bandidos da floresta. Mas estes bandidos não eram salteadores comuns. Legítimos saxões reduzidos à pobreza devido ao governo tirânico do príncipe regente João, eles assaltavam apenas os ricos nobres normandos. Eram comandados por um homem chamado Locksley e por um frade bêbado e gordo – respectivamente, Robin Hood e frei Tuck. Na luta contra a usurpação do trono, o auxílio dos bandoleiros foi fundamental para o rei Ricardo. Scott construiu o romance tentando delinear uma identidade nacional inglesa, a princípio em contraposição aos franceses. Num primeiro movimento ambos eram adversários terríveis, mas depois, em Ricardo Plantageneta, há a conciliação. Normandos e saxões unem-se em nome de um bem maior, e os normandos pérfidos são expurgados. Na obra essa conciliação inicia-se com a aliança entre o rei e o bando alegre de Robin Hood. O auge deste movimento é a sujeição do teimoso Cedric:

- Sir Cavaleiro do Cadeado [pseudônimo que Ricardo forneceu aos salteadores e nobres saxões após o torneio] – exclamou Cedric, corando e interrompendo, por sua vez, o rei –, espero que a graça que me solicitais diga respeito a vós próprio, e a ninguém mais, pois, quanto ao que se refere à honra da minha casa, parecer-me-ia inconveniente a intromissão de um estranho.

- Eu também não o desejo fazer – respondeu o monarca –, pelo menos enquanto não for do vosso agrado. Até agora apenas me conhecestes pelo nome de Cavaleiro do Cadeado, mas quem está em vossa presença é Ricardo Plantagenet.

- Ricardo d'Anjou! – exclamou Cedric, recuando de surpresa.
- Não, nobre Cedric: Ricardo da Inglaterra, cujo maior interesse é ver os seus filhos unidos entre si! Pois bem, nobre Cedric, não curvas o teu joelho na presença do teu rei? (...)
- Príncipe – respondeu Cedric –, sempre fiz justiça ao vosso valor e aos vossos méritos. Não ignoro, também, que tendes direito à coroa da Inglaterra. (...) sois rei e continuareis a sê-lo, apesar da minha fraca oposição.³³

Em nome da nação, Cedric renuncia ao reinado saxão e abraça o projeto inglês. A nomeação do rei segue uma ordem gradativa: Plantageneta, d'Anjou e finalmente da Inglaterra.

O último cenário do romance é a fortaleza dos templários na Inglaterra, Templestowe. Bois-Guilbert havia seqüestrado a filha de Isaac, Rebecca, cuja beleza rivalizava, e talvez até superava, a de *lady* Rowena. Tomado pela luxúria, prometeu abandonar tudo, posto e honrarias, pelos favores da formosa judia, que se recusa terminantemente. No entanto, o grão-mestre templário Beaumanoir, ao chegar de surpresa em Templestowe, interrompeu as negociações, submetendo Bois-Guilbert às regras da ordem. Rebecca foi julgada e condenada por bruxaria. Seria queimada na fogueira. A pena não se cumpriu porque um campeão cristão apareceu para defender-lhe a honra e salvar-lhe a vida. Quem era esse nobre cavaleiro? Só poderia ser Ivanhoé.

Para provar a inocência ou a culpa de Rebecca foi proposta uma justa entre dois campeões, assentada no princípio do ordálio. O escolhido para

³³ Walter Scott. *Ivanhoé*. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1983, capítulo XLII.

representar os templários foi o próprio Bois-Guilbert. Atordoado e dividido entre a carreira na ordem e a volúpia pela jovem, o templário morreu no meio da justa, como se Deus o houvesse exterminado, diante de tantos pecados, indicando assim a Sua justiça.

O romance então termina com aquilo que se convencionou chamar de final feliz. Os bons foram recompensados – Ricardo Plantageneta retomou o trono, Ivanhoé foi perdoado pelo pai e desposou Rowena, Rebecca viajou para longe e tornou-se uma grande mística judaica – e os malvados foram punidos. Mas o príncipe João foi perdoado, em nome da continuidade monárquica, pelo bem da nação. Leith Davis sublinhou o caráter ‘mercadológico’ da obra de Scott, evidente no caso de *Ivanhoe*: a necessidade de atender ao gosto e às expectativas ideológicas dos leitores.³⁴

O novo tipo romântico de herói fixado por Scott, além de valente e honrado, estava atrelado a uma causa maior, a nação. Cedric e Ricardo chegaram a um acordo, quando este fez aquele enxergar que as paixões particulares deveriam ceder ante os interesses superiores da nação inglesa. A palavra nação não era nenhuma novidade na Europa do século XIX, mas a ressignificação da idéia de nação foi um componente central do Romantismo e não perdeu seu poder mobilizador desde então. Seria impossível lançar um olhar sobre a Grande Guerra de 1914-18 sem considerar essa questão nacional e algumas de suas variantes nos países europeus.

³⁴ Leith Davis, *op. cit.*, pp. 160 *et seq.*

Ao final do século XIX, mais especificamente em 1882, o estudioso francês Ernest Renan proferiu a conferência *Qu'est-ce qu' une nation?*, publicada no mesmo ano. Ao desenvolver essa inquirição, Renan afirmou que as nações eram algo novo.³⁵ De fato, o que se pensa e se discute atualmente acerca das numerosas matizes do termo *nação* e correlatos tem origem na Revolução Francesa. No entanto, temos que reiterar que a palavra não é nova, existe desde a Antiguidade. A novidade reside nas diversas inflexões agregadas ao conceito de nação e em sua profunda ressignificação desde 1789.

Com algumas variações, encontramos esse conceito moderno em diversos dicionários. Nação seria um conjunto de habitantes, ocupantes do mesmo território, pertencentes à mesma etnia, com interesses comuns, falantes do mesmo idioma e que partilham um mesmo acervo cultural, incluindo a religião. Esta versão, incorporada pelo senso comum, parte de afirmações que se pretendem axiomáticas, e podem levar a crer que os modernos Estados tiveram origem no conjunto de valores e interesses coletivos nacionais. Contudo, o movimento histórico foi inverso: as idéias nacionais modernas construíram-se no âmbito dos Estados.

Renan revisitou alguns pontos dessa definição e os refutou, um a um.³⁶ Todos os autores que tentam pensar criticamente o conceito moderno de

³⁵ *Apud* Nibert Elias. *Escritos e ensaios: 1 – Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 159.

³⁶ Cf. Hagen Schulze. *Estado e nação na história da Europa*. Lisboa: Presença, 1997, pp. 104-5.

nação passam necessariamente por sua exposição. Seguiremos aqui uma parte do raciocínio original, acrescentando algumas explicações e exemplos.

As fronteiras e os espaços físicos não podem ser fatores de nacionalidade, dada sua fluidez. Como é possível conceber o conceito de fronteira natural? Observando-se as fronteiras européias somente durante o último quartel do século XX, vê-se que não apenas as mesmas foram redefinidas em diversas regiões, mas também que novos Estados surgiram.

Quanto à etnia, mesmo se a tomássemos em sentido lato, não constituiria um fundamento, pois todos os países, não apenas os europeus, possuem uma grande mistura populacional. Espalharam-se pela Europa os celtas, germânicos e eslavos, apenas para citar os mais conhecidos. Outrossim, o que é uma etnia? No que o germânico diferencia-se do eslavo? Vale a pena lembrar que a grande divisão operada pelas vagas migratórias pré-históricas e antigas – entre indo-europeus e semitas – é lingüística, sem qualquer relação com atributos físicos. O historiador africano Joseph Ki-Zerbo, na sua *História da África Negra*, indaga, pertinentemente, quem é realmente o negro típico. O pigmeu de 1,20 m ou o ashanti de 1,80 m? Os de pele quase azul ou os mais claros? De nariz e lábios finos ou mais grossos? Os nazistas tentaram, em vão, desenvolver uma ciência racial, que pretendia distinguir, com base nos atributos físicos, os arianos dos semitas. Seus pressupostos e, mais ainda, seus resultados, nem sequer vale a pena comentar.

A língua comum também esbarra em grandes problemas. Afinal, a língua nacional nada mais é do que imposição gramatical. Em diversos países convivem duas ou mais línguas, como na Espanha, onde ao lado do castelhano, há o basco, o catalão e o galego. Em Portugal, as duas línguas oficiais são o português e o mirandês. As línguas nacionais foram fruto de um longo processo, marcante ao longo do século XIX, de redação de gramáticas oficiais e de expansão do ensino público. A educação das massas, levada a cabo na Europa daquele século, impôs as línguas oficiais aos mais remotos rincões.

As diversas formas de religiosidade, que coexistem dentro dos espaços nacionais, são facilmente descartáveis como agentes de formação da nacionalidade. Finalmente, o grupo de interesse: poderíamos considerar uma união aduaneira como uma proto nação? Seria uma tese extremamente difícil de ser defendida.

Renan chegou à conclusão de que *nação* é um princípio espiritual, que remete a uma herança de memórias e tradições e ao desejo do grupo de viver em conjunto.³⁷ Logo, seria – para empregar uma expressão ulterior bem conhecida – uma comunidade imaginada. Outrossim, precisa-se matizar essa concepção. As tradições e memórias nacionais são construídas *a posteriori*. A construção desse patrimônio não é mecânica, nem operada numa via de mão única. Depende em larga medida da recepção da massa populacional. Quanto

³⁷ *Idem.*

ao desejo de viver em comum, basta observar a miríade de guerras fratricidas e de movimentos de secessão ao longo dos últimos duzentos anos. Em suma, a *nação* moderna é uma intrincada rede conceitual, que trafega em múltiplos caminhos, construída e reconstruída, num movimento constante.

De todo modo, a difusão do nacionalismo, que fornece a grupos humanos a sensação de pertencer a uma comunidade estável, foi um fator de importância fundamental no cenário político europeu a partir do século XIX. A ligação sentimental dos seres humanos com os solos ditos nacionais tem uma conotação essencialmente romântica. Sem o romantismo, o nacionalismo moderno seria – supondo-se que poderia existir na sua ausência – extremamente diverso do que conhecemos.

Na França, a mudança de nome dos Estados Gerais para Assembléia Nacional, em 17 de junho de 1789, não representou apenas uma troca de nomenclatura. Foi, entre outras coisas, um signo do *Zeitgeist*. O órgão de consulta real transformou-se na instância que cuidava dos interesses superiores da nação. Até mesmo o rei teria que se curvar ante tais demandas. Conforme observou Pierre Nora, a Revolução forneceu um sentido social à *nação* (“um corpo de cidadãos iguais diante da lei”), além do sentido histórico (“uma coletividade de homens unidos pela continuidade, por um passado e um futuro”).³⁸ A idéia nacional, sob esse ângulo, forneceria tanto a sensação de posse, quanto a de pertencimento aos habitantes. “A transformação da

³⁸ Pierre Nora. ‘Nação’. Em François Furet & Mona Ozouf (org). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 803.

Assembléia Nacional sancionou a inversão da escala de valores, confiando *de facto* a soberania à representação nacional.”³⁹ Temos, assim, mais um elemento nessa complexa equação.

Ao longo do século XIX, o continente europeu foi palco de diversos projetos revolucionários, alimentados tanto pelos ideais nacionalistas quanto românticos. A polissemia dos termos não representou sério entrave para sua vasta difusão. Longe disso, talvez tenha até contribuído. De fato, as múltiplas leituras empreendidas daqueles termos serviram para os mais diversos movimentos e aspirações. Após a derrota napoleônica, em Waterloo (1815), as principais potências européias tentaram, obviamente por motivos diversos, deter o espectro da revolução e estabilizar o cenário político europeu. No entanto, surgiram várias sociedades secretas revolucionárias. Uma das mais famosas foi a italiana Carbonária, que serviu de modelo para as posteriores, como a Jovem Itália, a Jovem Grécia e a Jovem Europa. Os objetivos de cada sociedade, contudo, eram dessemelhantes. Enquanto na França os agitadores tentavam continuar a Revolução de 1789, de acordo com seus próprios preceitos, na península italiana a preocupação das confrarias recaía sobre a unificação. Na Grécia, o grande inimigo era o domínio otomano. Nesses agrupamentos os revolucionários profissionais pululavam. Certos de que o projeto que alimentavam era o único caminho que a nação deveria trilhar, eles

³⁹ *Ibidem*, p. 806.

sacrificariam qualquer coisa pelo triunfo de seus objetivos. Poucas coisas poderiam ser consideradas mais românticas do que dar a vida por uma causa.

As construções intelectuais das nações, apesar do alcance mais limitado, mais intenso no topo das camadas sociais, de modo algum podem ser ignoradas. O século XIX assistiu não apenas à difusão das histórias nacionais, mas também à tentativa de se transformar a disciplina histórica numa ciência precisa, séria e verdadeira, própria para reconstituir o que realmente havia acontecido. Finalizando e completando a tríade, as histórias nacionais científicas apoiavam-se amplamente na crença do progresso da humanidade.

As histórias nacionais são, por excelência, teleológicas. Têm como fim último demonstrar como a nação chegou a ser o que é, após ter trilhado um longo caminho temporal até o presente. Esta jornada é responsável por fixar costumes, crenças e valores culturais. Outra tendência acentuada das histórias nacionais oitocentistas era mostrar a formação nacional como um processo harmônico, transcendente às discordâncias e disputas políticas. Os erros e fracassos são atribuídos à ignorância das classes baixas ou aos traidores.

Com o triunfo racionalista ocidental no campo do pensamento, a ciência era o aval definitivo para qualquer ramo do saber no século XIX. Podemos usar como modelo de historiografia a escola francesa dita 'metódica'. Os 'metódicos' preconizavam a descrição imparcial dos fatos, principalmente políticos, extraídos das fontes escritas. Vale a pena lembrar que, para esses historiadores, somente havia história nas sociedades que

dominavam a escrita. Os ágrafos estavam condenados a vagar eternamente pela pré-história. Apesar do alarde acerca da imparcialidade, a ênfase da história política dita científica recaía sobre os vultos da história nacional.

Na prática, os ‘metódicos’ franceses – Monod, Lavissee, Seignobos e Langlois, dentre outros – apoiavam a narrativa nos heróis nacionais, como Joana D’Arc, Carlos Magno ou Napoleão, com o intuito de formar bons cidadãos. Estes heróis nacionais seriam os responsáveis, em maior ou menor grau, pela forja da nação.

Nos outros países europeus, o movimento foi análogo. Os ingleses revisitaram o rei Artur, Ricardo Coração de Leão e Elizabeth I, como construtores da grande nação inglesa. Entre os alemães, os quais conheceriam um Estado imperial centralizado apenas a partir de 1871, a unidade histórica ancorou-se a princípio num texto clássico redescoberto e publicado no século XVI, a *Germania* de Tácito. Em suma, todas essas historiografias nacionais exaltavam heróis que tombaram em defesa do solo pátrio, ou que contribuíram, em maior ou menor grau, para que a nação atingisse o zênite. Eles eram os exemplos a serem invocados, para que os jovens os seguissem. Dedicção, reverência e auto-sacrifício. Estas eram as imagens que se pretendia fixar ao narrar as histórias nacionais. É impossível precisar o número, mas muitos jovens entre 1914 e 1918 alistaram-se imbuídos desses ideais. Uma motivação assentada, dentre outros pilares, no romantismo.

A persistência aristocrática

A historiografia mais tradicional costuma construir narrativas em torno de *lugares comuns* e de *mudanças estáticas*. Bons exemplos são as revoluções Inglesa (séc. XVII) e Francesa (séc. XVIII), codificadas como burguesas. O século XIX foi qualificado como burguês *par excellence*. Contudo, que lugar foi destinado nessa historiografia às tradições? Essa concepção histórica põe foco nas rupturas, ignorando as permanências. E, ainda assim, as narrativas das rupturas são tratadas estaticamente, ignorando as sutilezas do cotidiano histórico, a persistência das tradições e a modificação conceitual operada ao longo das experiências vividas. Qualificar aquelas revoluções como burguesas as simplifica amplamente, além de admitir a existência de uma classe burguesa coesa e consciente de si e para si mesma. Lawrence Stone, ao estudar as motivações da Revolução Inglesa afirmou que parte da assim chamada burguesia inglesa ficou a favor das forças reais, outra parte apoiou as forças do Parlamento e um terceiro segmento permaneceu neutro. Como essa mesma classe que se pretende classificar como revolucionária poderia se situar a favor, contra e neutra diante de um mesmo movimento? Temos que concordar, deste modo, com a assertiva do historiador Peter Gay, segundo o qual a explicação histórica mais popular já surgida é a burguesia como motor

da história.⁴⁰ Esse mito historiográfico pretende explicar os acontecimentos dos últimos mil anos apresentando os burgueses como motivadores e operadores das mudanças. Precisamente pelo fato de que serve para muita coisa, é que devemos rejeitar essa interpretação. Se a burguesia explica tudo, então ela não explica nada. E ainda nos conduz a outra questão, que não pode ser ignorada: afinal, o que é a burguesia?

Tratando-se dos termos *burguês* e *burguesia*, o estudioso depara-se com uma miríade de significados. Na língua germânica, *bürger* é derivado de *burg* (cidade, bairro), daí que *burguês* seria o cidadão, o habitante do burgo ou do meio urbano, até o século XVII. Ao longo do século XVIII, surgiu o cidadão (*Stadtbürger*), cidadão com direitos políticos no corpo urbano. Entre os séculos XVIII e XIX, ele seria o cidadão do Estado (*Staatsbürger*) e, entre os séculos XIX e XX, o não-proletário. Essa definição era negativa, identificando também o burguês como não-camponês e não-nobre.⁴¹ O burguês estava ligado intimamente à vida urbana. Mesmo os proprietários rurais não nobres passavam de seis a nove meses por ano nas cidades, para desfrutar da vida social, educar os filhos e amealhar posições.⁴²

Pensar a burguesia como classe monolítica e bem definida é uma empreita, no mínimo, muito perigosa. Ao final da Grande Guerra, Thomas Mann, nos seus escritos, exaltava o burguês (*Bürger*), enquanto ridicularizava o

⁴⁰ Cf. Peter Gay. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 1: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 34-5.

⁴¹ Cf. Reinhart Koselleck. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 105-6.

⁴² Cf. Peter Gay, *op. cit.*, p. 26.

burguês (*bourgeoise*).⁴³ Forçamos a tradução de ambos para a língua portuguesa para matizar ainda mais a polissemia do termo. Enquanto o *Bürger* germânico remete ao significado já exposto, o *bourgeoise* evoca a vida fútil dos filisteus.

O cidadão francês é o *citoyen*, palavra que ganhou uma aura poderosa após 1789. O cronista Michel Chevalier afirmou, em 1835, sem grandes pretensões ao rigor, que a classe média francesa poderia ser dividida entre *ativos* (comerciantes, industriais, banqueiros e profissionais liberais) e *ociosos* (os que vivem de renda sem fazer nada para incrementá-la). Ao mesmo tempo afirmava que esses grupos eram radicalmente diferentes, mas não era possível separá-los com exatidão! Emile Zola chegou a propor outra nomenclatura,

subdividindo a sociedade francesa em cinco mundos: *le peuple*, que incluía os operários e os soldados; *les commerçants*, que abrangiam os ‘especuladores das demolições’ (...), os industriais e os negociantes mais prósperos, ‘mulheres intrigantes’ e os donos das grandes lojas; a *bourgeoise*, (...) ‘filhos dos novos ricos’; *le grand monde*, constituído de políticos e de funcionários públicos influentes; e *un monde à part*, que compreendia meretrizes, assassinos, o clero e os artistas.⁴⁴

Apesar de divertida e de indicar alguns elementos, tal taxonomia tem pouca aplicação prática. Todas essas classificações, assim como outras tantas,

⁴³ *Ibidem*, p. 24.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 26.

parecem, no limite, com a enciclopédia chinesa de Jorge Luis Borges. A impossibilidade de aplicar a nomenclatura à risca torna-se patente.⁴⁵

Nessas contraditórias tentativas de classificação, operadas desde o século XIX, os burgueses iam do empreendedorismo modernizante ao ridículo. A detração do burguês ancora-se, em grande medida, nas figuras ideais do filisteu e do filisteu educado. O primeiro seria o indivíduo inteiramente utilitário, voltado para a acumulação monetária. Esse sujeito não possui formação (*Bildung*). O segundo tipo, ainda mais pernicioso, enxerga a cultura – e suas realizações supremas, as obras de arte – como objetos de promoção social. Assim, por exemplo, o filisteu educado não vai à ópera para apreciar o espetáculo, mas objetivando ser visto pela sociedade. É um ato de (des)simulação de gosto e educação.

A classificação econômica também apresenta sérios problemas. Segundo Peter Gay, as populações burguesas no século XIX, na grande maioria, viviam na mais absoluta miséria.⁴⁶ Apenas uns poucos burgueses auferiam rendimentos razoáveis e invejáveis.

Como se vê, não havia padrões unívocos para delimitar essa suposta classe social ou grupo ou estamento – seja como se queira classificá-la.

⁴⁵ “[uma] certa enciclopédia chinesa intitulada *Empório celestial de conhecimentos benévolos*. Em suas remotas páginas consta que os animais se dividem em (a) pertencentes ao imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas.” Jorge Luis Borges. ‘O idioma analítico de John Wilkins’. Em *Outras inquisições*. Em *Obras completas – volume II*. São Paulo: Globo, 1999, p. 94.

⁴⁶ Peter Gay, *op. cit.*, p. 28.

Quando nos referirmos à *burguesia*, o leitor deve entender a categoria como um termo plural, camadas médias urbanas, não-nobres e não-campesinas.

Essa pluralidade no que concerne à burguesia não é um aspecto exclusivo. Também a nobreza européia era uma classe plural. Já havíamos descrito, no capítulo II, a nobilitação da ordem cavaleiresca entre os séculos VIII e XIII. A partir do século XVIII, até o XX, essa *promoção* à aristocracia acelerou-se. Contrariamente ao *tópos* queda da nobreza / ascensão burguesa, a aristocracia européia manteve-se firme no poder. Entendido este último no sentido *lato*, os nobres ocupavam os grandes cargos políticos, militares e sociais, ditando as regras. Mesmo quando faziam concessões, estas não só não ameaçavam o *status quo*, como até o reforçavam. As relações entre a nobreza e a burguesia transcorriam entre trocas sutis e dinâmicas; avançava-se para manter tudo no mesmo lugar, ou, pelo menos, para garantir privilégios.

A burguesia abastada, com raras exceções, perseguia com grande apetite títulos nobiliárquicos. “Ingleses superambiciosos fantasiavam o uso de *sir* ou *lord* à frente de seus nomes, os franceses a partícula *de*, os alemães e austríacos o prefixo *von*.”⁴⁷ Ao contrário da imagem usual da burguesia em luta contra a nobreza decadente, os grandes burgueses envergonhavam-se da própria posição e tentavam empreender uma escalada social. Afinal, podemos ilustrar por inúmeros exemplos, que o sonho do oprimido e do excluído, na maior parte dos casos, não é acabar com a opressão e exclusão, mas mudar de lado.

⁴⁷ Arno J. Mayer. *A força da tradição: a persistência do antigo regime*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987, p. 90.

A pose e os modos refinados aristocráticos exerciam atração irresistível para os que não eram bem-nascidos.⁴⁸

Os caminhos para a tão sonhada nobilitação eram poucos. Quem não teve o privilégio de ingressar pelo nascimento, teria que apelar para o dinheiro. Com algumas exceções, para extremo desgosto dos filhos e esposas, os burgueses abastados sonhavam em deixar de ser burgueses e adentrar a nobreza. Ainda assim, mesmo para grandes fortunas, a promoção não era automática. Dentre os atalhos para a ascensão dos plebeus, havia a aquisição de grandes propriedades rurais, a aceitação pela boa sociedade, a boa vontade da casa monárquica reinante e o matrimônio. Os casamentos, desse ponto de vista, eram arranjados por negociações tensas, densas e sutis entre os nobres e os endinheirados. “O dinheiro podia ser *purificado* através do matrimônio com uma boa linhagem, ao passo que a nobreza podia reabastecer seus cofres unindo-se a uma família rica [grifo nosso].”⁴⁹

As grandes fontes de nobilitação eram as casas reais. Os Hanover (atuais Windsor), os Hohenzollern, os Habsburgos e os Romanov distribuíram títulos de nobreza em grande velocidade para os detentores das grandes fortunas, incluindo também os judeus. Apenas na Alemanha do II *Reich* (1871-1918), cerca de 1129 homens foram elevados à nobreza e outros 186 nobres foram promovidos.⁵⁰ Neste amplo movimento a aristocracia

⁴⁸ *Ibidem*, pp. 93 *et seq.*

⁴⁹ *Ibidem*, p. 27.

⁵⁰ Inclui-se a criação de 151 barões, 54 condes, 15 príncipes e um duque. Todos grandes proprietários rurais, entre outras atividades econômicas. *Ibidem*, p. 102.

renovava os próprios quadros. Os aspirantes e os neófitos tornavam-se grandes defensores do *éthos* aristocrata. Eram esnobes exibindo com afetação demasiada uma tradição diversa da própria origem.

Na Inglaterra, os *nouveaux-riches* tornaram-se gradualmente mais aceitos pela boa sociedade, através de um concorrido calendário de festas na corte, corridas a cavalo e caçadas. Já na Alemanha,

havia menos ocasiões de socialização entre a antiga aristocracia e os plebeus proeminentes (...), a corte estava quase totalmente vedada a eles. Mas, ao invés de incitar a formação de uma contra-elite, essa arrogante exclusão estimulava os empresários prósperos e profissionais liberais de relevo a redobrem seus esforços para obter a aceitação por parte de seus superiores, através de grandes doações públicas e da simulação de uma sociedade de ordens entre eles mesmos.⁵¹

Os modos aristocráticos fascinavam e seduziam o terceiro estado. O movimento contínuo de abertura e fechamento da boa sociedade atiçava ainda mais o apetite dos alpinistas sociais.

Há mais de um quarto de século, o historiador norte-americano Arno Mayer publicou *A força da tradição: a persistência do antigo regime*. Nesta obra, estudou a Europa de meados do século XIX até a eclosão da Grande Guerra, demonstrando a conservação do poder político – militar – social pela

⁵¹ *Ibidem*, p. 105.

aristocracia. Esta, no entanto, manteve, mais do que nunca, as portas abertas ao ingresso de novos membros. Mayer expõe esse amplo movimento de cooptação partindo de três premissas: primeira, que as duas guerras mundiais, entre 1914 e 1945, estão umbilicalmente ligadas, tendo sido a Guerra dos 30 anos do século XX que solapou a ordem européia; segunda, a Grande Guerra de 1914-18, primeiro ato dessa tragédia, foi um desdobramento direto da mobilização dos *anciens régimes* europeus, numa luta desesperada para conter, ou pelo menos atrasar a modernidade capitalista; terceira, que essa antiga ordem foi totalmente pré-industrial e pré-burguesa e, por conseguinte, pré-moderna.⁵² O autor admite que termos como *pré-moderno, pré-industrial, pré-burguês, ancien régime* e *semi-feudal* guardam em si mesmos juízos de valor. Contudo, ele se defende afirmando que não há como empreender a análise proposta sem utilizá-los.⁵³

Com base nesses pressupostos, Mayer procura demonstrar a luta da aristocracia contra o avanço modernizante burguês. Todavia, esses atores – a aristocracia enraizada e os grandes industriais, banqueiros, comerciantes, profissionais liberais, professores e funcionários públicos – tinham plena consciência do que havia em jogo? Havia declaradamente uma luta pelo poder entre aristocratas e ditos burgueses? Quer nos parecer que esse embate, narrado *a posteriori*, não existiu para os contemporâneos.

⁵² *Ibidem*, pp. 13-14.

⁵³ *Ibidem*, p. 16.

Apesar de intuir corretamente, quando Mayer descreve o embate entre os estamentos, fica preso a concepções marxistas, notadamente a da luta de classes. A burguesia retratada por ele, então, parecia uma classe coesa, com consciência de si e para si.

Assim como outras filosofias da história, o materialismo histórico tende a narrar os acontecimentos como se os envolvidos tivessem uma visão clara de todo o processo, com objetivos precisos, perseguidos coerentemente. A vitória de uma facção importa na derrota do outro lado. No limite, teríamos esquematicamente, a conquista do poder, a consolidação do mesmo, uma espécie de *pax dirigente*, até o momento de outro grupo desafiar e destronar a elite detentora do poder. Assim o movimento contínuo seria estabilidade – crise – derrocada e substituição – estabilidade. Apesar de cíclica, essa filosofia da história remete ao movimento segundo um dos paradoxos de Zenão, como constituído de momentos estáticos. Seria a chamada realidade histórica tão previsível e ordenada?

Diferentemente de Mayer, e outros tantos autores, não conseguimos enxergar claramente, naquele processo europeu, uma luta pela *tomada* do poder político, mas uma série de lutas, cotidianas, para *participar* do poder – em maior ou menor grau –, em ações e reações imediatistas, para corresponder a demandas colocadas a cada momento. Mesmo durante uma revolução (a fundação de um novo corpo político), a estrutura pré-existente não desaparece de modo súbito. A nova ordem é montada a partir da antiga.

Esse compartilhamento de poderes, que passou pela cooptação das grandes fortunas plebéias pela aristocracia, era conservador, como foi muito bem apontado por Mayer. Mas era conservador pelo próprio receio das elites políticas e econômicas de mudanças bruscas – revolucionárias, para usar o termo mais assustador. Como no famoso mote de Lampedusa, em *Il Gattopardo*: mudar as coisas para que elas permaneçam as mesmas.

Neste ponto, cabe evocar duas categorias históricas: o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. Segundo Reinhart Koselleck, “todas as histórias [no sentido empírico do termo] foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas, que atuam ou que sofrem.”⁵⁴ *Grosso modo*, a experiência remete ao viver e ao fazer humanos, tanto do passado histórico coletivo quanto do passado individual. A expectativa diz respeito a uma espécie de devir, que pode ser acompanhado de esperança ou de temor. Em Koselleck, são conceitos inseparáveis, que entrelaçam passado e futuro; um não existe sem o outro. Contudo, “não são conceitos simétricos complementares”,⁵⁵ como fotografia e seu correspondente negativo. Se fossem, o futuro poderia ser inteiramente deduzido dos acontecimentos passados.

Koselleck foi muito preciso ao indicar o *locus* das duas categorias. O espaço ocupado pela experiência surge como algo palpável, ainda que as

⁵⁴ Reinhart Koselleck. ‘Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas?’. Em *Futuro passado*, p. 306.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 310.

narrativas históricas estejam em constante (re)escritura. Já o horizonte de expectativas conduz à movência. Com o avanço temporal das experiências históricas, as expectativas projetam-se para diante, reformulam-se e assumem novos significados. Se essas categorias são inseparáveis, mas não imagens especulares, que relação se estabelece entre elas? Quais são os limites entre ambas?

De um modo geral, entre camponês europeus que viveram durante a Idade Média – apenas para citarmos um exemplo dentre muitos – os espaços de experiência correspondiam aos horizontes de expectativa. O camponês sabia que teria o mesmo estilo de vida dos pais e avós, tal como esperava destino semelhante para seus filhos, netos e bisnetos. As mudanças, operadas lentamente, não implicavam transformações consideráveis.

No período moderno, a partir do século XVI, Koselleck aponta uma aceleração dos tempos históricos. Eventos como a expansão ultramarina, a Reforma, a Contra-Reforma, as guerras de religião, a Revolução Inglesa e a Revolução Francesa produziram uma cisão entre experiência e expectativa. O desdobrar imprevisto desses eventos ocasionou a convicção de que a experiência passada não podia inspirar meios seguros de ação para o presente ou futuro. O *tópos Historia Magistra Vitae* foi seriamente abalado.

Do outro lado, também existem expectativas que dão lugar a experiências. As inferências de Immanuel Kant sobre o republicanismo não vieram de qualquer vivência concreta. Foram construídas, dentre outros

elementos não-experienciais, a partir da esperança de Kant que o plano da natureza para a humanidade baseava-se no progresso – no sentido mais positivo do termo.⁵⁶

Voltemos à *classe dirigente* europeia de oitocentos, a fim de tracejar alguns de seus anseios e terrores. Por um lado havia a cooptação, pelos aristocratas, de um grupo de detentores de grandes fortunas, ávidos por escalar socialmente e pelo poder, enquanto aqueles buscavam uma estabilidade. Por outro, havia também o medo da revolução. A sombra da revolução pairava, com maior ou menor intensidade de região para região, sobre a Europa do período. O espaço das experiências conduzia à expectativa de que as revoluções “traduzem a instabilidade política, e põem em evidência o grau reduzido de domínio que eles [os homens] têm sobre os acontecimentos”,⁵⁷ e o tempo histórico se acelera vertiginosamente. Ora, participar do poder, para aquele grupo de cooptados, remetia às experiências do *ancien régime*. No plano social, o modelo cavalheiresco-cortês manteve-se como padrão. Ressignificado e adaptado, ainda era o padrão.

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 314-27.

⁵⁷ Mona Ozouf. ‘Revolução’. Em François Furet & Mona Ozouf (org). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*, p. 842.

Cavaleiros e duelistas

Conservando-se, mesmo em outras bases, algumas estruturas aristocráticas na Europa oitocentista, a idéia de honra não poderia ficar ausente. Valor ligado à nobreza, no sentido *lato* não fica restrito à mesma. No interior de outros estamentos, mesmo subalternos, também ocorrem questões de honra a serem lavadas com sangue. Exemplos disso são a vingança por desilusões amorosas e as *vendettas* familiares, sejam no interior da Albânia, sul da Itália ou no Nordeste brasileiro.

No entanto, nas camadas aristocráticas, o conceito costuma ser envolvido por uma aura mais pomposa e impactante, remetendo a tradições seculares e a um rígido código de conduta. Já nas classes baixas, as questões de honra são vistas com desdém, como atos bárbaros; não merecem esse título. Afinal, sob o olhar fidalgo, o plebeu não tem honra, portanto não pode defendê-la. Conforme a afirmação de Norbert Elias, no tocante à resolução de qualquer disputa, os pobres brigam, motivados por instintos primitivos, enquanto os nobres duelam, numa forma de violência ritualística.⁵⁸ Por outro lado, também é possível enxergar a incidência do fenômeno entre os plebeus e pobres em geral como mais uma simulação das tradições aristocráticas, uma

⁵⁸ Norbert Elias. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 71 *et seq.*

imitação dos senhores pelos menos favorecidos. Reduz-se, enfim, a um ato de esnobismo.

Atada à virtude, a honra implica o consentimento da sociedade. “É a opinião dos outros sobre minha virtude que constitui a minha honra.”⁵⁹ Assim, pelo fato de ser um valor externo, atribuído por outros, qualquer afronta à honra – isto é, um insulto – deve ser resolvida publicamente. Mesmo que um indivíduo seja extremamente vigilante, pode ter sua honra manchada. “O homem não é livre, mas sujeito à fortuna; e um *ato que não é seu* basta para difamá-lo, se atinge pessoas das suas relações.”⁶⁰ As mulheres, encaradas por muito tempo como incapazes, tinham que ter sua honra defendida pelos homens: maridos, pais, irmãos ou primos. Não era necessário nem haver uma desonra de fato – como uma sedução –, a simples insinuação ou suspeita já era o bastante para escandalizar a boa sociedade, gerando a exigência de reparação.

Semelhantemente aos antigos, a honra moderna, entre os séculos XVII e XIX, propagava-se pelo sangue e pela memória social. A honra dos antepassados precedia o nobre, que tinha de mantê-la e ampliá-la. Os espaços para tal exercício eram os campos de batalha e, principalmente, os de duelo. A reparação e a satisfação de ofensas não eram para qualquer um. Apenas os bem-nascidos podiam fazê-lo. Norbert Elias chamou essa categoria social de

⁵⁹ François Billacois. ‘Fogueira barroca e brasas clássicas’. Em Marie Gautheron. *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 52.

⁶⁰ Renato Janine Ribeiro. ‘A honra e o sangue’. Em *A etiqueta no antigo regime*, p. 26.

satisfaktionsfähige Gesellschaft,⁶¹ a sociedade do exigir e fornecer satisfações. Um exemplo disso foi a desventura de Voltaire. Ele possuía uma mente brilhante e uma língua extremamente afiada. Uma de suas diversões era zombar constantemente de Rousseau, que sempre chorava amargamente. No entanto, no início da carreira literária, em 1726, Voltaire insultou o aristocrata Gui Auguste de Rohan-Chabot, o qual lhe havia perguntado, em tom de escárnio:

‘Monsieur de Voltaire, Monsieur Arouet, qual é mesmo o seu nome?’. O fato de ter mudado o nome, acrescentando-lhe uma partícula – ‘de’ –, revelava as pretensões aristocráticas de Voltaire. Mas Rohan-Chabot, ele mesmo de uma importante família francesa, não perdoava essas aspirações em se tratando de um plebeu como o escritor. Voltaire teria retrucado: ‘eu estou começando o meu nome, ao passo que o senhor está acabando com o seu’. Rohan-Chabot replicou que a ele só deveria responder com pauladas.⁶²

Numa emboscada, três empregados do aristocrata atacaram Voltaire com porretes. Indignado, e apelando para várias pessoas influentes, o escritor não conseguiu justiça. Tentou duelar com Rohan-Chabot, e acabou sendo mandado para o exílio na Inglaterra. Apenas um nobre poderia duelar com outro nobre na França antes da Revolução. Duelar com um plebeu seria indigno de um fidalgo. Ao membro do terceiro estado insultado, ou nesse caso agredido, restava apenas a resignação. Ao longo do século XIX, a situação se modificaria em diferentes partes da Europa.

⁶¹ Norbert Elias, *op. cit.*, pp. 52 *et seq.*

⁶² Cláudio Figueiredo. ‘Introdução’. Em *Mestres de armas: seis histórias sobre duelos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 14.

Se entre os antigos helenos e germanos o ponto essencial do duelo era o ordálio, a prova do favor divino ao lado que detinha a justiça, esse elemento perdeu a centralidade no período considerado. A noção de ordálio não desapareceu, mas os duelos assumiram novos aspectos, perdendo, em alguma medida, tanto o sentido religioso quanto o caráter exclusivista.

Na França, entre os séculos XIX e XX, operou-se uma banalização dos duelos. Diversos escritores, jornalistas, pintores – com ou sem ascendência privilegiada – e outros tantos profissionais liberais duelavam pelos mais diversos motivos. Debates acalorados sobre o notório ‘caso Dreyfus’ arrastaram muitas pessoas para o Bois de Boulogne, um dos locais mais adequados para a confrontação duelística, assim como opiniões conflitantes acerca de uma peça de teatro, um novo romance ou uma antologia poética. Ao se discutir um assunto qualquer, num café ou num teatro, todo cuidado era pouco para os que não eram adeptos de uma exibição mais explícita de virilidade. A banalização trouxe, no entanto, algumas modificações. A proporção de mortes ou ferimentos graves diante da quantidade de duelos era muito pequena. Uma parte considerável terminava com os dois adversários errando os tiros e confraternizando-se logo em seguida. Essa grande proporção de não feridos pode até sugerir simulações. No entanto, a presença dos padrinhos garantia que a honra teria sido respeitada. Cláudio Figueiredo mostra, na introdução de *Mestres de armas*, que editores preocupados com a

circulação dos jornais estimulavam seus jornalistas a entrarem em duelo; a democratização levava a instituição ao ridículo.⁶³

Não mantinha ou recuperava ou ampliava a honra apenas o vencedor do duelo, mas também o derrotado. A desonra recaía sobre quem se recusava a combater. Um caso bem emblemático dessa afirmação é o do chefe de polícia de Berlim, em 1856, von Hinckeldey. Ao invadir um cassino clandestino aristocrático e fechar o estabelecimento, Hinckeldey foi desafiado para um duelo de pistolas por um dos jogadores, von Rochow-Plessow, exímio atirador. O chefe de polícia sabia dos riscos de aceitar o embate. As possibilidades de ser gravemente ferido ou mesmo sofrer o óbito, o que acabou por acontecer, eram extremamente altas.⁶⁴ Contudo, quais seriam as conseqüências de recusar o duelo? Certamente muito piores, do ponto de vista da época/local/posição. Seria a morte em vida. Toda a preeminência social, imagem pública e o respeito dos pares cessariam – talvez até mesmo o cargo público fosse perdido. Diante disso, Hinckeldey encaminhou-se de bom grado ao local do que seria o seu último ato social. O assassino do chefe de polícia não sofreu qualquer sanção ou constrangimento, apesar de a lei prussiana proibir os duelos. No funeral do dedicado funcionário público, até o rei e os

⁶³ Vide a narrativa do duelo entre Olavo Bilac e Raul Pompéia, na cidade do Rio de Janeiro, em 1889. E também a citação de Guy de Maupassant: “Quando a tiragem de um jornal começa a baixar, um dos redatores se apresenta para o sacrifício e, num artigo virulento insulta um colega qualquer. O outro retruca. O público se detém como diante de uma briga de feira. E ocorre um duelo, sobre o qual todos falam nos salões.” *Ibidem*, pp. 12 *et seq.*

⁶⁴ Cf. Norbert Elias, *op. cit.*, pp. 70-1.

príncipes visitaram a viúva. Privado do sopro vital, a honra de Hinckeldey permaneceu intacta.

Na França e nos outros países europeus, o duelo foi popularizado e, de certa maneira, ridicularizado. Mas representava a ascensão social de camadas abastadas. Jornalistas, médicos, escritores, pintores e artistas em geral ganharam o direito de exigir e dar satisfações, assim como os nobres:

Acabaram-se os tempos em que os artistas e os que infelizmente se arrastam atrás deles – os músicos, particularmente conhecidos pela sua falta de caráter – eram lacaios, fracalhões, coelhos, moluscos. Como servos de uma profissão consagrada, eles têm o direito, na verdade o dever, de se fazerem respeitados também em suas pessoas.⁶⁵

À primeira vista, a aristocracia não tinha por que aceitar duelar com esse tipo de pessoas; mas essa barreira foi sendo transposta. Entre esses alpinistas sociais, no entanto, o movimento prosperava. Era o ingresso na *satisfaktionsfähige*.

Na Alemanha, no entanto, ainda era seguida uma ritualística mais rígida. Entre os germânicos teve lugar um fenômeno específico, a *Mensur* – duelo estudantil. A *Mensur*, praticado pelas confrarias de estudantes, estava ligada em grande medida ao nacionalismo germânico. Assim como as *Burschenschaften* (confrarias nacionalistas), que levantaram a bandeira da unificação alemã ao longo do século XIX, os *Corps* estudantis transitaram de uma posição ativa,

⁶⁵ Hans von Bülow *apud* Peter Gay. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 3: o cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 118.

quase revolucionária, decidida a impor uma visão de nação, para outra mais passiva, durante o *Kaiserreich* (1871-1918). Tornando-se profundamente conservadores, procuravam apoiar e reforçar o *status quo* imperial. Essa trajetória prendeu-se estritamente ao processo de unificação germânica.

A integração política do território alemão foi muito mais lenta que a dos demais países europeus. O território ocupado pelos germânicos não tinha fronteiras definidas. No final do século XVIII, Schiller lançou uma provocação: “A Alemanha? Mas onde fica a Alemanha? Não sei onde se situa esse país...”.⁶⁶ Se, no interior das fronteiras de um Estado centralizado, as identidades nacionais podem ser equívocas, ainda mais nos Estados germânicos pré-unificação. O Sacro Império Romano-Germânico, fundado no século X, e renomeado em 1512 como Sacro Império Romano da Nação Alemã, era uma massa disforme. Um império composto por uma miríade de Estados – reinos, principados, ducados e cidades livres. A Paz de Westfália, em 1648, além de pôr fim à Guerra dos 30 Anos, ampliou a autonomia dos Estados alemães. Os signatários do pacto reconheceram-se uns aos outros como entidades soberanas. A partir desse ponto, a já frágil autoridade do imperador tornou-se ainda menos efetiva.

A língua alemã tomou impulso principalmente a partir das artes, na literatura e na música. Com o movimento *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), o romantismo germânico alçou vôo. A renovação nas artes e os

⁶⁶ Friedrich Schiller & Johann Wolfgang von Goethe. *Xenien*. *Apud* Hagen Schulze, *Estado e nação na história da Europa*, p. 121.

sentimentos românticos foram fundamentais para o assim chamado proto-nacionalismo germânico.

A fundação do Estado alemão só foi realizada depois de inúmeros percalços, pois esbarrava em múltiplos interesses. Internamente, as duas maiores potências germânicas, Áustria e Prússia, disputavam a hegemonia dentro do bloco. Uma não permitiria que a outra anexasse os demais territórios alemães. Externamente, a França era também um grande obstáculo, pois os estadistas franceses sabiam o quanto um Estado alemão unificado ameaçaria sua liderança político-militar no continente. Na seqüência da Primavera dos Povos (1848), mesmo o clamor popular não foi bastante para que a Prússia anexasse o sul da Dinamarca; Inglaterra e demais potências européias não viram com bons olhos esse movimento. O que os germânicos viam como unificação, para elas era expansionismo.

Os primeiros *Burschenschaften* e *Corps* foram fundados nos Estados alemães ao longo do século XIX. A princípio condenavam as bebedeiras excessivas e duelos sem motivos praticados pelos estudantes germânicos. Entretanto, ao invés de banirem essas práticas, apenas as disciplinaram. Julgava-se que em se tornando *nómos*, essas manifestações escapariam ao selvagem e ao animalesco. Rigidamente codificada, garantiriam que a honra [*Ehre*] fosse manifestada, preservada e mantida íntegra.⁶⁷

⁶⁷ Cf. Peter Gay, *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 3: o cultivo do ódio*, pp. 28-31.

Na esteira da derrota e exílio de Napoleão, e no afã de unificar a imaginada nação germânica, esses grupamentos se politizaram profundamente. O *Burschenschaft* dos universitários de Iena, fundado em 1815, tinha como lema liberdade, honra e pátria.⁶⁸ Lema aparentemente auto-explicativo, guardava em si um inteiro programa político, e não foi visto com bons olhos nem pelas casas reinantes germânicas, muito menos pelas potências garantes da Santa Aliança. Em 1819, os Estados confederados alemães aprovaram os decretos de Karlsbad. Legislação repressora, extinguiu os *Corps* e os *Burschenschaften*; a partir da lei, agentes dos Estados prenderam alunos e demitiram professores em alguns casos. Em outros, à existência secreta das corporações as autoridades faziam vista grossa.⁶⁹

Estimulados, em alguma medida, pela leitura de Tácito – *Germania* –, os estudantes promoviam bebedeiras rituais e duelos, como escolas de fervor patriótico, que não só mostrariam a direção da planejada entidade política germânica vindoura, com também manteriam a bravura dos antigos germanos viva até a realização da tão sonhada unificação política. Quando esta finalmente aconteceu, foi operada de modo conservador pela dinastia prussiana e, ainda, não incluía a Áustria. Apenas o III *Reich* conseguiu, por pouco tempo (1938-45) congregar toda essa população. Tanto as confrarias nacionalistas (*Burschenschaften*) quanto as acadêmicas (*Corps*) adequaram-se às convenções aristocráticas e quase confundiram-se. Ambas tinham como

⁶⁸ *Ibidem*, p. 29.

⁶⁹ *Ibidem*, pp. 31-2.

membros os estudantes universitários. Se, no princípio possuíam um amplo programa político, praticando a bebedeira e os duelos para manter vivas essas tradições germânicas, a ênfase depois da unificação mudou. Esvaziadas do conteúdo político, preocuparam-se apenas com os aspectos sociais – da boa sociedade, bem entendido.

Após a ascensão de Otto von Bismarck como chanceler prussiano, três batalhas decisivas auxiliaram a fundação do Império Alemão. A primeira foi contra os dinamarqueses (1862), que resultou na anexação da província de Schleswig-Holstein pelos prussianos, ansiada pelos germânicos já havia algum tempo. A batalha de Sadowa (1866) neutralizou as pretensões austríacas e a de Sedan (1871) – central na guerra Franco-Prussiana – esmagou o exército francês e o próprio imperador Napoleão III foi feito prisioneiro. O desfecho da guerra Franco-Prussiana (1870-1) foi a fundação do império, em cerimônia realizada no palácio de Versalhes. A unificação germânica foi efetivada não pelos anseios populares, ou pela força motriz das camadas médias, mas pela força das armas prussianas e, conseqüentemente, da casa real Hohenzollern.

A *Mensur* consistia num duelo a espada – dois gumes e lâminas retas, mais apropriadas para talhar o rosto do que provocar ferimentos fatais –, no qual o objetivo de cada duelista, mais do que a vitória, era obter cicatrizes faciais. Essas cicatrizes (*Schmisses*) eram a marca externa de que o portador pertencia ao *satisfaktionsfähige Gesellschaft*. O escritor inglês Jerome K. Jerome fez uma descrição do *Mensur* em *Three men on the Bummel* (três homens a

passeio). Lançando um olhar de superioridade moral britânica sobre os germânicos, Jerome classificou a cerimônia como bárbara, mas, ele mesmo admitiu que ao assistir ao terceiro duelo, o cheiro de sangue estava inebriante; ele queria ver mais.⁷⁰

Mais do que uma tradição curiosa ou até mesmo bizarra, a *Mensur* da segunda metade do século XIX inscrevia-se na sociedade de corte do *Kaiserreich*. Seus praticantes, identificados com as *Schmisses* no rosto, estavam habilitados a fornecer e exigir satisfações. Assim sendo, descortinava-se diante deles todo um universo de oportunidades para ascensão social. Afinal de contas, as leis proibiam os duelos, mas a condição de (auto-proclamados) guardiães do Estado os punha acima delas:

os mecanismos de coerção e as leis do Estado são úteis para manter a ordem entre as massas indisciplinadas – esse era o sentimento – mas nós, os guerreiros e os governantes, somos as pessoas que sustentam o Estado. Somos os senhores do Estado. Vivemos de acordo com as nossas próprias regras, que impomos a nós próprios. As leis do Estado não se aplicam a nós.⁷¹

O que essa passagem denuncia é a existência de toda uma dinâmica própria à sociedade alemã imperial. A cotação social de um indivíduo poderia variar, como uma ação na bolsa de valores. Pessoas de bem tinham acesso ao melhor da sociedade, casavam entre si e amealhavam grandes cargos públicos;

⁷⁰ Jerome K. Jerome. *Three men on the Bummel*. Apud Peter Gay, *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 3: o cultivo do ódio*, pp. 17-20.

⁷¹ Norbert Elias, *op. cit.*, p. 59.

se não fossem bem nascidas, seriam agraciados com títulos de nobiliarquia. Os que caíam em desgraça sofriam simetricamente. Tão perigoso quanto tratar mal alguém em ascensão social seria tratar bem aquele que entrara em declínio. Nem a casa real poderia ignorar essa dinâmica reguladora. Regulação esta que se operava calcada nos valores medievos ressignificados. Ao se afirmar que o século XIX foi marcado por uma crescente democracia, com o povo ganhando mais e mais direitos, ignora-se a manutenção daquelas estruturas aristocráticas. Neste aspecto o grande corte foi operado com a eclosão da Grande Guerra, e não com a Revolução Francesa.

Dentro das confrarias, os estudantes recém-admitidos (calouros) tinham que cumprir uma série de pré-requisitos. Em primeiro lugar, não era qualquer um que podia ser aceito. Num dos mais exclusivos e afamados *Corps*, o Borussia de Bonn, era necessário preencher uma série de exigências sociais para ingressar. Entre os membros desse agrupamento, estava nada menos que o *Kaiser* Wilhelm II. A cotação social do candidato deveria ser altíssima. Ter um pai egresso da corporação era um auxílio fundamental para a admissão na mesma. Não se tratava apenas de uma questão financeira, apesar de a riqueza ser essencial. O calendário social era concorrido. Despesas com roupas, calçados, comida e bebida eram absurdas. Os pais ficavam horrorizados diante das dívidas astronômicas que os filhos contraíam, não para comprar livros ou instrumentos científicos, mas devido à exibição social. As atividades sociais tomavam muito tempo dos alunos membros: “sessões matinais de bebida,

passeios de manhã cedo, sessões de esgrima, tardes de cerveja, boliche, carteados ou noitadas rituais de bebedeira tinham prioridade.”⁷² Para quem se dispunha a seguir essas atividades à risca, não restava quase nenhum tempo para estudar.

As regras sociais da corporação estavam expressas no *Komment*. O que os membros poderiam ou não poderiam fazer, o que eles deveriam fazer obrigatoriamente, com quem poderiam se relacionar – tudo isso estava delineado no *Komment*. Nas bebedeiras rituais, previstas no capítulo específico *Bierkomment*, os membros deveriam ingerir álcool em excesso, acompanhando o grupo, mas não poderiam perder a compostura. Quando um veterano fazia um brinde ao calouro, ele deveria beber de uma vez só o conteúdo do copo.

Os combates (*Mensuren*), também seguiam regras bem determinadas. Os olhos eram protegidos. Braços, tronco e pernas, acolchoados. Os golpes deveriam ser concentrados na cabeça do oponente. Os duelistas podiam apenas mexer a cabeça e os braços. Não era permitido recuar, ou dar as costas ao adversário. Cada membro da corporação era obrigado a cumprir certo número de combates por semestre. Padrinhos, além do público, acompanhavam com extremo rigor o desenrolar da luta, a fim de observar se o combate foi travado de modo honrado. A primeira vista, o duelo poderia parecer selvagem. Mas, lembrando Jerome, o cheiro do sangue excitava a platéia:

⁷² *Ibidem*, p. 93.

As espadas de dois gumes com que eram travados os duelos com regras determinadas estavam essencialmente preparadas para rasgar a pele das faces e do crânio, e os vasos sangüíneos superficiais. Somente os olhos eram protegidos. Um participante poderia ferir o seu adversário com uma única estocada, de modo que a pele da cabeça ficasse pendente em grandes tiras. Podia-se, com um único talho, dividir o nariz e os lábios do outro, para que, por algum tempo, ficasse sem poder falar; orelhas cortadas podiam ficar pendentes, e o sangue fluir em borbotões das veias das têmporas.⁷³

No chão da sala de duelos era espalhada serragem, para absorver o sangue vertido. A grande maioria dos *Mensuren* reunia coragem para se submeter a essas mutilações a partir do incentivo dos colegas, do medo de não parecer corajoso e, talvez em grande medida, do álcool. Os detratores da *Mensur* afirmavam que este era uma cerimônia bárbara, violenta e sem sentido. Os defensores chamavam a atenção para a ênfase no ritual: seria um modo de extravasar pulsões agressivas, evitando assim coisa pior. Também exaltavam o caráter educacional da *Mensur*, pois ensinava aos jovens como se portar com disciplina e coragem, diante de situações da assim chamada vida real. Otto Skorzeny – austríaco, *Obersturmbannführer* (coronel) da *Waffen-SS* nazista e comandante das operações especiais alemãs durante a guerra de 1939-45 – descreveu assim a contribuição pedagógica da *Mensur*:

Mais tarde, muitas vezes me senti grato ao clube de que participei na universidade, pelo que aprendi em termos de autodisciplina. Nunca me senti

⁷³ *Ibidem*, p. 105.

tão mal, mesmo sob o fogo do inimigo, como no dia em que, aos 18 anos de idade, tive de travar o meu primeiro duelo, diante dos olhos atentos dos colegas. Com o sabre, que me ensinou a conviver com a dor, aprendi a não temer o medo. Na guerra como no duelo, não se pode perder tempo em fintas e esquivas. Tem-se que atingir o inimigo na cabeça.⁷⁴

Esse era o papel formativo proporcionado pelos duelos, e em maior medida pelas corporações estudantis. Seria um ritual de passagem da infância para a vida adulta. Ritual esse calcado nos costumes germanos antigos – de armar os jovens na transição para a vida adulta – e no heroísmo medievo.

O cerimonial não acabava com o fim do combate. Após o final da refrega, os *Mensuren* continuavam sob o olhar atento dos padrinhos. Estudantes de medicina ficavam a postos para remendar as faces dilaceradas pelo combate. Os mais afortunados ganhavam a tão sonhada cicatriz (*Schmiss*) sem maiores desdobramentos. Os nem tão sortudos assim poderiam perder parte do nariz ou das orelhas, ou mesmo ganhar um sorriso permanente. As suturas eram feitas de modo a garantir que as *Schmisses* ficassem permanentes. Era o sinal externo de pertença ao *satisfaktionsfähig*. Há relatos de muitos estudantes que participavam da *Mensur* por pressão das noivas, que gostariam de se casar com alguém honrado.

Um contraponto assaz interessante a esse processo alemão é o inglês. O Reino Unido da Grã-Bretanha remonta ao ano de 1707, quando da união jurídica entre os reinos da Escócia e da Inglaterra. Ainda antes, em 1536, o

⁷⁴ *Apud* Charles Whiting. *Skorzeny*. Rio de Janeiro: Rennes, 1972, p. 17.

País de Gales já havia sido incorporado ao domínio inglês. Já afirmamos que a religião, por si só, não cria identidade nacional. Mas pode-se utilizar o discurso religioso como fator de agregação. A luta contra o papismo na Inglaterra, a difusão do protestantismo e a fundação da Igreja Anglicana serviram como referência identitária. Além disso, os últimos reis católicos da Inglaterra foram muito impopulares. A luta contra eles, levada a cabo pelo parlamento, estava na raiz do processo revolucionário inglês do século XVII. Outro ícone importante foi a tradução da Bíblia para o inglês médio, por Wyclif em 1380. Isso ampliou o acesso aos textos sagrados, ao mesmo tempo em que a língua inglesa era fixada. O sentimento anti-francês – que ganhou grande impulso depois do século XV (fim da Guerra dos Cem Anos) e mais ainda após a queda de Napoleão em 1815 – também não pode ser esquecido. Até 1914 esta peculiaridade, que era de mão dupla – os franceses também não apreciavam os ingleses – foi uma grande ameaça à aliança entre os dois países contra a Alemanha.

Ao contrário de na França e na Alemanha, onde os duelos não apenas eram tolerados, mas estimulados – militares franceses e germânicos eram instados a resolver questões de honra pelo embate violento ritual –, na Grã-Bretanha os duelos não apenas foram proibidos, mas também a lei foi cumprida. Outros caminhos para demonstração de masculinidade foram delineados na ilha.

Peter Gay, ao avaliar o movimento histórico do Oitocentos também a partir das pulsões freudianas de agressão, vê no duelo uma válvula de escape para tensões capazes de explodir em terríveis convulsões sociais. Como o deus Jano, essa prática teria duas faces: se por um lado, é ato selvagem, a resolução violenta ao invés da negociação e persuasão – a vitória do mais forte e habilidoso no uso das armas; por outro, é uma contenção de manifestações mais selvagens – uma canalização segura de sentimentos que poderiam ameaçar o corpo social. Ao invés de brigarem, os nobres marcam um *ágon*, com igualdade de condições.

Na Inglaterra, surgiu toda uma extensa elaboração acerca da masculinidade. Esta não seria estaria apenas calcada na virilidade do homem; implicaria também a postura diante da vida. Nisto, e em outras tantas questões humanas, o papel do outro é fundamental:

Uma das razões pela qual o gambito da projeção funciona tão bem é que em grande parte ele é inconsciente; decidir sentir-se claramente superior aos ‘rixentos irlandeses’, ou aos ‘lojistas ingleses’, ou aos ‘sexualmente desinibidos latinos’ é negar, injustamente, mas com perfeita sinceridade, que se sente beligerância, ambição ou luxúria. Desejos ao mesmo tempo excitantes e vergonhosos. Uma vez feita a transposição de si mesmo para os outros, a busca de vilões tende a se mostrar um agradável distanciamento da autocensura. E os atos agressivos que se seguem tendem a ser ainda mais furiosos, porque certa dose de inquietação pode estar surgindo das profundezas. Será que não somos melhores do que nossas vítimas? É um pensamento terrível, a ser mantido acuado.⁷⁵

⁷⁵ Peter Gay. *A experiência...: o cultivo do ódio*, p. 78.

Esta projeção no outro canaliza os impulsos violentos, assumindo aqui e ali formas específicas. No pensamento britânico, os sentidos do masculino assumiram várias formas. Charles Kingsley, porta-voz dos autodenominados cristãos musculares, reclamava que o Leviatã hobbesiano transformaria os cidadãos de bem em covardes. Seria necessária uma sociedade mais aguerrida.⁷⁶ Já Thomas Hughes afastou-se dessa doutrina. Para ele, a masculinidade evocava o cavalheirismo. Um homem de verdade saberia cultivar a paz, evitando brigas desnecessárias. Isso levava a um dos mais poderosos argumentos anti-duelo: é preciso muito mais coragem para não brigar. “Um grande atleta pode ser um bruto ou um covarde, enquanto um homem verdadeiramente masculino não pode ser nenhum dos dois.”⁷⁷ Assim, o verdadeiro homem possuiria um espírito inquebrantável. Não precisaria expor seus dotes físicos para provar qualquer coisa. O recurso à violência seria apenas o último para resolver qualquer querela. Como no episódio narrado por Barbara Tuchman:

A forma como todos [os aristocratas] haviam sido criados fora a mesma. O objetivo em vista não era a formação de um espírito científico ou de uma mentalidade preparada para as ciências exatas, mas sim a aquisição de uma ‘graciosa dignidade’, que dava a quem a tivesse a categoria de cavalheiro inglês, e a firme convicção de que esta categoria constituía a melhor coisa que podia ter um homem neste mundo. (...) Quando Charles Tennant e um

⁷⁶ Peter Gay, *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 3: o cultivo do ódio*, p. 103.

⁷⁷ Thomas Hughes. *The manliness of Christ*. *Apud* Peter Gay, *op. cit.*, p. 114.

companheiro do golfe se preparavam para uma jogada e foram rudemente interrompidos por um estranho que colocou a sua bola dentro do chá, o companheiro enraivecido explodiu. ‘Não se zangue com ele’, disse-lhe sir Charles. ‘Talvez não seja um cavalheiro. Pobre rapaz. Pobre rapaz.’⁷⁸

Tuchman sugere todo um esforço da aristocracia britânica para aparentar normalidade e evitar conflitos. Assim como no episódio da prisão de Oscar Wilde, a transgressão não foi o rompimento com padrões sociais tidos como tradicionais, e sim o rompimento do silêncio sobre os companheiros homossexuais.⁷⁹

Todo o cuidado se concentrava em evitar qualquer revelação de mau comportamento às classes baixas. A este respeito, o código era rígido. Dentro do círculo fechado da classe dos governantes, o pecado imperdoável era denunciar um membro do grupo; não se podia recorrer aos tribunais para obter o divórcio, nem permitir a mínima publicidade que pudesse dar a noção de que membros da classe tinham perdido a reputação.⁸⁰

Havia essa preocupação de não apenas evitar os conflitos internos, mas também de não deixar transparecer nenhuma forma de discordância. O tecido social deveria mostrar harmonia. O cavaleiro germânico brandia a espada

⁷⁸ Barbara Tuchman. *A torre do orgulho: um retrato do mundo antes da Grande Guerra (1890-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 56.

⁷⁹ “A sua prisão foi precipitada por ele próprio, quando se resolveu a difamar o marquês de Queensberry. Os julgamentos que se seguiram estilhaçaram os biombos de discrição da sociedade e revelaram a todos um quadro estarrecedor da lívida chama do vício (...). Nenhuma acusação foi feita contra lorde Alfred Douglas, filho do marquês de Queensberry, jovem poético e sedutor que compartilhava dessas atividades e da afetuosa companhia de Wilde.” *Ibidem*, p. 71.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 64.

exultante para mostrar força; o cavalheiro inglês sorria, certo de sua superioridade.

Obviamente, o que se aponta aqui representa apenas algumas tendências. Isso não era um padrão uniforme. Mesmo com o culto à masculinidade tendo atingido o auge na Grã-Bretanha, muitos críticos observavam que proclamações excessivas de masculinidade e virilidade eram, no fundo, sinal de fraqueza. Não pretendemos afirmar que não ocorreram duelos na ilha; contudo eles foram poucos, e bem escamoteados. Afinal, ao contrário de no continente, os duelistas não contavam nem com o apoio oficial, nem com a conivência das autoridades. Muito pelo contrário.

Ao iniciar a Grande Guerra, em 1914, o sentimento era ‘não podemos parecer fracos diante do inimigo!’ O ‘grande outro’ lacaniano não permitiria qualquer demonstração de hesitações, muito menos de covardia. As pulsões violentas encontraram uma canalização irresistível.

Numa obra recente, Allen Frantzen estudou as motivações cavaleirescas dos soldados da Grande Guerra. Em *Bloody good*, o autor fez “um *tour* em poucos campos de batalha, muitos cemitérios e milhares de memoriais, pôsteres e cartões postais que comemoravam a I Guerra Mundial.”⁸¹ Nesta viagem, Frantzen observou o idealismo cavaleiresco da soldadesca em contraste com armas modernas no campo de batalha. Combatentes dos dois lados não apenas recorriam ao heroísmo cavaleiresco, mas também se

⁸¹ Allen J. Frantzen. *Bloody good: chivalry, sacrifice, and the Great War*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004, p. 01.

apropriavam da paixão e morte de Cristo para explicar diante de si e dos outros a guerra.

Como cavaleiros medievais, viam a si mesmos como executores vingando insultos a crenças sagradas e instituições; eles também se viam como vítimas sacrificiais. (...)

Cavalaria comporta respostas conflituosas à morte de Cristo: tanto o desejo de se vingar contra quem o matou quanto a vontade para perdoar seus perseguidores. Cristo inspira a segunda resposta aos seus seguidores, mas (...) muitos deles, especialmente os que têm acesso legal aos meios de violência, escolhem a primeira e não freqüentemente usam o mesmo Cristo para justificar a própria decisão.

Chamo a primeira resposta de sacrificial, porque implica tirar uma vida para vingar a perda de outra (...), perpetuando a violência cíclica. Chamo a segunda resposta de anti-sacrificial, porque se opõem ao tirar a vida e procura parar o ciclo de violência. (...) Para os modernos descendentes [dos cavaleiros] (...) valida-se uma terceira resposta, o auto-sacrifício, que congrega ousadia e piedade.⁸²

Assim, a construção de atitudes diante da guerra calcou-se, em larga medida no pensamento cristão e na idealizada Idade Média romântica. O exercício de masculinidade na guerra, entre os soldados, oscilava entre as três mencionadas respostas sacrificiais. Nos pôsteres propagandísticos as imagens de cavaleiros medievos eram uma constante, evocando a grandeza, o sacrifício, o senso de dever e o companheirismo. A carnificina operada nas trincheiras podia ser enquadrada nas três modalidades. A aviação de caça, que ficava ainda mais

⁸² *Ibidem*, pp. 03-04.

visível com o crescente número de vitórias dos ases, pelo menos fornecia alguma ilusão de que as mortes seriam vingadas.

Esses quadros nem de longe esgotam as permanências cavaleirescas na sociedade européia durante o século XIX e o início do século XX, incluindo a Grande Guerra. As pulsões agressivas encontravam eco, ou mesmo resignificavam as experiências agressivas medievais/cavaleiras nessa passagem de séculos. A cavalaria estava mais viva do que nunca.

IV – Circo voador

O passado se distorce para introduzir-se coerência.

Maurice Halbwachs, A memória coletiva.

Autobiografias: problemas e aproximações

O uso de autobiografias, assim como de outros tipos de fontes históricas, requer atenção às especificidades desses documentos. Como bem adverte Hans-Georg Gadamer, não existe, *a priori*, o método correto de abordagem do documento histórico; existem procedimentos e estes variam de acordo com o tipo de fonte e de acordo com o olhar que se deita sobre o objeto.

Em *Tempo passado*, a argentina Beatriz Sarlo discute os limites da autobiografia enquanto fonte confiável para a narração do passado.¹ O livro diz respeito à memória dos torturados e prisioneiros políticos na última ditadura argentina (1976-83), e ao valor das mesmas na reconstituição da violência do período, seja para que não se repita, seja para efeitos processuais sobre os culpados. Contudo, parte da construção teórica da autora também

¹ Beatriz Sarlo. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo / Belo Horizonte: Companhia das Letras / Editora UFMG, 2007.

pode ser aplicada às autobiografias dos pilotos de caça, que nos interessam no presente estudo.

Ao lidar-se com testemunhos de participantes de eventos, enfrenta-se o dilema entre a história, que “nem sempre (...) consegue acreditar na memória, e a memória [que] desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos de lembrança.”² A lembrança surge, convocada ou não, e apodera-se do presente da testemunha.

A lembrança, porém, não opera de modo objetivo e linear. Entre o acontecido e as apreensões do mesmo, dentro de uma rede conceitual, há lacunas e mediações. Jacques Lacan relaciona essa movência em três tempos: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir.³ É nesse movimento contínuo refeito constantemente, que os sujeitos entendem e compreendem aquilo que aconteceu. Obviamente, esse processo é dinâmico e complexo. Ao longo de uma vida, as experiências vão sendo reconstruídas e reelaboradas permanentemente, quando emergem do passado no tempo presente.

Ao inserir o vivido numa rede conceitual, o indivíduo não é um sujeito abstrato. Toda uma bagagem de significados, de códigos de atribuição de sentido, de caráter coletivo, intervém na construção da memória individual. O que se relembra é a experiência, mas como algo posto em discurso, relatos que

² *Ibidem*, p. 09.

³ Cf. Ana Maria Medeiros da Costa. *A ficção de si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998, pp. 13-4.

se adaptam a lugares comuns.⁴ Os procedimentos analíticos aplicados ao relato autobiográfico têm de levar em conta esse pressuposto.

Na aplicação dos procedimentos para a leitura das autobiografias, elegemos como guias principais o alemão Hans-Georg Gadamer e o russo Mikhail Bakhtin.

Para tentarmos situar as apropriações e ressignificações dos conceitos de heroísmo e honra pelos pilotos de caça de 1914-18, Gadamer é essencial. Afinal, todo esse processo operou-se dentro da tradição ocidental. Os procedimentos hermenêuticos propostos por Gadamer baseiam-se, *grosso modo*, na autoridade da tradição.

Quem lê um texto, qualquer texto, sempre realiza um projetar. Este projetar pode não permitir que as idéias do autor se manifestem de modo satisfatório. Martin Heidegger já havia intuído a primeira parte desse problema:

A possibilidade positiva do conhecimento mais originário (...) só pode ser apreendida de modo autêntico se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é de não se deixar guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos populares e inspirações. Na elaboração da posição prévia e concepção prévia, ela deve assegurar o tema científico a partir das coisas elas mesmas.⁵

⁴ Beatriz Sarlo, *op. cit.*, p. 23.

⁵ Martin Heidegger. *Ser e tempo*. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2006, pp. 214-5.

À primeira vista, os preconceitos poderiam anuviar o entendimento do texto na cabeça do leitor. Quando se pensa em preconceito, a imagem que surge é a conotação negativa, mantida pelo senso comum, como algo errôneo e distorcido. Esse preconceito sobre o termo preconceito foi desenvolvido pelos pensadores iluministas do século XVIII. Gadamer nos lembra que pré-conceito nada mais é do que o juízo prévio, emitido antes da análise do objeto em questão, podendo estar correto ou não. Para além disso, os preconceitos não são apenas onipresentes, mas também inescapáveis. Eles constituem a realidade histórica do ser.⁶

Historicamente, sempre estamos envolvidos por preconceitos. Sejam os pilotos de caça, ao reelaborarem sua experiência na Grande Guerra à luz das noções da honra e do heroísmo, sejamos nós que nos propomos a este estudo. A tradição, sempre movente, envolve os leitores.

Gadamer demonstra como os iluministas tentaram submeter toda e qualquer autoridade ao crivo racional. Algo apenas seria válido se pudesse assentar na razão. Filosoficamente, a linguagem racional – isto é, científica – deveria ser um instrumento sobre-humano, capaz de investigar e conhecer tudo, acima dos preconceitos, subjetividades e parcialidades. Poderia existir

⁶ Cf. Hans-Georg Gadamer. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2003, pp. 361 *et seq.*

algo assim? A resposta é negativa. Qualquer linguagem, mais do que um meio de comunicação, é uma forma de expressão.⁷

Esse raciocínio de Gadamer o conduziu à idéia de círculo hermenêutico, já teorizada por Schleiermacher, Dilthey e Heidegger. A partir deles, Gadamer concebeu um procedimento fundado na historicidade da compreensão.

A regra hermenêutica, segundo a qual devemos compreender o todo a partir do singular e o singular a partir do todo, provém da retórica antiga e foi transferida, pela hermenêutica moderna, da arte de falar para a arte de compreender. Em ambos os casos, estamos às voltas com uma relação circular prévia. A antecipação de sentido, que comporta o todo, ganha uma compreensão explícita através do fato de as partes, determinadas pelo todo, determinarem por seu lado esse mesmo todo. (...)

O próprio processo da construção, no entanto, já está dirigido por uma expectativa de sentido que provém do contexto anterior. É claro que essa expectativa deve ser corrigida quando o texto o exige. Isso significa que a expectativa sofre uma outra determinação e que o texto se conjuga na unidade de um pensamento, a partir de uma outra expectativa de sentido. (...) O movimento de compreensão transcorre sempre do todo para a parte e, desta, de volta para o todo.⁸

Esse movimento circular, descrito por Gadamer, vai ao encontro das observações de Heidegger. Ao se ler um texto, sempre há um projetar sobre o mesmo. Daí a importância de se conceder espaço para a alteridade do texto,

⁷ Cf. Chris Lawn. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 61.

⁸ Hans-Georg Gadamer. 'Sobre o círculo da compreensão'. Em *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 72.

de modo que a antecipação de sentido, contida no círculo hermenêutico, seja sempre revista e corrigida.

Quem quiser compreender um texto está (...) disposto a deixar que ele diga alguma coisa. Por isso uma consciência formada hermeneuticamente deve ser de antemão receptiva à alteridade do texto. Essa receptividade não pressupõe, no entanto, uma ‘neutralidade’ quanto à coisa, nem um anulamento de si mesmo, incluindo a apropriação seletiva das próprias opiniões e preconceitos. Há que se ter consciência dos próprios pressupostos a fim de que o texto se apresente a si mesmo em sua alteridade (...).⁹

A leitura e a compreensão operam-se em círculos concêntricos. Uma circularidade entre parte e todo, e outra circularidade entre juízos prévios, visões prévias e conceitos prévios e as palavras do autor. Nessa circularidade, a distância temporal não é uma barreira a ser transposta, mas algo a ser incorporado. A consciência histórica do leitor conduz ao processo que Gadamer denomina fusão de horizontes. É um ato dialógico, em que o leitor abre-se para a alteridade do texto.

Quando um leitor se encontra diante de um texto simples, tomando-o como verdadeiro, a compreensão é imediata. Ao se duvidar das informações textuais, ocorre o chamado ‘fracasso da compreensão’. Esse fracasso, “da

⁹ *Ibidem*, p. 76.

tentativa de tomar por verdadeiro o que é dito”,¹⁰ suscita o ato de compreender.

A leitura textual, operada dentro da tradição, não é feita de modo unívoco e inquestionável. A hermenêutica surge do choque entre a familiaridade e a estranheza no interior da tradição.¹¹ A distância temporal, portanto, serve para dimensionar a própria tradição. Daí o movimento circular da compreensão, que é dialógico: contrapõe as partes ao todo, o leitor ao texto, a tradição à consciência histórica. Essa dinâmica, circular e dialética, possibilita a fusão de horizontes. É um encontro entre o passado e o presente, os quais não são estáticos. A metáfora do horizonte serve justamente como índice de uma perspectiva sempre movente.

O sujeito da autobiografia, o autor, ao contrário do que se possa pensar, ressaltava Jean Starobinski, não é um ser existente. É um ser referencial, o qual remete a um índice interpretativo do próprio escritor, ao refletir sobre e refletir-se nos acontecimentos relatados.¹² Nesse ato reflexivo, o autor opera um jogo de mostrar-se e esconder-se – seja esse ato consciente ou não. O escritor escreve a obra e se inscreve nela.¹³ Bakhtin aprofunda essa noção quando afirma que

¹⁰ *Ibidem*, p. 78.

¹¹ *Ibidem*, p. 79.

¹² Cf. Jean Starobinski. ‘Le style de l’autobiographie’. Em *Poétique: revue de théorie et d’analyse littéraires* n. 3. (1970), pp. 258 *et seq.*

¹³ Cf. Daniel Bergez. ‘A crítica temática’. Em *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 103.

o homem vivente se estabelece ativamente de dentro de si mesmo no mundo, sua vida conscientizável é a cada momento um agir; eu ajo através do ato, da palavra, do pensamento, do sentimento; eu vivo, eu me torno um ato; contudo, não expresso nem determino imediatamente a mim mesmo através do ato; por seu intermédio realizo uma significação concreta, semântica, mas não mim mesmo enquanto algo determinado e determinável; só o objeto e o sentido se contrapõem ao ato.¹⁴

A biografia, para Bakhtin, estabelece-se de um modo diverso do auto-informe / confissão. Esta se organiza no *eu-para-si*, numa apreciação ética do indivíduo; não há fusão entre o autor e a personagem.¹⁵ Aquela, sendo a descrição de uma vida, sem tons de penitência, objetiva esteticamente a existência da personagem na trama histórica. Entre a biografia e autobiografia a diferença é muito mais externa. Nos relatos biográficos, o autor e a personagem, no limite, tornam-se intercambiáveis.¹⁶ Afinal, mesmo nas autobiografias, o eu é outro eu.

A abordagem bakhtiniana postula dois arquétipos de consciência biográfica: o *aventureiro-heróico* e o *social-de-costumes*. O primeiro tipo implica a “vontade de ser herói, de ter importância na vida dos outros; a vontade de ser amado; a vontade de superar a fabulação da vida, a diversidade da vida interior e exterior.”¹⁷ Esses valores são individualistas, mas trata-se de um individualismo imediato, por conseguinte ingênuo, que se alimenta da

¹⁴ Mikhail Bakhtin. *Estética da criação verbal*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 128.

¹⁵ *Ibidem*, pp. 128-38.

¹⁶ *Ibidem*, pp. 138-41.

¹⁷ Mikhail Bakhtin, *op. cit.*, p. 143.

alteridade. A alteridade conta na medida em que da opinião dos outros depende a ascensão à glória. O *herói* (entendido aqui como a personagem principal) é descrito nos seus aspectos únicos, que podem (e devem) ser admirados pela comunidade. Preocupa-se também com o devir. Deseja transmitir à posteridade uma imagem correta, digna de admiração.

À vontade de ser herói associa-se impreterivelmente o desejo de ser amado. A ambição “de fazer do amor almejado do outro a força motriz e organizadora de minha vida (...) também constitui um crescimento no clima de consciência amorosa do outro.”¹⁸ O texto autobiográfico, nesse caso, é a construção de um personagem que merece ser amado, tanto em razão de grandes feitos, quanto pelos traços de seu caráter, manifestados em atos de magnanimidade, humildade, auto-sacrifício e dedicação a alguma causa superior.

Finalmente, também temos a vontade de superar a fabulação da vida. A fabulação, e não o cotidiano puro e simples, tal como normalmente se apresenta. Em suma é a demonstração dos feitos da personagem como únicos. Mesmo a luta pela vida pode ser tematizada desse modo: “onde o processo vital é axiologicamente conscientizado e preenchido com conteúdo, temos a fabulação (...) de realizações de vida.”¹⁹ Assim, concentram-se no *herói* as habilidades, a personalidade positivada e os feitos singulares diante do mundo. Ele torna-se um modelo, no qual outros - seres comuns, que vivem

¹⁸ *Ibidem*, p. 144.

¹⁹ *Ibidem*, p. 145.

uma existência ordinária – podem se inspirar e (ad)mirar. Sintetizando, para Bakhtin, esse personagem é ingênuo, pois o heroísmo nele é tão condensado que quase aparece como um dado.

A vida biográfica do primeiro tipo é uma espécie de dança em ritmo lento (a dança em ritmo acelerado é a lírica); aqui todo o interno e todo o externo procuram coincidir na consciência axiológica do outro; o externo procura interiorizar-se, o interno, exteriorizar-se.²⁰

No segundo tipo de biografia, o *social-de-costumes*, a ênfase recai no cotidiano, no usual e na vida privada, e não nos feitos extraordinários da esfera pública do *heróico-aventureiro*. “Aí predomina o elemento descritivo (...). O amor à vida é o amor à permanência prolongada das pessoas amadas, dos objetos, posições e relações”.²¹ Enquanto o primeiro tipo busca o reconhecimento também na posteridade, o segundo importa-se apenas com os seus contemporâneos. Ocupa-se menos do devir e busca viver o cotidiano. Neste, não aparece o extraordinário. No limite, aproxima-se bastante da personagem do auto-informe / confissão, diferenciando-se apenas pelo intercâmbio entre autor e personagem.

Para Bakhtin, a biografia e a autobiografia são menos obras literárias, no sentido estrito, que atos estetizados. O universo biográfico construído por

²⁰ *Ibidem*, p. 147.

²¹ *Ibidem*, p. 148.

elas não é fechado. Integra-se ao mundo pela relação com a alteridade. O mais importante numa biografia é a empatia com o leitor.²²

O quadro traçado por Bakhtin refere-se a tipos ideais e não deve ser tomado como uma fórmula aplicável mecanicamente. Apenas fornece parâmetros a serem observados no estudo de obras do gênero, que, no entanto, dificilmente representam modelos puros. Sempre será possível encontrar uma mistura de ambos, em maior ou menor grau.

Por último, cabe lembrar que, segundo Jeremy Black, há um ponto comum entre as biografias de soldados das duas guerras mundiais: a tendência a magnificar os acontecimentos nos quais os *heróis* tomaram parte ativa.²³ A publicação de diversas memórias, principalmente após 1945, gerou uma grande polêmica entre seus autores, sobre quem teria sido mais importante individualmente do que os demais. No caso dos pilotos, a disputa era sobre quem foi superior. Para além do número de abates, tentava-se comparar a excelência em combate.

Nesse período emergiu a denominada ‘indústria da guerra’, a exploração, via cultura de massas, de filmes, séries, livros, fascículos e brinquedos baseados nas duas guerras mundiais.²⁴ No ramo dos brinquedos, houve desde a década de 1950, até hoje, todo um ramo especializado em réplicas em escala reduzida das armas dos conflitos mundiais. O carro chefe

²² *Ibidem*, pp. 152-3.

²³ Cf. Jeremy Black. *Rethinking military history*. London: Routledge, 2004, pp. 212-5.

²⁴ *Ibidem*, p. 214.

desses brinquedos eram justamente os aviões militares e, principalmente, os aviões de caça dos grandes ases. No Brasil, a marca *Revell* tornou-se sinônimo de plastimodelos militares. As aventuras dos ases continuavam a excitar a imaginação pública, principalmente do público jovem masculino.

A batalha da memória não nos interessa aqui. Nosso objetivo não é reconstituir eventos precisos, ou mesmo, no limite, uma *verdade dos fatos* à moda de Ranke e seus seguidores, mas sim delinear as concepções de heroísmo e honra nas autobiografias escolhidas.

Richthofen, o piloto vermelho

Manfred Albrecht *Freiherr* von Richthofen nasceu em 02 de maio de 1892, na Silésia, e faleceu em 21 de abril de 1918, sobrevoando a França. A autobiografia de Richthofen, *Der rote Kampfflieger (O piloto de combate vermelho)*, foi publicada pela primeira vez no final de 1917, meses antes da morte do aviador. Em 1933, ano em que Hitler subiu ao poder, saiu uma segunda edição, ampliada, acrescida das cartas trocadas com a família; de três novos capítulos contendo as impressões de Richthofen sobre a recepção da obra e um apanhado final sobre a função militar da aviação; de um prefácio do então ministro da aeronáutica e marechal do *Reich* Hermann Göring; e de depoimentos dos irmãos (Bolko e Lothar), e do suposto algoz de Richthofen, o canadense Roy Brown. Entre essas duas edições, há uma intermediária, ampliada a partir da primeira e publicada em 1920, sob o título *Ein Heldenleben* (Uma vida heróica). A edição de 1917 foi republicada em 1990. As traduções para outras línguas são diversas.

A redação original do *rote Kampfflieger* foi ditada por Richthofen a uma estenógrafa, a qual tomava as notas, datilografava e devolvia os originais para revisão. A revisão era feita conjuntamente pela mãe e a irmã de Richthofen, além do próprio.

Richthofen passou a maior parte de sua breve existência no meio militar. Morreu dias antes de completar 26 anos. Primogênito de uma família aristocrática prussiana, ingressou na academia de cadetes aos 11 anos de idade, decisão tomada pelo pai de Manfred, o major von Richthofen, sem consultá-lo. Isso não era nenhuma exceção para a aristocracia alemã. Foi um aluno medíocre, que se aplicava apenas o suficiente para continuar na academia.²⁵ O resultado dessa pouca dedicação aos estudos pode ser observada no texto autobiográfico. O grande interesse do jovem estava nos esportes: futebol, ginástica, caça e corridas eqüestres.²⁶ Ao ingressar no exército como oficial, com o posto de *leutnant* (2º tenente), foi designado para o 1º regimento de cavalaria dos Ulanos, *Kaiser Alexander III*.²⁷ Só em 1915, com a guerra em andamento, Richthofen foi transferido para o serviço aéreo, primeiro como observador, mais tarde como piloto.

A vida estudantil de Richthofen, descrita no segundo capítulo da edição de 1917, foi omitida na de 1933, omissão devida provavelmente ao irmão mais novo, Bolko. Nessa parte aparentemente comum, mas que causou polêmica, o barão afirma que, na Academia de Wahlstatt

²⁵ Cf. Manfred von Richthofen. *Der rote Kampfflieger*. Hamburg: Germa Press, 1990, pp. 13-4 *et seq.*; Manfred von Richthofen. *The Red Baron*. Translated by Peter Kilduff. New York: Doubleday & Co., 1969, p. 01; Peter Kilduff. *Richthofen: beyond the legend of the Red Baron*. New York: John Wiley & Sons, 1993, p. 24.

²⁶ Cf. Manfred von Richthofen. *Der rote Kampfflieger*. 2^{es} edition. Berlin: Verlag Ulstein, 1933, p. 27.

²⁷ Um dos muitos regimentos de cavalaria do exército alemão durante o *Kaiserreich*. O nome era uma homenagem ao tio de Wilhelm II, o czar russo que antecedeu Nicolau II. *Ibidem*, pp. 27-32.

não me interessei muito pelas aulas. Nunca era [sic] um grande gênio. Sempre estudei o bastante para passar. Em minha opinião não era necessário fazer mais e eu teria me considerado ambicioso, se tivesse conseguido nos trabalhos escolares uma nota mais alta do que ‘suficiente’. Disso resultou que os meus professores naturalmente não tinham grande consideração por mim.²⁸

Ao tratar da recepção da obra, no capítulo homônimo, ‘*Der rote Kampfflieger*’, Richthofen escreveu que recebera muitas cartas de jovens cadetes, os quais concordavam em que não deveriam estudar além do necessário.²⁹ De outro lado, as reclamações do irmão também foram anotadas:

Meu irmão caçula, Bolko, soltou uma longa carta de reclamações sobre mim à família. Ele é cadete na [Academia Militar de] Wahlstatt e reclama que eu falei mal dos professores do corpo de cadetes no meu livro. Ele está tendo tantos dissabores no corpo [de cadetes] que não dá mais para suportar. Ele pede à família para que eu submeta os manuscritos à sua censura, caso venha a cometer tal crime de novo. Eu acho que pede demais de mim, o bom Bolko (...).³⁰

²⁸ “Für den Unterricht hatte ich nicht sonderlich viel übrig. War nie ein großes Lumen. Habe immer so viel geleistet, wie nötig war, um versetzt zu werden. Es war meiner Auffassung nach nicht mehr zu leisten, und ich hätte es für Streberei angesehen, wenn ich eine bessere Klassenarbeit geliefert hätte als ‚genügend‘. Die natürliche Folge davon war, daß mich meine Pauker nicht übermäßig schätzten.” *Der rote Kampfflieger* (1990), p. 13.

²⁹ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 200.

³⁰ “Mein jüngster Bruder Bolko hat einen großen Beschwerdebrief an die Familie über mich losgelassen. Er ist Kadett in Wahlstatt und beschwert sich darüber, daß ich die Lehrer des Kadettenkorps in meinem Buch schlechtgemacht habe. Er habe nun so viel Unannehmlichkeiten im Korps, daß es gar nicht auszuhalten sei. Er bittet die Familie, dafür Sorge zu tragen, daß ich die Manuskripte, falls ich noch einmal welche verbrechen sollte, ihm zuerst zur Kontrolle vorzulegen habe. Ich finde, er verlangt etwas viel von mir, der gute Bolko (...).” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 200.

O bom irmão parece não ter hesitado em suprimir o capítulo que continha a passagem problemática. Não importa o grau de excelência dos escritores; dos melhores até aos mais simplórios, todos estão sujeitos aos humores dos revisores.

No período escolar, o grande interesse que Richthofen procurou descrever foi a atividade física. Principalmente corridas a cavalo. Após o início da guerra, a diversão recaiu inteiramente na caça. Em maio de 1917, ele foi convidado pelo príncipe de Pless para uma caça ao bisão. Era um privilégio de monarcas.

Através da bondade de Sua Alteza, no entanto, recebi a permissão para abater tão raro animal. Em cerca de uma geração não haverá mais nenhum desses animais, estarão exterminados. (...)

Eu estava impaciente para abater o touro [sic] naquela mesma noite. Nós viajamos pela famosa estrada através da enorme reserva selvagem do príncipe, onde várias cabeças coroadas antes de mim viajaram. (...) Eu parei no posto alto, no qual, conforme me relatou o mestre superior de caça, já várias vezes as majestades haviam parado, para abater algum bisão daqui. Nós esperamos um bom tempo. Então, de repente, eu vi, na mata fechada, um monstro preto gigante, sacudindo-se em minha direção (...). Aprontei-me para atirar e, devo dizer, que ganhei um pouco da febre de caçada [*Jagdfieber*]. (...) Porque num bicho tão grande não se pode errar o tiro. Mas ele sumiu. Eu o vi de novo de [sic] uma grande distância, então ele desapareceu. (...)

Eu tive naquele momento, quando o touro [sic] se aproximou, a mesma sensação, a mesma febre de caçada que me toma quando eu estou sentado

num aeroplano, vejo um inglês, e tenho segui-lo por cinco minutos para chegar até ele. A diferença, no entanto, é que o inglês se defende.³¹

Richthofen chama extensivamente a atenção do leitor para o privilégio da caçada, mesmo que esse chamado não pareça explícito hoje. Na *Retórica*, Aristóteles observa que o objeto de senso comum não precisa ser explicitado.³² A proibição de um plebeu caçar numa reserva senhorial – mais do que uma interdição, um crime – era de conhecimento geral. Mesmo entre os nobres, havia uma gradação. Duques, barões e cavaleiros poderiam ser convidados para caçar veados. Bisões raros, à beira da extinção, eram facultados apenas a convidados de suprema importância, como reis e imperadores. Daí o orgulho do ás alemão.

Cioso da distinção, ele também reclama dos que exerciam esse privilégio, sem que tivessem o direito. Esses bisões raros, segundo ele, só

³¹ “Mir war also durch die Güte Seiner Durchlaucht der Abschuß eines so seltenen Tieres erlaubt worden. In etwa einem Menschenalter gibt es diese Tiere nicht mehr, da sind sie ausgerottet. (...) Um den Stier noch am selben Abend zu erlegen. Wir fuhren die berühmte Straße durch den Riesenwildpark des Fürsten entlang, auf der wohl manche gekrönte Häupter vor mir entlangefahren sind. (...) Ich stand auf der Kanzel, auf der, wie mir der Oberwildmeister berichtete, bereits mehrmals Majestät gestanden hat, um so manchen Wisent von da aus zur Strecke zu bringen. Wir warteten eine ganze Zeit. Da plötzlich sah ich im hohen Stangenholz ein riesiges schwarzes Ungentüm sich heranwälzen, genau auf mich zu. (...) Machte mich schußfertig und muß sagen, daß ich doch etwas Jagdfieber kriegte. (...) Weil man eben an so einem Riesending überhaupt nicht vorbeischießen kann (...). [Aber] war er weg. Noch einmal sah ich ihn auf eine große Entfernung, dann war er verschwunden. (...) jedenfalls hatte ich in dem Augenblick, wo der Stier herankam, dasselbe Gefühl, dasselbe Jagdfieber, das mich ergreift, wenn ich im Flugzeug sitze, einen Engländer sehe und ihn noch etwa fünf Minuten lang anfliegen muß, um an ihn heranzukommen. Nur mit dem einen Unterschied, daß sich der Engländer wehrt.” *Der rote Kampfflüger* (1933), pp. 188-9.

³² Cf. Aristóteles. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1998, p. 52, 1357a.

poderiam ser encontrados em dois lugares no planeta: na própria reserva de Pless e na antiga reserva do Czar, localizada na floresta Bialowicz (hoje na Polônia). Por culpa da guerra, animais de caça exclusivos do autocrata russo e de príncipes, estavam sendo abatidos por reles mosqueteiros.³³ Mas o piloto decerto não tinha a recear olhares de censura. Mesmo porque possuía nobreza hereditária – ainda que não fosse de casa real –, que por seu comprovado valor no campo de batalha, onde os homens recebem e dão glória uns aos outros. De maneira nenhuma seria considerado um alpinista social ou um *penetra*. Aristocrata de direito e de fato, ele era pleno merecedor da honraria. Todos deveriam saber disso. Assim como Aquiles, Beowulf e outros heróis guerreiros, podia jactar-se dos próprios feitos. Essa honraria, esse *gêras*, fora conquistada, com coragem e habilidade, pilotando frágeis máquinas revestidas de madeira e lona acima da frente ocidental.

O segundo aspecto a destacar é a febre da caçada (*Jagdfieber*). Ao discorrer sobre o jogo em *Homo ludens*, Huizinga deixa clara a existência de um elemento irreduzível a qualquer categoria racional nessa atividade: o *aardigheid* (divertimento do jogo).³⁴ Pode-se questionar: por que jogamos? A resposta é jogamos porque é divertido. E por que é divertido? Ora, é divertido porque é divertido. Não existe nenhum motivo para que seja divertido, exceto o fato de sê-lo.

³³ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 187-8.

³⁴ Johann Huizinga. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 05 *et seq.*

A *Jagdfeiber* de Richthofen era isso. A emoção de estar prestes a abater a vítima. Caçar aviões inimigos era tão excitante quanto atirar em bisões e vice-versa. Não era a guerra, não era ajudar os companheiros, não era lutar pela pátria. Naquele momento de espreita, aproximação, mira e disparo, o importante era apenas acertar a vítima. Era essa dimensão lúdica o significativo. Para nomear esse sentimento, o barão teve que utilizar a palavra *Jagdfeiber*. O *Jagdflieger* (piloto de caça) era consumido pela *Jagdfeiber*.

As recordações de Richthofen do tempo que passou montado a cavalo na guerra podem ser divididas em duas partes: as ações, pontuais, e o tédio; um gigantesco tédio entre os combates. Durante a ‘crise de 1914’, entre o assassinato de Franz Ferdinand e o início dos combates (junho – agosto), ele afirmou, acreditava cada vez menos na eclosão da guerra. Durante uma refeição festiva, o magistrado do distrito de Ols, conde Kospoth, os visitou para saber informações recentes na fronteira sobre o conflito iminente. Richthofen o tranqüilizou, garantindo que não havia nenhuma possibilidade de a guerra começar. Entretanto, “no dia seguinte, fomos para o campo [de batalha].”³⁵

As funções da cavalaria nos primórdios da Grande Guerra eram, principalmente, fazer reconhecimento por trás das linhas inimigas e fustigar unidades avançadas das mesmas. Richthofen iniciou a guerra na frente oriental, contudo, logo no primeiro mês de combates, o regimento dos ulanos

³⁵ “Am nächsten Tage rückten wir ins Feld.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 32.

foi transferido para a França. Com a construção acelerada das trincheiras, entre outubro e dezembro, logo após a batalha do Marne, aquelas funções da cavalaria perderam a praticidade e até mesmo o sentido. Qual seria o papel de soldados montados a cavalo num combate de trincheiras?

Após todo aquele tédio, o 2º tenente conseguiu transferência para o serviço de aviação do exército. Era o grande desejo atendido, apesar de, nos seus escritos, não tê-lo mencionado antes.³⁶ No serviço aéreo, Richthofen assumiu o posto de observador. Voando em aviões *biplaces*, ele indicava ao piloto por onde sobrevoar, para que pudesse fotografar e vigiar as movimentações dos adversários. O novo posto o levou novamente para a frente russa. Apenas no final de agosto de 1915, voltou para frente ocidental. Nessa vez, passou a operar em Ostende, Bélgica. Ao invés de aviões de observação, tripulava bombardeiros.

Tripulando um bombardeiro, o barão participou, pela primeira vez, de um combate aéreo, em 1º de setembro de 1915. “Eu estava apreensivo com o que poderia acontecer. (...) Nunca tinha visto um combate aéreo, e tinha apenas uma vaga concepção, que nem *you, my dear reader* [grifo nosso].”³⁷ Aqui, Richthofen aproxima-se dos leitores de um modo direto. O uso da expressão *mein lieber* (meu querido) dispensa maiores comentários. O *du* (você), ao invés do formal *Sie* (vós), na língua alemã, só é empregado quando se tem

³⁶ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 60.

³⁷ “Ich war gespannt, was sich nun eigentlich abspielen würde. (...) Hatte nie einen Luftkampf gesehen und machte mir nur ganz dunkle Vorstellungen, so etwa wie *du, mein lieber Leser*.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 76.

intimidade com o interlocutor. Nessa altura da narração, ele talvez já considerasse o leitor um velho amigo.

O primeiro combate, apesar de toda expectativa, foi frustrante. Os tripulantes alemães trocaram tiros, à queima roupa, com um avião de observação inglês, sem obter nenhum resultado significativo. No segundo enfrentamento aéreo, Richthofen obteve sucesso, contudo a burocracia para creditar abates era enorme. Como o avião adversário caiu do outro lado da frente de combate, a vitória não foi computada.

Em outubro de 1915, Richthofen encontrou-se com Oswald Boelcke.³⁸ Depois de uma breve conversa, Boelcke o convenceu a aprender a pilotar. Nesse período, o desinteresse prévio pelos estudos cobrou seu preço: Richthofen demorou em aprender a voar. Só foi qualificado após três exames e alguns aviões destruídos no pouso.³⁹ Apesar de também ter sido treinado no caça Fokker Eindecker, o barão foi designado para pilotar aviões de bombardeio. Atuou tanto no ocidente, quanto no oriente.

Apenas em agosto de 1916, após o segundo encontro com Boelcke, Richthofen foi convidado a integrar as recém-criadas *Jastas*. O ás germânico visitou a frente russa para recrutar novos pilotos, a fim de treiná-los de acordo com as próprias experiências de combate aéreo. No momento do convite, o barão agiu como um colegial, emocionado quando soube da escolha: “quase o

³⁸ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 79-80.

³⁹ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 81-7.

abraçei quando me perguntou se eu queria ir com ele para o [campo de batalha do] Somme.”⁴⁰

A narrativa autobiográfica, nesse ponto, faz da memória uma trama de contos de fada. Longe da verdadeira ação, que se desenrolava na frente ocidental, o *herói*, de repente, é convidado; o convite, literalmente, caíra do céu. No limite, assemelha-se a uma convocação apostólica. O último ciclo de iniciação do herói havia começado. Com efeito, a descrição do treinamento sugere essa metáfora: na *Jasta*

éramos todos iniciantes (...). Qualquer coisa que Boelcke nos dissesse era tomada como o evangelho. (...) Boelcke nos deu instruções precisas, e então, pela primeira vez nós voávamos como um esquadrão sob a liderança de um homem famoso ao qual [sic] confiávamos cegamente.⁴¹

A primeira missão, com Boelcke liderando Richthofen e outros três novatos, foi contra sete bombardeiros britânicos. A execução da operação seguiu à risca o planejamento do líder:

Nós nos aproximamos do esquadrão [inimigo] vagorosamente, mas ele não podia escapar de nós de jeito nenhum. Nós estávamos entre a frente [de combate] e o inimigo. Se ele quisesse voltar, teria que passar por nós. (...)

⁴⁰ “Fast wäre ich ihm um den Hals gefallen, als er mich fragte, ob ich mit ihm nach der Somme gehen wollte.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 103.

⁴¹ “Wir waren alle Anfänger (...). Was Boelcke uns sagte, war uns daher ein Evangelium. (...) erteilte Boelcke uns noch einige genaue Instruktionen, und zum ersten Male flogen wir im Geschwader unter Führung des berühmten Mannes, dem wir uns bildungs anvertrauten.” *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 103-4.

Começou um combate onde era importante para eu [sic] ficar atrás do sujeito, porque eu apenas poderia atirar na direção na qual voava. Isto não era necessário para ele, pois a metralhadora do observador podia alcançar todos os lados. Mas não parecia um principiante, porque ele sabia exatamente que no momento em que eu conseguisse ficar atrás, sua última hora chegaria. Naquele tempo, eu não tinha ainda a convicção que tenho agora ‘este tem que cair’, estava mais ansioso para ver *se* [grifo nosso] ele iria cair, e isto é uma diferença significativa. (...)

O adversário havia aparentemente me perdido de vista e voou direto em frente. Numa fração de segundos eu estava posicionado na sua cauda. Eu dei a ele uma rajada curta da minha metralhadora. (...) Então, de repente, a hélice do adversário não girou mais. Atingi! O motor foi feito em pedaços, e o inimigo tinha que pousar no nosso território. (...)

Eu não podia deixar de aterrissar também, aterrissei neste aeródromo desconhecido para mim, onde quase capotei o aeroplano. Chegando lá, eu descobri que minha pressuposição estava correta. O motor estava despedaçado, e ambos tripulantes estavam seriamente feridos. O observador morreu instantaneamente, e o piloto morreu enquanto era transportado para o hospital de campanha mais próximo. Mais tarde eu ergui uma lápide de pedra em memória do meu honorável inimigo morto em combate.

Quando voltei para casa, (...) eu orgulhosamente relatei pela primeira vez: ‘um inglês abatido’. Todos comemoraram, mas eu não fui o único vitorioso. Além de Boelcke (...) cada um de nós principiantes tinha conseguido sua primeira vitória em combate aéreo.⁴²

⁴² “Wir näherten uns dem Geschwader langsam, aber es konnte uns nicht mehr entgehen. Wir waren zwischen der Front und dem Gegner. Wollte er zurück, so mußte er an uns vorbei. (...) Es begann ein Kampf, in dem es für mich jedenfalls darauf ankam, hinter den Burschen zu kommen, da ich ja nur in meiner Flugrichtung schießen konnte. Er hatte es nicht nötig, denn sein bewegliches Maschinengewehr reichte nach allen Seiten. Er schien aber kein Anfänger zu sein, denn er wußte genau, daß in dem Moment sein letztes Stündlein geschlagen hatte, wo ich es erreichte, hinter ihn zu gelangen. Ich hatte damals noch nicht die Überzeugung, ‘der muß fallen’, wie ich sie jetzt voll habe, sondern ich war vielmehr gespannt, ob er wohl fallen würde, und das ist ein wesentlicher Unterschied. (...) Der Gegner hat mich scheinbar verloren und fliegt geradeaus. Im Bruchteil einer Sekunde sitze ich ihm mit meiner guten Maschine im Nacken. Eine Kurze Serie aus meinem Maschinengewehr. (...) Da plötzlich, der Propeller des Gegners drehte sich nicht mehr. Getroffen! Der Motor war zerschossen, und der Feind mußte bei uns landen (...). Ich mir

Liderança, método, disciplina. As ordens foram seguidas, e os inimigos, abatidos. A aproximação da esquadrilha e o posicionamento da mesma foram cuidadosamente planejados. Não havia chance de fuga.

Isso se passa no primeiro plano da narrativa. Subjacente à cadeia de eventos, há o divertimento do jogo. A excitação do iniciante em saber se vai vencer ou não; a satisfação de presenciar o motor do antagonista parar, a vitória finalmente reconhecida e comunicada à liderança. Finalmente, a alegria compartilhada com os demais debutantes. Os aviadores ingleses, que colaboraram decisivamente para essa vitória, não foram esquecidos. Lápides honraram aqueles bravos oponentes. Era necessário tanto saber vencer quanto saber perder. O *fair play* era essencial.

A concepção de *fair play* do barão é mais bem ilustrada em dois combates aéreos que tiveram lugar durante o ‘abril sangrento’ de 1917. O primeiro, na manhã do dia 2, foi contra um *biplace* – que, junto do próprio esquadrão, atacava o campo de pouso alemão. “Então, de repente um *freguês atrevido* [grifo nosso] resolveu de se atirar em cima de mim. Calmamente

das Landen nicht verkneifen konnte, und landete in dem mir fremden Flughafen, wo ich fast im Eifer meine Maschine noch auf den Kopf stellte. (...) Dort angekommen, fand ich, daß meine Annahme stimmte. Der Motor war zerschossen und beide Insassen schwer verletzt. Der Beobachter starb gleich, der Führer auf dem Transport zum nahen Lazarett. Meinen in Ehren gefallenen Gegner setzte ich zum Andenken einen Stein auf sein schönes Grab. Als ich nach Hause kam, (...) Stolz meldete ich zum ersten Male: ‘Einen Engländer abgeschossen.’ Sofort jubelte alles, denn ich war nicht der einzige; außer Boelcke, (...) war jeder von uns Anfängern zum ersten Male Sieger im Luftkampf geblieben.” *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 104-7.

deixei-o chegar, e agora começa uma dança divertida.”⁴³ Quando percebeu a situação desfavorável, o avião inglês tentou fugir. Porém era tarde demais. O observador continuou atirando, mas Richthofen não apenas conseguiu esquivar-se das balas, como também o abateu. Havia atingido a vitória número 32. “Era novamente um esplêndido caso de ousadia. Ele se defendeu até o fim.”⁴⁴

O segundo combate do dia, horas mais tarde, foi contra outro *biplace*. Um Sopwith 1 ½ Strutter foi vitimado. Os ingleses tentaram fugir, mas sem sucesso. O motor foi destruído pelos projéteis do barão. Após o pouso forçado dos ingleses – o fim da partida –, Richthofen os sobrevoou:

Mas ele era um sujeito teimoso. Ele *tinha que reconhecer que perdera*. [grifo nosso] (...) Mas esse camarada se defendeu, exatamente como o sujeito da manhã o fez, até que ele pousou. Após o pouso, eu voei sobre ele de novo a dez metros de altitude para verificar se o havia matado ou não. O que esse sujeito faz? Ele pega sua metralhadora e atira em toda minha máquina.

[Werner] Voss me disse depois, que se acontecesse isso com ele, o fuzilaria ainda no solo em seguida. Eu deveria ter feito isso mesmo, pois ele ainda não tinha se rendido. Esse camarada foi, realmente, um dos poucos sortudos que permaneceu vivo.

Muito alegre, voei para casa e pude celebrar o meu trigésimo terceiro [abate].⁴⁵

⁴³ “Da plötzlich fällt einem der frenchen Kunden ein, auf mich herunterzustoßen. Ich lasse ihn ruhig herankommen, und nun beginnt ein lustiger Tanz. ” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 135.

⁴⁴ “Es war wieder ein Fall glänzenden Schneids. Er verteidigte nich bis zum Letzten.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 136.

⁴⁵ “Er war aber doch ein hartnäckiger Bursche. Er mußte erkennen, daß er ausgepielt hatte. (...) Aber der Kerl verteidigte sich genau wie der von heute morgen, bis er unten gelandet

Apesar de estar numa guerra, guerra total, diga-se de passagem, a etiqueta de combate era essencial para Richthofen. Se o piloto é abatido e tem a sorte de continuar vivo, então é melhor não abusar da fortuna. A tripulação do primeiro avião *soube jogar até o fim*, mesmo que tendo morrido no processo. Já o piloto do segundo (o observador morreu durante a refrega), não soube. Trapaceou.

Há, pelo menos, dois níveis de leitura nessas passagens. Neste se manifesta a exigência do respeito às regras do jogo, do cumprimento do código de conduta cavalheiresco. Pode-se notar a reclamação infantil nas entrelinhas: ‘ele não soube brincar!’ Outro, mais profundo, revela uma dimensão humanística: ‘não precisamos necessariamente nos matar’. É mister saber a hora de se render. Jogar o jogo até o final, mas não insistir em continuar *depois* do final. Aqui se localiza a tênue fronteira entre guerreiros honrados e assassinos em série. A morte, na mente de von Richthofen, devia ter um significado. “É muito tolo morrer, de maneira desnecessária, a morte de herói.”⁴⁶ Diferentemente do modelo homérico – em que a afirmação da

war. Nach seiner Landung flog ich nochmals über ihn hinweg in zehn Meter Höhe, um festzustellen, ob ich ihn totgeschossen hatte oder nicht. Was macht der Kerl? Er nimmt sein Maschinengewehr und zerschießt mir die ganze Maschine. [Werner] Voß sagte nachher zu mir, wenn ihm das passiert wäre, hätte er ihn nachträglich noch auf dem Boden totgeschossen. Eigentlich hätte ich es auch machen müssen, denn er hatte sich eben noch nicht ergeben. Er war übrigens einer von den wenigen Glücklichen, die am Leben geblieben sind. Sehr vergnügt flog ich nach Hause und konnte meinen Dreiunddreißigsten feiern.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 138.

⁴⁶ “Es ist doch dumm, auf so unnötige Weise den Heldentod zu sterben.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 67.

própria *aristéia* se sobrepunha ao interesse coletivo –, o sentido da morte, para Richthofen, repousava no serviço à pátria e no auxílio aos companheiros.

O relato do abate e morte do ás inglês Lanoe Hawker não deixa transparecer nenhum sentimento de lamentação. Contudo, deixa claro o reconhecimento da qualidade do piloto, imediatamente percebido como nenhum iniciante. Não fica menos claro o orgulho de ter derrubado um adversário tão valoroso e famoso. Os prisioneiros o informaram-lhe que Hawker seria uma espécie de Boelcke inglês. Envaidecido, o barão pegou a metralhadora da aeronave de Hawker e a utilizou como enfeite da porta de entrada de seu alojamento.⁴⁷ Um troféu de uma vítima grandiosa.

Mesmo nas lacunas do relato do combate contra Hawker – o mais difícil que ele havia enfrentado até então –, é possível perceber o sentido que o barão dava à morte. Obviamente, a grandeza do adversário alimentou ainda mais o valor da vitória. A competição foi mortal, mas o posicionamento de ambos em lados opostos do conflito justificava o combate. Contudo, o respeito pelo antagonista não anula a sensação da *Jagdfeiber*. Toda a pulsão fornecida pelo divertimento do jogo encontrava uma justificativa moral.

Certa vez, um visitante assistiu, em terra, à esquadrilha de Richthofen em ação: um esquadrão inglês foi varrido dos céus, sem uma única perda alemã. O expectador achou a operação toda inofensiva, até que ficou chocado

⁴⁷ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 114-7.

quando presenciou os aviões adversários caindo em chamas. A primeira vez sempre é a mais difícil.

Aos poucos me acostumei com o espetáculo, mas devo dizer que me impressionou tremendamente, e por muito tempo sonhei quando vi o primeiro inglês despencar nas profundezas.⁴⁸

A visão, mesmo que fosse dos antagonistas, caindo em chamas sem chances de salvamento, não era algo bonito. Mesmo com a banalização da morte no cotidiano da guerra, a imagem da morte dos adversários, além da dos companheiros, atormentava Richthofen. Era também a lembrança sempre presente de que um dia chegaria o momento do barão.

No início da narrativa do *rote Kampfflieger* se estabelece uma relação tensa, resultante do confronto entre a euforia da *Jagdfieber* e o pesar por cada um dos antagonistas mortos. Daí a imagem do primeiro inglês morto, que o perseguia nos pesadelos. Daí também a lápide em memória dos inimigos abatidos.

Uma tentativa de resolução daquela tensão apareceu num pós-escrito da edição de 1917, incorporada em 1933, 'É somente pelo combate' (*Es geht nur um den Kampf*). O essencial num conflito é a aniquilação do inimigo. "Nada mais nos importa a não ser o abatimento [dos aviões adversários]. O bom

⁴⁸ "Ich habe mich an den Anblick so allmählich gewöhnt, aber ich muß sagen, mir hat es auch einen Mordseindruck gemacht, und ich habe noch lange davon geträumt, wie ich den ersten Engländer habe in die Tiefe sausen sehen." *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 139.

velho *Herr* Clausewitz já dizia que na guerra nada faz sentido, a não ser a destruição dos adversários.”⁴⁹ Portanto, toda ação tem que ser dirigida a esse fim pragmático, destruir a oposição e impedi-la de fazer o mesmo. Sentimentos, crenças, concepções pessoais não têm lugar no momento da batalha. Mas podem ser expressos em autobiografias, auto-informes ou confissões.

Richthofen desvelou mais uma faceta dessa questão no capítulo sobre o irmão, intitulado ‘Lothar, um atirador e não um esportista’ (*Lothar ein ‘Schießer’ und nicht ein Weidmann*). Na abertura, ele invoca a autoridade paterna: “meu pai faz uma distinção entre o caçador (esportista) e um atirador, cujo único prazer é atirar.”⁵⁰ Em seguida, observa que, enquanto ele apreciava cada combate, o irmão atirador valorizava a quantidade. *Mutatis mutandi*, seria a diferença entre um *gourmet* e um glutão.

A maior vitória de Lothar, contra o inglês Albert Ball, foi descrita por Richthofen em termos de uma ‘bela morte’. Essa vitória suscitou controvérsias. Os ingleses não reconhecem Lothar von Richthofen como o matador de Ball, preferindo atribuir sua causa a uma falha estrutural da aeronave, ou a condições de clima adversas.⁵¹ Não precisamos nos deter nessa

⁴⁹ “Es kommt bei uns auf nichts anderes an als auf dem Abschuß. Schon der gute, ganz uralte Herr Clausewitz hat gesagt, daß im Kriege nichts anderes Sinn hat als die Vernichtung des Gegners.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 198.

⁵⁰ “Mein Vater macht einen Unterschied zwischen einem Jäger (Weidmann) und einem Schießer, dem es nur Spaß macht, zu schießen.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 186.

⁵¹ Segundo o relato do *rote Kampfflieger*, o avião de Ball seria um Sopwith Triplane. “Os registros do Royal Flying Corps britânico não correspondem ao episódio descrito aqui.

discussão. Se a descrição dada por Manfred von Richthofen foi distorcida pela própria essência falível da memória, ou se ele estava assumidamente fazendo propaganda do país e do irmão, não nos interessa diretamente.

O que mais chama a nossa atenção é a observação final de Richthofen sobre o acontecido: o “capitão Ball havia destruído trinta e seis máquinas alemãs. Ele também encontrou um mestre. Ou foi por acaso que um [homem] grandioso como ele precisava morrer igualmente a morte de um herói normal?”⁵² Um guerreiro excepcional como Ball merecia algo mais, a ‘bela morte’. Uma morte comum seria uma ironia gigantesca do Destino, da Fortuna, dos deuses, seja lá como se queira nomear. Seria um desperdício e uma injustiça. Pelos seus feitos, Ball deveria conquistar seu ingresso no Valhalla.

Mas, do mesmo modo que entre os antigos, o reconhecimento dos feitos não se obtinha apenas em caráter póstumo. Havia, em adição, as promoções, as medalhas e a fama. O reconhecimento não acontecia apenas entre os companheiros, mas também pelos adversários.

Tanto a data do encontro quanto a descrição da aeronave diferem. Ball voava um S.E.5 no dia em que desapareceu.” Peter Kilduf, ‘Nota do tradutor’. Em *The Red Baron*, p. 102, n. 28. Contudo, deve-se observar que Ball foi visto pelos companheiros engajado contra um avião do Circo Voador. A análise dos destroços revelou que a causa da queda e morte do ás inglês foi o rompimento do duto de combustível, por um projétil germânico. Nesta conclusão elíptica, não há clareza se foi metralhado por outro avião ou por soldados em terra.

⁵² “hatte Captain Ball sechsunddreißig deutsche Apparate vernichtet. Auch er hat einen Meister gefunden. Oder war es Zufall, daß eine Größe wie er gleichfalls den normalen Heldentod sterben mußte?” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 185.

Richthofen iniciou o conflito como *Leutnant*, foi promovido a *Oberleutnant* (1º tenente) e depois a *Rittmeister* (capitão de cavalaria). Antes dessas promoções, foi agraciado com a maior condecoração alemã do período, a medalha *Pour le mérite*. Esta ordem foi instituída na Prússia do século XVIII, por Frederico II. A denominação em francês deve-se ao uso dessa língua pelo rei. A medalha chegou dias depois da indicação de Richthofen para o comando da *Jasta* 11.⁵³ Mais tarde, em 1917, ele reuniria sob seu comando também as *Jastas* 04, 06 e 10, criando a já citada *Jagdgeschwader* 1, o Circo Voador de von Richthofen.

Já firmado como aviador de caça e comandante de esquadrilha, Richthofen personalizou seu aeroplano. Assim garantia a identificação em ação, por ambos os lados. Oferecia, então, duas vantagens táticas: os comandados saberiam localizar imediatamente o líder e serviria de chamariz para os audaciosos ingleses, os quais, segundo o barão, não recusavam combates.

Um dia, sem razão particular, eu tive a idéia de pintar o meu caixote [sic] de vermelho brilhante. O resultado disso foi que meu pássaro vermelho impunha-se absolutamente a qualquer um. Também para os meus inimigos o fato parecia não ser desconhecido.⁵⁴

⁵³ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 117-9.

⁵⁴ “Aus irgendwelchen Gründen kam ich eines schönen Tages auf den Gedanken, mir meine Kiste knallrot anzupinseln. Der Erflog war der, daß sich mein roter Vogel jedem Menschen nnbedingt aufdrängte. Auch meinen Gegnern schien dies tatsächlich nicht ganz unbekannt geblieben zu sein.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 120.

Quando conseguiu abater um *biplace* britânico sem matar a tripulação, os prisioneiros afirmaram que já conheciam o avião. Eles o haviam apelidado de *Le petit rouge*.⁵⁵ Meses mais tarde, outro inglês aprisionado o nomeou *Le diable rouge*. Mas a máquina é que estava famosa, não o piloto. Corria a lenda do outro lado da colina que tal aeronave pertencia a uma mulher. Pois só uma mulher voaria em algo tão espalhafatoso.⁵⁶ Ser confundido com uma mulher não era bem o que ele esperava. Entretanto, ao invés de ficar indignado, reagiu de modo bem humorado.

Ao término do ‘abril sangrento’ o reconhecimento dos adversários finalmente chegou. Graças às observações da linha de frente, e informações obtidas junto aos prisioneiros e à própria publicidade na imprensa alemã, os ingleses, franceses e belgas se deram conta da preeminência de Richthofen. Dizia-se que o RFC designara um esquadrão especial para matá-lo ou capturá-lo.⁵⁷ Se isso de fato ocorreu, representou uma grande homenagem. Mas o silêncio das fontes britânicas não nos permite confirmá-lo.

De todo modo, os pilotos alemães notaram que os ataques britânicos eram voltados quase sempre contra o *petit rouge*. Para confundi-los, todas as aeronaves da *Jasta 11* foram pintadas de vermelho,⁵⁸ com a vantagem adicional

⁵⁵ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 121.

⁵⁶ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 141.

⁵⁷ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 158-9.

⁵⁸ As diferenças ficavam nos detalhes. Lothar pintou a cauda da aeronave de amarelo, Karl Allmenröder de branco e Kurt Wolff de preto. Cf. Lothar von Richthofen. ‘Berichte des Brudes (relatos do irmão)’ Em *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 207-8.

de não afugentá-los. Como escreveu o barão, “prefiro muito mais que a *clientela* [grifo nosso] venha a mim, do que ter que ir até ela.”⁵⁹

Graças a essa freguesia cativa, as vitórias da esquadrilha aumentavam e, com eles, a audácia e o ânimo bélico do personagem.

Voávamos juntos: Wolff, meu irmão e eu. Três contra três, isto combinava exatamente. (...) Meu oponente foi o primeiro a cair. Eu despedacei seu motor a tiros. (...) Eu não conhecia mais clemência, então o ataquei uma segunda vez, quando o avião desmanchou-se na rajada da minha metralhadora. (...) Voávamos para casa muito contentes e pensávamos: ‘oxalá o esquadrão anti-Richthofen venha freqüentemente’.⁶⁰

A narrativa, até então, havia reiterado o respeito do piloto aos mortos. Nessa altura, porém, Richthofen sentia-se livre para dar vazão ao seu espírito de aventura e à alegria de ver crescer sua lista de vitórias, mesmo às custas da eliminação dos seus pares.

Seria a fama do herói capaz de conduzi-lo à arrogância? Nos primeiros dias de maio de 1917, o jornal *Der Vossischer Zeitung* noticiou a existência do suposto esquadrão anti-Richthofen, composto por voluntários ingleses. Richthofen tinha quase certeza que o primeiro comandante desse suposto

⁵⁹ “Es ist mir ja viel lieber, die Kundschaft kommt zu mir, als daß ich zu ihr hingehen muß.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 159.

⁶⁰ “Es flogen zusammen: Wolf, mein Bruder und ich. Drei gegen drei, das paßte also ganz genau. (...) Meiner war der erste, der stürzte. Ich hatte ihm wohl den Motor zerschossen. (...) Pardon kenne ich nicht mehr, deshalb attackierte ich ihn noch ein zweites Mal, worauf das Flugzeug in meiner Geschosßgarbe auseinanderklappte. (...) Wir flogen sehr vergnügt nach Hause und meinten: ‚Hoffentlich kommt recht oft das Anti-Richthofen-Geschwader.‘” *Der rote Kampfflieger* (1933), pp. 159-60.

esquadrão foi o capitão Albert Ball.⁶¹ Valiosos prêmios teriam sido destinados àquele que conseguisse liquidá-lo. Richthofen, envaidecido, não se limitou a dar crédito ao boato. Chegou a zombar do suposto esforço britânico:

Mas como seria se essa situação fosse revertida? Como seria se eu abatesse [todo] o esquadrão inglês? Eu receberia a *Victoria Cross* [maior condecoração militar britânica], promoção, um avião próprio como presente, 5.000 libras esterlinas, e um prêmio especial da fábrica do avião que eu uso?⁶²

Finalmente, após o estudo sobre as questões do combate, do heroísmo e da morte, poderemos verificar as impressões sobre a recepção da obra no pensamento de Richthofen. Na edição de 1933, os dois últimos capítulos abarcavam esse aspecto.

As primeiras reflexões foram motivadas pelas cartas dos leitores do *rote Kampfflieger*. Notadamente feliz com tantas cartas, ele leu todas. Mas, por motivos óbvios, só respondeu uma pequena parte. Divertiu-se principalmente com o fato de cada leitor interpretar de um modo diferente a obra.⁶³ Empiricamente, ele chegou à intuição da emancipação do texto em relação às

⁶¹ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 185.

⁶² “Wie ist es aber nun, wenn es umgekehrt kommt? Wie ist es nun, wenn ich das englische Geschwader abschiesse? Bekomme ich dann auch das Victoria-Kreuz, Beförderung, ein eigenes Flugzeug als Geschenk, 5000 Pfund Sterling und einen besonderen Preis von der Flugzeugfabrik, deren Flugzeug ich benutze?” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 176.

⁶³ Entre as cartas relatadas, havia de um indivíduo glutão, o qual escreveu perguntando onde poderia conseguir ostras. Com o racionamento imposto pelo esforço de guerra, ele não achava mais essas iguarias para degustar. As ostras seriam a quintessência do livro. (p. 199) Noutra carta, um estudante lhe enviou um espelho de presente, ao concluir que faltava esse instrumento no *petit rouge*. (p. 200) Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933).

intenções do autor e do enriquecimento da obra pelas múltiplas leituras. Nada mal para quem não gostava de estudar.

Uma pessoa lhe enviou uma matéria publicada no jornal *Times*, de Londres, sobre o livro (uma resenha num bom jornal!). Em seguida, dois editores londrinos demonstraram interesse em publicar uma tradução inglesa do *rote Kampfflieger*. O único entrave seria resolver algumas questões jurídico-contratuais – que a Grande Guerra só contribuía para aumentar. Empolgado, Richthofen acabou por saudar o rei britânico da maneira apropriada: *God save the king!*⁶⁴

Havia também, como era de se esperar, um interesse demasiado do público feminino pelas aventuras do barão: “Um livro assim age algumas vezes catastroficamente nas emoções dos co-habitantes desta terra. Uma pessoa desafortunada me escreveu dizendo que me adora, ela já leu o meu livro sete vezes. A pobre criança!”⁶⁵ Diante de tal veneração, o vilão mostra-se canalha e o cavaleiros expressa pena ou solidariedade diante de tal pessoa. Mas ele não ficou desapontado diante de tal declaração.

O orgulho foi ainda maior diante do depoimento de uma jovem noviça apaixonada. A moça havia arranjado um retrato de Richthofen. Depois de uma severa reprimenda por parte da abadessa – pois nem noviça, nem freira poderiam ter fotos de homens na cela, por motivos óbvios – ela conseguiu um

⁶⁴ Em inglês no original. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 202.

⁶⁵ “So ein Buch wirkt aber auch manchmal verheerend auf das Gefühlsleben der Mitbewohner dieser Erde. Eine arme Person schrieb mir, sie liebe mich abgöttisch, sie habe mein Buch siebenmal gelesen. Das arme Kind!” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 201.

retrato de corpo inteiro de uma amiga, também freira, e colou o rosto do barão no corpo da amiga. Ele se sente lisonjeado e aprova completamente o subterfúgio da noviça.⁶⁶

As derradeiras linhas da autobiografia encontram-se no pós-escrito da edição de 1933, sob o título de ‘Pensamentos na tenda’ (*Gedanken im Unterstand*). Sozinho, após os combates diários, Richthofen não queria falar com ninguém. Desejava refletir sobre a memória que deixaria para a posteridade. Sua grande preocupação era que seus leitores fossem expostos a um Richthofen muito diferente daquele que se sentia, no íntimo. Tal receio lhe viera da releitura de seu relato, no qual se viu como um tipo um tanto quanto insolente. Para ele, essa imagem não era verdadeira.

Também se preocupou em esclarecer que não era movido pelo medo da morte. Sabia – como Aquiles – que esta o espreitava todo o tempo. A quem o havia aconselhado a parar de voar, respondia que

me sentiria miserável, se agora, estando com glória e condecorações, pudesse viver como um pensionista com honrarias, para preservar uma vida preciosa para a nação, enquanto cada pobre sujeito resiste na trincheira, que cumpre seu dever, que nem eu.⁶⁷

⁶⁶ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 202.

⁶⁷ “Ich würde mir aber sehr elend vorkommen, wenn ich jetzt, behaftet mit Ruhm und Orden, als Pensionär meiner Würde dahinleben würde, um mein kostbares Leben der Nation zu erhalten, während jeder arme Kerl im Schützengraben, der seine Pflicht genau so tut wie ich, ausharrt.” *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 204.

Acima do medo da morte, do instinto de auto-preservação, era necessário cumprir o dever. Se os outros camaradas arriscavam a vida cotidianamente, ele, elevado como figura exemplar, não poderia fazer menos. A guerra, em 1918, estava muito mais intensa. Diferentemente do que os civis poderiam pensar, não era mais tão brilhante; na narrativa autobiográfica, ela se mostrava agora mais séria e muito mais sombria.⁶⁸

Em 21 de abril de 1918, perseguindo um piloto inglês novato em fuga, do outro lado das trincheiras, Manfred von Richthofen foi alvejado por tropas de terra australianas. Um único projétil calibre .303 atravessou e estraçalhou o coração do piloto.⁶⁹ Foi enterrado pelas tropas australianas com plenas honras militares. Depois da guerra, em 1925, o corpo do barão foi trasladado para a Alemanha.

⁶⁸ Cf. *Der rote Kampfflieger* (1933), p. 204.

⁶⁹ Durante muitos anos, o crédito pela morte de Richthofen foi dado ao piloto canadense Roy Brown. Estudos recentes, no entanto, atribuem a morte dele a soldados australianos, em terra. Para maiores detalhes, ver: Dale Titler. *The day the Red Baron died*. New York: Ballantine Books, 1970.

Vida e vôos de Udet

Ernst Udet (26.04.1896 – 17.11.1941) foi o segundo ás alemão da Grande Guerra em número de abates. Foram 62 aeronaves derrubadas. Ao contrário de Richthofen, Udet já pilotava aviões e planadores antes do início do conflito, e continuou pilotando até a morte, durante a II Guerra Mundial. O esportista Udet se via muito mais como civil do que como militar. A idéia de obedecer a ordens cegamente não se ajustava com precisão na mente dele.

O relato de Udet foi escrito no início da década de 30, sendo finalizado em 1933. A primeira edição foi publicada dois anos depois sob o título *Mein Fliegerleben* (Minha vida de aviador).⁷⁰ Teve sucessivas reimpressões. Após o término da II Guerra, saiu uma nova edição, acrescida de um posfácio redigido por Jürgen Thorwald, amigo íntimo do aviador. Narra os últimos anos de vida de Udet, da publicação do livro até o suicídio, no fim de 1941. Neste período, ele ocupava o posto de *Generalorbest* (coronel-general) da Luftwaffe – tinha sido convencido pelo *Generalfeldmarshall* (marechal de campo) Hermann Göring a voltar à ativa. Traduzida para várias línguas, sua edição brasileira apareceu pela primeira vez em 1967.

As lembranças de infância foram narradas ao longo das experiências na guerra. Elas se impunham no reencontro com velhos companheiros, atadas

⁷⁰ Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*. Berlin: Verlag Ullstein, 1937.

aos amigos que já tinham morrido em combate. Mais do que uma exposição de vitórias aéreas e manobras acrobáticas, a narrativa da Grande Guerra em Udet é um registro de pessoas extraordinárias que conheceu, e que não conseguiram sobreviver ao conflito. O tom predominante é o de pesar. Ele foi uma vítima incompleta do embate de 1914-18, justamente por ter sobrevivido.

Durante uma licença médica, na primeira metade de 1918, Udet visitou a casa de seu melhor amigo, Otto Berger, morto em combate. O clima é lúgubre. *Herr* Berger, viúvo, estava sozinho. Os três filhos haviam sido convocados para a luta. Dois ainda estavam na frente de combate.

A conversa é entremeada de pausas e silêncios. Não havia muito que se falar. Ele foi deixado a sós no quarto de Otto. As lembranças de juventude e infância invadiram o ambiente. Havia desde modelos em escala de diversas aeronaves até a ata de criação do Aero clube de Munique, do qual eles eram membros fundadores. Nesta passagem, as reflexões aproximam-se do tipo bakhtiniano *social-de-costumes* e assumem um tom confessional:

Existe algo singular numa amizade entre meninos. Nós teríamos preferido ter as línguas cortadas, a deixar transparecer, ainda que por uma palavra, que nos queríamos bem. Somente agora que me dou conta de tudo isso. (...) 'se você quiser ficar com alguma coisa de Otto, Erni?', diz ele [*Herr* Bergen], 'você pode pegar o que lhe agrada. Você era o amigo de quem ele mais gostava'.⁷¹

⁷¹ "Es ist etwas Seltsames um eine Jungensfreundschaft. Wir hätten uns eher die Zungen abgebissen, als auch nur mit einem Wort angedeutet, daß wir uns gernhaben. Erst jetzt sehe ich alles vor mir. (...) ,Wenn du etwas von Ottos Sachen haben willst, Erni', sagt er, ,du

Nova lembrança de Otto surge meses depois. Após um *dogfight* mal sucedido, Udet tivera o avião atingido e se salvara pulando de pára-quadras.⁷² Tendo caído na terra de ninguém, com dificuldade chegara à linha de trincheiras germânicas. Enquanto aguardava o transporte que o reconduziria para a esquadrilha, encontrara outro amigo, Carl Moser. Neste encontro, as recordações da infância são inevitáveis:

‘você ainda se lembra... você ainda se lembra...? O mundo se afunda à nossa volta. Estamos de novo no *Oberwiesenfeld*: três garotos, Willi Götz, Otto Bergen e eu. E Carl [Moser] está deitado no chão, atrás de nós, em suas roupas domingueiras; mastiga um talo de grama e nos observa. Nós empinamos papagaios.

Uma garota bate palmas a cada nova partida. Willi Götz agarra-a, juntamos cinco panos de cortina, amarramo-los a ela e tudo levanta vôo. Ela grita como se estivesse sendo esfolada, e a mãe chega correndo, fugimos. Apenas Otto permanece, puxando lenta e cuidadosamente a linha, para trazer de volta os papagaios. A gorda senhora chora alto, e lhe dá bofetões de tempos em tempos.⁷³

kannst dir nehmen, was du magst. Er hat dich ja am liebsten von seinen Freunden gehabt.“ *Mein Fliegerleben*, pp. 87-8.

⁷² O pára-quadras foi utilizado apenas pelos alemães na Grande Guerra, e só a partir de 1918.

⁷³ “Weißt du noch... weißt Du noch...? Die Welt um uns her versinkt. Wir stehen wieder auf dem Oberwiesenfeld, drei Jungens, Willi Götz, Otto Bergen und ich. Und Carl liegt hinter uns auf der Erde im Sonntagsstaat, kaut an einem Grashalm und schaut uns zu. Wir lassen Drachen steigen. Ein kleines Mädchen begleitet jeden Start mit Händeklatschen. Willi Götz greift sie, fünf Rolloplane werden gekoppelt, sie wird darangebunden, und heidi geht’s hoch in die Luft. Sie schreit, als wenn sie am Spieße steckt, die Mutter kommt gerannt, wir reißen aus. Nur Otto bleibt. Er steht da und zieht langsam und vorsichtig die Drachen wieder ein. Die dicke Frau heult und haut ihm von Zeit zu Zeit eine Ohrfeige.” *Mein Fliegerleben*, p. 104.

A infância de Udet fica parecida, então, com a de Huckleberry Finn ou de Tom Sawyer. Aventuras e brincadeiras em profusão. Mas a guerra destruiria tudo isso. A memória irrompe *aqui e agora*, trazendo lembranças felizes e a dor da saudade pelos que se foram. Se a morte é a medida de todas as coisas, na Grande Guerra ela voa mais depressa: é o título do terceiro capítulo do livro de Udet (*Der Tod fliegt schneller*).⁷⁴ Igualmente, esse capítulo poderia ter sido chamado de O massacre da *Jasta* 15.

No princípio de 1916, Udet foi designado para a *Jasta* 15. Se em sua lotação anterior os combates eram esparsos, na região de Champanhe ele enfrentou situação contrária. Palco de uma febril atividade aérea francesa, essa era também a zona de atuação da *Escadrille des Cigognes*, a que pertenciam Charles Nungesser e, pior ainda, Georges Guynemer.

Entre uma morte e outra dos membros da *Jasta*, Udet narrava suas vitórias e seu cotidiano. Seu primeiro companheiro de quarto, *Leutnant* Esser, foi o primeiro a morrer. Após abater um Nieuport, foi visto pela última vez perseguindo outro avião francês. No dia seguinte, localizados os restos calcinados do aviador, Udet anotou: “o comandante de grupo escreve a seus pais, eu devo escrever à noiva, em Freiburg. É uma carta difícil, a mais difícil que já precisei redigir – mas eu ainda preciso escrever muitas destas cartas.”⁷⁵

⁷⁴ Cf. *Mein Fliegerleben*, pp. 43-62.

⁷⁵ “Der Abteilungsführer schreibt an die Eltern, ich soll an die Braut nach Freiburg schreiben. Es ist ein schwerer Brief, der schwerste, den ich je geschrieben habe – aber ich muß noch viele solche Briefe schreiben.” *Mein Fliegerleben*, p. 45.

A ação e o morticínio continuaram. Em 25 de maio, durante um vôo de barragem – utilizado para conter incursões de aviões adversários –, a derrubada de outro confrade recebeu uma descrição notável. A tranquilidade de um vôo de rotina foi violentamente encerrada:

Não sei se existe qualquer coisa como um sexto sentido. Mas subitamente, pressinto que algo nos ameaça. Descrevo um semicírculo – e nesse momento eu vejo:

Bem perto de mim, a menos de vinte metros, vejo o aparelho de Puz, envolto em fumaça e chamas. Mas Puz, Puz está sentado no banco, ereto, a cabeça levantada em meio ao braseiro, o rosto virado para mim. Eis que ergue agora o braço direito até o capacete. Pode ser a derradeira convulsão, sem dúvida. Mas parece que ele me faz uma continência – a última.

‘Puz!’, grito eu, ‘Puz!’

A máquina explode, a sua máquina mergulha no vazio, qual um meteoro em fusão, as asas arrancadas seguem-na, turbilhonando.

Estou tonto como após uma cacetada. Curvado sobre o bordo, sigo com os olhos cravados os destroços do avião. Um aparelho entra no meu campo visual, voa rapidamente para oeste, quinhentos metros abaixo de mim no mesmo momento sinto: isto só pode ser Guynemer!⁷⁶

⁷⁶ “Ich weiß nicht, ob es so was wie einen sechsten Sinn gibt. Aber plötzlich überkommt mich das Gefühl, daß uns eine Gefahr droht. Ich drehe eine halbe Kurve – und in dem Moment sehe ich: Dicht neben mir, kaum zwanzig Meter entfernt, den Apparat von Puz in Rauch und Flammen gehüllt. Puz aber, Puz sitzt starr, hoch aufgerichtet mitten in der Lohe, den Kopf mir zugewandt. Jetzt hebt er langsam den rechten Arm an den Sturzhelm. Es kann der letzte Krampf sein. Aber es sieht aus, als ob er mich grüßt – zum letztenmal. ‚Puz!‘ schreie ich, ‚Puz!‘ Da bricht seine Maschine auseinander, der Rumpf stürzt wie ein glühender Meteor lotrecht in die Tiefe, die abgebrochenen Tragflächen trudeln hinterher. Ich bin benommen wie von einem Keulenschlag. Ich starre über Bord den Trümmern nach. Eine Maschine schiebt sich ins Blickfeld, jagt in rasendem Fluge nach Westen, fünfhundert Meter unter mir. (...) Im gleichen Augenblick fühle ich: daß kann nur Guynemer sein!” *Mein Fliegerleben*, pp. 52-3.

Tratava-se, por assim dizer, de um ‘Guynemer clássico’. Com o sol às costas, ele caiu sobre o adversário desavisado. Puz (apelido de Hänisch) provavelmente morreu sem vislumbrar o algoz. A continência faz lembrar o capitão Ahab nos derradeiros momentos de *Moby Dick*: o acenar de braço seria um acenar ou um movimento involuntário?

No espaço de poucos meses morreram Esser, Hänisch, Reinhold, Müller, Glinckermann e Eichenhauer. À exceção de Udet, todos os membros originais da *Jasta 15* pereceram em 1916. Com tantas lembranças insuportáveis, ele pediu transferência para a *Jasta 37*.

Antes da transferência, encontrou-se mais uma vez com o temível ás francês, encontro memorável, também narrado de forma emocionante. Ao avistar um francês solitário, Udet voou na direção dele:

Haverá combate.

Confrontamo-nos na mesma altura, e lançados um contra o outro, quase raspamo-nos ao passar, zunindo.

Entramos na curva pela esquerda. O avião do outro brilha marron-claro ao sol. Começa então a caça em círculo. Visto do solo, pode parecer com os jogos amorosos de duas grandes aves de rapina, mas aqui de cima é um jogo com a morte. O primeiro que tiver o adversário pelas costas estará perdido, pois o *monoplace*, com suas metralhadoras fixas, só pode atirar para frente. Pela retaguarda, é indefeso.

Diversas vezes, passamos tão perto um do outro que distingo claramente, sob o capacete de couro, um rosto magro e pálido. Sob a fuselagem, entre as asas, há uma palavra em letras negras. Quando ele passa pela quinta vez –

tão perto que sou sacudido pelo vento de sua hélice, decifro: ‘*Vieux*’ está lá – *vieux* – o velho, isto é, a insígnia de Guynemer. (...)
Sei que será um combate de vida e de morte.⁷⁷

Este é um momento de extrema tensão. O menor descuido pode, e vai, significar a morte. Quando ele reconhece Guynemer, sabe que as chances de sobrevivência são muito reduzidas. Cada manobra do alemão, o francês antecipava o movimento.

Quando finalmente se apresentou uma oportunidade, o Spad passou pelo campo de tiro, as metralhadoras do Albatross germânico emperraram. À beira do desespero, Udet sabia que também não era possível fugir. Um mergulho e fuga, numa situação dessas, é um convite a ser metralhado por trás.

Continuamos a fazer nossos círculos. Uma corrida maravilhosa, se a aposta não fosse tão alta. Nunca encontrei um inimigo de tamanha habilidade tática. Durante alguns segundos, esqueço que aquele do outro lado é Guynemer, meu inimigo. Tenho a impressão de estar treinando com um

⁷⁷ “Es wird Kampf geben. In gleicher Höhe stoßen wir aufeinander zu, sausen haarscharf aneinander vorbei. Wir legen uns links in die Kurve. Der Apparat des andern glänzt hellbraun in der Sonne. Dann beginnt das Kreisen umeinander. Von unten mag das aussehen, als ob zwei große Raubvögel sich in Liebesspiel drehen, aber hier oben ist’s ein Spiel mit dem Tode. Wer den Gegner zuerst im Rücken hat, ist verloren. Denn der Einsitzer kann mit seinen fest eingebauten MG.s nur nach vorn heraus schießen, hinten ist ter wehrlos. Manchmal brausen wir so dicht aneinander vorbei, daß ich ein schmales, blasses Gesicht unter der Lederhaube deutlich erkennen kann. Am Rumpf zwischen den Flächen in schwarzen Buchstaben ein Wort. Als er zum fünftenmal an mir vorbeistreicht, so dicht, daß die Böen seines Propellerwinds mich hin und her schütteln, kann ich’s erkennen: ‚*Vieux*‘ steht da – *vieux* – der Alte. Das ist Guynemer Zeichen. (...) Ich weiß, daß es einen Kampf auf Leben und Tod gibt.” *Mein Fliegerleben*, p. 58.

velho companheiro, por cima do nosso campo de aviação. Mas essa impressão dura só alguns segundos.

Durante oito minutos, damos voltas. Foram os oito minutos mais longos da minha vida.⁷⁸

Males extremos requerem remédios extremos. Udet soltou o manche e passou a socar as metralhadoras com os dois punhos. Enquanto isso, Guynemer o sobrevoou invertido, e assistiu à cena. Nesse momento, opera-se um milagre. Nova surtida, invertida, sobre a cabeça do alemão, e “ele estende o braço e me faz um sinal, um pequeno sinal com a mão; depois mergulha e desaparece na direção do oeste, em direção da [sic] sua frente.”⁷⁹

Há diversas interpretações para a conduta de Guynemer. Ele poderia estar também com as metralhadoras emperradas, ou ficara receoso de que, num último ato desesperado, fosse abalroado. Udet rejeita todas essas conjecturas. Preferiu acreditar que ele estava imbuído de um espírito cavalheiresco tal, que não quis aproveitar-se de um adversário em dificuldades. “E é por isso que deposito esta coroa tardia sobre o túmulo desconhecido de Guynemer.”⁸⁰

⁷⁸ “Wir kurven weiter umeinander herum. Ein wundervolles Fliegen, wenn der Einsatz nicht so hoch wäre. Noch nie habe ich einen so taktisch klugen Gegner gehabt. Für Sekunden vergesse ich ganz, daß der da drüben Guynemer ist, mein Feind. Es kommt mir vor, als übte ich mit einem älteren Kameraden über unserem Flugplatz. Aber das ist nur für Sekunden so. Acht Minuten kurven wir umeinander herum, es sind die längsten acht Minuten meines Lebens.” *Mein Fliegerleben*, p. 59.

⁷⁹ “Er streckt die Hand aus und winkt mir, winkt ganz leicht und taucht im Sturzflug hinab nach Westen, in Richtung auf seine Front.” *Mein Fliegerleben*, p. 60.

⁸⁰ “Und deshalb lege ich diesen späten Kranz auf Guynemers unbekanntes Grab.” *Mein Fliegerleben*, p. 60.

Transferido para a *Jasta* 37, Udet foi indicado para o comando da esquadrilha, no início de 1918, após a execução de um ‘Guynemer clássico’ contra três ingleses, provavelmente novatos. Mergulhando com o sol às costas, fuzilou-os da esquerda para a direita. Não houve reação nenhuma por parte das vítimas; afinal, como na morte de Puz, o efeito de um ataque desses é paralisante. “Tudo não durou mais do que vinte segundos, (...) A guerra obriga o piloto de caça a aprender seu ofício ou [então] será morto. Uma terceira opção não existe.”⁸¹

No quarto capítulo, ‘Richthofen’, a ênfase da narrativa desloca-se para as vitórias aéreas e o reconhecimento do talento de Udet, deixando em segundo plano as mortes. É o momento de suavizar o enredo. No início de 1918, ele recebeu uma proposta irrecusável:

Alguém bate no meu ombro. Volto-me: Richthofen. (...)

‘Bom dia, Udet’, diz o *Rittmeister* (...).

Este é o homem que abateu até hoje sessenta e sete aviões. O melhor de todos nós. (...)

Seu carro espera em baixo, na estrada. Ele escalou o barranco, debaixo de chuva, para falar-me. Eu aguardo.

‘Quantas vitórias o senhor tem até hoje, Udet?’

‘Dezenove reconhecidas, uma inscrita.’ Respondo.

‘Hum, digamos vinte’, repetiu ele. Seu olhar pousa sobre mim e me examina.

‘Nesse caso você estaria maduro para nós. Teria vontade?’

⁸¹ “Das Ganze dauerte nicht länger als zwanzig Sekunden, (...) Man muß als Jagdflieger im Kriege sein Handwerk lernen oder kaputtgehen. Ein Drittes gibt es nicht.” *Mein Fliegerleben*, p. 63.

Se eu tenho vontade? Muita vontade até. E se fosse por mim, arrumaria as minhas coisas imediatamente e iria com ele.

Há muitas boas esquadrilhas de caça no exército, e a *Jasta 37* não é a pior delas. Mas há apenas um *Jagdgeschwader* Richthofen.

‘Sim senhor, *Herr Rittmeister*’, respondo.⁸²

A organização e o profissionalismo do Circo Voador o impressionaram. A maioria das esquadrilhas, de ambos os lados, instalava-se em castelos, bem distantes da frente. Executavam no máximo duas ou três missões por dia e apenas com boas condições meteorológicas. No *Geschwader* Richthofen, não. Ficavam instalados em barracões, próximos às trincheiras, sempre em alerta. Faziam pelo menos cinco sortidas diárias. Só condições climáticas extremamente adversas deixavam o Circo no chão.⁸³

Udet foi designado para a *Jasta 11*, comandada pessoalmente por Richthofen, que “faz questão de testar pessoalmente cada recém-chegado.”⁸⁴ Na primeira missão, eles toparam com um *biplace* inglês solitário, que estava regulando a mira da artilharia de terra. Udet mergulha sobre ele:

⁸² “Jemand klopft mir auf die Schulter. Ich fahre herum: Richthofen. (...) ‚Tag, Udet!‘ sagt der Rittmeister. (...) Das ist der Mann, der schon siebenundsechzig heruntergeholt hat. Der beste von uns allen. Sein Auto wartet unten auf der Landstraße, er ist durch den Regen die Böschung zu mir heraufgeklettert. Ich warte. ‚Wieviel Abschüsse haben Sie jetzt eigentlich, Udet?‘ ‚Neunzehn anerkannt, einer angemeldet‘, antworte ich. ‚Hm, zwanzig also‘, wiederholter er. Er blickt auf und sieht mich prüfend an. ‚Dann wären Sie ja eigentlich reif für uns. Haben Sie Lust?‘ Ob ich Lust. Riesige Lust sogar. Und wenn’s nach mir ginge, würde ich sofort aufpacken und mit ihm fahren. Es gibt viele gute Jagdstaffeln in der Armee, und *Jasta 37* ist nicht die schlechteste. Aber es gibt nur ein *Jagdgeschwader* Richthofen. ‚Jawohl, Herr Rittmeister‘, sage ich.” *Mein Fliegerleben*, pp. 65-6.

⁸³ Cf. *Mein Fliegerleben*, pp. 66-7.

⁸⁴ “legt Wert darauf, jeden Neuen persönlich zu erproben.” *Mein Fliegerleben*, p. 67.

Eu o ataco de frente. À maneira do tubarão, o pego por baixo e abro fogo à curta distância. Seu motor é crivado de balas. Imediatamente ele perde o equilíbrio, explode em seguida no ar. Seus destroços incendiados caem perto de Albert. (...)

Quando minha máquina aterrissa, ele [Richthofen] já está no campo. Ele vem até mim, com um sorriso nos lábios estreitos.

‘Você ataca sempre assim, pela frente, Udet?’ Pergunta ele. Há na voz uma certa nota de reconhecimento.

‘Já consegui alguns êxitos dessa maneira’ respondo, *num tom tão indiferente quanto possível*. [grifo nosso]

Ele torna a sorrir e se vira para ir embora. ‘Muito bem, amanhã você pode assumir o comando do *Staffel* 11.’ Diz ele por cima do ombro.

Que eu ganharia uma esquadrilha com ele, isto eu já sabia, mas a maneira de me informar me surpreende um pouco.⁸⁵

A admiração de Richthofen pela tática do companheiro, nessa operação, valeu a este a imediata ascensão ao comando de uma esquadrilha. Era o momento de colher os frutos sucesso, mas no relato de Udet mostra que ele não deixou transparecer nenhuma empolgação juvenil. Ao contrário, tentou parecer indiferente. Talvez ele se sentisse também como um apóstolo escolhido.

⁸⁵ “Ich greife ihn von vorn an. Von unten her stoße ich wie ein Haifisch auf ihn, feuere auf ganz kurze Entfernung. Sein Motor wird von den Schüssen durchsiebt. Er kippt sofort, platzt gleich darauf in der Luft auseinander. Die brennenden Trümmer stürzen dicht bei Albert herunter. (...) Als meine Maschine aufsetzt, steht er [Richthofen] schon auf dem Platz. Er kommt auf mich zu, ein Lächeln um den schmallippigen Mund. ‚Schießen Sie immer so von vorn ab, Udet?‘ fragt er. In Seinem Ton liegt eine gewisse Anerkennung. ‚Habe einige Male damit Erfolg gehabt‘, sage ich möglichst gleichmütig. Er lächelt wieder und wendet sich zum Gehen. ‚Übrigens, die Staffel 11 können Sie morgen schon übernehmen‘, sagt er über die Schulter weg. Das ich eine Staffel bei ihm bekommen würde, habe ich schon vorher gewußt, aber die Form der Mitteilung überrascht mich etwas.” *Mein Fliegerleben*, pp. 68-70.

A frieza e o distanciamento também eram úteis no trato com os adversários. Não pensar no ser humano que tombou do outro lado, ajudava a atuar com eficiência. Mas, não foi o que aconteceu no caso do duelo com o canadense Maasdorp.

Udet o abateu, atingindo-o na cabeça, após uma luta estressante. Ao visitar o hospital da linha de frente, pegou a carteira do aviador morto. Lá ele achou “uma fotografia de uma senhora idosa e uma carta: ‘você não deveria fazer tantos vôos contra os inimigos. Pense um pouco no papai e em mim.’”⁸⁶ A tensão do combate e essa carta tiveram efeito direto sobre a saúde do aviador. Com uma infecção no ouvido, Richthofen lhe ordenou que tirasse uma licença médica. “É terrivelmente duro para mim [sic] deixar agora minha nova esquadrilha e interromper no meio do sucesso [grifo nosso]. Ele [Richthofen] sabe disso, pois todos nós acreditamos mais ou menos na lei da série.”⁸⁷ Em 07 de abril de 1918, Udet voltou para casa, para tratar-se. Duas semanas depois, Richthofen morreria em combate.

Numa situação extrema como a guerra total, em que a morte se banaliza, um modo de suportá-la é aproveitar ao máximo qualquer momento de prazer e relaxamento.

⁸⁶ “Bild von einer alten Frau und ein Brief: ‚Du mußt nicht soviel Feindflüge machen. Denk doch an Vater und mich.‘” *Mein Fliegerleben*, p. 78.

⁸⁷ “Es fällt mir furchtbar schwer, jetzt meine neue Staffel zu verlassen, mitten im Erfolg abzubrechen. Er weiß das, denn mehr oder weniger glauben wir alle an das Gesetz der Serie.” *Mein Fliegerleben*, p. 79.

São poucas as alegrias aqui fora, e quando uma boa ocasião de rir se apresenta, nós a gozamos de bom grado e a fazemos render. Mesmo depois, no final da guerra, quando nós combatíamos como nadadores que estão se afogando, isto permaneceu assim.⁸⁸

Foi nesse espírito que ele narrou o episódio do prisioneiro inglês. Semelhante a uma anedota, a passagem não é apenas divertida. Patenteia ao leitor os valores da hospitalidade e da honra e como eles eram respeitados de ambos os lados.

Lothar von Richthofen havia abatido um major inglês, que conseguira pousar incólume. Porém, como este descera no lado alemão da frente, foi feito prisioneiro. Antes de ser enviado para o campo de detenção, os pilotos da *Jasta 11* lhe ofereceram uma festa.

O clima é cordial. As conversas versam sobre cavalos, cães e aviões. Não tratam da guerra, pois isso poderia dar a impressão ao hóspede – ele não foi tratado como inimigo, mas como convidado – de um interrogatório. A bebedeira era farta. A certa altura, o inglês levanta-se para ir ao banheiro. Como essa instalação ficava do lado de fora do alojamento, uma grande questão surge para os alemães: e se ele fugisse?

Enquanto o major andava em direção ao banheiro, os membros da *Jasta* o vigiaram disfarçadamente, pela janela. Seria uma gigantesca descortesia com o convidado ostentar a vigilância. “A hospitalidade é *coisa sagrada* [grifo nosso],

⁸⁸ “Die Freuden hier draußen sind dünn gesät, und wenn irgendwo mal ein Spaß ins Kraut schießt, genießt man ihn dankbar und lange. Selbst nachher, am Ende des Krieges, als wir kämpften wie ertrinkende Schwimmer blieb das so.” *Mein Fliegerleben*, pp. 72-3.

e nossa desconfiança poderia ofendê-lo.”⁸⁹ Ele entrou no banheiro. Como as portas não iam até o chão, suas botas ficaram visíveis. Mausezahn, o único a não relaxar ao percebê-lo, começou a construir toda uma teoria de evasão dos captores: “‘Rapazes’, diz ele, sem fôlego, ‘aquele sujeito não está mais nas botas. Deu o fora de meias, saltando o muro do fundo. As botas não podem ficar nessa posição, quando...’”⁹⁰ Antes que Mausezahn terminasse de explicar a ergonomia das pernas num vaso sanitário, o inglês saiu da cabine e retornou ao alojamento. Todos tentaram parecer despreocupados, mas, ele percebeu:

‘Eu não me perdoaria jamais se enganasse as pessoas que me dão semelhante hospitalidade’. Disse o major inglês, bebendo à nossa saúde, com um pequeno sorriso nos lábios. Nós lhe agradecemos com uma seriedade solene.⁹¹

No dia seguinte, o inglês foi encaminhado à prisão. Dias depois, outro piloto, que não estava presente na festa, Meyerchen, chegou com uma notícia curiosa: um prisioneiro inglês que estava sendo escoltado para um campo, havia escapado do trem que o conduzia, pelo toalete.

⁸⁹ “Die Gastfreundschaft ist heilig, und unser Mißtrauen könnte ihn beleidigen.” *Mein Fliegerleben*, p. 74.

⁹⁰ “‘Kinder’, japst er atemlos, ‚der steht nicht mehr in seinen Stiefeln drin. Der ist in Strümpfen über die Hinterwand gesetzt und auf und davon. So können die Stiefel ganz unmöglich stehen, wenn...’” *Mein Fliegerleben*, p. 74.

⁹¹ “‘Ich würde es mir nie verzeihen, solche Gastgeber zu enttäuschen’, sagt der englische Major und trinkt uns zu, ein kleines Lächeln um die Mundwinkel. Wir danken ernst und feierlich.” *Mein Fliegerleben*, p. 75.

‘Era um major?’ Pergunta comovido Mausezahn.

‘Tu és vidente, homem?’ Brada Meyerchen. ‘Realmente era um major aviador inglês.’

‘Por conseguinte do W.C.!’ Grita Mausezahn.

Meyerchen lança um olhar perplexo. Nós rimos até o queixo doer.⁹²

O major poderia muito bem ter fugido do alojamento, mas só fugiu quando já estava sob custódia da guarda de terra. Ele respeitara a hospitalidade dos iguais.

Outro episódio pitoresco se encontra no relato da licença médica. Udet cortejou Lo e a pediu em casamento. Com o aceite dela, os dias ficaram muito mais leves. Nesse ínterim, ele foi agraciado com a *Pour le mérite*. Para impressionar a dama, encomendou a medalha numa loja de Berlim; adiantando assim, em semanas, a exibição da cobiçada condecoração.

Desfilando por Hamburgo, com a medalha no pescoço e com a noiva orgulhosa no braço, a guerra parecia uma realidade distante. Quando eles passaram pela prefeitura, a sentinela chamou o resto da guarda para uma continência especial. Perfilaram-se e apresentaram armas. Exibindo falsa modéstia, Udet explicou a Lo, de um modo casual e displicente,⁹³ que as sentinelas tinham que fazer esse ritual diante dos portadores da ordem do mérito. Lo então pede para passar mais uma vez defronte da prefeitura. E

⁹² “,War’s ein Major?’ fragt Mausezahn erregt. ‚Bist du Helseher, Mensch?’ fährt Meyerchen auf. ‚Wahrhaftig, er war ein englischer Fliegermajor.’ ‚Also doch aus dem W.C.!’ schreit Mausezahn. Meyerchen sieht sich verdutzt um. Wir lachen, daß uns die Kinnladen schmerzen.” *Mein Fliegerleben*, p. 75.

⁹³ Cf. *Mein Fliegerleben*, p. 93.

depois pede de novo. “A vaidade das mulheres é insaciável. Se fosse por ela, passaríamos o resto da manhã fazendo sair e entrar a guarda. Mas faço greve. A guarda não é um brinquedo de meninas. Lo fica amuada.”⁹⁴ Esses dias alegres foram interrompidos pela súbita notícia da morte de Richthofen.

Quando retornou ao esquadrão, o cotidiano da guerra havia se deteriorado. Além da superioridade numérica dos inimigos, faltava tudo na frente, desde combustível até munição. Essa situação prolongou-se até o desfecho do conflito. “E aí vem o fim, incompreensível para nós, que combatemos até o último momento, uma paz que nenhum de nós entende. Um certo dia eu estava segurando um papel nas mãos.”⁹⁵ Era a carta de desmobilização. A partir de então, até o retorno ao meio militar, já no III *Reich*, a sobrevivência de Udet viria de diversas improvisações: shows aéreos, filmes e expedições.

Nos escritos de Udet, não há preocupação em atribuir sentidos maiores à guerra. Do mesmo modo silencioso que ela começou, também terminou. A Grande Guerra para ele foi o tempo em que se tornou adulto, conheceu pessoas extraordinárias e, também, perdeu pessoas extraordinárias. *Mein*

⁹⁴ “Frauen sind unersättlich in ihrer Eitelkeit. Wenn es nach ihr ginge, würden wir den Rest des Vormittags damit zubringen, die Wache raus und rein treten zu lassen. Aber da streike ich. Die Wachtruppe ist kein Spielzeug für kleine Mädchen. Lo schmolzt.” *Mein Fliegerleben*, p. 93.

⁹⁵ “Und dann kommt das Ende, unfassbar für uns, die wir bis zuletzt gekämpft haben, ein Friede, den keiner von uns versteht. Eines Tages halte ich ein Papier in den Händen.” *Mein Fliegerleben*, p. 117.

Fliegerleben é o registro de uma alternância de excitação e abatimento alternados, quase como se sofresse de um distúrbio bipolar.

V – Os poucos

Bandits at 8 O'clock move in behind us (...)

Heading straight for them I press down my guns (...)

Run, live to fly, fly to live, do or die

Won't you run, live to fly, fly to live, aces high.

Iron Maiden, Aces high.

Tommy vai à guerra

As perspectivas do Estado-Maior britânico acerca do uso militar do avião, em 1914, eram muito menos otimistas do que as dos demais comandos militares. Apesar da dificuldade de enxergar em prospectiva o desenvolvimento da arma aérea, a Grã-Bretanha foi a primeira a implantá-la como força independente, em abril de 1918.

É importante frisar esse aspecto, do relativo pouco investimento em aviação nos primeiros anos do conflito, pois até o início de 1916, as forças armadas britânicas também estavam carentes de material humano. Essa carência se devia a uma característica primordial do exército britânico até então: era constituído por voluntários.

Desde o ciclo revolucionário inglês, ao longo do século XVII, alguns pensadores opunham-se a um exército permanente e, ainda mais, ao alistamento compulsório – prática surgida com a Revolução Francesa. O grande medo suscitado por um exército permanente era a possibilidade da utilização do mesmo pelos governantes para oprimir a população e revogar direitos.¹ Já o medo advindo do alistamento obrigatório referia-se à eliminação física de parte da população, tal como na imagem extrema invocada por Lênin: capitalistas mandando trabalhadores para a morte certa na frente de batalha. Enquanto a *Royal Navy* tinha um contingente estável, o aumento de efetivos do exército apenas se processava em épocas de crise, como durante as guerras napoleônicas. Esse aumento do número de conscritos, convém ressaltar mais uma vez, era inteiramente alimentado por voluntários.

Franceses e alemães não possuíam tais limitações. Desde 1792 (França) e das reformas administrativo-militares na esteira do desastre de Jena,² em

¹ O exército permanente – e sua expressão mais extrema, o alistamento obrigatório – pode gerar, no horizonte de expectativas, várias preocupações. Thomas Jefferson, do outro lado do Atlântico, já alertava em seus escritos políticos: “Há instrumentos tão perigosos para os direitos do povo e que o colocam tão inteiramente à mercê de seus governantes que estes, seja Legislativo ou Executivo, deviam ser impedidos de manter tais instrumentos montados, salvo em casos bem definidos. Tal instrumento é o exército permanente.” ‘Escritos políticos’. Em *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 06. Já Adam Smith caminha na direção contrária, ao partir de três pressupostos: 1) É dever do soberano defender a sociedade contra agressões de outros países; 2) Quanto mais rica a nação, maior a possibilidade da ocorrência de um ataque e 3) Quanto mais civilizada (terminologia do autor) a sociedade, mais tenderá ao uso de um exército profissional. Smith advoga o uso do exército efetivo, como uma necessidade crescente, diretamente proporcional ao grau de civilização do país. Ver ‘Os gastos com a defesa’. Em *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, vol. II, pp. 173-87.

² O exército prussiano, montado cuidadosamente ao longo dos anos, foi destruído em 1806 pelas tropas napoleônicas, na batalha de Jena. Após esse desastre, um grupo de notáveis foi encarregado pelo rei de reformar o Estado e exército prussianos. Nesse grupo, figura o jovem oficial Carl von Clausewitz.

1806 (Prússia), ambos os Estados aplicaram, como tantos outros subseqüentes, o alistamento obrigatório. Era a garantia de um número mínimo de recrutas em tempos de paz. Diante de algum conflito de maiores proporções, os reservistas podiam ser convocados, aumentando assim a quantidade dos soldados em luta.

Até 1916, o exército britânico dispunha apenas da propaganda nacionalista, diga-se de passagem, muito poderosa, para compor os efetivos. Contudo, nesse momento, não era suficiente. O moedor de carne das trincheiras exigia cada vez mais e mais soldados. Nesse ano, em janeiro, o Parlamento aprovou a lei que instituía o alistamento obrigatório. Todos os homens ingleses, galeses e escoceses, entre 18 e 40 anos, residentes na metrópole e que não trabalhassem diretamente no esforço de guerra, como operários especializados das indústrias bélicas, por exemplo, estavam obrigados a servir às forças armadas.³

Mesmo nesse período de união nacional contra o inimigo externo, a medida não entrou em vigor sem resistências. Os ministros trabalhistas do governo renunciaram imediatamente após a apresentação da proposta de lei. Os efetivos cresceram e os serviços aéreos ingleses, RFC e RNAS seguiram a mesma proporção.⁴ Os investimentos em ampliação e pesquisa da arma aérea também aumentaram consideravelmente no período.

³ Cf. Carlos Banus. *Historia universal – tomo XLIV: historia de la guerra de 1914*. Barcelona: Montaner Y Simón, 1929, p. 201.

⁴ O RFC (*Royal Flying Corps* – Corpo Aéreo Real) e o RNAS (*Royal Navy Air Service* – Serviço Aéreo da Marinha Real) eram as armas aéreas do exército e da marinha da Grã-

O recrutamento de pilotos era operado no interior das forças armadas. Devido à complexidade técnica dos aviões e dos estudos sobre a mecânica do voo, os selecionados tinham que ter um nível mínimo de escolaridade. Parte dos cadetes fazia os cursos teóricos em Oxford. Contudo, essa parte do curso acabou por se tornar uma formalidade. Devido ao número crescente de pilotos a serem repostos nos esquadrões baseados na França, a reprovação nas provas escritas não impedia o cadete de continuar o curso de formação.⁵

O treinamento prático também enfrentava problemas. Era tumultuado, confuso e não muito eficiente. Ao fim da guerra 14.166 pilotos britânicos haviam morrido. Desses, cerca de 8.000 (mais da metade) morreram durante o treinamento na Grã-Bretanha.⁶ É ainda mais impressionante quando se compara com os treinamentos de alemães e franceses. Nesses dois países, a proporção de acidentes durante os treinamentos era muito menor.

Essa estatística alarmante não passou despercebida pelo Parlamento. No entanto, a culpa por essas mortes foi atribuída à indolência juvenil.⁷ Um estudo mais cuidadoso e sincero, no entanto, se fosse empreendido, poderia mostrar que o treinamento em massa, aliado à pressa para habilitar novos pilotos, seria o principal responsável. Tal estudo causaria, no mínimo, um

Bretanha. Em 1918 ambos foram fundidos num único órgão: a RAF (*Royal Air Force* – Força Aérea Real). A aeronáutica inglesa foi a primeira a tornar-se autônoma.

⁵ Cf. Denis Winter. *The first of the few: fighter pilots of the First World War*. Athens: The University of Georgia Press, 1983, p. 29.

⁶ *Ibidem*, p. 36.

⁷ *Ibidem*, p. 37

grande mal estar político. Afinal, tal conclusão levaria a um questionamento sobre a própria natureza de guerra que estava sendo travada.

Essa situação só melhorou após a adoção de um novo sistema de treinamento, em fins de 1917, denominado Programa Smith-Barry. Não eliminou os acidentes, mas os diminuiu sensivelmente.⁸ O piloto inglês que completava o ciclo de treinamento e chegava a ser designado para um esquadrão na frente de luta já podia se considerar um vencedor, ou, pelo menos, um sobrevivente.

Desembarcados na França, os pilotos da BEF esperavam até serem designados para as unidades. Enquanto os franceses neófitos treinavam diretamente nas *esquadrilles*, nos intervalos das patrulhas, os ingleses tinham que esperar, como se estivessem numa espécie de limbo, até entrar em serviço. “Isso podia significar uma espera de mais de três semanas, desde que não houvesse aviões disponíveis; enquanto isso pilotos perdiam acentuadamente suas habilidades recentemente adquiridas.”⁹

Recém chegados à nova lotação, os pilotos eram geralmente recebidos de modo frio pelos oficiais comandantes. Essa recepção fria se devesse às más expectativas criadas pelas estatísticas. A maioria dos novatos não durava muito.

⁸ “Antes da adoção, [a] Ala 23 calculava trinta e cinco mortes e setenta e cinco acidentes menores mensalmente; depois disso, dezesseis mortes mensais tornaram-se a norma.” *Idem*.

⁹ *Ibidem*, p. 57.

Sem checar qualquer registro, ele [o oficial comandante] sabia que 80 por cento das perdas aéreas se davam entre pilotos que tinham voado menos do que vinte missões e isso, mesmo se o piloto sobrevivesse às vinte, as chances [de óbito] diminuiriam apenas lentamente porque, se 70 por cento das perdas entre os aviadores no primeiro ano eram atribuídas diretamente a erros de pilotagem mais do que ao virtuosismo do inimigo, então [a média de mortes] era apenas 30 por cento entre homens no segundo ano e 12 por cento entre veteranos no terceiro ano.¹⁰

Em outras palavras, quem se mantinha vivo adquiria experiência suficiente para não errar, ou errar menos, e, com alguma sorte, sobreviver. O problema primordial era justamente viver o bastante para ganhar tal experiência.

Como a aviação de caça é uma atividade a ser desenvolvida em equipe, nos esquadrões a ênfase no trabalho com os novatos recaía no aprendizado do vôo em formação. Se mesmo os veteranos sentiam dificuldades e tinham que ficar atentos à formação, pode-se imaginar pelo que passavam os novatos. Não era apenas acompanhar os demais aviões, acelerando e desacelerando conforme a situação. Também era fundamental prestar atenção para não se separar dos demais nem, no outro extremo, colidir com os companheiros.¹¹

Esse tipo de vôo apresentava mais dificuldades ainda com o cotidiano dos combates. Além de voar prestando atenção na própria aeronave e nas dos camaradas, a cada trinta segundos os pilotos deveriam esquadrihar os céus em busca de aeronaves inimigas. Inclusive e principalmente na direção do sol. Era naquela direção que os imitadores de Georges Guynemer gostavam de

¹⁰ *Ibidem*, p. 66.

¹¹ *Ibidem*, pp. 70-2.

atacar (vide capítulo IV). A guerra não permitia a contemplação impune das paisagens. Naquele intervalo de tempo, o líder da formação mudava a direção de vôo. Voar em linha reta era quase morte certa; era um convite para ser metralhado por trás.

A pressão sofrida pelos pilotos, mais aguda nos novatos, era tamanha que suscitou o fenômeno atualmente denominado *fogo amigo*. Trata-se da situação em que o guerreiro é alvejado pelos próprios companheiros ou aliados. O estresse do combate somado à falibilidade do olhar humano pode fazer com que até mesmo um veterano confunda um aeroplano amigo com inimigo, ou vice-versa. Após ter sido atingido duas vezes por aviadores franceses, o norte-americano Edward Rickenbacker aprendeu a não confiar em nenhuma máquina nos céus.¹² Na dúvida, os pilotos atiravam antes de identificar o avião. Ainda hoje, quase um século após a Grande Guerra e a despeito da tecnologia, o *fogo amigo* ainda faz vítimas.¹³

As informações providas pela BEF sobre o inimigo também eram falhas. Apenas na prática cotidiana os pilotos ingleses passavam a conhecer os alemães. Um panfleto do Ministério do Ar britânico, de 1918, era bastante

¹² *Ibidem*, p. 72.

¹³ Os exemplos são inúmeros. Na atual guerra contra o Iraque, soldados americanos foram mortos por ingleses, ingleses por norte-americanos e italianos por ingleses, apesar de todos serem aliados. Há um bom exemplo do inverso, tomar o inimigo por amigo, que aconteceu com um ás japonês da II Guerra Mundial, Saburo Sakai. Declarado incapaz para o vôo depois de perder um olho, Sakai ignorou as ordens médicas e continuou voando. Pensando ter visto uma esquadrilha de A6M Zero, entrou em formação com seis aviões. Contudo, ele logo percebeu que não eram Zeros, mas F6F Hellcats, da marinha dos Estados Unidos. Felizmente para o piloto japonês, os norte-americanos eram inexperientes. Ele conseguiu abater dois, afugentar os demais e pousar em segurança. Naturalmente, acatou o conselho médico e ficou em terra até o final do conflito. Teve sorte de viver o bastante para aprender com os próprios erros.

revelador nesse sentido. Afirmava que os alemães eram pilotos ruins e também tinham o moral muito baixo. A conclusão lógica seria que abatê-los não apresentaria nenhuma dificuldade; seria uma atividade simples de levar a cabo. Contudo, na seqüência do texto havia uma ressalva: eles jamais deviam ser atacados sem superioridade numérica.¹⁴ É a tênue linha que separa a ficção propagandística da crença na mesma.

Panfletos assim serviam para mascarar, ainda que de maneira desajeitada, as deficiências do treinamento inglês, em comparação com o francês e o alemão. Não apenas o treinamento alemão era superior, mas os novatos germânicos tinham uma supervisão mais bem cuidada, até a aquisição da tão valiosa experiência de combate.

Do lado inglês, a preparação prática do novato pode ser exemplificada pelas instruções recebidas por Wilfred R. May, do esquadrão 209, que quase se tornou a 81ª vítima de Manfred von Richthofen: se os inimigos aparecerem, fuja para a base. O que impediu a morte de May, em 21 de abril de 1918, foi justamente a morte de Richthofen, pelas tropas terrestres australianas, quando este o estava perseguindo.

As estatísticas podem lançar alguma luz sobre esse quadro. Ao todo a Grã-Bretanha perdeu sobre a frente ocidental 6.166 pilotos (mais 8.000 em treinamento doméstico). Os alemães perderam 5.853. Os ingleses combateram apenas os alemães. Estes, no entanto, também combateram franceses, belgas,

¹⁴ Cf. Denis Winter, *op. cit.*, p. 74.

norte-americanos e russos. Esse detalhe acentua ainda mais as perdas. No embate direto RFC / RNAS / RAF *versus* o serviço aéreo alemão, os números são ainda mais impressionantes. Em 1915, foram 50 britânicos mortos para 27 alemães; em 1916, 357 para 67; em 1917, 1.811 para 296 e em 1918, 2.508 para 662.¹⁵ Ao todo foram 4.726 ingleses mortos contra 1.052 alemães, uma proporção de quatro para um. Esses dados, colhidos ainda em 1919, podem estar incorretos. No entanto, para mais ou para menos, a superioridade de perdas britânicas foi patente.

Mas também devemos observar que outro motivo para tal desproporção de perdas era o tipo de patrulhas empreendido por ambos os lados. Os alemães agiam com cautela e quase sempre preferiam patrulhar o próprio território. Esperavam que a clientela viesse até eles, no dizer de Richthofen. Já os ingleses executavam patrulhas agressivas, sobre o território inimigo, a fim de mantê-los sob pressão constante. A pressão era exercida, mas o preço era demasiado alto.

Esse foi o quadro conjuntural vivenciado pelo inglês Edward Mannock e o canadense William Bishop, que serviram o Royal Flying Corps / Royal Air Force durante a Grande Guerra.

¹⁵ *Ibidem*, pp. 76-7.

Um herói na contramão: Mannock

Edward Mannock (21.05.1889 – 26.07.1918) foi o ás com maior número de abates a serviço da Grã-Bretanha. Derrubou um total de setenta e três aeronaves. No cômputo geral do conflito de 1914-18, ficou atrás apenas do francês René Fonck (75) e do alemão Manfred von Richthofen (80).

Entre 1º de abril e 05 de setembro de 1917, ele manteve um diário pessoal. Muitas vezes, ficava dias sem registrar nada, por excesso de missões ou mesmo por conta de cansaço e preguiça.¹⁶

Após a morte de Mannock, o diário foi enviado à família. Contudo, logo depois da guerra, esta se dispersou e o diário desapareceu. Apenas em 1963, um biógrafo do piloto, Frederick Oughton, o localizou numa coleção particular. Em 1966 Oughton publicou o diário, de modo fac-similar, acompanhado da transcrição. Acrescentou ainda um esboço biográfico em duas partes e notas explicativas.

Mannock nasceu em Brighton, Inglaterra. Filho de um oficial subalterno irlandês, passou grande parte da infância na Índia. Desde esses tempos sofreu uma doença desconhecida, que pouco a pouco lhe tomou a visão do olho esquerdo. Tal experiência traumática contribuiu para fazê-lo

¹⁶ Edward Mannock. *The personal diary of Major Edward 'Mick' Mannock – V.C., D.S.O. (2 bars), M.C. (1 bar), Royal Flying Corps and Royal Air Force*. London: Neville Spearman, 1966, p. 45.

uma pessoa introvertida. “Ele se tornou uma criança calada, devotada a ler e estudar animais e pássaros.”¹⁷

Após retornar da Índia, o pai de Mannoek foi enviado à África do Sul, para tomar parte na guerra dos Bôeres. A esposa e as crianças permaneceram na Inglaterra. Nesse período, depois de consultas com vários médicos e cirurgias militares e realizar diversos exames, a esperança de recuperar a visão do olho doente desapareceu. Finda a guerra bôer, o pai resolveu abandonar o exército e a família. Assim iniciou-se um longo período de dificuldades financeiras. Mãe e filhos usavam roupas remendadas e a comida era feita de modo a aproveitar o máximo custo/benefício. Mesmo com todos esses atropelos, o menino completou o ciclo básico de estudos.

Os primeiros empregos que ele conseguiu eram modestos: foi atendente na mercearia local e, em seguida, exerceu o ofício de barbeiro. Depois disso, foi admitido como escriturário na National Telephone Company, em Canterbury. Entediado com o serviço burocrático, conseguiu transferência para a seção de instalação de postes telefônicos. Passou a trabalhar na cidade de Wellingborough. Além do emprego, também se alistou na unidade territorial da região, onde recebeu instrução militar básica. Nesse momento, teve contato com idéias socialistas.¹⁸

Em fevereiro de 1914, foi enviado pela companhia ao Império Otomano, para trabalhar na mesma função. Quando a guerra eclodiu, em

¹⁷ Frederick Oughton. ‘Biographical sketch of Mick Mannoek – part one’. Em Edward Mannoek. *The personal diary...*, p. 11.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, pp. 13-6.

agosto, ele e os colegas de trabalho foram internados num campo de prisioneiros. As condições na prisão otomana eram as piores possíveis. Devido à má alimentação e condições sanitárias deficientes, Mannoock sofreu de disenteria, erupções na pele e dores generalizadas; perdeu muito peso. As roupas esfarrapadas e folgadas acentuavam ainda mais sua aparência cadavérica. Após muitos apelos da Cruz Vermelha, os ingleses foram libertados, demorando dois meses para chegar à Inglaterra, via Bulgária e Grécia. O único sobrevivente da jornada foi Mannoock.¹⁹

De volta à terra natal, ele apresentou-se à unidade de territoriais. Contudo, ansioso por ação, requereu transferência para o Real Corpo de Engenheiros. “Tudo que ele desejava era matar o inimigo. Numa carta para casa, escreveu: ‘serei um oficial de túneis e explodirei os bastardos.’”²⁰ No entanto, apesar de toda vontade de despedaçar os adversários, ele não se adaptou ao novo grupamento. Suas opiniões socialistas, o ódio pelas divisões de classe e o desdém pela vida social o fizeram impopular na cantina do quartel (*mess*). Em pouco tempo, ele já desejava transferir-se para outra unidade. A chance surgiu ao encontrar um velho amigo, que o convenceu a transferir-se para o RFC. O oficial comandante não apresentou qualquer obstáculo para a nova transferência.

Apesar do olho cego, Mannoock burlou os exames médicos, obtendo sorrateiramente o papel de teste do exame de vista. Memorizou aquele papel e

¹⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 16-7.

²⁰ *Ibidem*, p. 17.

enganou os médicos. Assim foi declarado apto para pilotar. Durante o treinamento, ainda se envolveu em vários problemas. Resumidamente, seus percalços tinham a ver com a disciplina. Ele tinha sérias reservas quanto à obediência a padrões sociais e à autoridade.²¹

Um dos últimos incidentes disciplinares envolveu o já então famoso piloto James McCudden – ás de 58 vitórias, na época, e detentor da *Military Cross*, entre outras condecorações. Em visita ao local de treinamento, McCudden ensinava os pilotos, tanto na teoria quanto na prática, como tirar a aeronave do chamado *parafuso*. O parafuso (*spin*) ocorre em determinadas condições de vôo e manobras, levando à queda do avião em espiral. Nos primórdios da aviação do início do século XX, chegou a ser considerado insolúvel; seria a morte certa do piloto. Na prática de vôo ao longo da Grande Guerra, desenvolveram-se empiricamente maneiras de fazer os aeroplanos saírem de tal situação. Pilotos experientes eram capazes de, deliberadamente, fazer o avião entrar e sair do parafuso.

McCudden acreditava piamente que esse conjunto de manobras só era praticável acima dos 2.000 pés (cerca de 670 metros) de altura. Abaixo desse limite seria impossível recuperar a estabilidade. Mannoock não se conformou com isso e, pilotando sem autorização, provou que era possível entrar e sair do parafuso abaixo dos 600 metros, desde que o piloto agisse rapidamente. Mesmo assim, foi severamente advertido por não seguir as orientações de um

²¹ Cf. *Ibidem*, p. 21.

oficial superior, por voar sem autorização, por arriscar o material e, finalmente, por arriscar a própria vida.²² Nesta ordem.

Mesmo com todos esses incidentes, apesar da sempre presente ameaça de ser devolvido à unidade de origem, Mannock conseguiu completar o treinamento básico. Em março de 1917 foi aprovado no curso de pilotagem e, em seguida, enviado para a França. Lá chegando, iniciou o diário.

É mister observar que, ao contrário dos demais relatos focalizados nesta pesquisa, Mannock não redigiu o seu com o intuito explícito de publicá-lo. *O diário pessoal...* era um registro íntimo, empenhado em uma auto-análise. Se sua finalidade era ajudá-lo a suportar o clima de guerra e manter a sanidade mental, ou se pretendia utilizar essas notas posteriormente para redigir uma autobiografia destinada ao público, não existe nenhuma indicação. No máximo, podemos especular, e apenas especular, que seria muito mais provável a primeira opção.

Nos primeiros registros, ele não se mostra muito satisfeito nem com o local, nem com as acomodações.

França, 1º de abril de 1917

Pousei em Boulogne. (...) Descansei e [me] alimentei no Hotel Maurice. Um local tão agradável como [a rede de] hotéis Continental. Wisher, Tyler e mais dois estranhos ([oficiais do] R.F.C.) nos acompanharam. Tempo horrível. Chuva. Eu não estou impressionado com o charme de *La Belle France* ainda. (...)

2 de abril de 1917

²² Cf. *ibidem*, pp. 22-3.

Cheguei em St. Omer às 08:30h da noite. (...) Hotel de France. Local horrível – desjejum pior – e cheio de subalternos de todas as espécies, tamanhos e tipos. Sem quarto para mim – então fui para o Hotel de Commerce. Pequeno quarto gelado. Velas e lençóis úmidos. Ugh!

4 de abril 1917

(...) Cartas censuradas e considerações sobre generalidades. Cidade desagradável. Principalmente composta por *estaminets* [pequeno restaurante], velhas e sujas – crianças muito sujas. As estradas e ruas me lembram Constantinopla, na sua imundície brilhante. Fui ao cinema à noite. Horrível.²³

Nos primeiros dias da transferência, antes de entrar em ação, e mais ainda, antes de se acostumar com os ritmos dos combates aéreos, os pilotos recém-chegados eram expostos a um grande tédio. Para os oficiais, uma das tarefas designadas era a censura às cartas de combatentes de patente inferior.

O entretenimento disponível para os militares eram os cinemas, os bares e as prostitutas. Os filmes eram escolhidos para proporcionar uma diversão leve. As bebedeiras e a procura de prostitutas eram toleradas pelo comando. Canalizavam-se as pulsões para um escape menos destrutivo do que, por exemplo, um motim. Um paliativo tanto para o tédio, quanto para as tensões extremadas dos combates. Em último caso os soldados ganhavam

²³ “France, 1 April 1917. (...) Landed at Boulogne. (...) Rested and fed at the Hotel Maurice. Quite a nice place as Continental hotels go. Wisher, Tyler and two more strangers (R.F.C.) kept us company. Rotten weather. Rain. I’m not prepossessed with the charm of *La Belle France* yet. (...) 2 April 1917. Arrived at St. Omer at 8.30 p.m. (...) Hotel de France. Horrible place – *dejeuneur* worse – and filled with subalterns of all sorts, sizes and descriptions. No room for me – so went to Hotel de Commerce. Small cold room. Candle and damp sheets. Ugh! (...) 4 April 1917. (...) Censored letters and wandered about generally. Nasty town. Mainly composed of *estaminets*, old women and dirty – very dirty children. The roads and streets remind one of Constantinople in their glistening filth. Went to the cinema in the evening. Horrible.” *The personal diary...*, pp. 27-9; 31.

uma licença para descanso na Grã-Bretanha. Isso naturalmente dependia da recomendação do oficial comandante.

Os primeiros meses de combate foram, além de frustrantes, muito desgastantes para ele. Até junho daquele ano, Mannock não conseguiu obter nenhuma vitória aérea confirmada. Alguns pilotos especulavam se era um caso de incompetência, uma inabilidade patente ou de covardia; deliberadamente ele evitava o combate com os alemães. Nesse período, ainda não havia dominado a arte de mirar e atirar nos inimigos de modo a compensar o olho cego. Este era um segredo que ele desejava manter a qualquer custo.²⁴

Para contornar o problema de visão, a solução foi treinar mais ainda. Nos registros do diário, no entanto, não há quaisquer referências ao olho cego – afinal, alguém poderia ler essas anotações. Os insucessos eram atribuídos à má sorte ou a algum tipo de maldição. Mannock era supersticioso. Em várias passagens do diário, isso fica patente:

França, 1º de abril de 1917

Justamente há um ano atrás desde que eu recebi a minha comissão [como oficial], e um ano e um dia antes [31 de março de 1915] que fui solto da prisão turca. Estranho como esta data é recorrente. Espero que daqui a um ano a guerra acabe e eu retorne como que por encanto à Querida Inglaterra.
(...)

18 de maio de 1917 (sexta-feira)

Bom. Ainda vivo. Algumas pessoas morrem no 17º!²⁵

²⁴ Cf. Frederick Oughton. ‘Explanatory notes to diary – N. 31’. Em *The personal diary...*, pp. 152-3.

²⁵ “France, 1 April 1917. Just a year ago since I received my commission and a year to the day earlier I was released from a Turkish prison. Strange how this date recurs. Let’s hope

A existência de uma maldição, para Mannoek, era confirmada por vários indícios: problemas nos motores, metralhadoras que travavam durante a luta ou até mesmo a ausência dos alemães quando ele estava em vôo.

23 de abril de 1917 (segunda-feira). (...)

Escoltei Sopwiths ontem de manhã numa acrobacia fotográfica. Topei com dois hunos, mas tive que me manter na escolta. (...) Vi dois hunos, mas eles estavam muito alto para serem alcançados. Esta manhã cacei um huno através da linha [de frente] com Brown. Sem sorte. Começo bom demais para nós.²⁶

Na medida em que o sucesso não aparece, ele vai ficando cada vez mais ansioso. Sempre há um porém. Algum imprevisto surge, de modo a impedir Mannoek de executar a missão a gosto. Podia ser o tempo, um defeito mecânico, ou mesmo o próprio inimigo que fugia ao combate. Era como perseguir o final de um arco-íris.

3 de maio de 1917. (...)

that a year hence the war finishes and I return for a spell to Merrie England. (...) 18 May 1917 (Friday). Good. Still alive. Some people die on the 17th!" *The personal diary...*, pp. 27; 85.

²⁶ "23 April 1917 (Monday). (...) Escorted Sopwiths yesterday morning on a photograph stunt. Ran into Huns but had to keep escort touch. (...) Saw two Huns but were too high to reach. This morning chased a Hun across the line with Brown. No luck. Much too good a start of us." *The personal diary...*, p. 51.

Deixei a formação [dos outros caças] ontem, sobre Vitry, a fim de pegar um huno por minha conta, mas [estava] sem sorte. Realmente, eles são covardes podres – isto é, a maioria deles.²⁷

Deve-se notar o uso excessivo do termo huno. Era a caracterização dos alemães como bárbaros sanguinários, desprovidos de senso de humanidade, honra ou inteligência. Em suma, o não reconhecimento de qualquer traço civilizado nos adversários. Contudo, Mannoek faz uma leve ressalva. Alguns, bem poucos, não são covardes; possuem habilidade e coragem necessárias para encarar o combate.

Ele se sentia ainda pior quando, por força da suposta maldição, o próprio equipamento falhava:

9 de maio de 1917 – quarta-feira. (...)

Hoje (9º) eu tive uma experiência muito desagradável. Travamos combate com um huno sobre Henin Lietard e o caçamos na direção de Courcelles. Eu virei para leste e Keen para oeste. Fui imediatamente atacado por três hunos. Minha metralhadora emperrou – Keen estava quase fora de vista. (...) O motor falhou no momento crucial. Pensei que era o fim. Estávamos a dezesseis mil pés de altura, no momento. Girei quase verticalmente sobre minha cauda – mergulho de nariz e rodopio para baixo, em direção às nossas linhas, ziguezagueando o máximo que podia, com balas de metralhadora pipocando atrás de mim loucamente. O motor voltou a pegar quando eu estava por volta de três mil pés sobre Arras e os hunos por alguma razão ou outra haviam me deixado. Imediatamente corri atrás de outro huno (após ter subido de novo para doze mil [pés]), mas não tive

²⁷ “3 May 1917. (...) I left the formation yesterday, over Vitry, in order to get a Hun on my own, but no luck. Really, they are rotten cowards – that is, the majority of them.” *The personal diary...*, pp. 53-7.

coragem de encará-lo. Desviei-me e pousei aqui com os joelhos tremendo e meus nervos todos em frangalhos. Agora me sinto melhor, mas toda minha coragem parece ter ido embora após essa experiência nessa manhã.²⁸

Ainda assim, ele continuou voando. Para aumentar sua confiança, Mannock caçava balões de observação. Apesar de serem alvos estáticos, sem chances de se defenderem, os balões cativos sempre estavam cobertos pela *flak*. Mesmo obtendo alguns sucessos, parecia-lhe que a maldição continuava:

2 de junho de 1917. (...)

Testei a minha mão num balão de observação a nordeste de La Bassee (...). Disparei cerca de vinte e cinco tiros de Buckingham, mas não consegui incendiar aquela coisa desgraçada. Nesse meio tempo nuvens de ‘arqueiros’ me rodeavam, mas consegui fugir em ziguezague. Mais tarde, fui ‘arqueado’ por nossa própria gente a sete mil [pés]. Me senti louco [de raiva].²⁹

²⁸ “9 May 1917 – Wednesday. (...) Today (9th) I had a very disagreeable experience. (...) We engaged a Hun over Henin Lietard and chased him over towards Courcelles. I turned east and Keen turned west. I was inevitably attacked by three Huns. My gun jammed – Keen was almost out of sight. (...) The engine failed at the crucial moment. I thought all was up. We were sixteen thousand feet up at the time. I turned almost vertically on my tail – nose dived and spun down towards our own lines, zig-zagging for all I was worth with machine-guns crackling away behind me like mad. The engine picked up when I was about three thousand feet over Arras and the Huns for some reason or other had left me. I immediately ran into another Hun (after I had climbed up to twelve thousand again) but hadn’t the pluck to face him. I turned away and landed here with my knees shaking and my nerves all torn to bits. I feel better now, but all my courage seems to have gone after that experience this morning.” *The personal diary...*, pp. 69-75.

²⁹ “I tried my hand on a ballon NE. Of La Bassee (...). Fired about twenty-five rounds of Buckingham but couldn’t set the darned thing alight. In the meantime clouds of ‘Archie’ all around me, but managed to zig-zag away. Later, was ‘Archied’ by our own people at seven thousand. Felt vey mad.” *The personal diary...*, pp. 97-9. A munição Buckingham era composta por projéteis incendiários. Entre os pilotos a serviço da Grã-Bretanha, a gíria *archie*, *archied*, diminutivo de *Archibald*, era uma metáfora para o *flak*.

Uma série de acontecimentos desfavoráveis como esses contribuía para reforçar cada vez mais a crença de Mannoek. Udet e outros tantos também acreditavam na lei da série, que funcionaria tanto para o bem, quanto para o mal. Contudo, a partir de sete de junho, o ‘azar’ foi revertido. Ele começou a obter as tão perseguidas vitórias confirmadas.

Abati meu primeiro huno certamente morto nessa manhã – ao norte de Lille. (...) Escoltávamos [alguns] FEs sobre Lille na tarefa de jogar bombas – e nos deparamos com hunos. Meu homem forneceu-me uma marca fácil. Eu estava a apenas dez jardas dele – acima, logo não poderia errar! Ele era um inseto belissimamente colorido – vermelho, azul, verde e amarelo. Dei-lhe sessenta tiros àquela distância, de modo que não restou muito dele. Eu o vi entrando em parafuso e caindo de quatorze mil [pés]. *Dura sorte, mas é a guerra, e eles são hunos.* [grifo nosso]³⁰

Ao refletir sobre o triste destino das vítimas, Mannoek se autojustifica e recorre a um *tópos* consagrado. Eles são hunos e nós estamos em guerra. Melhor que aconteça ao inimigo, do que conosco. O primeiro abate sempre é o mais difícil. Já em outro dia, ele fica exultante, e apenas comemora:

14 de junho 1917 – quinta-feira. (...)

³⁰ “I brought my first dead certain Hun down this morning – over Lille-north. (...) We escorted FE’s over Lille on bombing-dropping business – and we met Huns. My man gave me an easy mark. I was only ten yards away from him – on top so I couldn’t miss! A beautifully coloured he was – red, blue, green and yellow. I let him have sixty rounds at that range, so there wasn’t much left of him. I saw him go spinning and slipping down from fourteen thousand. Rough luck, but it’s war, and they’re Huns.” *The personal diary...*, pp. 103-5.

Tive mais uma rusga em outra noite com cinco hunos, ao norte de Douai. Escalpelei dois deles. (...) Me senti como o vitorioso numa briga de galos!³¹

Sem remorsos, nem piedade pelos mortos. Havia apenas a sensação de vitória, embalada por adrenalina e testosterona. Entretanto, nem tudo era festa. Mesmo com a lei da série trabalhando a favor, o cotidiano dos combates era duramente sentido. Quando os nervos de um piloto já davam sinais de fraqueza, era o momento de voltar para a Inglaterra, em licença médica. Contudo, existia alguma relutância de sair em licença. Qual seria o limite entre os nervos maltratados pelas refregas diárias e a falta de inclinação para combater, leia-se, covardia? Ao sair em licença, se a folha de serviços de algum piloto não fosse expressiva, comentários maldosos podiam surgir.

14 de maio 1917. (...)

O velho MacKenzie saiu hoje de licença. Quatorze dias. Ele estava mesmo precisando. Se algum companheiro estava quebrado, era Mac. Fico imaginando se um dia eu ficarei assim. E o que os meus amigos pensarão de mim, se eu ficar? (...)

14 de junho 1917 – quinta-feira. (...)

Sentindo-me nervoso e doente durante a última semana. Com medo de entrar em colapso. (...) Oh! Para uma quinzena no campo, em casa.

16 de junho 1917 – sábado. (...)

Espero minha licença em cerca de três semanas. Que venha logo! (...) Não durmo muito bem à noite. Meus pecados, provavelmente!³²

³¹ “14 June 1917 – Thursday. (...) Had another scrap the other evening with five Huns N. of Douai. Scalped two of them. (...) I felt like the victor in a cock-fight!” *The personal diary...*, p. 107.

³² “14 May 1917. (...) Old MacKenzie goes away on leave today. Fourteen days. He is in need of it. If ever a lad was cracked up, Mac is. I wonder if ever I shall get like that? And

Encerrada a fase ruim, e iniciada a série dos abates aéreos, Mannoock já se sentia seguro para admitir publicamente que precisava de uma licença, pois seus nervos não se encontravam em perfeita ordem. Uma requisição de licença durante o período de ‘vacas magras’ seria devastadora para o moral, além de amplificar as fofocas sobre sua coragem. Ainda pior, poderia significar até o fim da carreira do piloto. Os que davam a impressão de incapazes de combater o inimigo eram remanejados para esquadrões de treinamento. Era uma saída bem pouco honrosa.

A maior parte da literatura sobre Mannoock chama a atenção sobre o ódio profundo que ele alimentava contra os alemães. Insistem sobre maneira em que ele não apenas queria abater aviões e contribuir para o esforço de guerra da Entente, mas também teria a obsessão de matar tantos hunos quantos pudesse. Johnny Johnson é representativo dessa opinião: “Nutria, porém, um ódio cada vez maior aos alemães, o que, por vezes, lhe ofuscava a faculdade de julgar.”³³ Essa faceta de Mannoock, que acabou sendo explorada em demasia, apareceu em declarações feitas ao longo de 1918, testemunhadas por vários amigos e colegas. Em 1917, ainda não percebemos essa raiva exacerbada em seus escritos. Mesmo que invocasse como desculpa ‘eles são hunos’, ainda deixava entrever um mínimo de isenção. Reconhecia que nem

what my friends will think of me if I do? (...) 14 June 1917 – Thursday. (...) Feeling nervy and ill during the last week. Afraid I breaking up. (...) O! for a fortnight in the country at home. 16 June 1917 – Saturday. (...) Expect my leave in about three weeks’ time. Roll on! (...) Don’t sleep very well o’night. My sins probably!” *The personal diary...*, pp. 81-3; 107-13.

³³ John E. Johnson. *A guerra no ar*. Porto Alegre: Globo, 1966, p. 79.

todos alemães eram ‘hunos’, caracterizados normalmente como covardes, pérfidos, assassinos e maldosos.

O enquadramento do outro na categoria ‘huno’ era um facilitador. Contudo, ao olhar para os mortos em ação, esse artifício cedia. De súbito, os hunos tornavam-se humanos.

20 de junho 1917 – sexta-feira. (...)

Tive a boa fortuna de trazer um huno de dois lugares nas nossas linhas há poucos dias atrás. Felizmente meus primeiros tiros mataram o piloto e feriram o observador (um capitão), além de quebrarem sua arma. O ônibus [sic] espatifou-se ao sul de Avion. Corri para lá na primeira oportunidade e encontrei o observador sendo atendido pelo O.M. [oficial médico] local; peguei algumas lembranças, apesar de a infantaria já ter escolhido antes. A máquina estava completamente esmagada, e o mais interessante era um pequeno terrier preto e marrom – morto – no assento do observador. *Senti-me exatamente como um assassino* [grifo nosso]. (...) Esse tipo de coisa, junto com um forte odor de cemitério e o corpo morto e mutilado do piloto (um suboficial), combinaram-se para me perturbar por alguns dias. (...)

Esta manhã fomos até o norte de Armentieres, Keen liderando uma patrulha [de] seis. Topamos com *três dos melhores pilotos hunos que eu alguma vez desejei encontrar* [grifo nosso]. Tivemos uma rusga muito excitante e divertida de dez minutos. *Aqueles hunos eram artistas* [grifo nosso]. Fiz o que pude e o que não pude para pegar a reta deles, e eram seis contra três. Por fim, eles escaparam (...). *Eu sempre guardarei uma admiração intacta por aqueles hunos* [grifo nosso]. O pessoal da bateria [anti] aérea descreveu o embate como uma das mais esplêndidas exibições de tática que eles algum dia viram. Nós nada fizemos, a não ser xingar.³⁴

³⁴ “20 July 1917 – Friday. (...) Had the good fortune to bring a Hun two-seater down in our lines a few days ago. Luckily my first few shots killed the pilot and wounded the observer (a Captain) besides breaking his gun. The bus crashed south of Avion. I hurried out at the first opportunity and found the observer being tended by local M.O. and I gathered a few souvenirs, although the infantry had the first pick. The machine was completely smashed,

O primeiro desses trechos é revelador, por diversos motivos. A sorte de o avião inimigo ter caído do lado inglês das linhas possibilitou a Mannoock o estudo da carcaça. Era a oportunidade de verificar onde os projéteis acertaram e corrigir qualquer falha. Assim ele tentava construir uma técnica de abater aviões com o menor esforço e a maior margem de segurança possíveis. Contudo, a visão do piloto e do cachorro de estimação mortos foi perturbadora. A carcaça do animal o impressionou, talvez como uma curiosidade inusitada, mas a visão do corpo mutilado do piloto foi muito mais chocante. Apesar de ele afirmar que o cão foi o mais interessante, é no cadáver queimado e mutilado que se detém mais ao descrever a cena. É a humanização do huno. Ele esquece o ódio aos adversários e sente-se como um assassino.

Já a continuação da narrativa versa sobre os melhores pilotos hunos que ele havia encontrado até o momento. Não eram medrosos e ineptos; possuíam coragem, grande técnica, habilidade e senso tático. Enfrentaram adversários em número superior, com sangue frio. Mantiveram o controle da situação e evadiram-se do combate. Ao contrário dos alemães caracterizados

and rather interesting also was the little black and tan terrier –dead – in the observer’s seat. I felt exactly like a murderer. (...) This sort of thing, together with the strong graveyard stench and the dead and mangled body of the pilot (a N.C.O.) combined to upset me for a few days. (...) This morning we went out as far as Armentieres, Keen leading a six patrol. Ran into three of the finest Hun pilots I ever wish to meet. Had quite an exciting and enjoyable ten minutes scrap. Those Huns are artists. Do what I could I couldn’t get a line of them, and it was six against three. Eventually they flew off. (...) I shall always maintain an unsullied admiration for those Huns. The aircraft battery people reported the battle as one of the most splendid exhibitions of tactics they had ever seen. We did nothing but swear.” *The personal diary...*, pp. 115-25.

por ele como covardes, aqueles aceitaram o duelo, providenciando um verdadeiro show aéreo, para os participantes e para as tropas de terra. Mereceram o respeito de Mannoek.

Intuitivamente – e apenas no nível intuitivo, já que ele não teoriza ou sequer explicita o que pensava sobre valores heróicos ou honrados –, ele os considerou adversários valorosos. Mais do que os xingamentos de quem se achou impotente para derrotar o inimigo, o que salta aos olhos nessa passagem é a admiração sincera que ele expressou.

No registro seguinte, feito quase um mês depois, Mannoek se aproxima ainda mais dos antagonistas.

19 de agosto 1917 – domingo. (...)

Pura preguiça. Coisas aconteceram. Muitas rusgas no ar, e muita glória. Trouxe para baixo o meu nono huno ontem de manhã.

Tive uma esplêndida luta com um Albatross monoplano de escolta na semana passada, no nosso lado das linhas e o derrubei. Este mostrou ser o 2º tenente von Bartrap, Cruz de ferro, que vinha voando há dezoito meses. Ele lançou-se em busca de um de nossos balões – perto de Neuville - St. Vaast – e eu cortei sua retirada. Ele não conseguiu pegar o balão tampouco. A rusga teve lugar a dois mil pés de altura, bem à vista de toda a frente. E os aplausos! Tomou-me cinco minutos para derrubá-lo, e eu tive que atirar nele antes que pousasse. *Fiquei muito satisfeito por não tê-lo matado* [grifo nosso]. Braço direito quebrado por uma bala, braço esquerdo e perna esquerda com feridas profundas na carne. Sua máquina, uma beleza, recentemente entregue [pela fábrica] (1º de junho de 1917), com um motor Mercedes de 220 hp, toda preta com cruces destacadas em linhas brancas – virou no pouso e estava danificada. Duas metralhadoras com mil cartuchos de munição contra a minha simples Lewis de trezentos cartuchos! Fui às

trincheiras para resgatar o ‘ônibus’ mais tarde, e recebi uma grande ovação de todo mundo. Até os generais me cumprimentaram. Ele não me atingiu nenhuma vez. (...)

Persegui meu velho amigo, o ‘homem púrpura’, de novo, poucas semanas atrás. Sem sorte. *Ele é maravilhoso* [grifo nosso]. Por dez minutos estive apenas a trezentos pés acima dele, e ele manobrou tão brilhantemente que fui incapaz de acertá-lo uma única vez. Ele foi embora, afinal.³⁵

Nesse registro, com apenas uma exceção, os hunos não são hunos. Mannock não apenas anota o nome e posto do segundo tenente Bartrap, como também, atento à ascendência nobre do mesmo, não se esquece da partícula *von* antes do sobrenome. Além disso, mostra que não se tratava de um piloto qualquer. Com experiência de vôo de ano e meio, ele já havia ganhado uma Cruz de ferro.

Tudo isso podia visar a engrandecer o feito do piloto inglês. Mas este ficou feliz pela vítima ter sobrevivido à queda. Posteriormente, transformou o Albatross em troféu. Mecânicos removeram as asas do avião abatido,

³⁵ “19 August 1917 – Sunday. (...) Pure laziness. Things have happened. Plenty of scrapping in the air, and much glory. Brought my ninth Hun down yesterday morning. Had a splendid fight with a single-seater Albatross scout last week on our side of the lines and got him down. This proved to be Lieutenant von Bartrap, Iron Cross, and had been flying for eighteen months. He came over for one of our balloons – near Neuville - St. Vaast – and I cut him off going back. He didn’t get the balloon either. The scrap took place at two thousand feet up, well within view of the whole front. And the cheers! It took me five minutes to get him to go down, and I had to shoot him before he would land. I was very pleased that I did not kill him. Right arm broken by a bullet, left arm and left leg deep flesh wounds. His machine, a beauty, just issued (1 June 1917) with a 220 hp Mercedes engine, all black with crosses picked out in white lines – turned over on landing and was damaged. Two machine guns with one thousand rounds of ammunition against my single Lewis and three hundred rounds! I went up to the trenches to salve the ‘bus’ later, and had a great ovation from everyone. Even Generals congratulated me. He didn’t hit me once. (...) Ran into my old friend the ‘purple man’ again a few weeks ago. No luck. He’s a marvel. For ten minutes I was only three hundred feet over him, and he maneuvered so cleverly that I was unable to get my gun on him once. He got away in the end.” *The personal diary...*, pp. 127-31.

escreveram o nome dele, com data e local da vitória. A homenagem lhe proporcionou um grande orgulho.³⁶ Ele chegou a fazer um modelo em escala do Albatross com a madeira das asas. Nesse momento, após entrevista a um jornal norte-americano, a fama de Mannoock começou a se espalhar entre a população dos Estados Unidos.³⁷ Na Grã-Bretanha, no entanto, por não haver nenhuma política oficial de explorar o potencial propagandístico dos ases, os feitos dele permaneceram conhecidos por apenas alguns.

O ‘homem púrpura’ citado por Mannoock seria provavelmente, segundo o biógrafo Oughton, o grande ás da *Jasta* 10, Werner Voss. Parece verossímil, já que Voss possuía uma habilidade acrobática singular, que só encontrava paralelo no francês Georges Guynemer. No entanto não há evidências maiores de que fato fosse ele. Mais uma vez, fica explícita a admiração dele por adversários habilidosos e corajosos.

Mesmo que Bartrap não fosse tão habilidoso, já que foi derrubado em apenas cinco minutos, ainda assim ganhou o respeito de Mannoock. Este ficou feliz em saber que a vítima tinha sobrevivido. A sensação de assassinato não se concretizou dessa vez. Por outro lado, o alemão não fugiu ao combate, o que talvez tivesse conquistado o respeito de Mannoock. Ele soube jogar até o fim, como Richthofen havia escrito sobre uma de suas vítimas.

A recusa ao combate não era bem vista por Mannoock, para afirmar o mínimo. No registro de 31 de agosto, ele relatou que ao liderar uma patrulha

³⁶ Cf. *The personal diary...*, pp. 137-9.

³⁷ Cf. *The personal diary...*, p. 139.

de três aviões, avistou doze aparelhos inimigos. Apesar da superioridade numérica, eles evitaram o combate e evadiram-se. Podiam até ter algum motivo relevante para tal atitude – podiam estar já retornando de uma missão, com combustível perto do fim, ou mesmo sem munição, por exemplo –, mas ele interpretou isso como o mais puro ato de covardia, nada mais.³⁸ Aqueles pilotos eram, a seus olhos, os arquétipos dos hunos.

Na última entrada do diário, em cinco de setembro, ele descreve o primeiro *flamerino*, sua primeira vítima a cair em chamas. O espetáculo não era uma visão agradável. Também era o aviso de que essa possibilidade estava sempre presente. Segundo Oughton, Mannoek sempre carregava uma pistola no avião. Ao menor sinal de incêndio em vôo, um tiro na cabeça resolveria o drama de modo menos doloroso.³⁹

Ele tentou virar, mas era muito lento para o [meu] Nieuport. Peguei-o com cerca de cinquenta tiros, em rajadas curtas, enquanto virava, e ele caiu em chamas, pedaços de asa e cauda etc. despregando-se da carcaça. Foi uma visão horrível e me fez sentir enjoado. Ele caiu nas nossas linhas e eu o segui até o chão, apesar de não ter pousado. Os rapazes me deram uma grande ovação.⁴⁰

³⁸ Cf. *The personal diary...*, pp. 134-5.

³⁹ Cf. Frederick Oughton. *Explanatory notes... N. 104*, pp. 165-6.

⁴⁰ “He tried to turn, but He was much too slow for the Nieuport. I got in about fifty rounds in shorts bursts whilst on the turn, and he went down in flames, pieces of wing and tail, etc. dropping away from the wreck. It was a horrible sight and made me feel sick. He fell down in our lines, and I followed to the ground, although I didn’t land. The boys gave me a great ovation.” *The personal diary...*, pp. 141-3.

A referência à vítima como *flamerino* foi feita depois, provavelmente após a diluição daquela visão assustadora.⁴¹ No momento do registro, a cena impactante o fez imaginar o sofrimento da tripulação alemã, caindo em chamas, sem possibilidade de salvação ou alívio. A primeira expressão escrita dessa vitória foi uma contrição. Segundo o biógrafo dele, a memória desse evento retornou, de forma ainda mais pesarosa, quando circulou na frente inglesa a carta de um companheiro de um dos alemães abatidos, que seria Fritz Frech. O amigo pedia informações sobre o paradeiro dele.⁴² Quatro meses após o abate, a carta chegou até Mannoock, que o identificou como o *flamerino*. Triste com a descoberta, ele escreveu aos pais da vítima, que residiam em Königsberg, atendendo ao pedido contido no *post-scriptum* da missiva.

Mannoock não registrou mais nada no diário após cinco de setembro. Meses mais tarde, morreria em combate. O tanque de combustível do seu avião foi atingido por projéteis alemães, provavelmente vindos das tropas terrestres. Caiu em chamas, do modo que sempre temeu.

⁴¹ Cf. Frederick Oughton. *Explanatory notes...* N. 109, p. 168.

⁴² Cf. *Idem*. Esta carta foi transcrita no capítulo I.

A guerra alada de Bishop

William Avery Bishop (08.02.1894 – 11.09.1956) foi o canadense com o maior número de abates da Grande Guerra, setenta e dois. Ficou em segundo lugar entre os pilotos a serviço da Grã-Bretanha, e em quarto no cômputo geral do conflito. Em 1917, Bishop recebeu uma licença especial e, tal qual Richthofen, redigiu e publicou suas memórias ainda durante o conflito, com o título de *Winged warfare* (Guerra alada).⁴³ A publicação saiu em janeiro de 1918. Ele é, com larga vantagem, o herói de guerra canadense mais celebrado do século XX. No entanto, também foi alvo de muitos questionamentos. Livros, peças teatrais e documentários televisivos até hoje levantam dúvidas sobre alguns feitos extraordinários descritos por ele.⁴⁴

Bishop iniciou a carreira na guerra como oficial de cavalaria. Diante de todas as dificuldades encontradas pelos cavaleiros naquele conflito, ele logo requereu uma transferência para o serviço aéreo.

⁴³ William Avery Bishop. *Winged warfare*. Toronto: McClelland, Goodchild & Stewart publishers, 1918.

⁴⁴ Cf. Tom Crouch. *Asas – uma história da aviação: das pipas à era espacial*. Rio de Janeiro: Record, 2008, pp. 178-9. Uma síntese dessas críticas pode ser encontrada em Brereton Greenhous. *The making of Billy Bishop: the First World War exploits of Billy Bishop, VC*. Ontario: Dundurn Press, 2002; o autor opina que, apesar de corajoso, Bishop era um péssimo contador de histórias. As posições dos defensores de Bishop encontram-se no sítio <http://www.billybishop.net>, na tentativa de responder a todas as objeções levantadas.

Foi a lama, eu acho, que me atraiu para o vôo. Eu tinha grandes expectativas de que ir para a batalha significaria para mim a sela numa carga galopante, em vez de uma pequena cabine aconchegante num aeroplano moderno. A lama, num certo dia de 1915, mudou toda minha carreira na guerra.⁴⁵

De saída é estabelecido o tom teleológico da narrativa. Os eventos fariam de Bishop um piloto de caça. Nesse primeiro parágrafo da obra não existe nele o fascínio pelo vôo ou uma vocação de aviador. O que o empurrou para o serviço aéreo foi a vontade de experimentar ações intensas e de desempenhar um papel mais ativo no campo de batalha, que a lama e as trincheiras negavam à cavalaria.

Em seguida conseguiu ser transferido para o corpo de observadores. Após alguns meses de treinamento na Grã-Bretanha, ele voltou para o combate. Nos primeiros estádios do conflito, ainda era possível fazer treinamentos prolongados. A partir de 1916, as demandas da guerra exigiram períodos de formação cada vez mais curtos.

O trabalho do observador consistia em fotografar o território inimigo e orientar a mira das peças de artilharia. Mas a grande alegria dele nesse período era metralhar as trincheiras alemãs. Não para causar baixas aos inimigos, mas antes para assustá-los, como numa brincadeira. À primeira vista, o huno de

⁴⁵ “It was the mud, I think, that made me take to flying. I had fully expected that going into battle would mean for me the saddle of galloping charger, instead of the snug little cockpit of a modern aeroplane [sic]. The mud, on a certain day in July 1915, changed my whole career in the war.” *Winged warfare*, p. 17.

Bishop não difere muito do huno de Mannock. Cumpre observar se essa impressão se mantém ao longo do relato.

É uma diversão imensa voar baixo ao longo das trincheiras alemãs e dar-lhes uma rajada de balas de metralhadora como um cumprimento matinal, ou uma saudação de boa-noite, ao anoitecer. Eles não gostam disso nem um pouco. Mas nós adoramos; amamos ver os orgulhosos prussianos do *Kaiser* em busca de proteção, como tantos ratos. (...)

Devo dizer, de passagem, que no Corpo Aéreo um alemão é raramente algo mais que um huno, e o território atrás das suas linhas, raramente algo além de hunolândia. Nossas ordens gerais nos dizem para designar o avião huno como “aeronave inimiga”, nos nossos relatórios, ou “A.I.” abreviado, mas, não obstante, nós sempre pensamos em ambos, máquina e piloto, como um huno, e eles sempre o serão.⁴⁶

Diferentemente de Richthofen, Udet e, ainda mais, de Mannock, Bishop sempre procura explicar para o leitor alguns detalhes específicos. É o que se vê nesse caso da designação pejorativa dos adversários, assim como nas passagens sobre a utilização de munição traçante ou mesmo sobre a origem do apelido britânico da *flak*, *Archie*. Diante do tom didático, pode-se questionar: para quem era dirigida a obra? Seria, por acaso, uma literatura

⁴⁶ “It is a great fun to fly very low along the German trenches and give them a burst of machine-gun bullets as a greeting in the morning, or a good-night salute in the evening. They don’t like it a bit. But we love it; we love to see the *Kaiser’s* proud Prussians running for cover like so many rats. (...) I may say here, in passing, that in the Flying Corps a German is seldom anything but a Hun, and the territory back of his lines is seldom anything but Hunland. Our general orders tell us to designate a Hun plane as an “enemy aircraft” in our reports, or “E.A.” for short, but, nevertheless, we always think of both the machine and the pilot as a Hun, and they will ever be.” *Winged warfare*, pp. 23-4.

infantil, recomendada apenas para rapazes púberes? Qual era o público alvo imaginado por Bishop?

Em um pouso forçado, depois de alguns meses de atividade, ele machucou o joelho. Com a piora do ferimento, ficou alguns meses em licença médica. No retorno, já no final de 1916, foi indicado para ser treinado como piloto.⁴⁷

Mais outros meses de treinamento e trabalho duro, Bishop foi considerado apto para a pilotagem. Aulas adicionais de vôo noturno possibilitaram-lhe a ser designado para um esquadrão de caça aos zepelins. A missão primordial daquele esquadrão era proteger a Grã-Bretanha das incursões aéreas germânicas. Os zepelins causavam maior impacto psicológico do que prático. Apesar das enormes perdas, em contraste com poucos danos humanos e materiais, eram o sinal de que o canal da Mancha não era mais suficiente para proteger a população da ilha dos horrores da guerra.⁴⁸

A caça aos zepelins foi frustrante para ele. Bishop não conseguiu abater nenhum. Decepcionado com a falta de sucessos, conseguiu mais uma transferência, a derradeira. Foi para os esquadrões de caça da linha de frente. Passaria a pilotar aviões menores e mais ágeis. “Agora, sinto, finalmente atingi o topo da minha ambição; de fato, voar nessas pequenas máquinas

⁴⁷ Cf. *Winged warfare*, p. 29.

⁴⁸ Os reides aéreos executados pelos zepelins contra as ilhas britânicas demonstraram ser, do ponto de vista material, contraproducentes. A proporção entre os danos infligidos (propriedades destruídas e pessoas mortas e feridas) e as aeronaves perdidas, seja por ação de *flak*, aviação de caça ou defeitos mecânicos, foi desfavorável aos alemães. Apesar disso, o efeito psicológico desses ataques foi decisivo para a manutenção dos mesmos.

semelhantes a uma vespa pareceu-me a coisa mais maravilhosa do mundo.”⁴⁹

Enxergando a própria vida como uma trama literária, a carreira de piloto de caça cumpriu-se nele com o encaixe preciso do destino.

Desse momento em diante, ele estaria no centro da ação. Sem cavalos atolados nos lamaçais, ou viajando como passageiro, ou esperando por ataques na frente doméstica. Onde o esforço de combate era mais intenso e, também, onde havia mais visibilidade para o combatente ali seria a nova área de atuação de Bishop.

Para grande júbilo dele, o esquadrão onde foi lotado era o mesmo de Albert Ball, na época com vinte e nove vitórias confirmadas. Era uma grande fonte de inspiração. Mais uma vez, Bishop encontrou-se em período de adaptação, tanto no manejo das novas aeronaves, menores e mais rápidas, quanto no voo em formação sobre a ‘hunolândia’. Não era a primeira vez que ele sobrevoava o território inimigo e passava através das nuvens dos ‘*archies*’, mas antes estava de carona. Daquele momento em diante, Bishop estava no comando do manche.

A primeira patrulha foi tensa. As histórias que circulavam nos campos de pouso eram preocupantes para os novatos. Se eram advertências sérias, boatos espontâneos ou anedotas propositais para amedrontar os calouros, ele não questionou. Simplesmente acreditou.

⁴⁹ “Now, I felt, I had reached the height of my ambition at last; actually to fly one of these tiny, wasp-like fighting machines seemed to me the most wonderful thing in the world.” *Winged warfare*, pp. 38-9.

Eu tinha ouvido falar também dos alemães “caçadores de cabeças”. Eram máquinas alemãs que voavam muito alto e evitavam combate com qualquer coisa em igualdade numérica, mas eram rápidas em atirar-se sobre um retardatário, ou uma máquina aliada danificada, lutando bravamente para ir para casa. Belo espírito esportivo!⁵⁰

Atacar soldados relativamente indefesos nas trincheiras, com um ‘bom dia’ ou uma ‘boa noite’ de rajadas era divertido para ele. Mas a atividade dos ‘caçadores de cabeça’, não. Para Bishop, era falta de *fair play*. Contudo, descrevia as rajadas nas trincheiras prussianas como saudações. Tratava-se de um recurso para despir os empertigados teutônicos das máscaras de corajosos e revelar o que considerava a verdadeira face deles: ratos fujões e covardes. Se a ‘saudação’ para assustar justificava-se a seus olhos, a caçada de vítimas em desvantagem era um sinal de covardia dos bárbaros hunos. Essa antinomia é ressaltada na narrativa subsequente, a do porco voador.

Era um *biplane* alemão grande e branco, e descobri depois de pousar que era uma máquina bem conhecida, comumente designada “o porco voador”. Nosso líder de patrulha teve de agüentar muita gozação naquela noite porque havia atacado o “porco”. Ao que parece, atuava todos os dias nessa parte da frente, era muito velho, tinha um piloto muito ruim e um observador muito medíocre para protegê-lo.

Era uma questão de honra no esquadrão [grifo nosso] que aquele decrépito “porco” não fosse realmente abatido. Assustá-lo, contudo, considerava-se um divertimento justo. Todas as vezes que nossas máquinas se

⁵⁰ “I had heard of the German ‘head-hunters’, too. They are German machines that fly very high and avoid combat with anything like an equal number, but are quick to pounce down upon a straggler, or an Allied machine that has been damaged and is bravely struggling to get home. Fine sportsmanship, that!” *Winged warfare*, p. 45.

aproximavam, o “porco” empreendia uma série de voltas desajeitadas e manobras absurdas, e costumava abrir fogo para assustar a distâncias ridiculamente grandes. O observador tinha a mira muito ruim e nunca conseguiu atingir qualquer uma de nossas máquinas, de modo que atacar esse peculiar alemão sempre foi visto mais como piada que como uma parte séria da guerra. A idéia era apenas assustar o “porco”, mas nosso líder investiu tão firmemente contra ele no primeiro dia que saímos, que ele nunca mais apareceu. Por meses o líder da patrulha foi reprovado por ter executado um golpe tão maldoso contra um huno velho indefeso.⁵¹

Essa passagem de *Winged warfare* é intrigante. Não pela mensagem, que é bastante clara, mas pelo episódio em si. Bishop desejava mostrar que os pilotos do RFC eram bons jogadores. Ao contrário dos ‘caçadores de cabeças’ alemães, eles não tirariam vantagens de adversários mais fracos ou indefesos. Esse episódio parece remeter às brincadeiras infantis, em que os incapacitados do grupo (jovens demais ou com alguma deficiência) eram declarados ‘café-com-leite’. Assim amparavam-se os menos capazes com certas imunidades em relação aos partícipes plenos. Eles podiam integrar a brincadeira, mas não influíam no resultado final.

⁵¹ “It was a large white German two-seater, and I learned after we landed that it was a well-known machine and was commonly called ‘the flying pig’. Our patrol leader had to put up with a lot of teasing that night because he had attacked the ‘pig’. It seems that it worked every day on this part of the front, was very old, had a very bad pilot, and a very poor observer to protect him. It was a sort of a point of honor in the squadron that the decrepit old ‘pig’ should not actually be shot down. It was considered fair sport, however, to frighten it. Whenever our machines approached, the ‘pig’ would begin a series of clumsy turns and ludicrous manœuvres, and would open a frightened fire from ridiculously long ranges. The observer was a very bad shot and never succeeded in hitting any of our machines, so attacking particular German was always regarded more as a joke than a serious part of warfare. The idea was only to frighten the ‘pig’, but our patrol leader had made such a determined dash at him the first day we went over, that he never appeared again. For months the patrol leader was chided for playing such a nasty trick upon a harmless old Hun.” *Winged warfare*, p. 47-8.

Mesmo levando em conta a idéia de jogo subjacente aos relatos dos pilotos, fica difícil imaginar que a prática de brincadeiras infantis tivesse lugar na Grande Guerra. Quanto às gentilezas e homenagens ao inimigo, calcadas nos códigos de honra e cavalheirismo, estavam reservadas a uma situação específica. Aconteciam após os combates, quando o adversário já estava fora de ação. Durante as refregas, não se davam tréguas ao oponente. Ou, no limite, uma trégua poderia talvez ocorrer em seguida a um combate de valor – como no duelo entre Udet e Guynemer.

Por mais inofensivo que fosse o adversário, estava, bem ou mal, cumprindo uma ação hostil – no caso, a observação e regulação dos tiros de artilharia. Essa ação contribuía para o esforço de guerra alemão e tinha que ser detida. Restam duas possibilidades. Bishop poderia ter inventado inteiramente esse episódio, correndo risco de ser desmascarado por outros pilotos. Ou, mais provável, ele teria se apropriado de uma anedota que já circulava – em tempos de guerra, esse tipo de história circula em grandes quantidades – e se colocado como testemunha para fornecer mais credibilidade ao fato supostamente ocorrido.

De toda maneira, era uma história interessante, com personagens cativantes: um velhinho incompetente, mas simpático, e adversários galantes que se divertiam com e à custa dele. O ‘porco’ quase se tornou a mascote do esquadrão. Essa história reforçava o discurso de *fair play* dos combates aéreos.

Junto e em contraste com a caçada de cabeças, ela fornecia paradigmas do que era aceitável ou não na guerra aérea.

Não tardaria para que Bishop obtivesse sua primeira vitória aérea. Ao contrário do que narraram os outros pilotos estudados aqui, ele estava seguro e confiante. Não descreveu qualquer sensação de medo ou incerteza; afirmava já estar familiarizado com um dos truques germânicos: a simulação de um parafuso, quando alvejado. Tal manobra fornecia ao oponente a impressão de uma vitória certa. Enquanto este continuava o vôo, o alemão executava um *looping* e abatia o inimigo desavisado.

Ao presenciar a queda em parafuso de um avião que atingiu, ele mergulhou junto, com o intuito de observar se tratava daquele truque. Não se tratava. O adversário espatifou-se no chão.⁵² O único erro cometido que descreveu foi o mergulho em si. Os pistões do motor ficaram encharcados de óleo, provocando o desligamento da máquina. Bishop planou até pousar. Para sorte dele, o local do aterramento estava atrás das fileiras inglesas.⁵³

A ilusão de que os próximos combates seriam tão fáceis assim foi logo desfeita. Na seqüência daquela primeira vitória, o esquadrão de Bishop caiu numa outra armadilha germânica. Ao perseguir um avião alemão solitário, o restante da esquadrilha adversária apareceu.

⁵² Cf. *Winged warfare*, pp. 51-5.

⁵³ Cf. *Winged warfare*, pp. 55-61.

Dois dias depois minha patrulha travou um dos mais amargos combates de que tomei conhecimento. (...)

Percebi agora que estávamos numa luta séria, que havíamos caído numa emboscada, pois um grande truque dos alemães nesse tempo era se esconderem atrás de remedos de nuvens para obter a vantagem de um ataque surpresa. Logo, porém, lhes ensinamos que esse era um jogo no qual dois podiam jogar. (...)

Ao alcançarmos o aeródromo, estávamos muito desapontados. A batalha não fora um sucesso, e dois da nossa patrulha, dois de nossos amigos mais íntimos, não haviam retornado. (...)

Revendo esse combate agora, à luz da minha experiência posterior, me admiro de que alguns de nós tenham saído vivos. Todas as circunstâncias [da luta] estavam contra a gente, e a formação que enfrentamos era composta pelos melhores pilotos hunos no ar. Eles combatiam nas condições mais favoráveis que poderiam desejar, e é de se espantar que tenham falhado em nos varrer completamente.⁵⁴

A narrativa desse excerto desloca-se entre dois planos: a impressão do momento e a reflexão posterior. Durante o combate, ele percebeu que havia caído numa armadilha, mas estava disposto a ir até o fim. Ao tornar-se ciente da superioridade adversária, conseguiu escapar utilizando, por sua vez, as nuvens. A avaliação após o pouso, de que não fora um *sucesso*, é muito

⁵⁴ “Two days later my patrol engaged in one of the bitterest fights I have ever known. (...) I realize now that we are in for serious fighting, that we had run into an ambush, for it was a great trick of the Germans at this time to lurk behind patches of clouds to obtain the advantage of a surprise attack. We soon taught them, however, that this was a game at which two could play. (...) Reaching the aerodrome, we were very much crestfallen. The battle had not been a success, and two of our patrol, two of our most intimate friends, had not returned. (...) Upon looking back on this fight now, in the light of my later experience, I wonder that any of us got out alive. Every circumstance was against us, and the formation we ran into was made up of the best Hun pilots then in the air. They fought under as favourable conditions as they could have wished, and one can only wonder how they missed completely wiping us out.” *Winged warfare*, pp. 64-9.

reveladora. A patrulha de Bishop não só não abateu nenhum avião, mas ainda perdeu dois aviadores. Mais do que um insucesso, foi uma derrota.

A identificação da esquadilha alemã como a melhor de todas em atividade faz emergir outros indícios. Mesmo pegos de surpresa, os pilotos do RFC apenas perderam dois companheiros. Isso se devesse, como leva a crer a narrativa, à grande qualidade dos pilotos e ao subterfúgio empregado. Inferisse que, em condições normais – leia-se justas – Bishop e os companheiros teriam ganho a batalha.

O subtexto da narrativa é claro. A vantagem alemã residia nas armadilhas, não no combate aberto. Por outro lado, pode-se questionar: que jogo, duelo ou combate não implica engodos e simulações? Afinal, a tática é a arte de ordenar o exército para a batalha, de modo a enganar o adversário. Deve-se fazer com que o antagonista ignore o curso da ação, até ser tarde demais para qualquer procedimento salvador.

Boelcke, Richthofen, Mannock, McCudden e outros ases eram incisivos na questão de que o combate aéreo deveria sempre ser travado com vantagens para o lado atacante. Ao perceber condições desfavoráveis, o piloto deveria se furtar, se possível, do engajamento. Nas memórias de Bishop existem então, dois pesos e duas medidas. Os ingleses eram cuidadosos e planejadores, os alemães, covardes e traiçoeiros.

Uma explicação mais simplória poderia atribuir tal concepção inteiramente ao individualismo de Bishop. Porém, deve-se notar que outros

dois pilotos aqui analisados, Richthofen e Mannock, eram adeptos do trabalho em equipe. Para eles o combate aéreo deveria seguir preceitos rígidos de modo a garantir o abate de adversários com um mínimo de riscos. Bishop era muito mais afeito à caça solitária. Em oposição a isso, Udet também era adepto da caça solitária, mas nele não encontramos nenhuma caracterização do outro semelhante à empreendida por Bishop nas páginas de *Mein Fliegerleben*. O posicionamento do piloto canadense, então, situa-se em larga medida nos efeitos da propaganda de guerra.

A intensidade propagandística aumentou, com efeito, no início do ‘abril sangrento’ de 1917. As perdas do RFC no período acham-se minimizadas e transformadas em sacrifício heróico no relato de Bishop. Quem enxergava aquele momento como catástrofe estava, para ele, evidentemente mal-informado.

Seis e sete de abril foram dias memoráveis no Corpo Aéreo. O público, nada sabendo da aproximação do ataque que a história engoliria como a batalha de Arras, ficou nitidamente chocado quando os comunicados britânicos sobre aqueles dois dias admitiram francamente a perda de vinte e oito de nossas máquinas. Nós consideramos isso um pequeno preço a pagar em vista de todo o trabalho realizado e do número de máquinas empenhadas, além do fato de que esse trabalho foi feito dentro das linhas alemãs. (...) O público geralmente esquece essas coisas quando lê sobre máquinas britânicas que não conseguiram retornar.⁵⁵

⁵⁵ “April 6th and 7th were memorable days in the Flying Corps. The public, knowing nothing of the approaching attack which was to go down in history as the Battle of Arras, was distinctly shocked when the British communiqués for these two days frankly admitted the loss of twenty-eight of our machines. We considered this a small price to pay for the

Durante o ‘abril sangrento’, a Grã-Bretanha perdeu trezentos e dezesseis pilotos e observadores, uma média superior a dez militares mortos ou capturados por dia. Os alemães teriam perdido, ao longo de todo o ano de 1917, duzentos e noventa e sete pilotos. A proporção das perdas suscitou inclusive a formação de uma comissão de inquérito no parlamento britânico. Acusações de negligência criminosa foram feitas contra o comando do Corpo Aéreo.

Contudo, nessa passagem, Bishop tenta transformar aquele episódio numa vitória heróica, já que nomeia o início da ação como dias memoráveis. As perdas teriam sido proporcionais aos combates travados. Os críticos ignoravam as vantagens obtidas na luta. Em memória daqueles que caíram – heróis de verdade, para Bishop –, o público deveria pensar melhor se as reclamações seriam procedentes. A morte – ou o massacre, para os críticos – de tantos pilotos não teriam sido em vão. Representavam o comprometimento dos pilotos e observadores no esforço de guerra. Era o preço a ser pago para derrotar o inimigo. Criticar o RFC seria uma ofensa à memória dos heróis caídos, algo inaceitável da parte de bons cidadãos.

Durante a batalha de Arras, naquele mesmo mês, Bishop executou diversas missões de ataque ao solo, metralhando tropas germânicas. Seus registros dos combates seguem o mesmo padrão: metáforas depreciativas,

amount of work accomplished and the number of machines engaged, coupled with the fact that all of our work was done within the German lines. (...) The public often forgets these things when reading of British machines that fail to return.” *Winged warfare*, pp. 79-80.

desqualificação dos inimigos, minimização dos danos sofridos pelos britânicos.

Atuávamos, pode-se dizer, como policiais do ar. Ocasionalmente uma de nossas máquinas era assaltada pelos *gangsters* alemães – eles eram “cuidadosos” e raramente atacavam sem uma vantagem de quatro para um – e naturalmente nós sofremos algumas perdas (...). O tempo era sempre favorável para os métodos alemães de evitar combates a “céu aberto”.⁵⁶

Com a marca de cinco abates, obtidos nesse mês, ele tornou-se um ás. Ganhou dos mecânicos uma pintura exclusiva no avião. A carenagem do motor foi colorida em azul. Não era mais um piloto anônimo e ganhou o apelido de Nariz Azul.⁵⁷

Ainda em abril de 1917, ele derrubou o primeiro adversário em chamas:

A máquina que peguei no dia 20 de abril foi a primeira de todas que destruí em chamas. É uma coisa que acontece com freqüência e, embora eu não deseje parecer uma pessoa sedenta de sangue, devo dizer que ver um inimigo caindo em chamas é uma fonte de grande satisfação. Você sabe que sua destruição é absolutamente certa. (...) Sabe que ali não há “camuflagem”, e não tem medo de que o inimigo esteja tentando algum tipo de truque aéreo, na esperança de ser deixado em paz.⁵⁸

⁵⁶ “We were acting, you might say, as air policemen. Occasionally one of our machines would be set upon by the German gangsters – they are ‘careful’ fighters and seldom attacked unless at odds of four to one – and naturally we suffered some casualties (...). The weather was always favourable [sic] to the German methods of avoiding ‘open air’ combats.” *Winged warfare*, p. 102.

⁵⁷ Cf. *Winged warfare*, p. 103.

⁵⁸ “The machine I got on the 20th of April was the first I ever destroyed in flames. It was a thing that often happens, and while I have no desire to make myself appear as blood-thirsty person, I must say that to see an enemy going down in flames is a source of great

Nenhum lamento, nenhuma contrição, nenhuma piedade. Apenas a certeza da vitória. O espetáculo que causava horror a tantos outros ases somente o tranqüilizava. Na definição do major Richthofen – pai de Manfred e Lothar –, Bishop seria um atirador, e não um caçador. Não havia espaço algum na narrativa dele para honrar a memória dos adversários caídos. Seu relato do segundo incêndio vai além: “Tal incidente nunca deixou de me pôr de bom humor.”⁵⁹ Mais do que aliviá-lo, a visão da aeronave consumida pelo fogo o divertia.

A descrição de seu primeiro contato com o Circo Voador revela outra particularidade do registro da experiência de guerra de Bishop.

Um dos distintos esquadrões aéreos alemães opostos a nós estava sob o comando do famoso capitão barão von Richthofen. Um dia, eu tive a honra de travar três combates em meia hora com pilotos daquele esquadrão. (...) Eram todos *monoplaces* e manejados por pilotos de habilidade inegável. *Havia também algum espírito competitivo nesse esquadrão* [grifo nosso]. (...)

O primeiro de meus três combates com esses recém-chegados em nosso meio deu-se quando, de repente, me encontrei misturado a dois deles. Evidentemente eles não estavam muito ansiosos para lutar no momento, pois após alguns minutos de manobras ambos retiraram-se e mergulharam para longe. Dez minutos depois encontrei uma das máquinas vermelhas voando sozinha. Desafiei-o, mas ele absolutamente não resistiu. Ao contrário, fugiu o mais rápido que pôde. No meu retorno dessa caçada, encontrei um segundo par de hunos vermelhos. Eu tinha ganho a

satisfaction. You know his destruction is absolutely certain. (...) You know there is no ‘camouflage’ in this, and you have no fear that the enemy is trying any kind of flying trick in the hope that he will be left alone.” *Winged warfare*, p. 103.

⁵⁹ “Such an incident has never failed to put me in a good humour.” *Winged warfare*, p. 136.

companhia de outra máquina britânica, e os dois hunos, nos vendo, mergulharam numa nuvem para escapar. Fui atrás deles (...). Acima [de um] mergulhei, sem puxar o gatilho até ficar a quinze jardas de distância. Uma, duas, três vezes puxei a alavanca, mas nenhum tiro saiu da minha arma! Escapuli para outra nuvem e examinei a arma infiel apenas para descobrir que eu tinha ficado completamente sem munição. Voltei às minhas fileiras como a pessoa mais desgostosa de todo o exército britânico.⁶⁰

Para além da ironia no comentário sobre o espírito competitivo e do recorrente tema da indisposição dos ‘hunos’ para o combate, essa assertiva é totalmente inverossímil. Não um ou outro, mas todos os pilotos adversários fugiram. E fugiram depois de começado o *dogfight*, ou seja, na situação em que fugir era um convite a ser metralhado pela retaguarda. O fato de não ter havido testemunhas, nem provas materiais para tais refregas torna a passagem ainda mais suspeita. Bishop podia livremente gabar-se de que enfrentara os inimigos com coragem e só não os vencera por falta de munição.

Uma única vez, durante uma licença de duas semanas na Inglaterra, Bishop chegou a refletir sobre sua indiferença pela liquidação de adversários.

⁶⁰ “One of the distinguished German flying squadrons opposite us was under command of the famous Captain Baron von Richthofen. One day I had the distinction of engaging in three fights in half an hour with pilots from this squadron. (...) They were all single-seaters and were flown by pilots of undeniable skill. There was quite a little spirit of sportsmanship in this squadron, too. (...) The first of my three fights with these newcomers in our midst occurred when I suddenly found myself mixed up with them. Evidently they were not very anxious for a fight at the moment, for after a few minutes of maneuvering, both broke it off and dived away. Ten minutes later I encountered one of the red machines flying alone. I challenged him but he wouldn’t stay at all. On the contrary, he made off as fast as he could go. On my return from chasing him I met a second pair of red Huns. I had picked up company with another British machine, and the two Huns, seeing us, dived into a cloud to escape. I went after them (...). Onto him I dived, not pulling my trigger until I was fifteen yards away. Once, twice, three times I pressed the lever, but not a shot from my gun! I slipped away into another cloud and examined the faithless weapon only to find that I had run completely out of ammunition. I returned home quite the most disgusted person in the entire British army.” *Winged warfare*, pp. 110-1.

Acho que nunca fui tão feliz em minha vida. Parecia que havia encontrado a coisa que amava acima de todas as outras. Para mim não era um negócio ou profissão, mas simplesmente um jogo maravilhoso. Derrubar uma máquina não me dava a sensação de estar matando um homem; era como estivesse apenas destruindo um alvo mecânico, sem nenhum ser humano dentro. Vez ou outra a idéia de que um homem vivo estivera pilotando a máquina me ocorreu e voltou a ocorrer, e isso me amolou um pouco.⁶¹

Reflexão ligeira e convencional. A afirmação de que, ao acertar mortalmente o antagonista, o combatente se esquecia de que seu alvo era pilotado por um semelhante está presente em todos os relatos aqui focalizados. É bem possível que expressasse uma experiência verdadeira, comum à maioria dos aviadores nessa guerra. Mas passado o momento do confronto, cessava o efeito desse mecanismo de defesa.

O depoimento de Bishop se destaca pela admissão sem culpa de seu prazer em liquidar os oponentes. Não era apenas de um jogo, o sentimento lúdico despertado pela perseguição ao adversário. Era um prazer sentido na própria contemplação da queda das suas vítimas.

O episódio mais famoso e, por extensão, o mais controverso, relatado por Bishop foi o ataque solitário ao campo de pouso alemão. Ele pretendia encontrar modos mais rápidos de aumentar a contagem de vitórias.

⁶¹ “I don’t think I was ever happier in my life. It seemed that I was found the one thing I loved above all others. To me it was not a business or a profession, but just a wonderful game. To bring down a machine did not seem to me to be killing a man; it was more as if I was just destroying a mechanical target, with no human being in it. Once or twice the idea that a live man had been piloting the machine would occur and recur to me, and it would worry me a bit.” *Winged warfare*, p. 167.

Com esse objetivo em vista, planejei uma expedição ao território inimigo (...). Planejei cuidadosamente isso e cheguei à conclusão de que se pudesse ir ao aeródromo quando algumas máquinas ainda estivessem no solo, e não no ar, seria muito fácil abatê-las no momento em que tentassem decolar.⁶²

Desse modo foi concebida a incursão. No dia escolhido, Bishop levantou vôo por volta das três horas da madrugada, rumo à ação solitária. Após algum tempo procurando, encontrou o alvo ideal: uma base aérea com alguns aviões se preparando para alçar vôo. O primeiro ataque, uma rajada indiscriminada em homens e equipamentos, foi feito para semear confusão e atrair as vítimas. Os alemães começaram a decolar, em ordem.

Então uma máquina subitamente começou a taxiar no aeródromo. (...) Consegui ficar próximo à sua cauda, quando ele acabava de deixar o chão, e abri fogo (...). Então ele caiu nos arredores do aeródromo. (...) Virando rapidamente, vi outra máquina decolando. (...) Abri fogo de uma distância maior do que antes, pois não queria perder tempo na aproximação. (...) Ele caiu sobre algumas árvores próximas ao aeródromo. (...) Virei-me novamente na direção da pista. (...) Duas máquinas estavam decolando ao mesmo tempo, e em direções bem diferentes. (...) Mas, no final, consegui pegá-lo com uma curta rajada de fogo, e essa máquina espatifou-se no chão. (...) A quarta máquina veio e eu abri fogo contra ela. (...) Felizmente, no momento em que acabei minha munição, ele também pareceu estar farto,

⁶² “With this object in view, I planned an expedition into the enemy country (...). I had carefully thought it out, and came to the conclusion that if one could get to an aerodrome when there were some machines on the ground, and none in the air, it would be an easy matter to shoot them down the moment they would attempt to come up.” *Winged warfare*, p. 183.

tanto que se virou e fugiu. Aproveitei a oportunidade, subi novamente e retornei para casa.⁶³

Era uma corrida contra o tempo. Se Bishop também havia afirmado que preferia pensar na máquina que estava derrubando, e não no ser humano que a pilotava, nessa narração, até o equipamento desaparece. Resta apenas a estatística. Eram os números que importavam. De uma forma muito mais intensa que os demais pilotos analisados, o relato dele é encaminhado sempre para louvar sua própria perícia e habilidade.

A polêmica suscitada por esse trecho concentrou-se justamente na credibilidade do mesmo. Os críticos de Bishop não acreditam que esse episódio tenha acontecido. Seria inteiramente fictício. Contudo, não nos deteremos nesse aspecto. O utilizamos como o melhor exemplo das características do canadense, principalmente de sua jactância solitária.

Se pudermos imaginar dois posicionamentos extremos, um tradicional e o outro pragmático, e aplicá-los no tocante à atitude dos pilotos em relação aos conceitos de heroísmo, honra e cavalheirismo, talvez os resultados tenham alguma relevância. Nessa escala proposta, Richthofen e Udet aproximam-se

⁶³ “Then one machine suddenly began to ‘taxi’ off down the aerodrome. (...) I managed to get close on its tail, when it was just above the ground, and opened fire (...). Then crashed on the aerodrome underneath. (...) Turning quickly, saw another machine just off the ground. (...) I fired from longer range than before, as I did not want to waste time of going up close. (...) He crashed into some trees near the aerodrome. (...) I again turned towards the aerodrome. (...) Two machines were taking off at the same time, and in slightly different directions. (...) But in the end I managed to get in a short burst of fire, and this machine went crashing to the ground. (...) The fourth machine then came up, and I opened fire on him. (...) Luckily, at the moment I finished my ammunition, he also seemed to have enough of it, as he turned and flew away. I sized my opportunity, climbed again, and started for home.” *Winged warfare*, pp. 188-90.

muito da posição tradicional. Mannock também se aproxima dessa posição, porém em menor medida. Já Bishop é bem próximo do extremo pragmático. Ele se contrapõe, em larga medida, aos valores expressos pelos demais pilotos.

Na segunda metade de 1917 ele saiu de licença, dessa vez, mais prolongada. Foi primeiro para a Inglaterra. No palácio de Buckingham recebeu as maiores honrarias militares britânicas, incluindo a *Victoria Cross*.⁶⁴ Após a cerimônia, pôde retornar ao Canadá, onde redigiu a obra. Apenas em maio de 1918 voltou aos combates.

⁶⁴ Cf. *Winged warfare*, pp. 269-72.

Coda

*Sweet child in time you'll see the line
The line that's drawn between the good and the bad
See the blind man shooting at the world
Bullets flying taking toll
If you've been bad, Lord I bet you have
And you've not been hit by flying lead
You'd better close your eyes and bow your head
And wait for the ricochet.*

Deep Purple, Child in time.

Numa partitura musical, a *coda* é um fragmento acrescentado ao fim da peça. Esse fragmento costuma retomar livremente temas desenvolvidos na obra. Mais do que concluir, desejamos retomar alguns aspectos evidenciados pela pesquisa.

Não se procurou fazer uma apologia da guerra, ou mostrar que os pilotos de caça de 1914-18 construíram um modo de guerrear mais humano; não existe maneira 'humana', ou mesmo galante, de cometer assassinatos. Mas julgou-se digna de atenção a capacidade de enxergar, em meio aos horrores da

Grande Guerra, inimigos como homens valorosos, e não como inferiores que poderiam ser eliminados como moscas. Se a guerra é um mal desmedido, pior ainda é a inexistência de regras e limites na destruição.

Johan Huizinga afirma que a guerra manterá uma função cultural, lúdica, sempre que os antagonistas considerem-se uns aos outros como iguais.¹ Essa função se perde quando os combatentes se recusam a reconhecer no outro um guerreiro igualmente capaz e honrado. A desqualificação do antagonista libera o combatente de qualquer escrúpulo para alcançar o objetivo da vitória.

A associação da guerra aos cantares heróicos encontra-se desde os primórdios do que seria a literatura no Ocidente, ou seja, desde a epopéia dita homérica. Os cantos guerreiros embalaram a guerra ocidental por vários séculos. Exaltavam a bravura e o vigor físico num primeiro plano, mas no aprofundamento narrativo louvavam ainda mais a inteligência, como nos ardis de Ulisses, e a firmeza das convicções contra tudo e contra todos, exemplificada por Aquiles e Galaaz. Nessas narrativas, o que realmente fascina não são os resultados práticos da atividade bélica, mas a grandeza dos feitos guerreiros e a virtude – a excelência moral dos campeões.

¹ Cf. Johan Huizinga. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 101 *et seq.*

Foi parte essencial deste estudo o mapeamento das tradições heróicas ocidentais, da épica helênica à expressão literária da cavalaria cristã nas narrativas arturianas. *Beowulf*, situado entre esses dois marcos, mostra a fusão, e a tensão, entre a virtude (*aretê*) grega e a cristã. Analogicamente *Ivanhoe* também ressignifica o heroísmo cavaleiresco medieval, à luz das concepções nacionalistas e românticas do século XIX.

Alguns elementos se mantiveram nesse percurso: o fascínio pelas proezas de armas, a disposição ao sacrifício por altos ideais, o combate como um duelo entre seres superiores, o respeito mútuo entre heróis. Outros elementos, no entanto, foram reelaborados. A luta pela honra enquadrou-se na consciência nacional. Aquiles e Agamêmnon entraram em choque por causa da honra pessoal de cada um. Diomedes e Glauco prometeram não atacar um ao outro, em nome de algo que estava acima da lealdade militar: os laços de hospitalidade. Séculos mais tarde, Ricardo Coração de Leão, na pena de Walter Scott, tenta eliminar os conflitos entre os súditos. No século XIX, o bem da Inglaterra deveria estar acima de tudo. A idéia de nação pacificava os conflitos internos. Um ditado alemão da época pregava: *Du bist nichts, Dein Volk ist alles* (você não é nada, o povo é tudo).

Todas essas concepções, e outras tantas, de heroísmo e honra convergiram na mentalidade dos pilotos de caça de 1914-1918, em maior ou menor grau. Não se pretendeu aqui sugerir que os autores das autobiografias

leram as obras da tradição. De fato, não se encontrou nenhuma indicação explícita disso. Contudo, esses ideais não eram acessíveis exclusivamente para os leitores dessas obras; estavam, e ainda estão, disseminadas na cultura. Quantos dos que mencionam o ‘cavalo de Tróia’, a ‘távola redonda’ ou os ‘moinhos de vento’ leram efetivamente a *Iliada*, a *Demanda do Santo Graal* e o *Engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*? Mesmo sendo declaradamente um aluno relapso, Richthofen expressou a idéia homérica de bela morte ao descrever a queda do ás Albert Ball. Antes da Grande Guerra essas tradições ainda estavam ativas.

A influência da tradição heróica, no entanto, não era a mesma para todos. Afinal, qualquer tradição não se conserva pura e simplesmente. Propusemos uma escala no tocante ao heroísmo e cavalheirismo nas representações elaboradas pelos pilotos. Os extremos dessa seriam a tradição e o pragmatismo. O tipo tradicional aproxima-se sobremaneira de uma ética heróica. O pragmático ocupa-se em conceber toda a ação direcionada para o esmagamento do inimigo, sem qualquer concessão. Naturalmente esses são tipos ideais. Não podem ser encontrados de maneira pura. Sempre há uma combinação dos elementos, em maior ou menor grau.

Richthofen e Udet estão no ponto mais tradicional. Mesmo as preocupações pragmáticas com o esforço de guerra germânico, a organização de patrulhas de combate aéreo e o senso de dever junto aos companheiros

não superavam os ideais cavaleirescos deles. Os combates eram, na maior parte das vezes, mortais. O pós-combate era o momento de honrar o inimigo abatido ou confraternizar.

Mannock e, mais acentuadamente, Bishop se localizam na posição mais próxima do pragmatismo. Mannock ainda tentou enxergar qualidades guerreiras nos ‘hunos’, vez ou outra. Já Bishop não fez concessão alguma. O relato dele é quase uma exibição narcisista.

Os pilotos a serviço do RFC/RAF serviram de contraponto para os alemães. Este contraste fica evidente quando se observa a atitude em relação aos adversários. Enquanto Richthofen e Udet enxergavam a coragem dos inimigos, talvez com uma ou outra exceção, Mannock fazia o contrário. Já Bishop demonstrou não reconhecer de modo algum.

Teria a cultura duelística alemã influenciado, de alguma maneira, em tal diferença de atitudes? A *satisfaktionsfähige Gesellschaft*, vista pelos ingleses como instituição bárbara, teria repercutido naquelas atitudes tradicionais e, por conseguinte, mais lúdicas?

Anexos

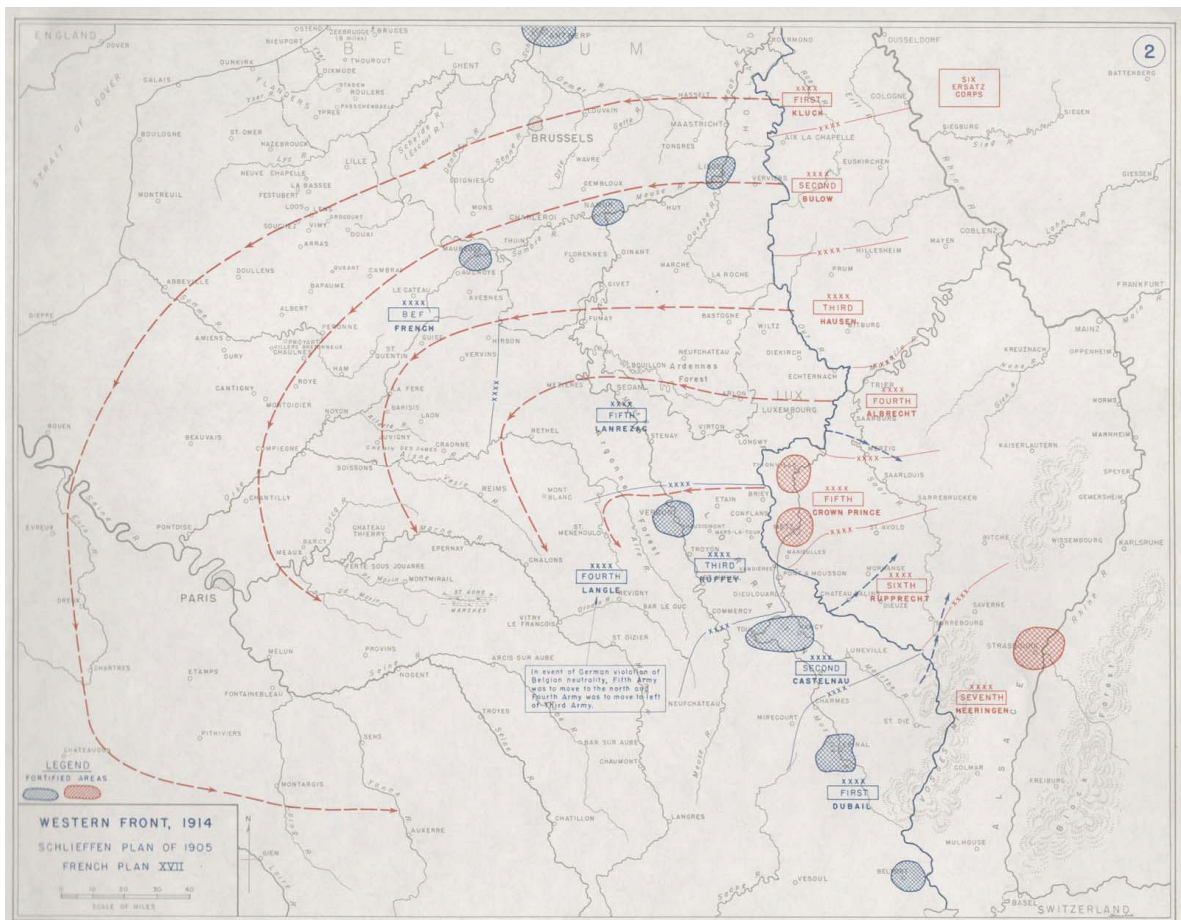


Figura 01: o planejamento de campanha da frente ocidental, e a disposição das forças alemãs, francesas e a BEF em 1914. Disponível em [http://www.firstworldwar.com/maps/graphics/maps_02_warplans_\(1600\).jpg](http://www.firstworldwar.com/maps/graphics/maps_02_warplans_(1600).jpg). Acesso em 15/03/2007.

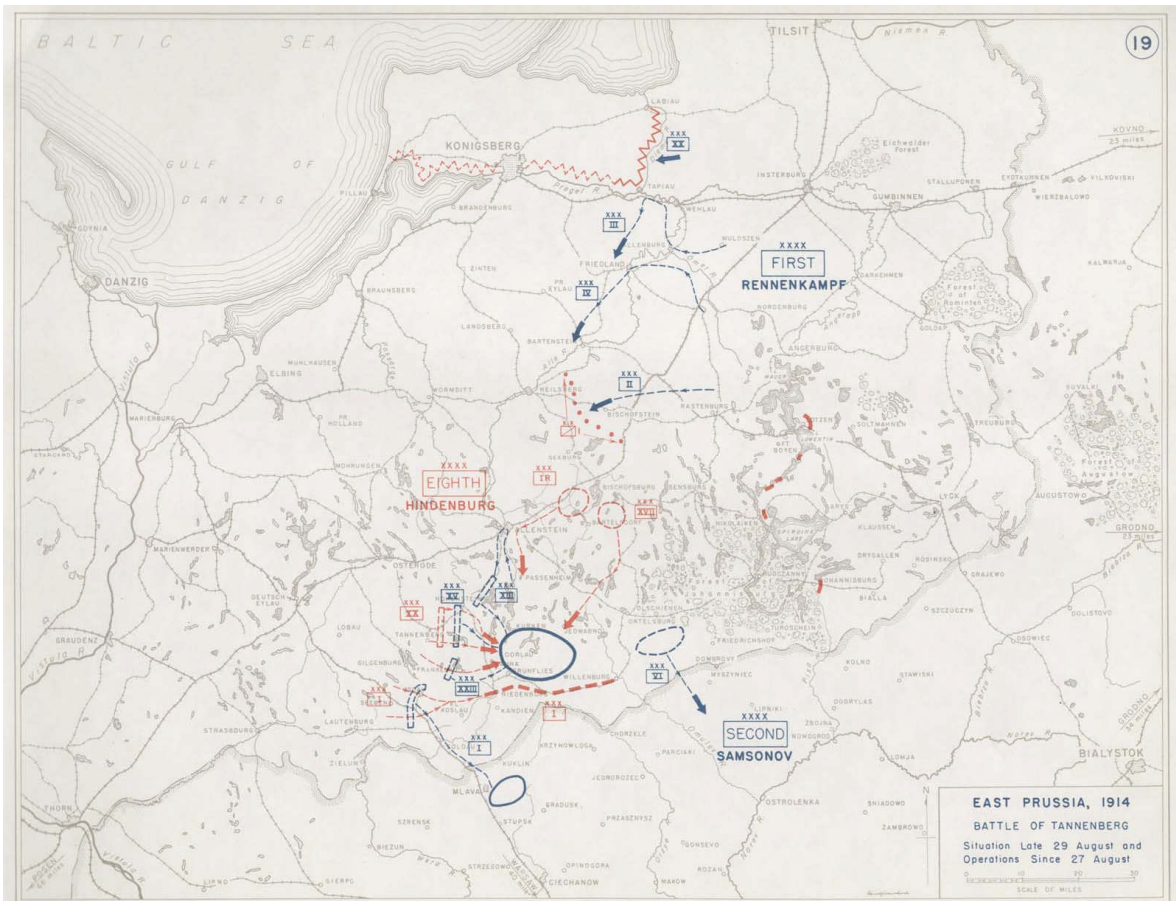


Figura 02: a batalha de Tannenberg na Prússia Oriental. Disponível em [http://www.firstworldwar.com/maps/graphics/maps_19_east_prussia1914_5_\(1600\).jpg](http://www.firstworldwar.com/maps/graphics/maps_19_east_prussia1914_5_(1600).jpg). Acesso em 19/03/2007.



Figura 03: *Hauptmann* Oswald Boelcke. Extraído de Manfred von Richthofen.

Der rote Kampfflieger, pp. 76-7.



Figura 04: Um sorridente Anthony Fokker (no primeiro plano à direita) ao lado de Manfred von Richthofen (no primeiro plano à esquerda), encostados na 61ª vítima do último, um Sopwith Pup britânico. Extraído de Peter Kilduff. *Richthofen: beyond the legend of the Red Baron*, pp. 160-1.



Figura 05: *Sanke postcard* de Lothar von Richthofen. Note-se que a *Pour le mérite* está desenhada na fotografia. Extraído de Peter Kilduff. *Richthofen: beyond the legend of the Red Baron*, pp. 160-1.



Figura 06: Manfred (direita) e Lothar (esquerda) von Richthofen posando em frente a um Fokker Dreidecker I. Ambos ostentam a *Pour le mérite*. Note-se o bastão de comando do JG 1 no braço do Barão Vermelho. Extraído de Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*, pp. 72-3.



Figura 07: Ernst Udet, no início da carreira, posando em frente a um Halberstadt D. II. Extraído de Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*, pp. 24-5.



Figura 08: Recorte de jornal francês sobre Ernst Udet. Foi encontrado no bolso de um piloto francês abatido pelo próprio Udet. Extraído de Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*, pp. 96-7.

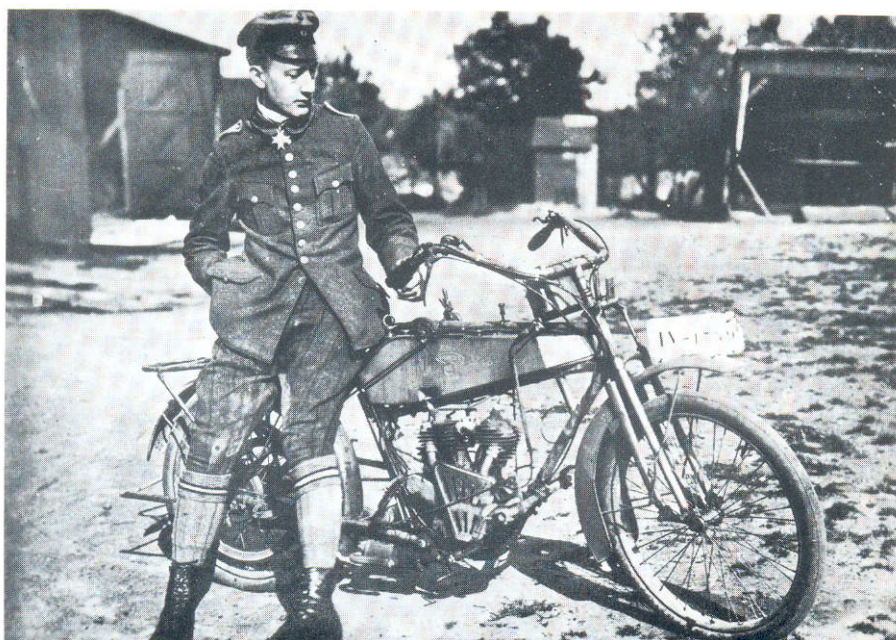


Figura 09: Werner Voss posando com uma motocicleta e a *Pour le mérite*.

Extraído de Denis Winter. *The first of the few*, pp. 192-3.



Figura 10: O pioneiro da aviação, esportista e ás Roland Garros. Extraído de

http://www.firstworldwar.com/photos/graphics/jh_garros_01.jpg



Figura 11: O francês Charles Nungesser, 45 vitórias, ao lado do avião com o indefectível símbolo.



Figura 12: O capitão Georges Guynemer e o spad VII *Vieux Charles*. Extraído de Bill Guston *et alii*. *The encyclopedia of air warfare*, p. 39



Figura 13: Major Edward Mannoock. Extraído de Denis Winter. *The First of the few*, pp. 64-65



Figura 14: retrato autografado do major William Bishop, com dedicatória a Ernst Udet. Extraído de Ernst Udet. *Mein Fliegerleben*, pp. 112-3.

FONTES

1 – Fontes primárias

A demanda do Santo Graal. Tradução de Heitor Megale. 2ª edição. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

A morte do rei Artur. Tradução de Heitor Megale. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEOWULF. Tradução de Ary Gonzalez Galvão. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Translation by Seamus Heaney. New York: W. W. Norton & Company, 1999.

_____. Tradução de Erick Ramalho. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.

BISHOP, William Avery. *Winged warfare*. Toronto: McClelland, Goodchild & Stewart publishers, 1918.

_____. *Winged warfare*. London: Pan Books, 1978.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

LLULL, Ramon. *O livro da ordem de cavalaria*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Editora Giordano, 2000.

MANNOCK, Edward. *The personal diary of Major Edward 'Mick' Mannock – V.C., D.S.O. (2 bars), M.C. (1 bar), Royal Flying Corps and Royal Air Force*. London: Neville Spearman, 1966.

RICHTHOFEN, Manfred Albrecht *Freiherr* von. *Der rote Kampfflieger*. 2^{es} edition. Berlin: Verlag Ullstein, 1933.

_____. *The Red Baron*. Translated by Peter Kilduff. New York: Doubleday & Co., 1969.

_____. *Der rote Kampfflieger*. Hamburg: Germa Press, 1990.

SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Ivanhoe*. London: Penguin Books, 1994.

TÁCITO, Cornelius. *The agricola and The germania*. Translated by Harold Mattingly and S.A. Handford. London: Penguin books, 1970.

TROYES, Chrétien de. *Arthurian romances*. Translated by William W. Libler and Carleton W. Carroll. London: Penguin Books, 2004.

UDET, Ernst. *Mein Fliegerleben*. Berlin: Verlag Ullstein, 1937.

_____. *Minha vida e meus vôos*. Tradução de Milton Mariano Azevedo. 3^a edição. São Paulo: Flamboyant, 1963.

2 – Bibliografia de apoio

a) livros

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. 8ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1996.

ARENDT, Hannah. *On revolution*. London: Penguin Books, 1990.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. 6ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2000.

_____. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1998.

_____. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário da Gama Kury. 4ª edição. Brasília: Edunb, 2001.

ASSMANN, Aleida. *Construction de la mémoire nationale: une breve histoire de l'idée allemande de Bildung*. Traduit par Françoise Laroche. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1994.

AUERBACH, Erich. *Figura*. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANUS, Carlos. *Historia universal – tomo XLIV: historia de la guerra de 1914*. Barcelona: Montaner Y Simón, 1929.

BAUMER, Franklin Le Van. *O pensamento europeu moderno – volume II: séculos XIX e XX*. Lisboa: Edições 70, 1990.

BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias: volume 1 – economia, parentesco, sociedade*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *O vocabulário das instituições indo-européias: volume 2 – poder, direito, religião*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BLACK, Jeremy. *Rethinking military history*. London: Routledge, 2004.

BLAKE, William. *Selected poems*. London: Penguin Books, 1996.

_____. *O matrimônio do céu e do inferno / O livro de Thel*. Tradução de José Antônio Arantes. 4ª edição. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. *Canções da inocência e da experiência*. Tradução de Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Tradução de Liz Silva. 2ª edição. Lisboa: Edições 70, 1998.

_____. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, Jorge Luís. *Obras completas – volume I*. Tradução de Carmen Cirne Lima *et alii*. São Paulo: Editora Globo, 2000.

_____. *Obras completas – volume II*. Tradução de Sérgio Molina *et alii*. São Paulo: Editora Globo, 1999.

_____. *Obras completas – volume IV*. Tradução de Carmen Cirne Lima *et alii*. São Paulo: Editora Globo, 1999.

_____. *Curso de literatura inglesa*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. & VÁZQUEZ, Maria Esther. *Literaturas germánicas medievales*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

BOUTHOU, Gaston. *La guerre*. 6^e édition. Paris: PUF, 1978.

_____ & CARRÈRE, René. *O Desafio da Guerra: dois séculos de guerra (1740-1974)*. Tradução de Francisco Fernandes de Carvalho Filho. Rio de Janeiro: Bibliex, 1979.

BOWRA, C. Maurice. *Heroic poetry*. London: MacMillan & Co., 1952.

_____. *The romantic imagination*. London: Oxford University Press, 1963.

_____. *Landmarks in greek literature*. Cleveland: Meridian Books, 1969.

BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BROUGHTON, Bradford B. *Dictionary of medieval knighthood and chivalry: concepts and terms*. New York: Greenwood Press, 1986.

BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. Tradução de Duda Machado. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BURKE, Peter. *Variadas de história cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARLYLE, Thomas. *Os heróis e o culto dos heróis*. Tradução de Jan Gurges. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso. Brasília / São Paulo: Edunb / Martins Fontes, 1979.

COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de história*. Tradução de Alberto Freire. 8ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. *A ficção de si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

CROUCH, Tom D. *Asas – uma história da aviação: das pipas à era espacial*. Tradução de Alexandre Martins & Antônio Braga. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Tradução de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp / Hucitec, 1996.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, Leith. *Acts of union: Scotland and the literary negotiation of the british nation, 1707 – 1830*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Tradução de Maria Helena da Costa Dias. 2ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUPUY, R. Ernest & DUPUY, Trevor N. *The encyclopedia of military history – from 3500 B.C. to the present*. New York: Harper & Row, Publishers, 1970.

DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Tradução de Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *A Europa de 1815 aos nossos dias: vida política e relações internacionais*. Tradução de Olívia Krähenbühl. 2ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

_____. *Todo império perecerá: teoria das relações internacionais*. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Sequeira Magalhães. Brasília / São Paulo: Edunb / Imprensa Oficial, 2000.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1991.

ELIAS, Norbert. *A condição humana: considerações sobre a evolução da humanidade, por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1945)*. Tradução de Manuel Loureiro. Lisboa: Difel, 1991.

_____. *O processo civilizador – volume 1: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *O processo civilizador – volume 2: formação do Estado e Civilização*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *A sociedade de corte – investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Escritos & ensaios: 1 – Estado, processo, opinião pública*. Tradução de Sérgio Benevides *et alli*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo: a bíblia do caos*. 2ª edição. Porto Alegre: L&PM, 1994.

FERRO, Marc. *História da Primeira Guerra Mundial 1914-1918*. Tradução de Stella Lourenço. Lisboa: Edições 70, 1992.

FIGUEIREDO, Cláudio (org). *Mestres de armas: seis histórias sobre duelos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FINLEY, Moses I. *O mundo de Ulisses*. Tradução de Armando Cerqueira. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

_____. *História antiga: testemunhos e modelos*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____.(org). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Tradução de Yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Edunb, 1998.

FRANTZEN, Allen J. *Bloody good: chivalry, sacrifice and the Great War*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

FREVERT, Ute & HAUPT, Heinz-Gerhard (org). *Der Mensch des 19. Jahrhunderts*. Frankfurt: Campus Verlag, 1999.

FROMKIN, David. *O último verão europeu: quem começou a Grande Guerra de 1914?* Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FURET, François & OZOUF, Mona (org). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Verdade e método II: complementos e índice*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GANSHOF, F. L. *O que é o feudalismo?* Tradução de Jorge Borges de Macedo. 4ª edição. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1976.

GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 1: a educação dos sentidos*. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud – volume 3: o cultivo do ódio*. Tradução de Sérgio Goes de Paula & Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GIL, Luis (editor). *Introducción a Homero*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1963.

GOSSMAN, Lionel. *Medievalism and the ideologies of the enlightenment: the world and work of La Curne de Saint-Palaye*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1968.

GREENHOUS, Brereton. *The making of Billy Bishop: the First World War exploits of Billy Bishop, VC*. Ontario: Dundurn Press, 2002.

GUINSBURG, J. (org). *O romantismo*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GUREVICH, Aaron. *The origins of European individualism*. Translated by Katharine Judelson. Oxford: Blackwell, 1995.

GUSTON, Bill *et alii*. *The encyclopedia of air warfare*. London: Salamander Books / Spring Books, 1975.

HANSON, Victor Davis. *Por que o Ocidente venceu: massacre e cultura – da Grécia antiga ao Vietnã*. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HOWARD, Michael. *A guerra na história da Europa*. Tradução de Jorge Pinheiro. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Tradução de Augusto Abelaira. Braga: Editora Ulisséia, 1996.

_____. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

IMRIE, Alex. *German fighter units: 1914 – May 1917*. London: Osprey Publishing, 1978.

_____. *German fighter units: June 1917 - 1918*. London: Osprey Publishing, 1978.

JAEGER, Werner. *Paidéia – a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JASMIN, Marcelo Gantus & FERES JÚNIOR, João (org). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC – Rio / Edições Loyola / IUPERJ, 2006.

JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Traduit par Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.

JOHNSON, John E. *Guerra no ar*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

KEEGAN, John. *Agosto de 1914: irrompe a grande guerra*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

_____. *Uma História da Guerra*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *The First World War*. New York: Vintage Books, 1998.

_____. *The Book of War: 25 centuries of great war writing*. New York: Penguin Books, 1999.

KIDD, Colin. *Subverting Scotland's past: scottish whig historians and the creation of an anglo-british identity, 1689 – c. 1830*. London: Cambridge University Press, 2003.

KILDUFF, Peter. *Richthofen: beyond the legend of the Red Baron*. New York: John Wiley & Sons, 1993.

KIRK, Geoffrey S. *Los poemas de Homero*. Traducido por Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

KOHN, Hans. *Historia del nacionalismo*. Traducción de Samuel Cossio Villegas. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1984.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto / Eduerj, 1999.

_____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Traduzido por Wilma Patrícia Maas & Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora Puc-Rio, 2006.

LA CAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tradução de Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACERDA, Sonia. *Metamorfoses de Homero – história e antropologia na crítica setecentista da poesia épica*. Brasília: Edunb, 2003.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Tradução de Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

_____. *A civilização do ocidente medieval*. Tradução de Manuel Ruas. 2ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, 2 v.

LEWIS, Jon E. (editor). *The mammoth book of eyewitness World War I*. New York: Carrol & Graf, 2003.

LIBERA, Alain de et alli (org). *Dictionnaire du Moyen Âge*. 2º edition. Paris: Puf, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Tradução de Maria Augusta de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do antigo regime 1848-1914*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- MEGALE, Heitor. *A demanda do Santo Graal: das origens ao códice português*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.
- MESQUITA, Júlio. *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de São Paulo / Terceiro Nome, 2002, 4 v.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.
- MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Barão de. *O espírito das leis*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo (séculos VIII-VI a.C.)*. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, 1989.
- NAGY, Gregory. *The best of achaeans: concepts of the hero in archaic greek poetry*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1991.
- NOWARRA, Heinz J. *Fokker Dr. I in action*. Carrollton: Squadron / Signal Publications, 1989.
- O'CONNELL, Robert L. *História da guerra – armas e homens: uma história da guerra, do armamento e da agressão*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1995.
- PARET, Peter (editor). *Construtores da estratégia moderna*. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001, 2 v.
- PASTOUREAU, Michel. *A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda (França e Inglaterra, séculos XII e XIII)*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

POCOCK, John Greenville Agard. *Politics, language and time: essays on political thought and history*. New York: Atheneum, 1971.

_____. *Barbarism and religion – volume one: the enlightments of Edward Gibbon, 1737-1764*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. *Linguagens do ideário político*. Tradução de Fábio Fernandez. São Paulo: Edusp, 2003.

PRESTAGE, Edgar (editor). *A cavalaria medieval: ensaios sobre a significação histórica e influência civilizadora do ideal cavaleiresco*. Tradução de António Álvaro Dória. Lisboa: Livraria Civilização Editora, s/d.

QUINT, David. *Epic and empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

RENOUVIN, Pierre (org). *Histoire des relations internationales III – de 1871 à 1945*. Paris: Hachette, 1994.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no antigo regime*. 4ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. São Paulo / Campinas: Perspectiva / Edusp / Editora da Unicamp, 1993.

RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas – volume I: a primeira Cruzada e a fundação do reino de Jerusalém*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. *História das Cruzadas – volume II: o reino de Jerusalém e o Oriente Franco, 1100-1187*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 17ª edição. Lisboa: Porto Editora, 1996.

SARAIVA, José Flávio Sombra (org). *Relações internacionais: dois séculos de história*. Brasília: FUNAG / IBRI, 2001, 2 v.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo / Belo Horizonte: Companhia das Letras / Editora UFMG, 2007.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHÜLER, Donaldo. *A construção da Iliada: uma análise de sua elaboração*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2004.

SCHULZE, Hagen. *Estado e nação na história da Europa*. Tradução de Maria Augusta Júdice e António Hall. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

_____. *Germany: a new history*. Translated by Deborah Lucas Schneider. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

SHEPPARD, John Tresider. *The pattern of the Iliad*. New York: Barnes & Noble, Inc. 1969.

SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1990.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações – investigação sobre sua natureza e suas causas*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996, 2 v.

SNELL, Bruno. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização – ensaios*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TIEGHEM, Paul von. *Le pré-romantisme: études d'histoire littéraire européenne*. Paris: F. Rieder et Cie, 1924, 3 v.

TITTLER, Dale. *The day the Red Baron died*. New York: Ballantine Books, 1970.

TUCHMAN, Barbara W. *A Torre do Orgulho: um retrato do mundo antes da grande guerra – 1890-1914*. Tradução de João Pereira Bastos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *Canhões de agosto*. Tradução de Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

VANWYNGARDEN, Greg. *Early German aces of World War 1*. Oxford: Osprey Publishing, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. 12ª edição. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

_____. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

WALTZ, Kenneth N. *O homem, o Estado e a guerra: uma análise teórica*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WHITING, Charles. *Skorzeny*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Editora Rennes, 1972.

WINTER, Denis. *The first of the few: fighter pilots of the First World War*. Athens: The University of Georgia Press, 1983.

WINTER, Jay. *Sites of Memory, sites of mourning: the Great War in European cultural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

b) Artigos

ANCONA, Clemente. 'Guerra'. Em *Enciclopédia Einaudi – volume 14: Estado / Guerra*. Tradução de Eduardo Veloso e Matos. Lisboa: Casa da Moeda / Imprensa Nacional, 1989, pp. 348-71.

BACZKO, Bronislaw. 'O revolucionário'. Em FURET, François (org). *O homem romântico*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1999, pp. 225-62.

BERGER, Peter. 'On the obsolescence of the concept of honor'. Em HAUERWAS, Stanley & MACINTYRE, Alasdair (editors). *Revisions: changing perspectives in moral philosophy*. London: University of Notre Dame Press, 1983, pp. 172-81.

BERGEZ, Daniel. 'A crítica temática' Em *Métodos críticos para a análise literária*. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 97-141.

BILLACOIS, François. 'Fogueira barroca e brasas clássicas'. Em GAUTHERON, Marie (org). *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: L&PM Editores, 1992, pp. 50-62.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. 'Primórdios do épico: a *Iliada*'. Em APPEL, Myrna Bier & GOETTENS, Miriam Barcelos (org). *As formas do épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Movimento, 1992, pp. 40-55.

CARDINI, Franco. 'O guerreiro e o cavaleiro'. Em LE GOFF, Jacques (org). *O homem medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 57-78.

GARLAN, Yvon. 'O homem e a guerra'. Em VERNANT, Jean-Pierre (org). *O homem grego*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994, pp. 47-73.

HARLAN, David. 'A história intelectual e o retorno da literatura'. Em GIMENEZ, Ricardo & RAGO, Margareth (org). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH, 2000, pp. 15-61.

JAY, Martin. 'The textual approach to intellectual history'. Em *Force fields – between intellectual history and cultural critique*. New York: Routledge, 1993, pp. 158-66.

JEFFERSON, Thomas. 'Escritos políticos'. Em *Os pensadores*. 2ª edição. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979, pp. 01-40.

KOSELLECK, Reinhart. 'Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos'. Em *Revista estudos históricos N° 10*. Tradução de Manuel Luis Salgado Guimarães. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1992, pp. 134-46.

KIRK, Geoffrey S. 'La guerre et le guerrier dans le pòemes homériques'. Em VERNANT, Jean-Pierre (org). *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1999, pp. 121-55.

LACERDA, Sonia & KIRSCHNER, Tereza Cristina. 'Tradição intelectual e espaço historiográfico ou por que dar atenção aos textos clássicos'. Em LOPES, Marcos Antônio (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 25-39.

PITT-RIVERS, Julian. 'A doença da honra'. Em GAUTHERON, Marie (org). *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: L&PM Editores, 1992, pp. 17-32.

SCHMIDT, Benito Bisso. 'Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura'. Em GIMENES, Ricardo A. O. & RAGO, Margareth. (org) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH, 2000, pp. 193-202.

SCHÜLER, Donaldo. 'Definições do épico'. Em APPEL, Myrna Bier & GOETTENS, Miriam Barcelos (org). *As formas do épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Movimento, 1992, pp. 09-14.

SHOWALTER, Dennis. 'From deterrence to doomsday machine: the German way of war, 1890-1914'. Em *The journal of military history* N° 64. New York: Society for Military History, 2000, pp. 679-710.

STAROBINSKI, Jean. 'Le style de l'autobiographie'. Em *Poétique: revue de théorie et d'analyse littéraires* N° 03. Paris: Seuil, 1970, pp. 257-65.

TSURUDA, Maria Amália Longo. 'Apontamentos para o estudo da *areté*'. Em *Revista Notandum* N° 11, ano VII. Disponível em <http://www.hottopos.com/notand11/amalia.htm>. Acessado em 02/02/2004.

VALENCY, Gisèle. 'A crítica textual'. Em *Métodos críticos para a análise literária*. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 183-226.

VERNANT, Jean-Pierre. 'A "bela morte" de Aquiles'. Em GAUTHERON, Marie (org). *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: L&PM Editores, 1992, pp. 33-41.

WINTER, Jay. 'A geração da memória: reflexões sobre o 'boom da memória' nos estudos contemporâneos da história'. Tradução de Cláudia Valladão de Mattos. Em SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006, pp. 67-90.

ZIEBURA, Gilbert. 'Não iremos mais à floresta'. Em GAUTHERON, Marie (org). *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre: L&PM Editores, 1992, pp. 63-8.

ZINK, Michel. 'Artur'. Em BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind *et alii*. Brasília / Rio de Janeiro: Edunb / José Olympio Editora, 1997, pp. 100-9.

Índice

Sumário	ii
Resumo	v
<i>Abstract</i>	vi
<i>Résumé</i>	vii
Agradecimentos	viii
Sobre guerras e heróis	
A guerra: conceitos e variação no Ocidente	001
A Grande Guerra	008
Tradições heróicas: permanências e atualizações	015

I – A era dos ases	
A guerra implode o mundo europeu	022
Viver para voar, voar para viver	047
II – Tradições heróicas	
A memória de Aquiles	073
Beowulf, o justo	091
Artur, entre o ideal e o fantástico	106
III – A cavalaria morreu...	
Romantismo, gênero plural	131
Persistência aristocrática	157
Cavaleiros e duelistas	169
IV – Circo voador	
Autobiografias: problemas e aproximações	191
Richthofen, o piloto vermelho	203
Vida e vôos de Udet	228
V – Os poucos	
<i>Tommy</i> vai à guerra	245

Um herói na contramão: Mannoek	254
A guerra alada de Bishop	274
<i>Coda</i>	294
Anexos	299
Fontes	
1. Fontes primárias	313
2. Bibliografia de apoio	315
Índice	335